

Gordon Thomas & Max Morgan-Witts

O DIA DO FIM DO MUNDO

"Nenhum romancista ousaria escrever
uma história tão dramática
e incrível como esta"

(READER'S DIGEST)





MONTE PELÉE EXPLODIU COMO UMA BOMBA — E MORRERAM 30.000 PESSOAS

Fumaça sulfurosa saturou o ar de Saint-Pierre, na ilha da Martinica, Índias Ocidentais. Lava e cinzas vomitadas pelo vulcão do Monte Pelée cobriram as ruas e a população da cidade. Ainda assim, uma comissão governamental, ansiosa por abafar a verdade com palavras confortantes — aproximava-se uma eleição — alegou que a poeira de lava era sadia e benéfica para as culturas. O fim constitui um dos maiores desastres naturais de que fala a História. Cerca de 30.000 vidas foram perdidas entre o desjejum e a hora do almoço em certo dia de maio de 1902 — e toda a cidade foi obliterada. Essa história é contada em toda sua vivida e apavorante dramaticidade em *O Dia do Fim do Mundo*.

Daily Sketch

O DIA DO FIM DO MUNDO

GORDON THOMAS & MAX MORGAN-WITTS

TRADUÇÃO

RUY JUNGSMANN

DISTRIBUIDORA RECORD

RIO DE JANEIRO - SÃO PAULO

Título original inglês THE DAY THE WORLD ENDED

Copyright © 1969 by Gordon Thomas and Max Morgan-Witts Publicado originalmente na Inglaterra por Souvenir Press Ltd.

Direitos de publicação exclusiva em língua portuguesa no Brasil adquiridos pela
DISTRIBUIDORA RECORD DE SERVIÇOS DE IMPRENSA S.A.

Av. Erasmo Braga, 255 — 8.º andar — Rio de Janeiro, RJ que se reserva a propriedade literária desta tradução

Composto e impresso por Estabelecimentos Gráficos Borsoi S.A., à Rua Francisco Manuel, 55 — Benfca — Rio de Janeiro, RJ

AGRADECIMENTOS

Arquivos Nacionais, Paris.

Embaixada Americana, Londres.

British Broadcasting Corporation.

Museu Britânico, Londres.

British Geological Survey.

Catholic Missionary Society.

Cable and Wireless Ltd., Londres.

Foreign Office, Londres.

Embaixada Francesa, Londres.

French Institut du Royaume Uni, Londres. Lloyds of London.

National Archives, Washington, D. C. Public Records Office, Londres.

Royal Empire Society, Londres.

Tate and Lyle Refined, Ltd., Londres.

AGRADECIMENTOS ESPECIAIS

Madame Anca Rertrand, Fort-de-France.

M. C. F. Beauregard, Le Secrétaire Général de la Chambre de Commerce et d'Industrie de la Martinique, Fort-de-France.

Monseigneur Henri Varian de la Brunelière, Bispo da Martinica, Fort-de-France.

Madame Marie Dufrénois, Morne Rouge.

M. Joseph Durival, Conservateur du Musée Volcanologique, Saint-Pierre.

M. Pierre Lambertin, Le Préfet de La Martinique, Fort-de-France.

M. Pierre Milon, Fort-de-France.

M. Raphael Petit, Le Préfet de la Haute Loire, Le Puy.

M. Eugène Pierre-Charles, Le Maire de la Viîle de Saint-Pierre.

M. J. Petit Jean Roget, Le President, Société d'Histoire de la Martinique, Fort-de-France.

M. Bernard David, Fort-de-France.

Saint-Pierre, Martinica, 8 de maio de 1902.

“Essa data deve ser escrita com sangue...”

M. Gabriel Parel, Vigário-Geral da Martinica

ANTECEDENTES DO LIVRO

A semente deste livro foi plantada em outubro de 1965, quando a BBC-1 transmitiu um importante filme documentário intitulado O Dia em que o Mundo Enlouqueceu. O programa, escrito por Gordon Thomas, produzido e dirigido por Max Morgan-Witts, recebeu grandes louvores da crítica.

O Dia em que o Mundo Enlouqueceu descrevia dez desastres naturais e incluía um curto relato da erupção vulcânica ocorrida na Martinica, no dia 8 de maio de 1902. Desde esse dia, os autores continuaram suas pesquisas sobre essa calamidade. Juntos, viajaram milhares de quilômetros, compilaram material em todo o mundo e entrevistaram pessoalmente ou por carta centenas de pessoas.

NOTA DOS AUTORES

Certo número dos relatos do que aconteceu no dia 8 de maio de 1902 foi escrito, na maior parte, pouco depois dos fatos aqui descritos, o que tornou impossível aos autores entrevistar pessoalmente os responsáveis pelas numerosas fontes a que mais tarde recorreram.

Inevitavelmente, vez por outra depararam evidência contraditória, como no caso da catástrofe da usina Guérin, cujas perdas totais chegaram, para alguns, a 400; na lista total de mortos, que se alegou terem sido de 50.000; ou ainda no número de sobreviventes da cidade, que oscilou entre nenhum e quatro seres humanos.

Nas vezes em que foram obrigados a escolher entre versões dos acontecimentos, valeram-se principalmente dos relatórios oficiais da Académie des Sciences, da Royal Society e do American Museum of Natural History.

Nos casos em que cabia alternativa de interpretação, confiaram em seu próprio julgamento. Nesses exemplos isolados coube-lhes a decisão, e nenhuma das pessoas que tão generosamente os auxiliaram deve ser considerada como tendo automaticamente endossado este relato dos episódios, da maneira como são descritos.

G. T. & M. M.-W.

Londres, 1968.

PRÓLOGO

Haviam sido ouvidos estrondos durante duas semanas. Eram profundos e abafados, vindos como vinham das entranhas da Terra. Mas não provocaram pânico na cidade. O ruído e as lufadas de fumaça que o acompanhavam foram noticiados pelo jornal local e considerados como de mero interesse transitório. Mesmo no começo da terceira semana, quando o céu noturno iluminou-se com relâmpagos que pareciam fogo de artilharia visto de uma grande distância, ninguém na cidade se preocupou muito. A reação mais positiva foi a do homem que escreveu uma carta ao Times, de Londres. Observou ele que os estrondos, a fumaça, as cinzas e os relâmpagos "‘pareciam ser produzidos tão normalmente que mesmo os pessimistas aparentavam nada ter a temer’".

Naquele mês de abril não havia, na verdade, uma única pessoa na cidade que desse a impressão de estar receosa.

Raiou o primeiro dia de maio com uma trégua nos estrondos e nos efeitos secundários que os acompanhavam. Os moradores da cidade trocaram sorrisos; no todo, estavam convencidos de que haviam tido razão em não temer os acontecimentos dos vinte e três dias anteriores.

Em fins da tarde, porém, observaram que o alto cone, de onde saíam as baforadas de fumaça, apresentava um novo fenômeno. Esteiras de vapor subiam aos céus, entrecruzando-se e formando intrincados desenhos. Despertaram interesse, especulações e mesmo excitação entre os mais jovens. Mais uma vez, porém, não se soube de caso algum de medo.

Eram visíveis ainda as esteiras de vapor quando a cidade adormeceu naquela noite.

Nas primeiras horas do dia 2 de maio de 1902, elas desapareceram. Pouco depois começou, rápida e silenciosa, a precipitação de cinzas sobre Saint-Pierre. Iniciava-se a agonia final de uma cidade que alguns pensavam que merecia morrer.

Sexta-feira, 2 de maio de 1902

CAPÍTULO UM

A PRIMEIRA VÍTIMA

Ele sempre fora pontual. Todas as manhãs, quando Fernand Clerc levantava-se da cama de bronze — que, como o camisolão que usava, fora importada da França — e abria as grossas persianas do quarto, os habitantes de Saint-Pierre sabiam que eram seis horas. Enquanto caminhava pelo terraço em volta da casa, o repicar do distante sino da Catedral de Saint-Pierre ecoava pela cidade estre-munhada e chegava até à encosta da colina onde ele morava.

Viu embaixo uma paisagem notável. Toda a cidade, o mar mais além e o interior densamente arborizado pareciam cobertos por uma forte geada. Ainda assim, sentia o calor do sol na pele. Mais próximo, do lado de dentro do muro da propriedade, nos ramos dos limoeiros, notou Clerc o que lhe pareceu, à primeira vista, uma grossa camada de pó de cimento; embaixo, no pátio calçado, o pó parecia espesso e uniforme. Cobria inteiramente as pranchas enceradas do terraço. Nos locais em que fora colhido pelo vento, que soprava durante todo o ano sobre e em volta da ilha, o pó fora carregado e erigira formas cônicas não dessemelhantes a vulcões.

Clerc inclinou-se, apertou o cume de um dos montículos entre o indicador e o polegar, ergueu-se e, com todo o cuidado, cheirou o pó. Sentiu um cheiro amargo, que imediatamente reconheceu.

Havia-o sentido pela última vez um mês antes. Nessa ocasião, acompanhado da família, fora ao L'Êtang des Palmistes, um lago situado na bacia da cratera do monte Pelée, o maior vulcão da ilha. Haviam, numa tarde de domingo, feito um piquenique às margens do lago. Sentados ali, do lado de dentro da borda da bacia do vulcão, observando a clara luz lançar gigantescas sombras sobre as rochas de pedra-pomes; notara Clerc uma fumarola subir de um dos cantos do lago.

Em companhia dos dois filhos, atravessara o seco terreno para investigar. Aproximando-se, uma brisa enviara em sua direção uma fumarola que se contorcia no ar. A fumaça lhes provocara ardor nos olhos e pontadas no fundo da garganta. Enquanto se encontravam ali, tossindo e expectorando, a água começara a borbulhar e um jato negro erguera-se no ar. Caíra em preguiçoso arco sobre os ramos de uma árvore que sombreava o lago. Olharam, com o ardor e a tosse temporariamente esquecidos, para ramos que haviam sido calcinados e que

murchavam. Sem se dar ao trabalho de investigar mais, Clerc afastara-se, apressado, da cratera em companhia da família.

Três semanas antes, sozinho dessa vez, voltara ao vulcão. Visto a distância, o monte Pelée — a “montanha careca” — tinha a forma clássica do vulcão: um cone circular, culminando em um único pico que descia por três lados para o mar. De mais perto, ousados golpes do buril da natureza haviam aberto nele numerosos canyons e ravinas.

Subindo até o cume, Clerc fora obrigado a pisar com cuidado sobre pilhas de rochas de pedra-pomes. O cume parecia-se com um pão-de-açúcar truncado, em meio a um círculo de morros pontiagudos. O mais alto, Morne de La Croix, erguia-se a setenta metros acima do lago. Clerc subiu até o pico pela encosta para ter uma visão completa do local. Para um homem que se aproximava da meia-idade, poucos sinais demonstrava do esforço. Parou, no entanto, para recuperar o fôlego e olhou para o interior da cratera.

Durante longo tempo permaneceu ali, incapaz de acreditar nos próprios olhos. A plácida superfície do lago transformara-se em uma mistura preta de aparência betuminosa, borbulhante, fervente, subindo e soprando. De tempos em tempos, escapavam jatos de vapor branco e água quente, que caíam em seguida de chofre no caldeirão.

O monte Pelée, adormecido durante cinquenta e um anos, estava nesse momento quase desperto. Voltou, apressado, à propriedade, tomou um banho para remover o cheiro de enxofre do corpo e sentou-se em seguida em seu escritório para escrever um relatório sobre o que vira. Colocou o relatório em um envelope e endereçou-o ao governador da ilha, Louis Marius Mouttet. Chamou um empregado e deu-lhe ordens para que fosse a cavalo até Fort-de-France, situada a vinte e três quilômetros costa abaixo, entregasse o relatório no gabinete do governador e aguardasse a resposta. Ao chegar ela, verificou que era tão-somente um polido aviso de recepção, com o esclarecimento de que, se a situação se agravasse, o governador deveria ser informado. Clerc não se surpreendeu com a falta de reação do governador. Já de algum tempo, estavam tensas as relações entre ambos.

Naquele momento, no balcão, três semanas depois da resposta do governador, sentindo o odor das cinzas sulfurosas vomitadas durante a noite pela cratera do Pelée, Clerc compreendeu que a situação se agravara, sem dúvida alguma.

Voltou-se e estendeu o olhar pelas íngremes encostas até o cone do Pelée, matutando na manhã silenciosa. Coisa alguma perturbava o ar em volta da cratera. As encostas, porém, estavam amortalhadas por cinzas, que, a uma distância de três quilômetros, pareciam a neve da decoração de uma gigantesca árvore de Natal.

Clerc sacudiu a cabeça. Em seguida, deu prosseguimento ao ritual que observava todas as manhãs desde que se mudara com a família da cidade para aquela casa na vertente da colina, a um quilômetro e meio de Saint-Pierre. Nos últimos dez anos, todas as manhãs, incluindo os domingos, acordava antes de todos e percorria o terraço, olhando para a cidade embaixo, cujos alicerces várias gerações de Clercs haviam ajudado a consolidar. Um Clerc figurara entre os primeiros franceses que se haviam estabelecido na ilha da Martinica em 1635.

A ilha faz parte de um arquipélago conhecido como Pequenas Antilhas, estendendo-se — “como pilastras de ponte de um lado ao outro do Sena”, escreveu um antigo colono — de través à entrada do mar das Caraíbas. Na forma de um arco retesado na direção do oceano Atlântico, as ilhas se prolongam por setecentos e vinte quilômetros, da Passagem de Anegada, próxima às ilhas Virgens, em direção ao sul até quase a América do Sul. A parte norte do arquipélago é chamada de ilhas de Sota-Vento; a parte sul, de ilhas de Barlavento. Constituem restos de erupções vulcânicas que soergueram o leito oceânico em mais de três mil metros. Desde tempos pré-históricos esse colar de ilhas se estende de um lado a outro da garganta das Caraíbas como uma cadeia de fornalhas a queimar em fogo lento, prestes a explodir.

Os primeiros colonos haviam desembarcado em uma grande baía, que haviam chamado de Fort-de-France, um nome de som confortante e seguro para aqueles homens, mulheres e crianças do século XVII que haviam velejado por meio mundo para construir um novo lar. Fort-de-France tornara-se a capital política da ilha; mais tarde, ao ser construída Saint-Pierre, o centro comercial da ilha encontrara na nova cidade o seu lar.

Os colonos não podiam ter sabido, mas haviam resolvido estabelecer-se numa ilha que era uma bomba-relógio inativada. O detonador encontrava-se enterrado nas profundezas do monte Pelée, assim batizado pelos colonos em homenagem à deusa havaiana dos vulcões, Pele. Mas somente duas vezes em trezentos anos a bomba-relógio recomeçara a tiquetaquear. Na primeira, em 1792, vomitara uma fina cortina de cinzas sobre as encostas mais próximas da cratera; em 1851, o vulcão entrara em erupção após uma semana de estrondos, lançando às alturas uma coluna de cinzas que fora tangida pelo vento e cobrira Saint-Pierre com um manto branco. A erupção durara muito pouco. Fora seguida por um forte aguaceiro que lavara todas as cinzas. Poucas pessoas haviam demonstrado medo.

Naquele momento, na tranquila manhã de sexta-feira, 2 de maio de 1902, notou Clerc que a precipitação de cinza sulfurosa durante a noite tampouco parecia haver causado muita preocupação na cidade. Viu alguns madrugadores nas ruas, olhando para o cone silencioso do monte Pelée, que se erguia a uns três quilômetros mais

para o interior. Da altura em que se encontrava, observou que não havia pânico. Com toda probabilidade, os moradores da cidade haviam vivido por tanto tempo junto ao vulcão que tinham deixado de considerá-lo como uma ameaça e, compreensivelmente, pois a cidade fora erguida numa praia na base de um grande anfiteatro natural de rochas e terminava no cume do monte.

Saint-Pierre tornara-se o centro social e comercial da ilha. Era conhecida, a uma distância tão grande como Porto Rico, ao norte, e Trinidad, ao sul, como a Paris das Índias Ocidentais. E a cidade esforçava-se para manter-se à altura de tal reputação, importando números de cabaré de Paris, depenando os marinheiros nos prostíbulos de beira do cais, e vivendo em um ritmo que a sólida Fort-de-France julgava positivamente indecente.

Clerc, devotado pai de família, pouco tempo tinha para a vida noturna da cidade. Um dos motivos por que a deixara fora o de escapar das orgias de fins da noite; outro, o fato de julgar mais de acordo com sua posição na comunidade viver longe dela, vê-la apenas a distância, como fazia todas as manhãs. De sua casa no alto da encosta podia olhar para a cidade imparcialmente, mas também com um ar paternal.

Naquela manhã, ainda que amortalhada em cinzas, Saint-Pierre oferecia a Clerc um espetáculo do qual sentia grande orgulho. Do seu ninho de águia, tinha uma visão clara das destilarias de rum e fábricas de móveis que constituíam a espinha dorsal da vida econômica da ilha, uma espinha cujas terminais nervosas ele controlava. Era o maior plantador da ilha, milionário, suserano comercial indisputado da população de 189.500 almas que ali residiam. Em seguida ao Governador Mouttet, Clerc era o acatado líder social da colônia de extração francesa que, com grande eficiência, administrava a ilha em nome da França. A maioria vivia e trabalhava nas ruas que se ramificavam a partir da Rue Victor Hugo, a principal da cidade, e que corria sob a forma de um suave crescente ao longo do mar. Era cortada por uma série de ruas mais curtas que começavam no cais e terminavam nas íngremes encostas do anfiteatro rochoso. A catedral, o hospital militar, a prefeitura, e os dois principais bancos da ilha — o Banco da Martinica e o Banco Colonial Inglês — tinham sua sede na Rue Victor Hugo; na maior parte, porém, a cidade consistia de prédios de dois e três andares, construídos de pedra, com telhados vermelhos. Muitos deles se erguiam ao longo da margem do Roxelane, o rio que atravessava a cidade e desaguava no mar. Exceto na estação invernal, pouco mais era do que um preguiçoso riacho. Mas quando as chuvas chegavam, transformava-se em uma caudalosa torrente, rodopiando em suas águas peixes e destroços trazidos do interior e despejados no mar. O grosso da população crede de classe média vivia ao

longo do rio. Na foz do Roxelane situava-se o porto, uma bacia natural curva através da qual era canalizada toda a vida social e financeira da ilha.

Naquela manhã, Clerc contou oito navios ancorados ao largo, cinco deles de bandeira americana. Traziam dos Estados Unidos suprimentos essenciais à sobrevivência da ilha, com os porões cheios de farinha de trigo, verduras secas e salgadas, carnes defumadas, fumo em folha, bem como caixotes com roupas, relógios, candeeiros a óleo e máquinas de costura.

Os três outros navios eram de bandeira britânica, e seus porões estavam vazios à espera das matérias-primas da ilha — açúcar, rum, cacau e café — à espera de serem enchidos com os produtos das propriedades de Clerc, espalhadas por todos os 500 quilômetros quadrados da ilha, propriedades que contribuíam para garantir a posição financeira da Martinica no mundo.

Especialmente dependente dessa situação era o grosso da população de Saint-Pierre, de 26.011 homens, mulheres e crianças que viviam no centro da cidade, longe das casas dos colons, ou os naturais da França. Formavam os propriets vivriers, ou pequenos proprietários mestiços, de cores variadas e produtos de mais de um século e meio de cruzamentos com marinheiros de todo o mundo que aportavam à ilha. Exportações regulares significavam chegadas regulares de navios à Martinica; navios significavam clientes sob uma forma ou outra para os propriets vivriers. Poucos deles haviam sequer falado com o homem que morava na encosta da colina, fora da cidade, mas todos reconheciam a dívida que tinham para com seu espírito de iniciativa.

No momento em que o sino da Catedral de Saint-Pierre cessou o repique, Clerc estendeu a mão para o telescópio montado no corrimão do terraço. Ajustando a ocular, focalizou uma seção da área onde residiam os pequenos proprietários. Todas as casas pareciam iguais: prédios cobertos de folhas de flandres, cercados de árvores onde amadureciam abacates, mangas, maçãs, laranjas, limas e grapefruit. Entre as árvores apareciam touceiras de cana-de-açúcar, pés de fruta-pão e túneis de bambus que abrigavam do sol do meio-dia os tubérculos ali plantados. Amarrados em torno dos túneis viu cabras, vacas e pequenos cavalos creoles. Como o resto da cidade, o bairro dos mestiços parecia repousar sossegado sob a camada de cinzas.

Clerc baixou o telescópio e dirigiu-se até um canto do terraço. Fazia aí um novo desvio em sua rotina matutina; era um desvio que iniciara após a segunda visita à cratera. No dia seguinte a ela, pendurará um barômetro em uma das pilastras do balcão. Naquele momento como fizera todos os dias desde então, estudou com grande cuidado o ponteiro. Tremia um pouco mais do que na manhã anterior. Voltou-se mais uma vez e ergueu os olhos para a cratera da montanha. No mesmo

momento, ouviu-se um trovão ensurdecedor — "como uma salva de canhões", lembrar-se-ia ele depois — e uma nova coluna de cinzas subiu célere nos céus.

Clerc observou-a, ganhando altura. Em seguida, colhida pelos ventos, ela começou a dissipar-se, espalhando-se pelo céu e tapando o sol. Um minuto depois, silenciosas cinzas caíam sobre Saint-Pierre.

O monte Pelée, com uma área de oitenta quilômetros quadrados na base, agitara-se um pouco mais, emitindo outro aviso.

Clerc virou-se ao ouvir um ruído às costas. Era a esposa, Véronique. De camisola e chinelas aproximou-se pelo balcão. Na mão, trazia um crucifixo, com a imagem de Cristo esculpida em um pedaço de pedra-pomes tirado da alta vertente do vulcão.

Juntos, os Clercs ajoelharam-se e rezaram ali. Cinquenta e um anos antes, na última vez em que o monte Pelée despertara, o avô de Fernand Clerc rezara também. Naquela ocasião, a atividade vulcânica fora de pouca duração e muitos na ilha disseram que isso fora consequência da intervenção de Deus, em resposta às preces de Jean-Marc Clerc.

Naquele momento, o neto e a esposa rezaram, suplicando uma intervenção semelhante.



Sentado nos degraus de sua casa no bairro de Mouillage, à beira do cais que corria ao longo da praia, Léon Compère-Léandre observou as cinzas que caíam sobre os três navios britânicos ancorados ao largo. O mau cheiro de enxofre no ar trouxe-lhe lágrimas aos olhos e um vômito seco à garganta. Tirou um lenço do bolso e tapou o nariz e a boca. Mas o lenço pouca proteção oferecia contra a acre precipitação.

Léon, de vinte e oito anos de idade, era sapateiro. Descendia de um dos degredados que haviam sido trazidos da França para executar pesados trabalhos braçais. Cruzamentos com segmentos creoles e negros da população da ilha em outras gerações haviam dado à sua pele uma cor de café claro. A distância, podia passar por um colon: um patrimônio útil quando queria beber nas tavernas à beira do cais, nas quais os temperamentos não raro se inflamavam e onde descendentes dos presidiários eram ainda considerados como alvos para brigas a faca por muitos marinheiros.

Os cruzamentos, porém, pouco haviam feito para remover as superstições básicas que lhe tinham sido transmitidas pelo pai e avô — superstições que ainda lhe dominavam a vida. Incluía-las a crença no Demônio e em que o monte Pelée era um respiradouro através do qual o Demônio podia soltar as fumaças do Inferno.

Naquele momento, enquanto as cinzas se depositavam por toda parte, cobrindo tudo com uma baça camada branca acinzentada, convenceu-se de que o Mal andava à solta.

Achou também, dessa vez por instinto, que não estaria em segurança na sua casa à beira do cais. Em vista disso, resolveu abrigar-se no porão de sua oficina de sapateiro, na praça principal da cidade, a Place Bertin. Conservando o lenço sobre a boca e usando a outra mão para enxugar as lágrimas, dirigiu-se para o abrigo.

Vista do nível do mar, Saint-Pierre parecia repousar à própria borda do sopé sul do monte Pelée, erguendo-se em terraços a partir da bacia aberta que formava o porto. Desse nível, igualmente, as ruas pareciam muito mais estreitas do que quando vistas da casa de Clerc no alto. As casas, todas de pedra e com assoalhos de pedra, imprensavam-se umas contra as outras, e seus beirais de madeira ou zinco lançavam uma sombra permanente sobre as lajes.

As sandálias de Léon nenhum som produziram quando se arrastou sobre as cinzas. O único som ouvido era o de água que corria nos profundos esgotos das ruas que subiam, serpenteando. Naquela manhã, a água, geralmente clara, estava manchada e preguiçosa. A cinza começara já seu trabalho corrosivo de descoloração e obstrução.

Aproximando-se da Place Bertin, não vira ainda pessoa alguma. Pareceu-lhe que Saint-Pierre, por escolha, força do hábito ou desconhecimento dos fatos, resolvera ignorar a precipitação das cinzas.

Pouco antes da entrada da praça principal, encontrou um cavalo ainda novo amarrado à argola do muro de uma casa. Como todas as residências dessa rua, as janelas estavam bem fechadas por baixo das tradicionais vigas das cumeeiras. Aproximando-se Léon, o cavalo, já bem coberto de cinzas, começou a fungar e a resfolegar de dor. /Inesperadamente, fraquejou sobre os joelhos, emitindo um horrendo som de asfixiamento. Rolou, apavorado, os olhos, lutou para levantar-se, descobriu que já não podia com o esforço e desmoronou sobre um dos flancos.

Léon parou ao lado. Outra das superstições que lhe dominavam a vida era que, se fosse bom para com os animais, isso lhe garantiria um lugar no Céu. Olhou em volta, procurando uma maneira prática de ajudar o cavalo. Perto, na entrada para a Place Bertin, notou o cocho d'água com o balde de lata, amarrado a ele por uma fina corrente. O balde e o cocho eram usados para reencher os depósitos de água das tropas de mulas que partiam para o interior. Léon deu um puxão na corrente, fazendo força. A corrente partiu-se, soltando o balde.

Mergulhou o balde no cocho, por baixo da película de cinza que cobria a água. Em seguida, derramando o líquido enquanto corria, voltou para junto do animal caído.

Pondo-lhe a cabeça entre os braços, deixou a água escorrer pela sua boca e nariz. Mas perdeu seu tempo. O cavalo estava morto, sufocado pelas cinzas que caíam. O monte Pelée fizera sua primeira vítima.

CAPÍTULO DOIS

O PREOCUPADO NOIVO

Fernand e Véronique Clerc não foram os únicos a procurar consolo e conforto nas orações naquela manhã. Em várias partes da cidade, certo número de pessoas acordara cedo para ir à missa na catedral. Na quinta-feira, a uma semana daquele dia, seria o dia santificado da Ascensão, e gente viria de toda a ilha para celebrar, inicialmente na catedral e, mais tarde, nas tavernas e restaurantes da cidade.

Uma das madrugadoras naquela manhã foi a Sra. Gafa Prentiss, esposa do cônsul americano. Em sua elegante casa situada próxima ao jardim botânico da cidade, vestiu-se com apuro, consciente de sua posição de esposa do diplomata estrangeiro mais antigo na cidade. Pondo o chapéu enfeitado com rendas e calçando luvas brancas de seda, saiu em passo vivo de casa.

No momento em que chegava à rua, um novo e distante estrondo ecoou da cratera do monte Pelée. Ela parou, perguntando-se o que viria depois. Não precisou esperar muito. Uma coluna subiu do cone e, pouco depois, cinzas começaram a cair sobre a parte da cidade onde morava, mais espessas e mais rápidas do que antes.

A Sra. Prentiss permaneceu absolutamente imóvel, observando as cinzas se depositarem em volta. Um minuto depois, seu vestido estava arruinado, irremediavelmente manchado pela substância que caía. Parada ali, percebeu vagamente que numerosas pessoas passavam correndo. As cinzas amorteciam-lhes as passadas; o único som que ouvia era um resfolegar rouco quando a lava se insinuava em suas gargantas. Do outro lado da rua, uma pequena trouxa caiu do telhado de uma casa. Contorceu-se na calçada, debatendo-se e arrastando-se sobre as lajes. Clara Prentiss atravessou a rua e notou que era uma ave. Cobertas pelas cinzas, as suas asas não puderam erguê-la do ninho no telhado e a ave caíra na calçada. Apanhou-a e começou a limpar-lhe as asas e o corpo. Enquanto o fazia, um homem parou ao lado.

— Se eu fosse a senhora, não desperdiçaria seus sentimentos com uma ave, madame — disse ele.

Antes que ela pudesse responder, o homem tomou-lhe o pássaro das mãos e lançou-o sobre um muro próximo. Sem outra palavra, virou-se e mergulhou na tempestade de cinzas.

Ela permaneceu ali por um momento, enquanto as cinzas enchiam-lhe de lágrimas os olhos. Em seguida, voltou-se e caminhou em passos rápidos para casa, tirando o chapéu e as luvas ao entrar. Apressada, dirigiu-se para o quarto do marido, parando do lado de fora para olhar para trás. Deixara um rastro de pegadas no corredor e na escadaria. Empurrou a porta do quarto. O marido, Thomas, continuava deitado, lendo o principal jornal da cidade, *Les Colonies*. Afastou-o para um lado quando a esposa entrou.

Sem se deter, Clara Prentiss foi até à janela e abriu-a. Uma lufada de cinzas penetrou no quarto. Fechou a janela, veio até ao pé da cama e olhou para o marido.

— O vulcão vai entrar daqui a pouco em erupção — disse. — Tem que entrar.

Durante algum tempo houve silêncio no quarto. Em seguida, Thomas Prentiss, um homem corpulento, de músculos algo flácidos, levantou-se devagar e foi até à janela. Abriu-a e olhou para as cinzas que caíam sem cessar. Logo depois, tossia com o travo do enxofre na garganta. Somente então pareceu convencido do que via. Fechou outra vez a janela.

— Preciso providenciar para que você e as crianças saiam daqui logo que seja possível — disse.

— Eu não irei sem você!

Clara Prentiss era uma mulher resoluta. No dia 10 de maio a família celebraria o quarto aniversário na ilha, embora o marido não houvesse sido nomeado cônsul americano na Martinica senão no dia 3 de abril de 1901. Para comemorar a ocasião, pensara em um tranquilo jantar familiar para ele e as filhas, Christine e Louise. Os filhos não poderiam comparecer. O mais velho, James, residia em Chicago; Thomas, o segundo na linha de sucessão da modesta fortuna dos Prentiss, morava em Batávia. À parte o jantar próximo, acreditava Clara Prentiss que, em seu papel de esposa de um diplomata, seria inconcebível de sua parte abandonar o marido em uma ocasião de crise iminente. Fora um parecido senso de posição social que a impedira de ir à missa. A seus olhos, teria sido quase um pecado mortal para a esposa do cônsul americano aparecer perante os fiéis na catedral como se tivesse saído de um banho de cinzas.



Suzette Lavenière, de vinte e quatro anos de idade, preparava-se para o desjejum quando ouviu novo estrondo, mais profundo e mais alto do que antes. Pôs de lado o bule de café e saiu correndo da cozinha para investigar. Do lado de fora do pátio da vila, encontrou certo número de trabalhadores da propriedade do pai, conversando nervosos entre si e apontando para o cume do monte Pelée, do outro lado do vale, a doze quilômetros de distância. Caíram em silêncio com a chegada de Suzette.

O pai era proprietário de uma das 1.150 plantações de cana-de-açúcar da ilha. A propriedade dos Lavenières constituía um grande retângulo de terra a seis quilômetros ao sul de Saint-Pierre. Erguendo-se de terras baixas até à metade de uma das encostas do vale, a propriedade dava frente para a cidade e o vulcão que se alteava acima dela. Como tantos outros membros da classe latifundiária dominante da Martinica, os Lavenières administravam a propriedade com mão firme, ainda que tolerante. A centena de famílias nativas que plantavam e colhiam viviam em boas casas, vestiam-se razoavelmente e recebiam um salário justo. Residiam a uma distância apropriada ao lado da vila ocupada por Suzette e o pai viúvo.

Naquela manhã, Pierre Lavenière levantara-se cedo para inspecionar os pontos mais distantes da propriedade, mais ou menos a quilômetro e meio da vila, no fundo do vale. Levara o capataz e seis empregados. Fora confirmar a notícia de que a precipitação de cinzas havia calcinado as culturas novas e que o riacho que delimitava a propriedade em três lados engrossara muito nas últimas vinte e quatro horas.

Inundações não constituíam novidade. Todos os anos, durante os cinco meses da estação chuvosa, o riacho transbordava e inundava as margens baixas. Mas terminara o inverno e o riacho voltara a ser o que sempre fora, um mero e preguiçoso fio d'água.

No momento em que se afastava, murmurara para a filha:

— Pode ser a montanha. O riacho nasce perto do cume.

Mas, uma hora antes, o cume estivera silencioso. Naquele momento, ali no pátio, o chão a seus pés pareceu tremer em seguida aos estrondos. Uma língua de chamas, marrom-alaranjada, subiu do cone, bifurcando-se, e logo depois foi sugada para o interior do vulcão.

Anos de confiança em si mesma haviam ensinado Suzette Lavenière a permanecer calma, qualquer que fosse a situação.

— Não está tão ruim como no princípio da manhã. Não está mais caindo cinza — disse ela firme.

— Mas, e as chamas? — protestou um nativo.

— Não há necessidade de preocupação — repetiu Suzette. — De qualquer modo, vou buscar meu pai. Enquanto isso, vão trabalhar como nos outros dias.

As palavras, pronunciadas em tom tranquilizador, pareceram convencer os nativos. Afastaram-se devagar a caminho de suas várias tarefas. Enquanto isso, os ribombos e o fogo emitidos pela boca do Pelée morriam a distância. Sem saber por que,

Suzette sentiu mais medo do silêncio do que do ruído. Esquecendo que não terminara os preparativos para o desjejum, foi até a cocheira, montou um cavalo e saiu à procura do pai. Começou a cantar, de forma muito parecida como, em criança, cantara para conservar a coragem na escuridão.

Cavalgara apenas por um curto momento quando ouviu um surdo rugido à frente. Esporeou o cavalo e trotou pelo canavial. Pouco depois, ouviu gritos à frente, da direção do riacho. De súbito, através de uma clareira no canavial, observou um espetáculo que a deixou atordoada. O tranquilo e preguiçoso riacho desaparecera, e em seu lugar um mar de lama fervente descia veloz das distantes vertentes do vale e espalhava-se pelo seu fundo como se fosse uma grossa cola.

Presos na corrente imunda, ela viu o pai e os trabalhadores. A lama já alcançara as ancas dos cavalos. Encontravam-se no lado mais distante do vale quando a avalanche se despencara. Lutavam para se soltar, mas não tinham chance alguma contra aquele maremoto de lama. Tudo que podiam fazer era gritar lamentosamente, pedindo socorro.

Mesmo enquanto olhava, Suzette teve certeza de que não havia coisa alguma que alguém pudesse fazer.

Chorava, histérica, quando, uma hora mais tarde, trabalhadores da vila chegaram à sua procura. Por essa hora, o pai e os trabalhadores haviam sido tragados pela lama e tinham desaparecido.

Por volta de meio-dia, o barco a motor de cabotagem Topaz aproximou-se de Macouba Point, uma língua de terra que se projetara do sopé do monte Pelée. O navio deixara a ilha de Dominica, a quarenta e cinco quilômetros ao norte, à hora do desjejum, a caminho de Martinica e Sainte-Lucia. A rota previa três escalas em Martinica: na aldeia de pescadores de Le Prêcheur, em Saint-Pierre e em Fort-de-France. Possuía uma tripulação de onze marinheiros e transportava vinte e nove passageiros.

Na ponte de comando do Topaz, o seu mestre, Jules Sequin, estivera estudando por algum tempo a costa à frente com auxílio de um telescópio. Ajustava repetidamente a ocular para obter uma imagem mais clara da terra e do vulcão que se erguia sobre ela. Finalmente, baixou o telescópio e virou-se para o imediato, a seu lado:

— Motores lentos à frente. A montanha entrou em erupção desde a última vez em que estivemos aqui. É melhor não nos aproximarmos muito agora — disse.

Nascido e criado na ilha de Dominica, o baixo e entroncado marinheiro sentia um sadio respeito pelos caprichos da natureza. Duas vezes em seus vinte e seis anos no mar estivera perto da morte por causa de um de seus caprichos. Certa vez, um

furacão destroçara o navio em que viajava; outra vez, uma tromba-d'água açoitara-lhe o barco, provocando-lhe grandes danos na superestrutura.

De acordo com suas ordens, o Topaz começou a afastar-se da costa.

Embaixo, no tombadilho aberto, passageiros reunidos conversavam excitados entre si. Para eles, sem a ajuda de um telescópio, a praia parecia indistinta e apagada e o pico por trás dela nada mais era do que uma massa de rocha. Sequin, porém, notara um acréscimo às centenas de vales e ravinas que desciam abruptas para o mar de cada lado de Macouba Point. Era uma comprida língua de lava recém-lançada. No telescópio, vira vapor subindo da lava. Acompanhara a erupção até a sua fonte, no cume do Pelée. E fora essa descoberta que o levava a afastar-se da costa.

O que excitara os passageiros fora uma película cinzenta de cinzas, flutuando no mar e aproximando-se do Topaz. Nela boiavam peixes mortos.

Sequin deu ordens ao imediato para descer e tranquilizar os passageiros, dizendo que coisa alguma havia a temer. Mas, ao mesmo tempo, ordenou ao timoneiro que embicasse para mar alto e de lá se aproximasse de Le Prêcheur, a primeira escala, descrevendo um grande arco. Ao chegar lá, faria um relatório completo do que vira. Uma coisa apenas deixava-o confuso: os peixes mortos. Nem as cinzas nem a lava que mergulhava com um rugido no mar poderiam ter matado tantos peixes.

O que não sabia era que o Pelée, estendendo-se por três mil metros pelo leito do mar, havia-se contorcido na base e enviado uma veloz onda de choque à superfície que a tudo destruíra num raio de vários quilômetros quadrados. No processo, danificara também o cabo telegráfico submarino que ligava a Martinica a Dominica.

Pouco depois, a Martinica ficaria inteiramente isolada de toda e qualquer comunicação efetiva por cabo com as ilhas vizinhas.

Durante trinta e um anos, os cabos haviam constituído o principal meio de comunicação com o mundo exterior. Havia sido lançados pela Easter Telegraph Company sob a supervisão do veterano Sir Charles Tilston Bright. A ligação entre Dominica e a Martinica fora inaugurada em julho de 1871; meses depois, Bright, a bordo de seu navio lançador, o Dacia, ligara pelo telégrafo a Martinica a Sainte Lucia.

Nos dias seguintes, essas ligações seriam também rompidas pelo Pelée. O primeiro corte ocorreria na ligação entre Saint-Pierre e Dominica dentro de vinte e quatro horas; dois dias depois, na manhã de 5 de maio, deixaria de existir o elo entre Fort-de-France e seus vizinhos ao sul; um dia depois, Saint-Pierre ficaria também Isolada desses vizinhos. A Martinica perderia todas as comunicações com o mundo.

Mas antes que isso acontecesse, vários telegramas chegariam de Paris, via Dominica, endereçados a Louis Mouttet, o governador da ilha. Esses telegramas, enviados pelo Governo francês, produziriam efeito decisivo sobre o futuro dos habitantes de Saint-Pierre. De muitas maneiras, decidiriam se eles viveriam ou morreriam.



Ao meio-dia, o pároco de Le Prêcheur começou a tanger os sinos da igreja. Ouvindo a curta e urgente convocação, os aldeões deixaram suas casas e reuniram-se em frente à igreja. Conservaram-se ali, quase duzentos homens, mulheres e crianças, mergulhados até os tornozelos na cinza quente.

Desde o amanhecer, ocasião em que o pó começara a chover sobre Le Prêcheur, haviam permanecido acovardados em casa, observando a precipitação cobrir tudo em volta. Amortalhara ela a praça e as duas ruas da aldeia. Depositara-se no molhe e nos barcos de pesca ali ancorados. E dera aos campos em volta da aldeia uma baça coloração cinzenta.

Naquele momento, sob os raios do sol do meio-dia, a área lembrava uma paisagem lunar. Contra esse meio pagão, a vista do pároco em frente à igreja, trazendo nas mãos uma pequena estatueta da Virgem Maria, pareceu incongruente a alguns aldeões.

Colocando a estatueta no chão, o padre pediu à congregação que se ajoelhasse e orasse por socorro. Mal haviam atendido ao padre e se ajoelhado sobre as cinzas, quando alguém notou que um fio de lava penetrava na aldeia. O serviço religioso improvisado foi imediatamente suspenso.

A lava avançava devagar, cansada, depois de ter percorrido oito quilômetros desde sua fonte, no alto do Pelée. Mas continuava a correr. Vê-la descendo pela aldeia, parda e desprendendo um pouco de fumaça, deu origem ao primeiro pânico real na Martinica.

Os aldeões, liderados pelo pároco, fugiram de Le Prêcheur, tomando a coleante estrada costeira para Saint-Pierre, a doze quilômetros mais ao sul.

Atrás, deixaram na praça deserta a estatueta da Virgem Maria. Mais tarde, quando a lava penetrou devagar na praça, lambeu a base da estatueta e, finalmente, derrubou-a em sua caudal.



Em Saint-Pierre, a última edição do Les Colonies tranquilizava a população. A primeira página anunciava que uma “alta autoridade” sobre vulcões, não identificada, dissera ao jornal que a queda de cinzas nada mais era do que uma fase

passageira e que logo depois a cratera voltaria à inatividade. Em nota de rodapé, o jornal acrescentava que no domingo seguinte organizaria uma “grande excursão” até o cume para que os leitores pudessem verificar por si mesmos “a situação real”.

Nenhum leitor desconfiou que o especialista em vulcão do jornal era ninguém mais do que seu editor, Andréus Hurard, que, por motivos políticos, deliberadamente inventara a tal “autoridade”. Foi o primeiro de numerosos exemplos de oportunismo político que, nos dias que se avizinhavam, abafariam de modo fatal todas as demais considerações em Saint-Pierre.

Em seu gabinete de frente para a Place Bertin naquela tarde, Hurard perguntou-se por quanto tempo poderia manter aquilo que, mais tarde, se consideraria como uma gigantesca fraude.

Após a saída do jornal, recebera duas visitas. Uma delas, Clerc, que lhe trouxera a perturbadora notícia do desastre ocorrido na propriedade Lavenière. Sugeriu ele que Andréus publicasse a notícia na edição seguinte, juntamente com o conselho de que todos os cidadãos, exceção dos essenciais à cidade, deveriam partir para Fort-de-France. Hurard havia objetado e argumentado que somente o governador poderia dar tal ordem. Louis Mouttet, porém, nomeado governador apenas sete meses antes, estava resolvido a que coisa alguma deveria perturbar as eleições, marcadas para dali a nove dias.

Pouco depois da saída de Clerc, Thomas Prentiss, o cônsul americano, chegara com a notícia de que os comandantes dos dois navios americanos ancorados na enseada estavam levantando ferros por julgarem a ilha em perigo. Haviam recolhido a bordo certo número de famílias da colônia americana de Saint-Pierre.

Hurard respondera que publicaria a notícia como exemplo de pânico desnecessário.

— Isso, cavalheiro, é problema seu — retrucou Prentiss. — Mas talvez venha a se arrepender.

Sozinho em seu gabinete, Hurard começou a perguntar-se se não poderia haver alguma verdade no que lhe dissera o diplomata. Enquanto pensava nos acontecimentos do dia, do outro lado da cidade ecoou um novo estrondo, emitido pela garganta do monte Pelée. Foi seguido por nova queda de cinzas, que obscureceu o sol e lançou às pressas os moradores, mais uma vez, à procura de abrigo. Novamente, perguntou-se ele por quanto tempo poderia continuar com o logro, como pagamento de favores do governador. Em troca desses favores, dar-lhe-ia pleno e total apoio editorial nas eleições próximas.

Até então, Hurard cumprira sua parte do trato. Desde o início da campanha eleitoral, três semanas antes — coincidindo, de fato, com os primeiros sinais de

atividade do Pelée — Les Colonies reservara amplo espaço editorial para apoiar a plataforma do Partido Progressista.

Reacionário em idéias, com raízes profundamente fincadas na tradicional política colonial francesa, o Partido Progressista defendia a supremacia branca total. Durante séculos, com sua coorte de políticos veteranos, o Partido Progressista elegera quase que automaticamente o senador e os dois deputados, um de cada arrondissement da ilha, que representavam as idéias da ilha em Paris.

Nas eleições de 1899, porém, três anos antes, o Partido Radical — a voz da população negra e mulata politicamente emergente da ilha — surgira do nada e obtivera uma espetacular vitória nas urnas. O seu candidato a senador, Amédee Knight, um negro de quarenta e sete anos de idade, fora eleito. Ninguém ficara mais surpreso do que os mais otimistas formuladores da política do Partido Radical. Em Knight, porém, possuíam um candidato de peso. Educado em Paris na École Centrale, versado na maneira como pensavam os brancos, Knight revelara-se uma figura formidável, inicialmente como vice-prefeito de Fort-de-France, mais tarde como secretária da Câmara de Comércio da cidade e, depois, como presidente da Câmara dos Vereadores. Pela primeira vez, a população negra tinha uma voz em Paris; e conquanto muitas vezes essa voz fosse ouvida apenas com delicada paciência, Knight conseguira levar avante certo número de reformas em educação, habitações e emprego. Na própria Martinica, desempenhara papel crucial para transformar o Partido Radical em uma poderosa máquina política. Nas eleições de 1902, os radicais faziam uma firme tentativa para obter o controle político total da ilha.

Os radicais eram enfrentados por Fernand Clerc. Eram por demais simples os fatos que haviam lançado na arena política o plantador mais ilustre da ilha. Chocado com a eleição de Knight para a senatória, o Partido Progressista viera a compreender que precisava com urgência formar uma imagem mais liberal para não ser derrotado quando a ilha fosse às urnas no domingo, 4 de maio de 1902. Após considerável trabalho de persuasão, Fernand Clerc, que apenas superficialmente endossava as idéias do Partido Progressista, concordara em disputar o pleito pelo arrondissement do norte. Empregador generoso, homem que transformara quase em fetiche as boas relações trabalhistas, profundamente religioso, Clerc constituía, aparentemente, a escolha ideal para representar a nova orientação política do Partido Progressista.

Mas já havia indivíduos no Partido, Hurard entre eles, que lamentavam a escolha. O Partido Progressista defendia uma plataforma simples: durante décadas controlara o destino político da ilha sem dar grandes motivos a queixas. Neste caso, por que mudar? Essa mensagem estava implícita em todas as manifestações

da propaganda oficial, disseminada pela eficiente máquina do partido. Clerc, porém, desviava-se da plataforma cuidadosamente elaborada. Admitia a necessidade de reformas em certo número de esferas onde preponderava a influência branca, tal como nas relações trabalhistas, entre os trabalhadores de Saint-Pierre e em algumas das menores, usinas fora da cidade. Pedira controle mais rigoroso da prostituição e da vida noturna da cidade. Insistira em uma volta a uma vida mais piedosa.

Fora extraordinário o resultado. No início, grande parte da população branca ficara chocada e, em seguida, revoltada com Clerc: muitos de seus membros haviam feito fortuna explorando a mão-de-obra barata ou dirigindo prostíbulos e hotéis suspeitos. Seria inconcebível renunciar a tudo isso. Les Colonies foi bombardeada com cartas de irados leitores brancos. Até então, nenhuma delas fora publicada. A política de supressão de notícias não constituía novidade para Andréus Hurard. A decisão de não publicá-las tivera o apoio do Governador Mouttet. Por outro lado, as opiniões políticas de Clerc haviam sido recebidas com suspeita pelo Partido Radical; para eles, era uma hábil manobra eleitoral: promessas ocasionais que seriam esquecidas tão logo ele fosse eleito.

Em três curtas semanas, Fernand Clerc, politicamente ingênuo quase até o ponto da incredibilidade, conseguira infligir danos à sua própria posição, alienando grande parte de seus eleitores e quase assegurando a derrota do Partido Progressista nas eleições. Tornara-se um político sem raízes.

O único homem que poderia tê-lo desviado do obstinado e solitário curso era o Governador Louis Mouttet, franco defensor do Partido Progressista, mesmo que, na condição de representante do Governo francês, estivesse teoricamente sob ordens de manter-se distante da política.

Mas desde a chegada de Mouttet à ilha sete meses antes, em companhia da família, as relações entre ele e Fernand Clerc haviam-se deteriorado, de fria polidez à gelada indiferença. Mouttet, um autodidata, que subira politicamente por esforço próprio, defendia tudo aquilo que Clerc, o cavalheiro rural, considerava intolerável. Mouttet e vários outros não haviam escondido o fato do que se opunham à escolha de Clerc como candidato. Em eleições; já inçadas de dificuldades, esses choques de personalidade desempenhariam um papel decisivo.

Teriam também uma influência fatal sobre o efeito da erupção do Pelée sobre os eleitores de Saint-Pierre.

Na vertente mais distante do Pelée, longe das vistas de Saint-Pierre e das cinzas que caíam, um grupo de aldeões subia uma estreita trilha na montanha. O grupo era dirigido por um preocupado noivo, em busca da futura esposa e da velha mãe de

santo que a deveria ter escoltado no casamento, naquele momento adiado, na aldeia situada no sopé da montanha.

A noiva estivera recebendo antigas instruções de vodu sobre a arte do amor e os costumes do casamento. A sua mentora fazia parte do punhado de especialistas da Martinica que conheciam bem a arte de preparar mocinhas para o amor. Ela passara a semana anterior na caverna da velha, onde fora iniciada. A algumas centenas de metros da entrada da caverna, o noivo e seus acompanhantes encontraram a jovem, vestida de noiva, e a guia, com; os corpos horrivelmente escaldados. Encontravam-se ambas ao lado de uma boca de vapor que devia ter-se aberto ao lado da trilha quando por ali passavam.

CAPÍTULO TRÊS

PAISAGEM VISTA DE UMA CELA

O Padre Alte Roche, de pé no pico do monte Verte, a três quilômetros ao sul de Saint-Pierre, observava o vulcão com profissional imparcialidade. O alto e ossudo jesuíta passara a vida inteira estudando as causas e efeitos das perturbações vulcânicas no Caribe. Nas últimas três semanas estivera fazendo cuidadosas observações e registros do comportamento do Pelée. A intervalos de poucos dias, subia as encostas de pedra-pomes do monte Verte até o cume, a uns trezentos metros acima do nível do mar, um poleiro que lhe oferecia uma vista clara do Pelée. Homem cauteloso, anotara suas observações em um diário para uso próprio, procurando avaliar o que via pelo que já sabia a respeito do vulcão.

Conhecia bem sua geologia. O Pelée, como os demais quatrocentos picos montanhosos da Martinica, era composto quase inteiramente de material vulcânico lançado à superfície através de fraturas no leito do mar à época em que esfriava a crosta da Terra. O próprio Pelée, um dos quinhentos vulcões que haviam entrado em atividade segundo os registros históricos, situava-se no centro de um dos grandes cinturões vulcânicos que margeiam os oceanos do mundo.

O maior deles é o anel que envolve o Pacífico. Começando nas ilhas South Shetlands a várias centenas de quilômetros ao sul do cabo Horn, a cadeia sobe pela costa oeste da América do Sul, atravessa a América Central e prossegue pelo continente norte-americano. No Alasca, ela cruza o Pacífico até as ilhas Aleutas. Daí, desce em um grande arco para a costa oriental do Pacífico, passando pelo Japão, Formosa, Filipinas, ilhas Salomão e Nova Zelândia, e, finalmente, terminando no monte Terror, no continente antártico. Em conjunto, a cadeia estende-se por quase quarenta e dois mil quilômetros, abarcando uma área onde residem mais de duzentos milhões de pessoas.

Na direção leste a partir do Pacífico, outro cinturão desenrola-se através de Sumatra e Java. É a mais antiga de todas as cadeias. Aí, mais de cem vulcões demonstram ininterruptamente a energia da natureza; onde vivem nativos ao lado de uma gigantesca caldeira que borbulha e arrota e que, a intervalos regulares, expele rocha líquida e gases originários do próprio núcleo da Terra.

O Atlântico é margeado em três lados por outra cadeia vulcânica. Começa ela no norte longínquo, descendo através dos picos dos Açores, ilhas Canárias, ilhas de Cabo Verde, Ascensão, Santa Helena e Tristão da Cunha. No lado ocidental do oceano, erguem-se os vulcões das Índias Ocidentais. Incluem eles os picos de Saba, ao norte, elevando-se a quase mil metros sobre o mar, até Grenada, ao sul, de cujo pico em um dia claro pode ser vista a linha da costa sul-americana. No centro desse ramo caraíba do grande cinturão atlântico situa-se o Pelée.

No fim da tarde, o Pelée arrotou mais uma vez, vomitando poeira quente como se limpasse a garganta.

Do local onde se encontrava, o Padre Roche olhou para o vulcão através do tapete intermediário de vegetação da floresta. A seus pés, o terreno era uma colcha de retalhos de pântanos, riachos e pequenos rios. Como borrifadas entre eles, havia plantações e povoados. No meio da colcha, erguia-se a usina de açúcar Guérin, uma das melhores da ilha. A sua alta chaminé elevava-se a trinta metros acima dos prédios da usina. Neles, 148 operários transformavam cana em açúcar, que era levado em carroças para Saint-Pierre e embarcado para a América e a Europa. Do outro lado da usina, as vertentes mais baixas do Pelée estavam ocultas por uma grossa camada de verde apodrecido. Essa cobertura subia e transformava-se em um espesso colar de rochas de lava, onde nasciam arbustos. Mais acima do colar espichava-se o pico do Pelée, curto e maciço, terminando na boca escancarada da cratera, aberta e a despejar cinzas.

O vento afastara as cinzas do pescoço e colar do Pelée, e formara depósitos que começavam em um ponto a meio caminho da cobertura verde e espalhavam-se amplamente a partir daí.

Do alto do monte Verte, o Padre Roche observara, após uma das visitas anteriores, que “o cenário é de grande beleza. Aqui no alto o ar está livre da fumaça sulfurosa e o efeito parece com o que se vê quando se olha para baixo para uma terra coberta por uma leve geada e através da qual se refletem as cores variegadas da natureza”. O padre observou a camada mais nova da suave geada descer preguiçosa sobre o campo. E observou que ela “aparentemente não difere de todas as outras precipitações lançadas nos últimos dias”.

O vulcão caiu em silêncio, interrompido apenas por um estranho zumbido e um ruído vibratório que chegavam claramente, através do terreno intermediário, até o local onde se encontrava o padre, contemplando a montanha.

Naquele dia viera ali por um motivo especial: observar bem, a montanha. A sua paróquia situava-se no bairro mestiço de Saint-Pierre, Nele os boatos às vezes corriam céleres, disseminados pela excitação e nervosismo. Mas, até então, o Padre

Roche pouco vira, de alarme entre os paroquianos com o despertar do Pelée. Mas raciocinou que, após a pesada queda de cinzas daquele dia, chegaria o tempo em que precisaria tranquilizá-los.

Uma de suas paroquianas já lhe confiara, após a missa matutina, que acreditava que “o ferreiro de Deus está trabalhando muito, em sua forja” e que as fagulhas da bigorna começavam a escapar, pela cratera do Pelée. Mesmo após uma vida inteira a serviço da Igreja, o jesuíta achava difícil convencer os paroquianos de que crenças pagãs e autêntica religião não se deviam misturar, como acontecia na Martinica. Explicara-lhes que pouco havia a temer, acrescentando que, se houvesse perigo, sua grande experiência lhe permitiria avisá-los com bastante antecedência. Ele, como as demais pessoas na ilha, baseava suas opiniões nos fatos, como os via. Considerava os zumbidos e as vibrações que chegavam até seu poleiro, como de nenhuma significação, salvo como rosnados de um vulcão, que se acomodava. Não poderia ter sido censurado por essa conclusão. Seu mundo jamais conhecera um vulcão que se comportasse, como o Pelée viria a fazer.

Externamente, o vulcão exibia a forma cônica tradicional, vista em todo o mundo. Nos últimos vinte e quatro dias, agira como qualquer outro vulcão que se agita em seu sono: lançara poeira em súbitos jatos de gás e vapor e, à noite, iluminara o céu com cegantes relâmpagos. Houvera, para o Padre Roche, algo de majestoso nesse espetáculo natural. Era um lembrete visível, a seus olhos, do poder ilimitado de Deus.

Sabia, por observação pessoal e leituras, que havia certo número de diferentes tipos de vulcões.

Os do Havaí — Mauna Loa e Kilauea — deram seus nomes aos tipos mais espetaculares de erupção. Quando se tornavam ativos, lançavam aos céus grandes volumes de detritos, que caíam em cascata. O Mauna Loa, o maior vulcão do mundo, ergue-se de; uma base de cento e vinte quilômetros de largura e brilha a mais de quatro mil metros acima do nível do mar. Na sua fúria, a garganta reluz, abanada pelo imenso fole situado sob o leito do oceano. Em torno de seus picos, tornados em miniatura rodopiam, impulsionados pelo intenso calor emanado da cratera.

O Padre Roche lembrou-se de ter presenciado, rapaz ainda; outro tipo de erupção. De tempos em tempos, o Stromboli ilumina a paisagem siciliana, onde nascera cinquenta anos antes. O Stromboli, um farol natural conhecido há séculos pelos navegantes do Mediterrâneo, reluz desde os albores da História. Mas a sua descarga é leve, semelhante, de fato, à maneira como o Pelée vinha fazendo.

São conhecidos outros tipos de erupção. O tipo vulcanian é explosivo e inesperado e ocorre quando o tampão de lava que bloqueia a garganta do vulcão é rompido por pressões subterrâneas e uma massa de rocha sólida e líquida é lançada na área em grandes nuvens de vapor e poeira. O tipo islandês ocorre quando bilhões de toneladas de lava fluida derramam-se sem parar por milhares de quilômetros quadrados de terra e mar, devastando tudo aquilo em que toca.

Por último, o Padre Roche conhecia o tipo de erupção que tirou seu nome do Solfatura, na Itália. A cratera desse vulcão lançou lavas pela última vez no século XII. Desde então, tem despejado apenas gases e traços raros de cinzas. Naquele momento, observando o Pelée, perguntou-se o padre se sua cratera, silenciosa e indistinta à luz que morria, não seria do tipo solfatúrico, ameaçando sempre, mas jamais cumprindo a promessa de violência iminente.

Tudo o que sabia naquele instante, enquanto descia as vertentes do monte Verte para voltar a Saint-Pierre, era que se encontrava em melhores condições para tranquilizar aqueles que precisassem de garantias: o vulcão, concluiu, não constituía ainda uma ameaça. Até mesmo as vibrações e zumbidos haviam desaparecido. Achou que tivera razão em não lhes atribuir importância.

Mas descobriria depois que o Pelée daria nome a um novo tipo de erupção, na qual os zumbidos e as vibrações desempenhariam certo papel, um papel mais incrível que o mundo jamais conheceria;



O governador da Martinica, Louis Mouttet, chegara a uma decisão: não faria mais coisa alguma. Naquele dia tomara certo número de providências. Estava satisfeito com os resultados obtidos. Naquele momento, na escuridão da noite tropical, passava em revista esses resultados no terraço do Palácio do Governo, em Fort-de-France.

Durante todo o dia dera demonstrações de poder. Cedo, pela manhã, chegara o primeiro relatório sobre o comportamento do monte Pelée. Continha a notícia de que a propriedade Lavenière fora isolada pela lava e que houvera perdas de vidas. Enviara ao local um destacamento de soldados. Haviam eles alcançado a propriedade descendo pela encosta do vale onde se localizava a vila. Retornaram com a notícia de que Mademoiselle Lavenière encontrava-se em estado de choque, depois de haver presenciado a morte do pai, mas que, fora isso, os trabalhadores pareciam conservar a calma. Mouttet ordenara a um médico do hospital militar que se dirigisse a Saint-Pierre a fim de cuidar de Suzette Lavenière.

Mais tarde, recebera comunicações da própria cidade. Informavam que era pesada a precipitação de cinzas e que, por volta de meio-dia, certo número de animais

morrera por asfixia provocada pela fumaça sulfurosa. Ordens foram dadas à guarnição militar de Saint-Pierre para remover as carcaças das ruas e enterrá-las fora da cidade.

Chegaram em seguida notícias de que o cônsul americano, Prentiss, estivera criando casos. Após sua entrevista com Hurard, editor de *Les Colonies*, o diplomata tentara enviar um alarmante despacho telegráfico a Washington. Falava na necessidade de um “estado de alerta” devido à possibilidade de erupção. A comunicação fora seguida do que, aos olhos de Mouttet, nada mais era do que pura histeria: “A chuva de cinzas não cessa por um único instante. Os ruídos das rodas das carruagens são abafados nas ruas. Lufadas de vento varrem as cinzas dos telhados e beirais e sopram para dentro de cômodos cujas janelas foram deixadas imprudentemente abertas...”

Havia mais na mesma veia. Contudo, a agência de telégrafo de Saint-Pierre perdera as ligações com o exterior. Ao chegar a mensagem a Fort-de-France para retransmissão à América, Mouttet lera uma cópia e dera ordens rigorosas para que a mesma não fosse enviada, em nenhuma circunstância. Sentou-se, em seguida, e escreveu uma curta nota a Prentiss, observando que soubera estar “Vossa Senhoria espalhando alarme no exterior. Ao fazê-lo, pode criar um estado de medo e pessimismo sem razão, o que, em absoluto se justifica.” Enviara um auxiliar com a nota a Prentiss em Saint-Pierre. Até então não recebera resposta.

Durante algum tempo, a vida voltou ao normal no palácio do governo. Fora servido o almoço, como nos demais dias, no terraço do edifício. Ali, Mouttet e a esposa, Maria, haviam feito uma descansada refeição, apreciando o panorama da vida urbana que se desenrolava embaixo.

Madame Mouttet era uma dessas inexplicáveis francesas que conseguem dar a impressão, a despeito de um corpo comum e cérebro médio, de um ser quase inacreditavelmente elegante e inteligente. Por outro lado, Mouttet mostrava sinais de desgaste físico, fruto de uma vida inteira nos trópicos. Uma predileção pela comida e o vinho havia-lhe engrossado o corpo, enquanto a disenteria e a malária lhe desenhavam no rosto uma expressão grosseira.

Esse rude francês de quarenta e cinco anos de idade chegava ao fim de seu sétimo mês no cargo. Sabia que voltar à nativa Marselha — a seis mil e duzentos quilômetros e seis semanas de viagem — significaria regressar a uma vida condenada ao tédio. Era improvável que fosse nomeado para um cargo de qualquer importância no Ministério do Exterior em Paris, e não tinha qualificações para um emprego na vida comercial e industrial da França. Na Martinica, era titular de um reino, que, com mão indolente, governava. Estava resolvido a continuar a reinar até o dia de Sua morte.

Não tolerava interferência externa e a ilha não criava problemas políticos para o governo francês. Era uma situação de mútua satisfação.

Filho de um trabalhador rural, nascido em Marselha no dia 10 de outubro de 1857, superara as desvantagens de uma educação rudimentar e conseguira ser admitido em um grupo de homens de negócios local. Mais tarde, em 1883, quando o Cercle Saint-Simon se transferira para Paris, Mouttet o acompanhara. Consequira o emprego; de revisor de provas tipográficas em um jornal semanal, La Patrie, com redação na Rue d'Aboukir. Trinta anos depois, o editor do jornal, Emile Massar, lembrar-se-ia do jovem e ambicioso Mouttet: “Ele costumava trabalhar até duas da manhã, às vezes sem jantar, impelido por um único sonho: assinar um artigo na página; de assuntos jurídicos, um trabalho que consistia em recortar as notícias dos vespertinos e acrescentar uma assinatura. Certo dia, por acaso, o sonho transformou-se em realidade. Foi solicitado a substituir um colega ausente, agarrou a tesoura, e nunca mais a soltou. Daí em diante, Mouttet foi um homem feliz. Comprou uma cartola e começou a frequentar o café society de Paris.”

Na sociedade politicamente conscientizada dos elegantes cafés parisienses, Louis Mouttet desenvolveu o gosto pelo poder. Logo depois, resolveu abandonar o jornalismo e, mais uma vez, o Cercle Saint-Simon correu em sua ajuda, arranjando-lhe o cargo de secretário da Sociedade Histórica de Paris. Era um cargo que pagava bem e que lhe dava bastante tempo para cultivar uma ativa vida social. O jovem Mouttet dava uma impressão de elegância quando se vestia para a ópera ou circulava de um salon a outro. As mulheres julgavam-no atraente. De olhos azuis, cabelo preto encaracolado e cavanhaque bem aparado, tornou-se o queridinho dos bulevares.

Em 1886, tomando alento suas ambições, ingressou no Serviço Colonial Francês, Mas era preciso mais do que boa aparência para progredir na nova carreira. Três anos depois, a despeito de todas suas relações, Louis Mouttet nada conseguira de melhor do que o cargo de secretário pessoal do Governador da Indochina. O cargo, porém, desenvolveu-lhe o gosto pelo sistema de vida colonial. Estava resolvido a que, não importando o que acontecesse, jamais renunciaria aos numerosos criados, às demoradas sextas, aos longos e preguiçosos coquetéis à noite, que, em todo o mundo, haviam sido os símbolos do colonialismo. Mas precisava do outro ponto de apoio para tornar completa a vida: uma esposa.

Na primavera de 1890, de férias de seu último cargo como Diretor de Assuntos Internos de Guadalupe, conheceu Maria Coppet, sobrinha de um deputado pelo Havre. Casou-se com ela em setembro desse ano e no mesmo dia o Governo francês concedeu-lhe a Cruz da Legião de Honra por “serviços políticos em nome da República”. Daí em diante, ajudado pela família de Maria, progrediu rápida a

carreira de Mouttet. Após um curto período como Diretor de Assuntos Internos no Senegal, foi, em 1895, nomeado Governador interino da Costa do Ouro. Um ano depois, foi promovido a Governador de Quarta Classe; em maio de 1898, ascendeu a Governador de Terceira Classe. No ano seguinte, recebeu o cargo de Governador da Guiné Francesa e, durante certo tempo, foi conhecido no mundo como o homem que realmente conseguiu que Dreyfus voltasse para submeter-se a julgamento em Paris. Pouco depois, era promovido a Governador de Segunda Classe, e, em novembro de 1901, chegava à Martinica em companhia da esposa e três filhos para administrar a ilha em nome da França.

Apaixonara-se por Saint-Pierre. Mouttet e a cidade mereciam um ao outro. Reles, cúmplices e corruptos ambos, reconheceram a necessidade mútua, a necessidade de viver e deixar que o outro vivesse em paz.

Permitiu que se divulgasse entre os eleitores a impressão de que acreditava que eles tinham o direito de viver como quisessem, desde que nada fizessem para macular o bom nome da França. Ao apoiar o Partido Progressista, defendia uma plataforma que constituía uma licença para implantação do caos político e social em Saint-Pierre e, em menor grau, em Fort-de-France. Era uma licença que Mouttet estava disposto a endossar em troca de um governo fácil.

Mas havia o Pelée. Quando o vulcão começou a dar sinais de vida, Mouttet, com o senso animal do político nato, reconheceu-lhe a ameaça potencial. Se a atividade continuasse à aumentar e ameaçasse Saint-Pierre, haveria probabilidade de pânico. E o pânico custaria ao Partido Progressista mais alguns votos preciosos.

Já adquirira a apólice de seguro mais eficaz que conhecia contra essa possibilidade; aumentando sua influência sobre o principal jornal da ilha, *Les Colonies*. Durante anos, o jornal havia fielmente apoiado os governadores em todos os assuntos. Em troca, grande número de governadores exercera pressão sobre a comunidade empresária da Martinica para ajudar a financiar o jornal mediante anúncios. Tratava-se de um grosseiro mas eficiente caso de manipulação da imprensa. Para Hurard, o editor e dono do jornal, isso representava uma renda garantida em troca de adoção de uma linha política da qual, aliás, não divergia pessoalmente.

Logo que o vulcão começou a ribombar, Mouttet disse ao editor que seria do interesse geral que o jornal ignorasse a possibilidade de uma ameaça partida dele. Em um golpe de astúcia, Mouttet argumentara que a inquietação provocaria queda na renda dos anúncios, bem como afetaria a atitude dos eleitores. Face a tal ameaça, governador e editor haviam cerrado fileiras para apresentar, nas “páginas de *Les Colonies*”, um quadro perigosamente distorcido da situação. Repetidamente, os editoriais afirmavam que nenhum motivo havia para receios.

Naquela tarde, porém, chegou uma notícia que deu origem a preocupações, mesmo a Mouttet.

Fora trazida por Sequin, o mestre do Topaz. Dissera ele que Le Prêcheur “parece estar coberta de cinzas, que atearam fogo às casas. A lava escorre pelo cais e mergulha no mar, desprendendo nuvens de vapor.”

Sequin estivera longe demais da praia para que passageiros e tripulação pudessem ter uma visão clara do desastre, mas vira-o claramente pelo telescópio. Sem passageiros ou carga para desembarcar em Saint-Pierre prosseguira direto para Fort-de-France, onde fizera um relatório pessoal ao governador.

Mouttet aconselhara Sequin à guardar reserva sobre o que vira o prosseguir com o Topaz para Sainte-Lucia. Ao lá chegar, deveria fazer "discretas sondagens" para descobrir o que acontecera à ligação telegráfica entre as ilhas. O governador expressou a opinião de que aquilo era, com toda probabilidade, uma simples falha técnica. Passaria algum tempo ainda antes que ele soubesse da verdade.

Em fins da mesma tarde, Sequin partiu de Fort-de-France para se desincumbir da missão do governador. No Palácio do Governo, Mouttet passou em revista o que lhe dissera o marinheiro. Mais cedo, naquele dia, dera ordens ao comandante militar de Saint-Pierre para pôr de quarentena os refugiados de Le Prêcheur e, assim, evitar pânico. Chegou à conclusão de que agira bem em confinar os aldeões; se algum deles voltasse à aldeia e a encontrasse no estado descrito por Sequin, indubitavelmente o alarme se espalharia por toda parte.

Na verdade, a situação em Saint-Pierre parecia estar sob absoluto controle. No seu diário naquele dia, escreveu: “Tudo visto, apresenta ela o quadro de uma cidade que enfrenta bem uma situação penosa. Todos os sinais de pânico foram abafados.”

Ignorou o relatório procedente da cidade sobre um sapateiro que se comportava de modo estranho. O homem passara o dia em sua oficina na Place Bertin, recusando-se a abrir a porta a todas as pessoas, e berrando que “chegou o dia do Juízo Final”. Pouco depois, o homem transformara-se em alvo de troças, e Mouttet, como todos os políticos, reconhecia o valor do ridículo como arma para encobrir problemas mais importantes.

Ignorara também duas solicitações de Fernand Clerc, enviadas ao palácio do governo por mensageiro. Em ambas, pedia ele a Mouttet que visitasse Saint-Pierre e “conhecesse a situação por si mesmo”.

Mouttet, porém, recusara-se a fazer a viagem. De qualquer modo, teria que ir Saint-Pierre nas vésperas do Dia da Ascensão a fim de tomar parte no banquete oferecido pelo prefeito. Em companhia da esposa, desfilaria em cortejo pela

cidade. Isso constituiria uma demonstração eficaz sobre o que pensava de uma possível ameaça do monte Pelée.



Em Saint-Pierre naquela noite, Louis Auguste Ciparis perdeu a vontade de comer. Ocupava a cela dos condenados à morte na maciça prisão militar situada na parte norte da cidade. Seria enforcado em menos de uma semana, na quinta-feira, 8 de maio, Dia da Ascensão. Naquele dia, com o corpo macilento e alquebrado pela brutalidade dos guardas, escutava os sons da noite deitado no colchão de palha da escura cela. Era o som de trabalhadores arrastando toras de madeira pelo pátio. Madeira que seria usada na construção da forca onde morreria. Durante todos os dias e noites, desde sua condenação à morte, escutara aquele som. E todas as noites fora dormir exausto com a tensão da escuta.

Aquela noite, dia 2 de maio de 1902, não seria diferente. Dormia a sono solto quando os trabalhadores trouxeram a madeira. Levavam-na nos ombros como para não perturbar o prisioneiro e suas passadas foram abafadas pela espessa camada de cinzas. Em silêncio, depositaram-na num canto distante do pátio e voltaram pelo mesmo caminho por onde haviam chegado.

Sábado, 3 de maio de 1902

CAPÍTULO QUATRO

DERRUBADO DA CAMA

No dia 3 de maio raiou uma dessas espetaculares auroras que Deus reserva para os trópicos. Na encosta leste do monte Pelée um grupo preparava-se para abandoná-lo. Durante três dias havia, sem cessar, batido o terreno da área, subindo sempre em direção ao colar de pedra-pomes do vulcão. Eram quinze ao todo: homens: altos e ágeis, de pés descalços, vestidos com o jupee, o tradicional traje da ilha, parecido com um guarda-pó.

O comportamento do monte Pelée despertara neles uma reação incomum. Estavam positivamente jubilosos com seus grunhidos e arrotos. O ruído provocara o estouro dos porcos-do-mato que vagueavam pelas alturas do Pelée, lançando-os diretamente contra a boca de seus mosquetões.

Graças aos ventos predominantes, pouca cinza caíra no lado da montanha onde estavam. Levara também para longe a maior parte dos pigarros do Pelée. Do local onde se encontravam, a uns trezentos metros do cume, o som parecera pouco mais do que o rolar de um barril de rum no caís de Saint-Pierre. E nem mesmo haviam ouvido isso durante a noite, embora houvessem dormido alertas para o som de porcos selvagens em disparada.

Não alimentavam dúvida de que fora o ruído o responsável pela expulsão dos javalis do outro lado da montanha, situação essa que constituíra uma bênção para os caçadores. Em três dias, haviam abatido vinte e quatro porcos, o maior número que qualquer um deles recordava haver caçado em uma única expedição na ilha. Haviam esfolado e assado os javalis e embrulhado a carne em folhas e sacos de aniagem. Mais tarde, vendê-la-iam no mercado nativo de Saint-Pierre.

Embora houvesse sido rica a presa, abominavam a idéia de deixar a montanha. Sabiam por experiência que os porcos mais gordos viviam entre os arbustos do colar do vulcão.

Resolveram, em vista disso, bater um setor do colar, fazer a volta até o outro lado da montanha e, em seguida, descer a encosta a caminho de Saint-Pierre, Caçariam à medida que caminhassem .

Nenhum deles carregava um único grama de gordura no corpo. Uma vida inteira de escalada das montanhas da ilha e dieta simples havia conseguido isso. Magros,

resistentes e duradouros, uma vez alimentados podiam marchar ou caçar durante horas. Haviam feito um desjejum de milho, pão de mandioca e café feito num bule de ferro. Aumentando a claridade, partiram levando as armas de fogo e os machetes. Atrás vinham os bagageiros, rapazes que transportavam peças de porco assado, utensílios de cozinha e armas sobressalentes.

Subiram pela lava solidificada, em uma grande diagonal, da direita para a esquerda. O terreno era esburacado por grandes chaminés escancaradas, abertas por erupções anteriores, buracos através dos quais um homem podia cair e morrer. Mas era por ali que vagueavam os mais gordos e ferozes dos porcos selvagens.

A hora em que o sol já se encontrava alto no céu, o grupo, fez a volta em torno da borda do colar. Abaixo deles estendia-se o lado oeste da ilha e Saint-Pierre, que do mar recuada para á terra, e desaparecia a um curta distância para o interior.

Durante longo tempo, o grupo olhou para a cena em atordoado silêncio.

Toda a área parecia estar sob os efeitos de um inclemente inverno: da altura de trezentos metros onde se encontravam, e tanto quanto os olhos podiam alcançar, era total a brancura. Por trás de Le Prêcheur, de um lado, a brancura estendia-se até o pico Gele, a doze quilômetros de distância, e daí descrevia um grande arco e cobria o mar. Saint-Pierre, situada aproximadamente no centro da zona, pareceu aos caçadores ter sofrido os efeitos de uma forte nevasca.

Imediatamente abaixo deles, a algumas centenas de metros de distância, situava-se a nascente do rio Roxelane, que descia pela encosta do Pelée, correndo por vales que se abriam abruptamente de suas vertentes,; e penetrava em Saint-Pierre. Normalmente, o Roxelane começava seu curso como um mero fio d'água a escorrer da encosta, ganhando forças enquanto caía até correr veloz, na estação invernal, pela cidade e desaguar no mar. O fio d'água, porém, transformara-se em uma rápida torrente, manando de grande número de rachaduras e unindo-se para fluir impetuoso, engrossando umas duas vezes seu volume normal. Abaixo deles, nos vales, notaram que o rio havia alagado as margens em vários lugares e que, ao fazê-lo, dissipara muito sua força e que por isso não havia perigo ainda de que inundasse Saint-Pierre.

Por quanto tempo a situação permaneceria assim foi assunto de debate entre os caçadores. Outras correntes estavam também em regime de cheia. O Banche, que corria para o mar costeando a usina Guérin, descia rugindo a encosta; o La Mare, geralmente preguiçoso, salvo no auge do inverno, despencava-se, ruidoso, pela vertente do Pelée e desembocava no mar ao norte de Saint-Pierre.

Abaixo dele, de La Calebasse — uma corcova de lava solidificada que nascia num dos lados do pescoço do Pelée — descia uma corrente de lama grossa e parda que

rolava pela encosta do vulcão e unia-se a um tributário do rio Capot, a mil metros abaixo. A corrente deslocara o tributário em sua descida e cercara e isolara inteiramente a propriedade Lavenière por três lados.

À parte o jorro da água que saía das fraturas na gola da montanha, era geral o silêncio.

Dessa altura de quase mil metros acima do nível do mar, os navios de brinquedo ancorados na enseada ao largo de Saint-Pierre pareciam pousados sobre um branco lençol.

Nesse momento, na extremidade norte da cidade, viram os caçadores uma esfarrapa coluna de minúsculos pontos pretos marchando pela estrada de Le Prêcheur. Com exceção deles, nada mais se movia. Da chaminé da usina Guérin no vale embaixo subia uma coluna de fumaça no ar parado.

Os caçadores permaneceram ali, observando a cena, fazendo conjecturas sobre o que viam, incapazes de acreditar que a cratera, em pensativo silêncio acima e abaixo deles, pudesse ter sido responsável por mudança tão espetacular na paisagem.

Continuavam ainda ali quando ouviram um profundo arquejo. Vinha de certa distância, mas aproximava-se sem parar, rolando pelas moitas. Rapidamente, o grupo dispersou-se, abrigando-se atrás de rochas, esperando que o porco-do-mato se aproximasse mais. Logo depois viram-no com clareza, trotando e desalojando pequenas pedras no caminho. ‘

Prepararam-se para enfrentar a carga, logo que o animal os farejasse. O javali já começara a atravessar o terreno com grande rapidez. Era uma besta enorme, feroz, com os colmilhos encurvados à frente, procurando um alvo. Atacou os homens, que se dispersaram, tomando cuidado para não entrar na linha de fogo dos companheiros. Ao chegar às rochas onde eles se haviam abrigado, o javali girou e descreveu um círculo, com o focinho rente ao chão, procurando uma vítima. Um dos caçadores atirou. A bala raspou o couro do animal, que se voltou e recuou rápido pelo caminho por onde viera, desaparecida já sua decisão de fazer finca-pé e lutar. Atrás dele, os caçadores começaram a saltar sobre as rochas, perseguindo-o e atirando enquanto corriam.

O animal encontrava-se a meio caminho do colar de lava do vulcão, quando, aparentemente, o terreno dissolveu-se sob seus pés. Onde um momento antes houvera rocha firme, via-se naquele instante uma massa líquida e borbulhante de cor parda; mesmo a uma distância de algumas centenas de metros, sentiram os caçadores o calor por ela desprendido. Observaram o javali, guinchando de terror,

ser sugado pelo atoleiro. Em seguida, o líquido foi vomitado, levando ao alto o javali morto e começando a escorrer pela encosta como mel grosso e quente.

Os caçadores deram a volta e fugiram por onde haviam chegado. Atrás deles, o buraco no chão alargou-se até alcançar uns 10 metros de diâmetro, Ao chegar a esse tamanho, a lava deixou de correr do abscesso recém-aberto quase com a mesma rapidez com que começara.



O sol erguia-se por trás do Pelée, tingindo-lhe o cume de uma tonalidade marrom-avermelhada quando os refugiados de Le Prêcheur deixaram os arredores de Saint-Pierre. Andavam em passos rápidos, como se quisessem afastar-se logo dali. Os adultos levavam nos braços as crianças pequenas enquanto as mais velhas corriam para acompanhar-lhes os passos.

Poucos haviam dormido naquela noite, arrebanhados como haviam sido no espaço apertado da prefeitura. A noite fora quente e silenciosa e, para eles, longa demais. Durante a noite, haviam conversado, esses simples pescadores e plantadores de hortaliças, sobre a situação em que se encontravam. Nas primeiras horas da manhã chegaram a uma decisão: resolveram que não podiam acatar a ordem do comandante da guarnição local, de permanecerem em confinamento. Eram homens do campo, acostumados à liberdade. Negá-la a eles, como acontecera no fim da tarde do dia anterior, quando os soldados os haviam tängido para fora da Place Bertin, era algo que não tolerariam.

Voltariam a Le Prêcheur. O pároco foi até o portão do cercado e acordou o soldado de sentinela. Disse-lhe que seus paroquianos haviam resolvido voltar para casa.

O soldado respondeu que eles precisariam de permissão do comandante do destacamento. O padre, um homem decidido, ordenara à sentinela que, em nome de Deus, fosse imediatamente procurar o comandante e informá-lo do desejo dos aldeões. O soldado fora, depois de ouvir a voz autoritária da Igreja, até a sede do comando, no outro lado da cidade. O oficial de dia enviara-o de volta, com ordens de não permitir a saída de pessoa alguma até que o comandante acordasse, duas horas depois. Ao voltar ao cercado, o soldado encontrou-o vazio. Enquanto regressava, abatido, para o comando, a fim de comunicar a fuga, o padre comandava o rebanho na volta a Le Prêcheur.

À frente dos seus paroquianos, era uma figura solitária, vestida com uma batina suja de cinzas. Mas estava nervoso com a decisão que aprovara.

Sabia que os aldeões deviam ter sido reunidos ali por ordens do Governador Mouttet. Sabia, também, que Louis Mouttet não os teria conservado sob custódia sem uma boa razão; e a única razão em que o padre podia pensar era que o

governador chegara à conclusão de que o fato afetaria as possibilidades de o Partido Progressista reeleger seus candidatos.

O pânico, raciocinou, afetaria tal possibilidade. Ainda assim, coisa alguma vira em Saint-Pierre, antes que os soldados chegassem para levá-los para o cercado, que sugerisse motivo para pânico. Na verdade, quando alguns dos aldeões tentaram descrever o que acontecera na aldeia, os moradores que se haviam dado ao trabalho de parar e escutar fitaram-nos como se eles fossem estúpidos matutos, em pânico sem motivo algum.

Em vista disso, concluiu o padre, se a causa do pânico não se encontrava na cidade, deveria estar em algum outro local no interior. E esse local, sentia sem saber por que, poderia ser a região de Le Prêcheur.

Naquela manhã, já alto o sol e silencioso o campo em volta, pensou seriamente se não seria melhor levar o rebanho de volta a Saint-Pierre. Para ele, a terra assumira, de súbito, um aspecto sinistro. De cada lado da estrada via montes de terra recém-cavada. Eram sepulturas de animais que haviam sido asfixiados pela queda de cinzas na cidade. Olhou para o terreno à frente, que se erguia na direção do Pelée, maciço à clara luz do dia, e perguntou-se mais uma vez se tomara a decisão acertada.

Nesse momento aconteceu algo que resolveu o assunto por ele. De algum local às suas costas veio o som de cantos. No início, baixo e, em seguida, aumentando quando os fugitivos fizeram uma curva na estrada e Saint-Pierre desapareceu da vista. As altaneiras notas encheram o ar.

Eram as palavras do Pai-Nosso.

O padre, com os olhos avermelhados pelo impacto emocional do momento, voltou-se e olhou para o rebanho. Achou que soube naquele momento o que Moisés havia experimentado quando levou seu povo para fora do Egito.



James Japp, cônsul-geral do Governo britânico na Martinica, Guadalupe é Dependências, acordou naquela manhã ouvindo um estranho ruído de água, que parecia correr impetuosa sob a janela de seu quarto. Lançou um olhar para o relógio sobre a mesinha de cabeceira. À luz mortíça, observou que os ponteiros marcavam seis horas. Não se lembrava de ter acordado tão cedo antes. Durante um momento, escutou, olhando fixamente para o teto. Coisa alguma perturbava o silêncio da casa, com exceção da água a escorrer sem cessar. Levantou-se da cama e foi até à janela bem fechada. Abriu-a e deparou com um espetáculo espantoso.

A Residência britânica situava-se nos subúrbios de Saint-Pierre, no alto de uma elevação, em torno da qual corria o Roxelane. A impressão geral de um castelo

com o seu fosso era acentuada por duas pontes de pedestre que a ligavam à margem mais distante do rio e pelos sólidos muros de pedra que lhe davam uma aparência curiosamente medieval, a despeito da vegetação tropical que se agarrava às pedras. Essa impressão de fortaleza imperial era daquelas que James Japp sentia grande satisfação em cultivar. Para ele, a Residência era um bastião de tudo o que havia de grande na Grã-Bretanha.

Mas naquele momento, inteiramente desperto à luz cegante do começo da manhã, sentiu-se, de súbito, extremamente vulnerável. Nos quinze anos, duas semanas e três dias em que ali residia, nunca se sentira tão ameaçado como naquele momento.

O rio Roxelane havia transbordado e suas águas em cheia lambiam os próprios muros externos da Residência. O rio, que fora antes lento e preguiçoso em sua passagem por ali a caminho do mar, naquele momento era uma maré veloz de água enlameada, carregando animais domésticos mortos, vegetação e árvores.

A cheia isolara inteiramente a Residência, salvo por uma ligação que James Japp jamais aprovara. Considerava o telefone como uma monstruosa intrusão em todos os níveis da vida, como a conhecia.

Japp, um homem refinado e bondoso, fora fundido no molde da velha diplomacia vitoriana, que ajudara a Grã-Bretanha a conservar seu domínio no mundo. Era um molde onde tinham suprema importância as boas maneiras e a educação, e onde não havia lugar para pânico, indecisão ou pressa.

Calma e sensatez lhe haviam servido bem durante toda a vida. Chegara à ilha no dia 11 de maio de 1887 para ocupar o posto de vice-cônsul. Jamais fora homem ambicioso e, amiúde, dizia que “servir à Sua Majestade” era suficiente, não importando qual fosse o, serviço. Sabia o que era ter dinheiro durante toda a vida. À fortuna havia-o protegido contra as restrições da vida vitoriana e fora um argumento de peso quando de seu ingresso no serviço consular. Durante todos aqueles anos, em que servira ao Governo de Sua! Majestade em um cargo ou outro, descobrira que o dinheiro era um amortecedor útil, que lhe permitia adotar um alto padrão de vida onde quer que se encontrasse.

Na Martinica, conquistara o papel de doyen do corpo diplomático, posição essa que conservava desde o dia 6 de setembro de 1897, quando, fora promovido a cônsul-geral com a idade de quarenta e um anos.

Naquele momento, no seu quadragésimo sexto ano, sentiu James Japp, e não conseguiu encontrar uma explicação para o fato, que aquelas águas revoltas eram precursoras de uma destruição mais terrível do que conseguia imaginar.

Deixou a janela, atravessou o quarto e desceu a escada até o local onde se encontrava o telefone. Durante um momento fitou-o, homem do século XIX,

relutante em envolver-se com o progresso.. Levantou-o do gancho e esperou a ligação com o cônsul americano, Thomas Prentiss, que residia no L'Centre, o tradicional quarteirão diplomático de Saint-Pierre. Passaram-se alguns momentos antes que se desse conta de que a linha estava morta.

A partir desse momento, o representante do Governo britânico na Martinica ficou inteiramente isolado do mundo exterior. Havia um único curso sensato de ação imediata aberto a um homem como James Japp.

Apanhou a pequena sineta que se encontrava ao lado do telefone e sacudiu-a vivamente. Vindo dos fundos da casa, apareceu um criado vestido de branco, surpreso por encontrar o patrão de camisolão ali, ao lado do telefone.

— Quero o desjejum bem cedo hoje, Boverat. Dois ovos, três fatias de bacon e torradas. E chá.



Tomado de incredulidade crescente, Thomas Prentiss leu para a esposa, Clara, a primeira página do número do dia de Les Colonies. Dizia a manchete: “A Caminho do Monte Pelée.” Mas fora a, coluna sob a manchete que levava Prentiss a reagir daquela maneira. Dizia que a excursão ao vulcão, mencionada na véspera pelo jornal, teria lugar no dia seguinte, domingo, 4 de maio,

Leu Prentiss: “Os que jamais desfrutaram o panorama oferecido à vista do atônito espectador de uma altura de mais de mil e quatrocentos metros, os que desejam ver de perto a cratera ainda escancarada, devem aproveitar esta excelente oportunidade e inscrever-se esta noite, no máximo até...”

Seguiam-se instruções detalhadas sobre o horário e a rota da la grande excursion. Começaria exatamente às três e trinta da manhã seguinte, com partida de Marche du Fort, um dos quarteirões residenciais da cidade. Após descrever o caminho, a nota concluía com as seguintes palavras:

“Os que não quiserem preocupar-se com a questão de alimentos, pagarão uma taxa de três francos. Não se arrependerão de ter evitado o trabalho de preparar comida. A julgar pela lista dos que farão a excursão, a companhia será bastante numerosa e, por conseguinte, se o tempo conservar-se bom, os excursionistas terão um dia de que se lembrarão com prazer durante muito tempo.”

Thomas Prentiss, um homem que não se abalava facilmente, pôs de lado o jornal e olhou para a esposa.

— Eu acho — disse, escolhendo com cuidado as palavras — eu acho que o mundo inteiro está ficando louco.



No seu escritório em Saint-Pierre, situado na Rue Victor Hugo, Fernand Clerc chegara à mesma conclusão. De grande número de suas propriedades, espalhadas pelo sopé do Pelée, recebera notícias de inundações, culturas arrasadas pela queda de cinzas e morte de animais asfixiados pelos vapores sulfurosos. Ainda assim, ali em Saint-Pierre, ninguém parecia preocupar-se.

Clerc, porém, estava resolvido a que atentassem para a situação. Dentro de uma hora presidiria a uma reunião em seu gabinete. Solicitara o comparecimento de grande numero de importantes homens de negócio, bem como do Padre Alte Roche.

Naquele momento, lendo a última edição do Les Colonies, não pôde deixar de pensar na nauseante desonestidade da política.



Louis Mouttet teve que admirar a habilidade de Hurard em seus editoriais. Desfechara ele um violento ataque contra as famílias americanas que se haviam “escafedido” à vista de um pouco de cinzas e contava uma mordaz história sobre um diplomata estrangeiro que espalhava boatos alarmantes no exterior, história essa que continha a substância do cabograma que Prentiss tentara enviar. O que deu a Mouttet um prazer especial, porém, foi o artigo de fundo.

Em quatrocentas palavras de invectivas cuidadosamente escolhidas, o Partido Radical era .politicamente assassinado, acusado de semear o pânico quando nenhum motivo havia para tal.

E por que o fizera?, perguntava o editorial. Ora, por nenhuma outra razão senão por esperar que o pânico lhe conquistasse cargos onde poderia praticar suas “políticas raciais”.

Essas duas palavras puseram em claro a questão política que vinha queimando em fogo lento durante toda a campanha eleitoral.

O editorial lembrava aos leitores que o ocupante da cela dos condenados à morte na prisão militar de Saint-Pierre, Ciparis, era negro. Lembrava também que ele assassinara um francês. “Será essa a política da cidade, se os radicais subirem ao poder?”, perguntava o editorial. “Ouvimos não poucas acusações de racismo de parte de nossos adversários. Mas não são eles também culpados de racismo ao fazerem agitação pedindo a liberdade de um negro acusado de crime tão nefando?”

O estopim fora aceso. A partir daquele momento poderia ser conservado queimando até o dia da eleição, encurtando-o Les Colonies cada vez mais. Hurard poderia voltar, e de fato voltaria, ao mesmo tema numerosas vezes nos dias que se seguiriam.

O Governador Mouttet admirou em especial a maneira como o editorial concluía com retumbantes palavras: “Assim, quando ouvirem incitações ao pânico e conversas sobre o perigo iminente para Saint-Pierre devido à descarga de cinzas do monte Pelée, analisem com cuidado essas palavras. Foram espalhadas por radicais ansiosos para que vocês, leitores, esqueçam seus deveres — e para que não possam derrotá-los nas urnas!”

O jornal disparara uma salva que, nos próximos dias, produziria um efeito decisivo sobre os fatos que ocorreriam em Saint-Pierre. O efeito final teria consequências muito mais graves que sua influência sobre os resultados políticos das eleições na Martinica.



Acordada durante muitas horas, Suzette Lavenière tomara uma decisão: precisava, de qualquer maneira, fugir do quarto onde se encontrava recolhida e voltar à propriedade. Durante todas essas horas fizera um grande esforço para recordar-se dos fatos que a haviam levado a uma cama no hospital militar de Saint-Pierre. As recordações eram indistintas e inçadas de falhas. Tudo de que se podia lembrar era da chegada de um médico e de uma enfermeira à vila na tarde do dia anterior. O médico examinara-a rapidamente e murmurara algumas palavras para a enfermeira. Pouco depois, fora levada da cama para uma improvisada padiola, amarrada a ela e transportada pela encosta do vale por dois empregados da propriedade.

Lembrava-se de ter olhado para trás uma vez. O monte Pelée, que lhe tragara o pai com uma golfada de lama, ocupara toda a sua visão. Gritara, e o médico lhe dera um remédio amargo, tirado de um frasco. Dormira em seguida.

Acordara na escuridão, deitada numa cama de ferro. Ao amanhecer daquele sábado, notou que se encontrava em um pequeno quarto de paredes caiadas de branco e que tinha como única mobília uma cadeira. Duas coisas deixaram-na confusa: havia barras na única pequena janela e estava presa à cama por correias.

Pouco depois, compreendeu que se encontrava recolhida à ala dos alienados do hospital.

Naquela manhã, as crianças de Saint-Pierre inventaram uma nova brincadeira. Pouco depois do café da manhã, haviam-se reunido do lado de fora da porta fechada da oficina do sapateiro Léon Compère-Léandre.

Começaram a brincadeira com zombarias lançadas contra Léon, que se encontrava no segundo dia de auto-imolação. Ampliando o alcance e limites da brincadeira, passaram a atirar pedras na porta do sapateiro. Pouco depois, uma cerrada fuzilaria caía sobre a porta, acompanhada de excitados gritos infantis.

Logo depois, a porta foi aberta e Léon, o amigo dos animais, apareceu, enfurecido, pestanejando à quente luz do sol. Uma pedra atingiu-lhe o rosto. Com um bramido de raiva, lançou-se para a frente, procurando agarrar pelo menos um de seus atormentadores.

Os meninos espalharam-se pela praça, e o medo misturou-se com seus gritos excitados.

Léon identificou aquele que julgava ser o chefe da turma e passou a persegui-lo. Correram ambos pela Place Bertin e o claro sapateiro ganhava terreno incessantemente. A perseguição continuou por uma rua que saía da praça em direção ao cais. À frente, ouviu o ruído da água que subia. Era o Roxelane. Nesse ponto, o rio corria entre íngremes margens de pedra. A cheia já lambia a borda superior da margem e, em certos lugares, havia transbordado, transformando as cinzas em pegajosa lama acinzentada. Virando-se para seguir pela margem do rio, o menino escorregou na lama e deslizou para a água. Foi colhido em meio dos animais mortos e destroços vegetais e levado rapidamente rio abaixo em direção ao mar.

O Roxelane, ativado pelas pressões que se acumulavam nas entranhas do Pelée, reclamara sua primeira vítima humana. Ao meio-dia daquele ensolarado e quente sábado, porém, os cidadãos de Saint-Pierre viam, atordoados, vários outros cadáveres trazidos do interior pelas águas, a caminho do mar. Somente nessa ocasião começaram alguns a se sentirem inquietos com a origem de tudo aquilo: a majestosa e, no momento, silenciosa montanha que se erguia acima da cidade.



Em seu gabinete no palácio do governo em Fort-de-France, Louis Mouttet esperava com ansiedade os feriados do fim-de-semana. Durante a manhã, um único relatório chegara de Saint-Pierre, curto e sucinto, enviado pelo comandante do destacamento. Dizia: “A cratera está inteiramente inativa.”

Mais tarde, recebeu outra lacônica comunicação do comandante, declarando: “O rio Roxelane está em cheia, mas sem perigo imediato para Saint-Pierre.” O despacho nenhuma menção fazia dos cadáveres, animais mortos e vegetação arrancada pelas raízes que o rio levava de roldão para o mar.

Chegara também outra mensagem telegráfica naquela manhã com a notícia da fuga dos aldeões de Le Prêcheur.

Telegrafara em resposta: “Deixem-nos ir embora.” A partida dos aldeões resolvia para ele uma situação difícil. Não poderia tê-los detido por muito mais tempo sem provocar comentários em Saint-Pierre. Fora da cidade, os aldeões somente poderiam disseminar o pânico entre um número relativamente pequeno de pessoas.

Naquele momento, quando os ponteiros do relógio do forte que dava nome à cidade aproximavam-se do meio-dia, Mouttet reuniu sobre a mesa uma massa de papéis. Arrumou-os numa pilha, colocou-os numa pasta e sobre ela colocou um pesado peso de vidro.

De súbito, “tudo o que havia sobre a mesa começou a dançar ante meus olhos”. Durante um curto momento, pareceu-lhe que toda a sala tremia. Em seguida, parou o tremor e tudo voltou ao normal — exceto o. peso de papel, rachado pelo tremor. Lascas de vidro haviam caído sobre a pasta. A pasta continha os documentos do caso de Louis Auguste Ciparis, o homem que Mouttet, na sua qualidade de governador, poderia salvar da força.



O Padre Alte Roche dirigia-se nesse momento para a reunião convocada por Fernand Clerc, embora não estivesse otimista quanto a seu resultado. Achava que, no máximo, o plantador somente poderia convencer umas poucas pessoas do perigo representado pelo Pelée, após o editorial daquela manhã do Les Colonies.

O jesuíta não podia deixar de admirar a atitude que Clerc pensava em tomar. Como candidato oficial do Partido Progressista no norte da ilha, ele estava disposto a contestar a linha partidária e falar sobre a ameaça potencial representada pelo Pelée. Se o fizesse, meditou o padre, Clerc estaria virtualmente cortando as tensas relações que mantinha com Les Colonies. Um ataque ao jornal seria interpretado como um ataque ao próprio partido e poderia mesmo ser julgado uma manifestação franca de desentendimento com o governador. Clerc era um homem poderoso, mas o seria o suficiente para sobreviver a um choque frontal com as forças que seriam obviamente mobilizadas contra ele? A derrota lhe custaria muito. Mas, ainda assim, o que mais poderia ele esperar? O padre não encontrou fácil resposta para essa questão.

O caminho do padre levava-o pela zona velha da cidade, através do Bazar du Mobilier e Bazar Sans Rival, passando pela Place Crocquet e entrando na Rue Victor Hugo. Encontrava-se a meio caminho quando os tremores sacudiram a cidade. Chegaram em duas ondas, curtas e violentas. Logo que passaram, o padre revisou sua opinião sobre o perigo representado pelo Pelée. Conhecia o suficiente sobre o comportamento de vulcões para compreender que tremores de terra com frequência precediam grandes erupções. Ele, pelo menos, apoiaria qualquer plano que Clerc propusesse, contanto que fosse razoável e não encerrasse implicações de pânico, tal como a evacuação total da cidade. Isso, raciocinou o Padre Roche, apressando passo, não teria sentido. Seria muito melhor, pensava, trazer para Saint-Pierre a população das aldeias vizinhas. Na cidade estaria em maior segurança do que nas suas casas ao sopé do Pelée.



Léon Compère-Léandre continuava em estado de choque com a tragédia da criança afogada quando começaram os tremores. Encontrava-se nesse momento à beira do cais, olhando para o mar, coberto por uma crosta de cinza branca, na qual flutuavam restos humanos e de animais, despejados pelo Roxelane.

A primeira onda de choque fê-lo cair de joelhos. A alguns metros de distância, a segunda onda derrubou uma pilha de sacos de açúcar e barris e lançou-os ao mar.

Em outras partes da cidade, as ondas de choque provocaram reações mais calmas. Na Place Bertin, agitaram as cinzas na praça; na Catedral de Saint-Pierre, derrubaram do altar um pesado candelabro de ouro; no bairro mestiço, provocaram rachaduras em várias paredes; e na oficina do Les Colonies, fizeram chocalhar os tipos em suas pegas.



Amarrada à cama, Suzette Lavenière gritou apavorada quando o quarto foi sacudido de um lado para outro. Ninguém lhe ouviu os gritos. O pessoal médico e de enfermagem estava ocupado demais, cuidando dos doentes, para prestar atenção a uma paciente que julgavam apenas mentalmente desequilibrada.



Não muito longe, mas ainda assim a um mundo de distância, Julie Concoute estava também na cama — no quarto dos fundos de um prostíbulo à beira do cais. A onda de choque derrubou-a e ao marinheiro que lhe fazia companhia, lançando-os ao chão. Levantando-se, a prostituta olhou para o cliente estatelado no assoalho e soltou uma estrondosa gargalhada.

CAPÍTULO CINCO

LAVA NA GARGANTA

Ao meio-dia, mesmo o mais otimista dos aldeões chegara à conclusão de que lhe seria impossível voltar a Le Prêcheur naquele dia. O otimismo começara a morrer logo que alcançaram as margens do rio Blanche. A corrente que haviam atravessado a vau sem dificuldade no dia anterior era naquele momento uma cascata de lama, pedras, calhaus e detritos descendo velozes para o mar. Suas margens não podiam mais ser vistas nas proximidades da costa; na foz, a água se espalhava por mais de quatrocentos metros.

Liderados pelo padre, mas sem cantar mais, os aldeões haviam iniciado a jornada para o interior. Notaram que, embora o rio se estreitasse muito à medida que se afastava da costa, as águas em cheia corriam mais rápidas até que, uns mil e seiscentos metros mais para dentro, desciam fervendo das encostas do Pelée.

Nessa ocasião, desapareceu todo o otimismo. A corrente isolava-os de seus lares. Durante uma hora sentaram-se próximos ao rio, discutindo sobre o que fazer. Concordaram que voltar a Saint-Pierre implicaria um confinamento que não tolerariam, mas não podiam permanecer durante todo o dia à margem do Blanche. Finalmente, resolveram continuar a marcha para o interior e cruzar o terreno até Morne Rouge, onde procurariam abrigo no convento da Ordem de Notre Dame.

Reuniram-se e reiniciaram a marcha. Longe do mar, o ar estava parado e quente. Por toda parte viam vegetação morta e animais asfixiados pelas cinzas.

Haviam percorrido uns mil e seiscentos metros quando ouviram um abafado rugido emitido pela encosta da montanha. Viraram-se e viram uma avalanche de lama descendo veloz para o curso d'água. À medida que descia, ela dobrava-se sobre si mesma e erguia-se, formando uma parede marrom fervente onde se incrustavam rochas e árvores. Impelida pelas forças que se agitavam nas entranhas do Pelée, a parede móvel avançava para o mar.

Os aldeões continuaram ali, mudamente descrentes do que viam, quando os tremores que haviam abalado Saint-Pierre, a cinco quilômetros, sacudiram o terreno sob seus pés, semearam o pânico e lançaram homens, mulheres e crianças em desabalada fuga.

O padre gritou, procurando reuni-los. Mas, temporariamente enlouquecidos pelo medo, emocional e fisicamente exaustos pelas últimas vinte e quatro horas, não o ouviram. Muitos deles correram até perderem as forças. Tombaram no chão e choraram.

Mas não havia ninguém para lhes ouvir os gritos. Muitas horas antes, os moradores da zona ao norte de Saint-Pierre haviam também evacuado suas casas, deixando atrás os animais domésticos para morrer de sede ou asfixiados pelas cinzas, e tomaram o caminho da cidade. Acreditavam que lá estariam em segurança. Enlouquecidos pelo pânico, os aldeões começaram também a voltar em lentos passos para Saint-Pierre.

Ao meio-dia, a população da cidade engrossara com centenas de refugiados. Os recém-chegados vagueavam pela cidade, bloqueando o tráfego, perturbando a vida comercial, mas criando uma satisfação para os proprietários de cafés e restaurantes. Numerosos moradores do interior contavam histórias de culturas calcinadas e casas cheias de pó. Em Saint-Pierre, porém, as histórias adquiriam uma significação diferente da que tinham no interior. Ali, eram consideradas como prova de que o local mais seguro era a cidade.

Durante toda a manhã, Auguste Ciparis permaneceu nas pontas dos pés, procurando ver alguma coisa pela janela da cela, de 15 centímetros de altura por 30 de largura. Quatro grossas barras de ferro fechavam a abertura, reduzindo a entrada da luz, mas dando a Ciparis um ponto de apoio para segurar-se enquanto olhava para fora.

Todos os dias ao amanhecer, a sua visão do mundo começava com as botas dos presos bem comportados, sentenciados a longas penas, arrastando-se para o bloco das celas situado no lado mais distante da prisão. Em seguida, ouvia o som de portas que se abriam quando os presos de confiança reuniam os companheiros para a chamada.

A prisão de Saint-Pierre, como tantos bagnes coloniais franceses, era dirigida pelos presos. Conservava-se ao mínimo o pessoal administrativo. A disciplina rotineira dos blocos de celas, a administração das cozinhas e do hospital, a organização das equipes de trabalho — tudo isso era responsabilidade dos presos de confiança. À noite, ao serem fechados os portões, com exceção dos guardas na guarita, o bagne era em tudo uma sociedade de prisioneiros. O sistema funcionava bem no que interessava à administração penal, que, aliás, não se preocupava se havia abusos.

E eram muitos na prisão de Saint-Pierre. Os presos de confiança utilizavam a situação de que desfrutavam para promover seus próprios fins. Dentro da prisão governavam uma selva, uma terra de ninguém onde eram comuns o suborno e a

corrupção e onde os que resistiam a tal hegemonia sofriam violências, quando não eram assassinados.

Os presos de confiança eram colons ou mulatos. Unia-os uma coisa em comum, o ódio profundo aos negros, que constituíam o grosso da população da prisão, um ódio que era, aliás, estimulado pela administração. De muitas maneiras, isso tornava mais fácil o controle. Os presos de confiança liquidavam sem demora os criadores de casos.

Auguste Ciparis fora classificado nessa categoria logo que alojado na cela dos condenados à morte. Era negro. Assassinara um branco com um cutelo. Seu julgamento e condenação haviam causado tensão do lado de fora dos muros da prisão. Circulavam boatos de que o governador o perdoaria para aliviar essas tensões. Auguste Ciparis, de dezenove anos de idade, um preto retinto de corpo entroncado, era definitivamente um criador de caso segundo todos os critérios usados pelos presos de confiança.

Na sua primeira noite na cela dos condenados, um grupo de presos abrira a porta e o surrara com varas. Nos dias que se seguiram, mais espancamentos. Às vezes, uma surra dada por um guarda, mas, geralmente, era uma surra coletiva aplicada por outros presos.

Nos últimos dois dias, porém, haviam cessado os espancamentos. Fora deixado em paz. Mas em vez de sentir alívio, invadira-o uma sensação de desespero. Isto porque, pouco antes da cessação dos espancamentos, o diretor da prisão o visitara e dissera que lhe parecia “improvável” a comutação da pena. Nos últimos dois dias, Auguste Ciparis escutara desolado o som da madeira que era usada na construção da forca.

Naquela manhã, vira-a empilhada no canto mais distante do pátio quando os primeiros raios do amanhecer começaram a iluminar o céu noturno.

Pouco depois dessa descoberta, observara os presos de confiança andando pelo pátio e levantando remoinhos de cinzas. Em seguida, do nível mais alto onde se encontrava, ouvira o som de portas de celas que se abriam e de pés descendo degraus de ferro. Logo depois, o pátio encheu-se de pelotões de prisioneiros, em grupos de seis de frente por nove de fundo. Ciparis lhes observara os pés movendo-se e, em seguida, o início da chamada. Ao amanhecer, terminada a chamada matutina, os 269 presos haviam-se dispersado a caminho de suas várias tarefas na prisão.

Desceu silêncio sobre o pátio. Pouco depois doíam-lhe os olhos, com o brilho do sol refletido pelas cinzas, mas Ciparis continuou a olhar para a pilha de madeira. Nos últimos dois dias recusara alimentação. O medo de morrer tirara-lhe o apetite.

Em meados da manhã, o medo chegou a novas alturas. Um grupo de presos aproximou-se da pilha de madeira e começou a erigir a forca. Trabalhavam sem uma pausa, aparentemente indiferentes à finalidade daquilo que faziam. Ao meio-dia, completaram a plataforma e ergueram os dois postes geminados.

Soou nesse momento um apito e de todas as dependências da prisão surgiram presos a caminho do refeitório.

O grupo que construía a forca mal havia deixado o pátio quando começaram os tremores de terra. Num momento, a plataforma estava intata; no outro era apenas um amontoado de madeira.

Auguste Ciparis julgou aquilo um milagre. No vigésimo oitavo dia de seu confinamento, recebera um sinal de que nem toda a esperança estava perdida.



Em meados da tarde, Fernand Clerc tornou-se consciente de um senso de irrealidade à sua volta. Três longas horas haviam passado desde o início da reunião. Exatamente às dozes e trinta, apenas vinte e oito minutos após os tremores que haviam varrido a ilha, oito dos mais influentes residentes da Martinica haviam-se reunido em seu grande escritório no segundo andar da Rue Victor Hugo, 167. À medida que chegavam, aumentavam suas esperanças. Para ele, a presença ali daqueles homens era prova de que fora rejeitada a atitude manifestada por Les Colonies em relação ao perigo do Pelée.

— Durante toda a manhã, cavalheiros, venho recebendo relatórios dos povoados em volta do Pelée e da própria cidade. Pouco-contêm eles de consolador e, na verdade, indicam uma grave situação em andamento...

Os presentes ouviram atentos enquanto Clerc descrevia a situação. Saint-Cyr, proprietário do Banco da Martinica, ocupava a cabeceira mais distante da mesa. Homem corado, corpulento, com o rosto emoldurado por uma barba, trazia uma corrente de ouro em volta do estômago proeminente. Sua presença emprestava uma atmosfera de autoridade à reunião. Controlava os cordões de uma das bolsas financeiras da ilha; o outro cordão era representado por Emile Le Cure, gerente-geral do Banco Colonial Inglês, que ocupava o acento a seu lado. À sua frente, sentava-se Roger Fouché, prefeito de Saint-Pierre e amigo íntimo de Mouttet. A seu lado refestelava-se o taciturno Alfred Descailles, que exercia virtual monopólio de abastecimento dos navios que faziam escala em Saint-Pierre. O grupo era completado pelos irmãos Theroset, Pierre e Joseph, os fabricantes de barris da ilha, Georges Madeneux, principal tabelião da cidade, e o Padre Alte Roche.

Em rápidas palavras, Clerc passou em revista a situação geral: vinte cadáveres tinham sido vistos boiando no Roxelane e um número quatro vezes maior de

animais mortos, todos os quais haviam passado pela cidade a caminho do mar; os tremores de terra haviam interrompido os serviços telefônicos na cidade; a ilha estava aparentemente isolada do mundo exterior pelo telégrafo, devido a “causas desconhecidas”; as ruas de Saint-Pierre estavam atravancadas de animais e aves, mortos ou morrendo por envenenamento de enxofre e nenhum trabalho de remoção das carcaças pelos soldados podia aliviar o receio de numerosas pessoas de que as cinzas poderiam, finalmente, vir a prejudicá-las.

Nesse momento, foi interrompido pelo Prefeito Fouché. Clerc sentiu a primeira pontada de nervosismo. Disse o prefeito que, muito longe de os vapores causarem danos, fora informado de que “há evidência médica de que o enxofre pode ser benéfico para doenças do peito e da garganta”. O espantoso diagnóstico foi prontamente confirmado por Joseph Theroset. Desde que começara a queda de cinzas “descobri eu mesmo que posso respirar melhor do que antes, pondo um lenço no nariz e boca para filtrar os vapores”. Os vapores, disse, reduzem a umidade do ar e não poderiam constituir perigo algum para seres humanos. Havia matado animais e aves simplesmente “porque eles têm um sistema respiratório diferente do humano”.

Clerc continuou sua exposição. Mas, no fundo, as sementes da dúvida haviam lançado raízes: os ouvintes não queriam, ou não podiam, compreender a situação como ele a via.

— Houve diversas quedas de lava. O administrador de uma de minhas propriedades disse que encontrou um grupo de caçadores descendo do Pelée com a notícia de que outro fluxo de lava...

Os vinte e dois rios que corriam em volta de Pelée, continuou, estavam em regime de cheia; o interior continuava a ser evacuado e os refugiados chegavam em grandes números à cidade.

— Mas cavalheiros, é isso prudente? Como é que sabemos, como é que alguém sabe, que estamos em segurança em Saint-Pierre? — perguntou, concluindo a exposição.

A pergunta permaneceu no ar durante vários minutos.

Os presentes entreolharam-se e, em seguida, fitaram Clerc. Na atitude e no silêncio deles o plantador notou sinais de suspeita. O próprio Saint-Cyr parecia nervoso.

— Você sugere que a própria Saint-Pierre corre perigo? — A pergunta fora feita pelo manso Emile Le Cure.

— Sim.

Mais uma vez caiu silêncio enquanto cada homem analisava a resposta e seus potenciais efeitos.

— O que você quer que façamos? Evacuar a cidade? — perguntou Pierre Theroset.

— Isso mesmo.

Dessa vez, a seca resposta provocou grande agitação e incredulidade. Evacuar a cidade seria “impossível”, disse o Prefeito Fouché: para onde iria a população? Para Fort-de-France? “Inconcebível”, opinou Madeneux. Afirmaram os dois banqueiros que tal providência provocaria uma catástrofe econômica e social da qual Saint-Pierre custaria muito a se recuperar. As pessoas “perderiam a fé naqueles entre nós de quem esperam liderança”, disse Saint-Cyr. “Por outro lado, todos nós sofreríamos com tal medida.”

O silêncio caiu mais uma vez na sala enquanto sete dos convidados de Clerc passavam mentalmente em revista os efeitos da evacuação em massa sobre seus negócios. Foi o oitavo quem finalmente falou. Em voz calma e precisa, o Padre Alte Roche demoliu a argumentação em favor da evacuação da cidade.

— Hoje, em consequência dos tremores de terra, provavelmente haverá uma corrida de lava — disse o padre. Mas a corrida, prognosticou, em coisa alguma prejudicaria a cidade. O seu curso mais provável seria pela encosta norte do Pelée, a rota preferida por antigos fluxos pré-históricos. Mesmo que a lava escorresse, como “fizera por pouco tempo”, pela vertente sul, quando isolara a propriedade Lavenière, ainda assim não poderia representar perigo para Saint-Pierre. Para chegar à cidade, ela teria que atravessar três vales, todos os quais de mais de trinta metros de profundidade. Se a torrente descesse pela encosta oeste, imediatamente acima da cidade, seria mais uma vez detida pelo relevo do terreno.

— Em vista disso, se houver uma evacuação, deverá ser das pessoas que residem nos arredores, que precisam ser trazidas para a segurança de Saint-Pierre — concluiu.

Após alguma discussão, os visitantes resolveram adotar um curso de ação imediato: formariam um “Comitê de Ação”. Saint-Cyr seria o presidente, figurando os demais como membros. Teriam por tarefa supervisionar a instalação de todos aqueles que procurassem refúgio em Saint-Pierre.

Naquele momento, em fins da tarde, saídos já os visitantes, Fernand Clerc permaneceu a sós no gabinete. Sentia-se exausto e frustrado. A reunião fora uma oportunidade decisiva para alertar os líderes cívicos em relação à ameaça que ele acreditava inerente ao comportamento do Pelée. Fracassara. A sensação de derrota fê-lo sentir-se quase fisicamente doente.

A um quilômetro e meio de distância, no prédio onde ficava a sede do Partido Radical, o Senador Amédee Knight dava instruções a seus correligionários. O aposento estava apinhado de homens; e mulheres de várias tonalidades de negro, aparecendo aqui e ali, ocasionalmente, um rosto branco. Ouviam com todo o respeito o senador. Para eles, como para toda a população negra da ilha, Amédee Knight era o menino negro do campo que mostrara ao mundo que inteligência não constituía privilégio exclusivo dos brancos. O fato de Knight ser dono, em vez de trabalhador, de uma grande plantação na ponta sul da ilha e ser considerado um patrão mais duro do que a maioria dos empregadores brancos, não fazia a menor diferença. Era um negro que estrondosamente derrotara os brancos em seu passatempo favorito, a política.

Os primeiros sinais de vida no vulcão haviam sido observados no primeiro dia da campanha eleitoral. Para Amédee Knight, conspirando e cabalando por uma vitória do Partido Radical a despeito de uma cisão nas suas fileiras, o Pelée oferecia uma nova esperança; para ele “a fumaça do Pelée transformou-se em um sinal de vitória. Desde o início percebi que a continuação da atividade do vulcão traria do interior eleitores do Partido Radical para a segurança de Saint-Pierre. Dessa maneira, os correligionários de ambos os candidatos ficarão reunidos em um único campo e a cisão física em nossas fileiras será fechada. Haverá, em seguida, a questão de convencer a todas as facções que, afinal de contas, será melhor apoiar um único candidato. A hierarquia do partido fez sua escolha, Percin. Trata-se agora simplesmente de convencer os correligionários de Lagrosillère a unir-se em torno do objetivo comum da vitória”.

O Senador Knight, sempre pronto a aproveitar uma oportunidade, demonstrou mais uma vez sua capacidade de liderança, “dizendo a Lagrosillère que, conquanto ele tivesse ainda de concorrer simplesmente porque era tarde demais para retirar sua candidatura, devia concordar que, na eventualidade de um resultado inconclusivo, não deveria concorrer ao segundo escrutínio, mas pedir a todos que nele haviam votado que apoiassem Percin”. Em troca, ser-lhe-ia assegurado um alto cargo quando os radicais assumissem o poder, como Knight tinha certeza que o fariam.

Os radicais haviam sido também ajudados por numerosos outros fatores. Para começar, Fernand Clerc causara uma impressão por demais medíocre durante a campanha. Seus dois oratórios pareciam abandoná-lo ante uma platéia de massa; seus discursos revelavam sinais de incerteza e requeijamento. As platéias começaram a minguar cada vez mais, à medida que ele se distanciava da plataforma do Partido Progressista. A virulência do Les Colonies contribuiu também para unir os radicais; com frequência, a maldade dos ataques voltava-se contra os próprios atacantes, revigorando a determinação dos eleitores negros de

expulsar dos cargos a intolerância branca. Na maior parte, os radicais dependiam de lemas e cartazes para apresentar seus argumentos, métodos esses eficazes junto a um eleitorado na maior parte analfabeto. Nas últimas três semanas, nas ruas de Saint-Pierre haviam ecoado dezenas de frases de efeito.

Todos esses fatores haviam beneficiado a causa radical. Mas a grande ajuda fora o Pelée.

Para uma população negra com profundas raízes na superstição, o despertar do vulcão constituía “sinal” da necessidade de mudança. Amédee Knight dera ordens para explorar a influência do vulcão. Nascera outro slogan. “A montanha somente voltará a dormir quando os brancos forem expulsos de seus cargos.” Entre as explicações populares do despertar do vulcão, uma delas dizia que a montanha acordara em protesto contra a rapacidade das casas de negócio brancas, e que aquilo era um aviso aos brancos para que demonstrassem “mais tolerância cristã” com seus irmãos negros.

No caso, como em tantos outros, eram vagas as divergências políticas que separavam Fernand Clerc da política radical; faziam ambos um apelo aos eleitores para pôr um ponto final ao papel de Saint-Pierre como a Sodoma das Índias Ocidentais. Na questão de educação e horas de trabalho para os negros, Clerc e os radicais alimentavam idéias suficientemente parecidas para que Amédee Knight observasse: “Se fosse negro, ele seria um radical!”

A estratégia esboçada por Amédee Knight refletia-lhe a confiança: todos os correligionários radicais entre os 6.164 eleitores constantes das listas do arrondissement norte deviam ir às urnas. As primárias seriam apenas “uma prova” para o teste real, marcado para uma semana depois, na disputa final entre Clerc e Percin.

Da mesma forma que Fernand Clerc, o Senador Knight estava chegando à conclusão de que o Pelée desempenharia um papel crescentemente vital nos acontecimentos que se avizinhavam. A notícia do fracasso do plantador em conseguir apoio para a evacuação da cidade fora levada ao senador pouco depois de formado o “Comitê de Ação”.

“O proveito político a ser obtido com o fracasso de Clerc tornou-se imediatamente óbvio”, admitiria mais tarde o senador.

O apelo sincero de Clerc pela evacuação seria, nos dias vindouros, deliberadamente mal interpretado. O primeiro ato de distorção foi preparado em fins daquela tarde de sábado, na sede do Partido Radical, ao ser cunhado um novo slogan:

“O Pelée exige que todos os brancos abandonem Saint-Pierre... ou todos morreremos.”



Nos últimos momentos de claridade antes que descesse a cortina da escuridão tropical, Thomas Prentiss teve a conversação mais estranha de toda sua vida. O diplomata encontrava-se à margem do rio Roxelane em frente à Residência britânica. Cerca de vinte pessoas à sua volta ouviram-lhe o diálogo com o cônsul-geral britânico, James Japp, encarapitado no muro externo do prédio. Japp estava tendo dificuldade para ouvir-lhe as palavras. A inundação, batendo contra o muro em furiosa torrente, abafava a maior parte das palavras de Prentiss.

Cansado de gritar, o americano voltou-se para um mulato e enfiou-lhe uma folha de jornal nas mãos.

— Você sabe ler? — perguntou.

O homem inclinou afirmativamente a cabeça.

— Então leia isso no tom mais alto que puder para M'sieu Japp — ordenou.

O homem estudou com cuidado o papel. Em seguida, compreendendo bem, começou a ler:

— “Les Colonies. EDIÇÃO EXTRAORDINÁRIA”

O homem interrompeu-se para que toda a importância das palavras calasse fundo na platéia. A palavra “edição” era grandiosa para uma simples folha que trazia todas as marcas de algo feito às pressas.

Dez mil exemplares da edição extra haviam sido rodados naquela tarde. Fora lançada a instâncias de Robert Saint-Cyr e seu “Comitê de Ação”. E fora seu conteúdo que levara Thomas Prentiss às pressas até a margem do rio, ansioso para discuti-lo com o ilhado colega.

O mulato lia devagar, mas sua voz era forte e conseguia abafar o ruído das águas da cheia:

“O MONTE PELÉE E SAINT-PIERRE. Ontem, a população de Saint-Pierre teve o privilégio de assistir ao grandioso espetáculo de um vulcão em erupção. Mas enquanto os admiradores do belo em Saint-Pierre não podiam despregar os olhos da fumaça emitida pelo vulcão e das precipitações de cinzas, os tímidos entregavam a alma a Deus...

Aparentemente, os numerosos sinais deviam, na verdade, ter-nos advertido de que o monte Pelée encontrava-se em estado de séria erupção. Hoje, ao meio-dia, ocorreram ligeiros tremores de terra. Os rios estão em? cheia. No momento, a

necessidade maior é que as pessoas residentes fora de Saint-Pierre procurem abrigo na cidade. Cidadãos de Saint-Pierre! Constitui nosso dever dar a essas pessoas socorro e consolo.”

Mais uma vez o mulato parou e o grupo na margem do rio esperou, ansioso. Ele voltou a ler:

“Em virtude da situação no interior, a excursão ao monte Pelée, marcada para amanhã pela manhã, não mais será feita, desde que a cratera tornou-se inteiramente inacessível. Os que se inscreveram serão avisados, mais tarde, quando for prático levar avante o plano original.”

O mulato devolveu o jornal a Prentiss. Ninguém pronunciou palavra. Nesse instante, pela segunda vez naquele dia, disse o diplomata americano:

— Acho que o mundo está ficando louco.

Japp não chegou á ouvi-lo. Já descera do muro. Enquanto a fazia, apagou-se o último raio da luz do dia;



Da ponte de comando do Topaz, o preocupado Comandante Sequin observou a noite descer sobre Fort-de-France. Deixara pouco antes o palácio do governo. Encontrara Mouttet à sua espera no escritório. Mesmo à luz de fins da tarde, o dia estava escuro no momento em que entrou.

Mouttet estava sentado em uma poltrona, apático. O marinheiro compreendeu que uma mudança ocorrera no homem que o enviara a Sainte-Lucia no dia anterior. Mouttet parecia mais velho, mais rude. Mas foi a voz que o chocou. Aumentara em rouquidão e aspereza.

— Então? — perguntou ele.

Aparentemente, Mouttet nem sequer o escutou quando disse que a agência do telégrafo em Sainte-Lucia informara que a ligação por cabo entre Dominica e a Martinica fora rompida naquela tarde. O sismógrafo do gabinete do capitão do porto registrara “um tremor de terra de grande intensidade na área da Martinica”.

— Só isso?

Sequin inclinou a cabeça, ansioso por sair, amedrontado com o comportamento do governador. Nesse momento, Mouttet começou a falar:

— Hoje, houve outros tremores de terra. Não causaram dano a pessoa alguma. Não há motivo algum para preocupação. Apesar de tudo, o nervosismo é geral. Em Saint-Pierre, fala-se até em evacuar a cidade.

Enquanto falava, a voz de Mouttet subiu de tom. O pânico, disse, estava sendo instigado por motivos políticos, mas não surtiria efeito. Logo depois, o vulcão se acomodaria e a vida retornaria ao normal.

— Muito mais, meu querido Sequin, está sendo atribuído ao monte Pelée do que ele merece — berrou, levantando-se da cadeira. — Não há motivo algum para medo!

Mouttet começou a andar em passos lentos pela sala. Gotas de suor cobriram-lhe a face. Notou Sequin que o corpo lhe tremia de excitação nervosa.

— Venho governando esta ilha da maneira como o povo quer que ela seja governada. Continuarei a governá-la. E ninguém, nem coisa alguma, me deterá!

Exausto pela explosão emocional, o governador derreou-se numa cadeira.

Durante algum tempo, Sequin simplesmente permaneceu ali, sem ousar pronunciar palavra. Finalmente, compreendeu que a entrevista terminara. Mouttet fechara os olhos e, aparentemente, dormia. Em silêncio, deixou o gabinete.

Naquele momento, na ponte de comando do navio, ao marinheiro ocorreu apenas uma explicação para o comportamento do governador. Louis Mouttet perdera contato com a realidade.



No esplêndido isolamento de sua casa na encosta da colina, Fernand Clerc fazia idêntico diagnóstico para a esposa, Véronique. Estavam sentados nas cabeceiras da longa mesa de jantar. Separavam-nos terrinas e travessas de sopa de quiabo e galinha, patas de caranguejo, pampo, inhame, oca e caranho vermelho.

Normalmente, Clerc tinha bom apetite. Naquela noite, contando os fatos do dia à esposa, coisa alguma comeu.

Interpretava a edição extraordinária de Les Colonies pelo que realmente era: outro exemplo da intriga política de que se alimentava o jornal. Ao reconhecê-lo, concluía também que não tinha estômago para o tipo de grosseiros ataques que constituem parte essencial do arsenal da política. Toda sua formação, concentrada nos negócios e em uma posição social tradicional, colocava-o em uma posição muito distante das hostes progressistas.

Cauteloso e destituído de brilho, era ainda assim um homem sempre disposto a sondar em profundidade princípios gerais. Ao fazê-lo, havia inevitavelmente contestado grande parte dos postulados fundamentais da política progressista. Para ele, muitas dessas idéias não eram sequer intelectualmente respeitáveis e não podiam ser absorvidas no contexto de seus próprios ideais políticos. Reconhecia, também, que era muito pouco o apoio pessoal com que podia contar, uma vez que

suas idéias políticas pareciam remotas ao homem da rua — pessoa que apreciava as bisbilhotices, os preconceitos e os lemas servidos por Les Colonies.

Ainda assim, estava resolvido a ir até o amargo fim. Estava resolvido a convencer seus concidadãos do perigo que enfrentariam se permanecessem a tão curta distância de uma erupção do Pelée.

Abruptamente, levantou-se da mesa e dirigiu-se para o terraço do quarto do casal. Parou ante o barômetro pendurado numa pilastra. À luz de um fósforo, estudou o ponteiro. Tremia. Voltou-se e espiou para o vulcão, banhado pela luz suave da lua nascente. Em seguida, olhou para Saint-Pierre embaixo. Nesse momento — "quase como se eu tivesse tido uma visão", lembraria mais tarde — teve certeza de que a cidade estava condenada.

Permanecia ainda no mesmo lugar quando a esposa veio-lhe ao encontro.

— Amanhã, iremos à catedral e rezaremos, pedindo socorro — disse ela.

— Talvez seja tarde demais — respondeu Clerc.

— Ainda assim, rezaremos — insistiu ela — e também pela sua vitória nas eleições.

No bairro mestiço, orações eram entoadas pela alma de Eli Victor. Falecera ele naquela tarde no hospital militar após uma curta enfermidade, tão pobre na morte como em vida. Durante toda existência andara descalço. Não havia carro fúnebre, nem carroça, nem mesmo uma mula para levar-lhe o corpo para casa.

Estava, por isso mesmo, deixando o hospital em uma grosseira padiola feita de sacos e duas varas de bambu, carregada por quatro homens. O grupo passou pela janela gradeada atrás da qual jazia Suzette Lavenière amarrada à cama. Os carregadores andavam devagar, como era apropriado a um ritual dedicado a apaziguar a alma do falecido Eli Victor, e impedir que ele viesse assombrar os vivos.

O ritual era conhecido como as “nove noites” e tinha origem no culto dos ancestrais e no vodu. Entre as classes superiores, degenerara numa espécie de velório. Os nove dias e noites após a morte eram dedicados a levar consolo aos desolados parentes. Mas para os pequenos proprietários, a gente descalça do bairro nativo, O ritual significava alguma coisa mais; no caso de Eli Victor, dar à sua alma uma entrada apropriada no céu.

Partiram os carregadores pela noite, cantando em surdina.



Para Léon Compère-Léandre o dia terminara como começara, no isolamento de sua oficina de sapateiro na Place Bertin. Chegara lá em fins da tarde, chocado com os

fatos do dia e resolvido a permanecer na oficina até que o vulcão voltasse à normalidade.

A oficina inclinava-se na direção da Place Bertin, mas, nos fundos, onde Léon estava agachado entre pedaços de couro, martelos e caixas de pregos, descia mais de um metro abaixo do nível das lajes da praça. Era isolado do mundo exterior por uma porta de madeira, feita de compensado naval. Um ano antes, reforçara a parte externa da porta com várias camadas de folha-de-flandres como proteção contra o apodrecimento provocado pela umidade do ar. Naquele momento, a porta era um trabalho de artesanato que, esperava, pudesse defendê-lo do Pelée.

Naquela noite de sábado, a porta bloqueou o som do cortejo fúnebre, a cantar a caminho do bairro mestiço.



No orfanato de Sainte-Anne, vinte e oito crianças dormiam tranquilamente. Em princípios da tarde, foram informadas de que haviam sido suspensas as aulas até que o vulcão voltasse à calma. Pela manhã, fariam parte do coro na Catedral de Saint-Pierre, como as crianças do orfanato haviam feito nos últimos quinze anos. No dia seguinte, domingo, suas agudas vozes seriam ouvidas pela última vez.



No outro lado da Pont Basin, a ponte de longarinas de ferro sobre o Roxelane que dava acesso ao bairro mestiço, uma grande multidão reunira-se na escuridão; Era o principal grupo de pranteadores de Eli Victor. Finalmente, o grupo escutou o que esperava: um murmúrio distante que começava a crescer. Pouco depois, a multidão ouviu claramente as palavras do canto fúnebre. Um momento depois, o lúgubre canto lhes chegava aos ouvidos. Alguém acendeu um fósforo, surgiram chamas vivas e tochas lançaram longas sombras no chão.

Um murmúrio levantou-se do grupo e transformou-se em canto, em resposta aos cantores que se aproximavam e em boas-vindas ao morto.

Finalmente, apareceram os carregadores na esquina da rua. O canto da multidão elevou-se e aprofundou-se. Eli Victor estava sendo levado à sepultura, erguido alto no ar pelos carregadores.

A multidão cruzou a ponte para reunir-se ao grupo que se aproximava. Novos ombros ofereceram-se ansiosos para carregar o corpo de Eli Victor. Em seguida, cantando, a multidão começou a cruzar a ponte. Pés descalços pisaram nas cinzas em mudo ritmo e Eli Victor foi levado em meio ao grupo como um faraó.

Os carregadores encontravam-se em meio à ponte quando começaram os tremores de terra. Um momento antes, a ponte era uma sólida estrutura; um segundo depois, era arrancada de sua base por uma contorção da natureza. Vinte homens, mulheres

e crianças, incluindo a viúva de Eli Victor, foram lançados nas furiosas águas embaixo e levados em trambolhões para o mar, juntamente com o cadáver que tinham vindo homenagear.

Na margem, os tremores lançaram os pranteadores uns contra os outros. Levantando-se, viram-se face a face com outro horror. O céu sobre o cume do Pelée começava a adquirir uma cor vermelha viva.



A um quilômetro e meio de distância, à janela de seu presbitério, o Padre Alte Roche observou o céu tingir-se de vermelho. Sabia que o brilho era reflexo da lava que subia na garganta da cratera, dando às rochas em volta da borda uma baça cor vermelha e uma coroa de ígneo esplendor. Logo depois, uma lasca da coroa começou a soltar-se e a afastar-se devagar da borda. A sua descida pela encosta do vulcão intensificou a sensação de grande satisfação do padre. A lava escorria pela estéril encosta norte do monte Pelée, para longe de Saint-Pierre, ao longo da rota preferida pelos fluxos pré-históricos. A sua previsão fora exata.

Deixou a janela e sentou-se à mesa de madeira. Sobre ela, um pequeno livro. Continha as observações do jesuíta sobre o comportamento do vulcão desde o início das erupções. Naquele momento, sob o título “Sábado, 3 de maio, noite”, escreveu: “Mudou a natureza da erupção. A montanha acaba de vomitar seu primeiro fluxo de lava verdadeira. Ameaçador embora como pareça o fulgor, não constitui uma ameaça real. Até agora não houve ruídos e a impressão geral que se tem é de beleza.”

Atualizado o diário, o Padre Roche guardou-o em um baú de ferro colocado embaixo da cama.

Do lado de fora, aprofundou-se o fulgor na garganta do Pelée. Era, realmente, um belo espetáculo.

CAPÍTULO SEIS

O MUNDO INUNDADO

A atividade sísmica que lançara ao chão os pranteadores e destruíra a Pont Basin limitara-se à zona costeira do centro da cidade, onde se localizava o quarteirão mestiço. Produzira aí grande pavor. Relógios haviam parado seus pêndulos, mesas tombaram para os lados e portas se abriram. Louças caíram aqui e ali de prateleiras, e tetos oscilaram como se suspensos no ar.

Julie Concouste, a prostituta de dezessete anos, descia nesse momento de seu quarto à procura de um novo cliente no bar Normandia, que ocupava todo o térreo do prostíbulo à beira-mar onde trabalhava, quando os tremores lançaram-na escada abaixo até o chão. Permaneceu estirada durante algum tempo antes de ser vista por alguém e levada para um quarto nos fundos do estabelecimento. Quebrara o pescoço. Estava morta.

Passado o pânico, verificou-se que mais oito pessoas haviam perecido por efeito dos tremores. Cinco delas haviam sido atingidas por pedaços de reboco das paredes; as outras três, todas crianças, esmagadas no cais sob uma pilha de barris de rum derrubados pelo sismo.



Ao sul da Martinica, no Observatório Meteorológico da ilha de Trinidad, o funcionário de serviço, Edward Paice, registrou os tremores como uma “concussão acentuadamente horizontal, embora seja impossível localizar exatamente a zona do primeiro impacto, exceto que as oscilações acusaram uma direção de norte-oeste para sul-leste”.

Constituía aquilo uma observação de rotina. Os registros do Observatório abundavam em observações do mesmo tipo. Quase cinco dias passariam antes que Edward Paice descobrisse que sua observação fora o primeiro registro científico do desastre que se abatera sobre Saint-Pierre.



A cidade adquirira um aspecto bizarro naquela noite. Notícias sobre os efeitos do tremor haviam corrido céleres por várias partes da cidade. Mas, em vez de provocar pânico, produziram uma estranha calma. Ocorria aí um desses inexplicáveis efeitos secundários de um dia dramático. Multidões começaram a

dirigir-se para o bairro mestiço, muitos de seus membros sem dúvida atraídos pelo fascínio que as tragédias sempre despertam: queriam relatos de primeira mão do que acontecera aos pranteadores de Eli Victor e saber de que modo falecera Julie Concouste.



Para Philomène Gerbault, prima do vive-governador da ilha, a noite assumira uma característica muito pessoal.

Na última meia hora estivera procurando aproximar-se da Catedral, de Saint-Pierre. Três vezes chegara; quase até a entrada, mas apenas para ser colhida por uma onda de pessoas que vinham em direção oposta, obrigando-a a recuar. Naquele momento, a pequenina e; magra mulher fazia o último esforço.

A caminhada tornava-se cada vez mais difícil, com as ruas congestionadas de pessoas vindas do interior a andar sem destino de um lado para outro à procura de abrigo ou consolo. Muitos, incluindo os aldeões de Le Prêcheur, haviam prosseguido até a catedral. À noite, a área em torno do templo transformara-se em uma massa borbulhante. Tropas da guarnição local já começavam a evacuar a zona.

Finalmente, a meio caminho da Rue du Collage, ela reconheceu a derrota. Deu a volta, juntou-se à maré de homens, mulheres e crianças e foi levada pelo caminho por onde viera. Ao fim da Rue du Collage, não resistiu quando foi empurrada para a zona relativamente calma da Rue Bouille. A meio caminho da rua calçada de lajes situava-se seu apartamento. Naquela noite, Philomène Gerbault chegou a uma conclusão que seria endossada por outras pessoas nos próximos dias: Saint-Pierre já não era um lugar seguro.

Mas para cada pessoa que abandonava a cidade, três outras chegavam do campo em volta. A população engrossara para quase trinta mil almas. Mesmo em circunstâncias normais, teria sido difícil lidar com um aumento assim tão inesperado; naquela ocasião, tornando-se escassos os alimentos, poluída a água potável pelas cinzas e morrendo nas ruas os animais domésticos, a situação deteriorava-se a cada minuto.

Philomène Gerbault, viúva de quarenta e sete anos, coisa alguma queria com tal situação. Chegando à casa, deu ordens à empregada para fazer-lhe a mala e mandar o cocheiro preparar a carruagem. Trinta minutos depois, sentada no assento traseiro do veículo em companhia da empregada, tomou a direção de sua outra residência, em Fort-de-France.

Mais tarde, recordaria que “a carruagem nenhum barulho fazia. O som das rodas era totalmente abafado pelas cinzas. Os cavalos, tirados do abrigo da cocheira, fungavam sob os efeitos dos vapores sulfurosos. Tornou-se difícil a travessia das

ruas. Ninguém queria ceder caminho e foram necessárias muita firmeza e paciência para forçar a passagem”.

Jamais esqueceria sua saída de Saint-Pierre. Descrevê-la-ia mais tarde nos seguintes termos a Ângelo Heilprin, membro da Real Sociedade Geográfica de Londres: “Difícilmente podemos imaginar uma cena mais desesperada de calamidade iminente, pois o que o vulcão até então poupara, ou parecia disposto a poupar, as águas torrenciais das correntes ameaçavam reclamar. Aves caíam asfixiadas em meio às cinzas. O gado sofria profundamente. Crianças andavam ao léu pelas ruas com seus pequenos jumentos, parecendo pobres destroços humanos. Passamos por um grupo de crianças que descia em passos hesitantes a Rue Victor Hugo. Davam a impressão de estarem cobertas de geada. No campo, era geral a desolação e a aridez. Vimos pequenas aves mortas sob os arbustos e, nos prados, os poucos animais sobreviventes davam mostras de grande nervosismo — balindo, relinchando, mugindo de desespero. Mas, à medida que penetrávamos mais no interior, um silêncio eterno parecia envolver todas as coisas. A situação tornou-se ainda mais sobrenatural quando notamos a luz no cone resplandecente do Peleé.”

A carruagem encontrava-se a um quarto do caminho de Fort-de-France quando o silêncio foi despedaçado por uma série de explosões. “Foram detonações terríveis. Logo depois, observamos um dos mais extraordinários espetáculos da natureza: o monte Peleé acordado à noite. O cone reluzente foi logo envolvido por uma enorme coluna de fumaça preta, cortada por relâmpagos. O estrondo tomou-se ainda mais grave. Momentos depois, uma chuva de cinzas caiu sobre o campo.”

Sem esperar para ver o que aconteceria depois, Philomène Gerbault, com a empregada encolhida de medo ao lado, ordenou ao cocheiro que tocasse os animais a toda pressa para Fort-de-France.



Às suas costas, em Saint-Pierre, a anarquia começava a solapar o mecanismo que mantinha a cidade em funcionamento. Nos distritos de Mouillage e Fort, foram saqueados vários armazéns; soldados apareceram, convocados para expulsar invasores de hotéis e bares, onde haviam penetrado, exigindo alimentos e abrigo; brigas começaram entre fugitivos do campo e moradores locais, que lhes recusavam casas como refugio.

A chegada da negra nuvem de cinzas quentes pôs um ponto final na pilhagem e nas brigas. A precipitação tinha a densidade de um espesso nevoeiro e produzia os efeitos de uma nuvem de gás lacrimogêneo. Momentos depois, Saint-Pierre sufocava em um mar de lágrimas.



Na escuridão, o rugido da água correndo veloz pela Residência deu a James Japp, o cônsul-geral britânico, a impressão de que “todo o mundo estava inundado”.

Passariam ainda algumas horas antes que ele soubesse que um maremoto em miniatura descera o rio Roxelane, destruindo em sua passagem a usina de força situada a quilômetro e meio de Saint--Pierre, que fornecia à cidade a maior parte de seu suprimento de eletricidade.



Na cidade, a população, de olhos avermelhados, foi obrigada a enfrentar um novo fenômeno. Através das cinzas que caíam ouviam-se ruídos abafados do que parecia pesado fogo de artilharia. A semelhança com o fogo de canhões era intensificada pelos relâmpagos constantes, entrevistos através da nuvem de cinzas. O monte Pelée expectorava rochas em brasa de até meia tonelada, que descreviam um arco no ar, caindo com estrondo no campo aberto embaixo e ateando fogo à selva, às moitas e às aldeias desertas.

Logo depois, a chuva de cinzas fundiu-se com a coluna de fumaça que subia; juntas, a nuvem de cinzas e a fumaça dirigiram-se devagar para a cidade.

Uma hora se passou antes que ela desaparecesse. Quando se foi, descobriu-se que, na sua esteira, deixara trinta pessoas asfixiadas até a morte.

A passagem coincidiu com o retorno da mesma estranhíssima sensação de segurança. Um ano depois, tentando analisar essa impressão, escreveria Ângelo Heilprin: “Em qualquer outro local, com exceção da Martinica, os sintomas de agitação manifestados pelo monte Pelée teriam irrecusavelmente aconselhado a fuga. Mas, nessa ilha de sol e sonhos tropicais, os avisos foram, na maior parte, ignorados.”



Naquele momento, aproximando-se a meia-noite, moradores, das aldeias ao sul da cidade — de locais com nomes românticos como Carbet, Morne-aux-Boeufs, e Gele — começaram a dirigir-se para Saint-Pierre, convencidos de que dentro dos limites da cidade encontrariam segurança contra a fúria dos elementos.

Do alto de seu terraço, Andréus Hurard, editor do Les Colonies, observou um novo grupo de refugiados chegar à cidade. A chegada despertou-lhe um sentimento de profunda satisfação, confirmando-lhe a convicção de que não apenas conseguira extricar-se de uma situação difícil, mas que pudera manipulá-la em proveito próprio.

Uma cidade sufocada por enxofre, com ruas bloqueadas pelas: cinzas e um vulcão trovejante e em chamas à porta — tal era Saint-Pierre ao fim daquele sábado. Tal

era a cidade que Andréus Hurard, motivado por um misto de cobiça e chicana política, estava resolvido a conservar íntegra até depois das eleições iminentes.

Ao voltar-se para entrar, as batidas do relógio da Prefeitura anunciaram meia-noite. O domingo encontrava-se a algumas badaladas de distância. Dentro de exatamente oito horas, começariam as eleições. Hurard não alimentava a menor dúvida quanto ao resultado. Fernand Clerc e Alfred Percin seriam os candidatos na eleição final dentro de uma semana. Mas com tantas outras pessoas em Saint-Pierre, ele calculara mal o tempo que ainda lhes restava.



A seis mil e quinhentos quilômetros de distância, em Paris, na hora do apéritif, Pierre Louis Decrais, Ministro das Colônias, bebericava um drinque enquanto estudava um sumário dos relatórios semanais recebidos de todos os recantos do império francês.

Nascido em Bordeaux em dezembro de 1838, ele amadurecera, como tantos vinhos produzidos nesse distrito, muito cedo na vida. Aos trinta e três anos era nomeado prefeito de Indre-et-Loire; três anos depois fora promovido a prefeito do importante Alpes-Maritimes; com a idade de quarenta e nove anos tornara-se Ministro das Colônias.

Lia com grande rapidez, passando os olhos por cada página e apondo suas iniciais no canto direito inferior, significando isso que o documento passara pelo escrutínio ministerial. Ocasionalmente, escrevia a lápis algum comentário.

Sob a palavra Martinica, havia uma breve anotação: “As eleições ainda estão em andamento. É muito cedo para se saber como o pleito será decidido.”

Decrais apôs sua rubrica à folha e passou a estudar outro relatório.

Domingo, 4 de maio de 1902

CAPÍTULO SETE

PODERES ESPECIAIS

Aos trinta minutos de domingo, apenas uma luz queimava em Saint-Pierre. Era o candeeiro a óleo da sala de visitas da casa do cônsul americano.

Durante horas, Thomas e Clara Prentiss haviam permanecido sentados, à escuta dos sons do monte Pelée. Em certa altura, perguntara à esposa se ela não gostaria de reconsiderar sua decisão de permanecer na cidade, pelo menos ir para Fort-de-France até que o vulcão voltasse à calma. Ela se recusara, com toda a firmeza, a abandoná-lo. Desde esse momento, poucas palavras haviam trocado.

A vida para os Prentisses em Saint-Pierre era, de muitas maneiras, uma vida irreal. Embora fossem membros destacados do corpo diplomático local, com todas as implicações de solidariedade humana que o título acarretava, havia uma nota irônica na palavra “corpo” quando aplicada aos diplomatas estrangeiros destacados na Martinica. Não havia bairro oficial das legações, embora a maioria dos diplomatas residisse no L’Centre. Pouquíssimos eram os contatos sociais entre eles e a população local. Prentiss, como os colegas, mantinha apenas contatos os mais formais com a população; somente James Japp, o cônsul britânico, estabelecera uma verdadeira ligação social com o governo, isto em virtude de sua demorada estada no local.

A parte convidar o comandante de um navio americano ancorado no porto ou homenagear Japp com um jantar, os Prentisses raramente recebiam. Naquela noite de sábado, haviam jantado a sós. Naquele momento, às primeiras horas da manhã de domingo, Clara Prentiss levantou-se para preparar o café brulot que era a última coisa que servia desde sua chegada a Saint-Pierre.

Começava a transvasar o líquido em dois grandes canecos de prata quando uma alta explosão ecoou pelo campo. Momentos depois, um relâmpago insinuou-se através das janelas fechadas.

Clara e Thomas Prentiss, segurando com força os canecos nas mãos, abriram a janela e viram um extraordinário e apavorante espetáculo.

Até onde os olhos podiam alcançar, todo o céu, varrido de todos os vestígios da nuvem de poeira, “resplandecia como se estivesse em chamas”.

Olhando pela janela, Clara Prentiss teve a impressão de que “estava à beira do inferno. A cada momento, chamas elétricas de intensidade cegante atravessavam os recessos das nuvens negras, cobrindo com uma lívida brancura a escuridão que envolvia o mundo. Estrelas cintilantes explodiam como fogos de artifícios e linhas serpenteantes enroscavam-se para dentro e para fora como cristas de ondas em movimento. Era realmente um espetáculo extraordinário.”



Mas outro extraordinário fenômeno ocorria bem próximo dali. Era a atitude da maioria da população de Saint-Pierre. A exibição de pirotécnica celestial no claro céu, longe de causar pânico, somente produzia excitação. Pessoas debruçavam-se sobre as janelas de seus quartos ou permaneciam nas ruas, gritando ou berrando enquanto o céu se cobria de várias tonalidades de vermelho.

Robert Saint-Cyr, acordado do sono pelo ruído, achou que o espetáculo lembrava o Mardi Gras de sua infância em Nova Orleans. Permaneceu de pé durante algum tempo observando o macabro espírito carnavalesco que tomara conta da cidade. Fechou em seguida as venezianas e voltou para a cama. Embaixo, crianças, inteiramente despertas nesse momento, corriam pelas ruas levantando remoinhos de cinzas.

Na janela de seu quarto, o infatigável Padre Roche anotou com grande cuidado o espetáculo: “Foi bem grande o número de formas tomadas pela iluminação. Algumas, curtas, linhas retas como varas; outras, onduladas ou em espirais. Surgiram grandes estrelas e círculos, com aglomerados de estrelas presas a eles. Após a primeira alta explosão, não houve explosões intermitentes, mas, sim, um rugido contínuo que ecoava em torno do pico do Pelée, subindo e descendo quase como em compasso com o espetáculo da aurora, embora seja provável que constituam relâmpagos produzidos por gases em combustão, escapando da cratera da montanha.”

Como sucedera com a corrida de lava na noite anterior, concluiu o padre que os relâmpagos “não apresentam perigo e parecem ser idênticos aos que se sabe que acompanharam a grande erupção do Tarawera, na Nova Zelândia, em 1886”.

Observava ainda a cena de majestosa grandiosidade quando “uma grande chuva de pedra-pomes caiu sobre a cidade e, durante algum tempo, pareceu uma tempestade tropical de granizo. Alguns dos fragmentos mediam mais de dois centímetros e meio de diâmetro; a maioria, no entanto, parecia-se mais com areia fina. Mas mesmo as menores partículas caíram com grande força, picando a carne em que tocavam.

A precipitação durou cerca de dez minutos. Nesse período, expulsara, em busca de abrigo, todos aqueles que se encontravam nas ruas de Saint-Pierre. Quando finalmente cessou, o mesmo aconteceu com a demonstração celestial e a noite voltou à normalidade.



Vestindo-se naquela manhã de domingo, o Dr. Eugène Guérin notou que o vento mudara de direção e que a fumaça da chaminé da usina escoava-se preguiçosa na direção norte. O rio Blanche, que no dia anterior levava uma onda de lama para o mar, naquele momento fluía pelo muro da usina a uma taxa não maior do que quando se encontrava em seu período normal de cheia. A lama transbordara sobre o muro em alguns locais e secara sob a forma de grossas panquecas.

Embora o conhecesse desde a infância, o Dr. Guérin jamais deixava de ficar impressionado com o cenário de incomparável beleza que descortinava do terraço da casa.

À esquerda e acima da usina, com o altaneiro pico envolvido naquele momento por uma nuvem, erguia-se o paredão do Pelée. À direita e nas direções leste e sul, colinas desciam até o mar. Uma fita de espuma branca curva dividia terra e água.

Entre o vulcão e o mar estendiam os canaviais, subindo ao dobro da altura de um homem. O Dr. Guérin olhou para o que parecia ser quilômetros e mais quilômetros de pés de cana-de-açúcar, plantados tão perto uns dos outros que sua parte superior formava um tapete ininterrupto. Naquele momento, depois das quedas repetidas de cinzas, o tapete apresentava uma cor branca embaçada.

A poeira depositara-se também sobre a usina, bem próxima da residência. Os telheiros de armazenamento, os grandes edifícios abertos com telhados de aço ondulado, as plataformas de carregamento, onde trabalhadores munidos de ancinhos de longos cabos empurravam a cana para a correia transportadora, o prédio da usina e os enormes depósitos de mel — estavam todos recobertos pelos despejos do Pelée.

A precipitação criara uma série de problemas para o Dr. Guérin. Não apenas arruinara parte dos canaviais, mas tornara relutantes os cortadores que deviam trabalhar nas encostas da montanha. Duas vezes nos últimos dias, durante as quedas de cinzas, haviam-se recusado a deixar suas casas de pedra.

Nas primeiras horas do domingo, o Dr. Guérin e o filho, Eugène, haviam, sido tirados da cama para tranquilizar os empregados, dizendo-lhes que as detonações, juntamente com os relâmpagos e outros fenômenos vistos no céu, não constituíam prelúdios de uma grande erupção. Ao contrário de seus sofisticados primos de Saint-Pierre, os trabalhadores da plantação eram homens simples e tementes a

Deus, com as vidas dominadas pelo medo da ira e condenação divinas. Tratava-se de uma ameaça que tanto o Dr. Guérin como seus ancestrais haviam alimentado; o medo do Todo-Poderoso constituía uma boa maneira de conservar operosos aqueles homens. O Dr. Guérin sabia que era esse pavor, juntamente com o medo que sua presença neles infundia, que lhes impedia a fuga.

Naquele momento, porém, à luz do amanhecer, reconheceu que os receios dos empregados não eram totalmente destituídos de razão. As vertentes mais baixas do Pelée estavam pontilhadas de novas crateras, abertas pelas rochas maciças que o vulcão expelira. Ao explodirem, as rochas haviam aberto e nivelado avenidas entre os canaviais.

Ao longo desses caminhos distinguiu pontos de cor brilhantes em movimento. Eram os cortadores de cana, homens e mulheres — pontos amarelos, vermelhos, púrpuras e azuis vivos — brilhando à luz do sol.

O domingo era normalmente dia de descanso na usina e nos campos circunvizinhos, como, aliás, em toda a Martinica. Para o Dr. Guérin, no entanto, aquele domingo não era normal. Na noite anterior soubera que os comandantes de certo número de navios ancorados em Saint-Pierre estavam pensando em levantar ferros com os porões vazios se o vulcão continuasse a ameaçar o campo. Se o fizessem, significaria isso que a produção da usina teria que esperar outro mês antes da chegada de novos navios, e um mês poderia implicar a diferença entre o lucro e o prejuízo numa safra de cana-de-açúcar. A menos que a cana fosse cortada sem demora o canavial seria destruído se caíssem mais cinzas. Havia mesmo a possibilidade de que uma precipitação realmente séria pudesse obstruir as moendas. Em vista disso, dera ordens aos capatazes para que pusessem todo mundo a trabalhar caso o permitissem o tempo e o Pelée. Os que recusassem deveriam ser sumariamente despedidos.

A dispensa da folha de pagamento de Guérin implicaria não somente a perda de moradia gratuita para o empregado e a família, mas também a virtual impossibilidade de arranjar emprego em qualquer outra plantação na Martinica. Isto porque o Dr. Guérin, aos setenta e dois anos de idade, era o titular da mais antiga dinastia governante na ilha. Era membro de uma das Dez Famílias.

As Dez, e apenas elas, formavam a elite social da ilha. Possuíam raízes na França, remontando a Agincourt, quando um Guérin, um Aubrey, um Janne, um Hayot, ou um Cottrell haviam-se distinguido em combate. Fernand Clerc, a despeito de todo seu poder, não era membro. As Dez Famílias partilhavam de duas características em comum: jamais se envolviam abertamente na política diária da ilha — tentativas do Partido Radical de provocar agitação entre seus empregados haviam sido prontamente reprimidas — e eram riquíssimas. A mais, pobre delas possuía

uma fortuna que girava em torno de 12 milhões de dólares; a mais rica dispunha de oito vezes essa soma. O dinheiro, como tudo mais que possuíam, era administrado com cuidado e investido da segurança de bancos parisienses. Viviam, e governavam, por decreto. ;

Em esfera alguma era esse regime autocrático mais visível da que na atitude do Dr. Guérin e sua família. Não admitiam argumento ou interferência de pessoa alguma; os seus dois mil acres de terra constituíam virtualmente um Estado soberano.

O centro da propriedade era a residência do Dr. Guérin, ou um equivalente no Caribe de um château francês. De dois lados, o prédio era cercado por jardins, onde abundavam jasmims, orquídeas e buganvílias. Contíguos ao château, situavam-se os aposentos da criadagem e, mais adiante, a usina. Por trás da usina, a residência do filho.

Dentro de seis dias o Dr. Guérin estaria livre das cinzas. Na sexta-feira, dia 9 de maio, ele e a família pensavam em ir buscar os filhos de Eugène, que se encontravam em Fort-de-France, e tomar o transatlântico canadense S. S. Roraima para a peregrinação anual à França. Ao todo, a entourage familiar compreenderia cinquenta pessoas, incluindo as babás e os criados. Oito semanas depois de deixarem Saint-Pierre, chegariam a Paris. Daí, seguiriam para o mesmo hotel, nas proximidades da Gare de l'Est, onde gerações de Guérins haviam sempre se hospedado. Durante toda a estada, não manteriam contato com ninguém, salvo com outras famílias socialmente aceitáveis da Martinica ou outras regiões das Índias Ocidentais. Terminadas as férias em Paris, seguiriam para uma “cura” em Vichy e, depois, para os “banhos” em Vittel. Em seguida, voltariam para casa, tendo banhado não somente a alma mas os corpos na França. De muitas maneiras, o Dr. Guérin levava uma vida tão distante das realidades da vida diária como os diplomatas estrangeiros residentes na ilha. Ele e sua família nada queriam com pessoa alguma.

Mas vinte e quatro horas apenas depois, sua esposa, Josephine, o filho mais velho, Eugène, e a esposa, o filho mais moço, Joseph, a filha Sarah, a governanta inglesa, Mary Goodchild, de Lowestoft, suas criadas, Marie e Cece, de Dijon, a cozinheira, Georgette — estariam todos mortos. E com eles morreriam 148 outras pessoas que tiravam o sustento da usina.



A quilômetro e meio de distância, a morte já descera violenta sobre a aldeia de Ajoupa-Bouillon, situada no sopé oriental do Pelée. As suas trezentas famílias residiam em casas de madeira e quase que somente elas, entre a população do interior, haviam-se recusado a evacuar os lares.

O prefeito da aldeia, Bertrand Kloss, titular do cargo porque era dono da grande plantação de cacau que empregava todos os homens e rapazes da aldeia, dissera que, muito longe de causar danos, as cinzas do Pelée aumentariam a fertilidade do solo.

Nas primeiras horas do dia, os moradores reuniram-se para observar o espetáculo luminoso oferecido pelo vulcão. Apavorados, viram calhaus em brasa descerem em cascata da cratera e se despedaçarem, ao que parecia, bem perto de Saint-Pierre. Como nenhum dos calhaus caíra perto da aldeia, consideraram esse fato como mais um sinal de que haviam agido bem em permanecer em Ajoupa-Bouillon.

Voltaram ao sono interrompido. Poucas horas depois, logo após o amanhecer, numerosas casas de madeira inesperadamente desmoronaram.

A zona da destruição começou a pequena distância abaixo da igreja da aldeia e estendeu-se por uns quatrocentos metros pela vertente do Pelée.

Fora causada pela fratura súbita do solo, sob efeito das imensas pressões que se acumulavam no interior do vulcão. Como tantos outros vulcões das Antilhas, o Pelée estivera produzindo na última semana o que os geólogos imediatamente teriam reconhecido como abalos sísmicos. Eles são, na verdade, tremores de terra pequenos, localizados, de intensidade variável. O Pelée, como os demais vulcões da cadeia do Caribe, possuía uma fina crosta de rocha na sua parte externa, incapaz de resistir às profundas tensões que se entre-chocavam a centenas de metros abaixo. Nas profundezas, as rochas eram atritadas umas contra as outras e reduzidas a pó pelas pressões, liquidificando-se em temperaturas de mais de 1.500 graus centígrados. Essa massa quente forçara sem cessar o caminho até a superfície; na maioria dos casos, encontrara saída pela cratera, mas, vez por outra, a pressão tornara-se forte demais. Uma fenda irregular abrira-se no chão e lançara ao alto uma mistura de vapor e lama fervente.

A explosão ocorrida nas profundezas da terra destruiu tudo aquilo em que tocara: em questão de segundos, a viçosa vegetação murchara e fora transformada em um deserto. Bois e cavalos colhidos no foco principal da explosão morreram calcinados; outros, vivos ainda, perderam o couro, ficando com a carne viva exposta ao ar.

A fissura abrira-se também por baixo de certo número de casas da aldeia, destruindo as estruturas de madeira e matando instantaneamente seus ocupantes.

Os sobreviventes do primeiro impacto da explosão sofreram destino ainda mais doloroso. O vapor e a lama, ejetados com a velocidade de uma mangueira de alta pressão, produziram-lhes horríveis queimaduras. Em uma casa, uma mulher rolava

moribunda pelo chão, “com a carne queimada pendente do esqueleto”. O vapor lhe arrancara ambos os olhos e a lama fervente lhe comera a perna até o osso.

Para Bertrand Kloss, à frente das operações de socorro, ela foi a primeira entre muitos dos aldeões que ele viu morrer naquele dia.

Mais tarde, lembrar-se-ia daquela manhã de domingo como “apavorante demais para ser compreendida”.

As primeiras casas, às quais foi com a turma de socorro, haviam simplesmente sido lançadas da vertente pela explosão; até mesmo os alicerces tinham desaparecido.

Mais abaixo na aldeia, chegaram a um pequeno chalé. Aparentemente não sofrera danos. Mas, no interior, ouviram um profundo gemido. Os ocupantes haviam sido cruelmente queimados por um jato de vapor que irrompera pelo assoalho. Pediram a Kloss um pouco de água para aliviar as gargantas secas. Mas não havia água por ali. Morreram quando eram levados com todo cuidado para fora.

O grupo penetrou em outro chalé: “Uma vela fraca iluminava um interior quase negro, mas havia luz suficiente para que víssemos uma figura que se contorcia, cuidada pela mão da pessoa que provavelmente lhe era mais querida. Os gritos de dor cortavam o coração. Moscas voavam por toda parte e o cheiro de carne queimada era quase insuportável”.

Casa após casa deparariam com o mesmo quadro de horror. Em muitas delas, “a carne dos seus ocupantes parecia ter sido cozida e assada, aparecendo partes vivas nos lugares onde não havia pele”.

A rachadura da terra matou instantaneamente 158 moradores de Ajoupa-Bouillon. Outros trinta gravemente feridos morreram de queimaduras quando eram descidos em improvisadas padiolas das encostas da montanha.



A seis quilômetros de distância, na sala de estar do Esporte Clube de Saint-Pierre, reunia-se o “Comitê de Ação”. Um tópico dominava as discussões: a falta de alimentos e acomodações na cidade para atender à afluência de refugiados.

Um terço dos armazéns de alimentos e verduras, bem como os açougues de Saint-Pierre, não haviam aberto as portas naquela manhã porque coisa alguma tinham para vender.

— Outros têm estoques que durarão apenas um dia, no máximo — comunicou Roger Fouché, Prefeito de Saint-Pierre. — As maisons Saint-Eves, Deplanche, Doileret e Reynoit anunciaram que fecharão as portas amanhã.

Ele mencionara os quatro atacadistas que abasteciam de provisões os armazéns de Saint-Pierre.

— É preciso trazer alimentos de Fort-de-France — disse Emile Le Cure, gerente-geral do Banco Colonial Inglês.

— Mas isso não pode ser feito — opinou Pierre Theroset.

— Precisa ser feito. De outra maneira, haverá um colapso geral da lei e da ordem — interveio Fernand Clerc.

As tropas da guarnição, disse o Prefeito Fouché, providenciariam para que tal não acontecesse: na noite anterior haviam demonstrado que podiam reprimir distúrbios.

— Ainda assim, será impossível abrigar e alimentar todos os que estão chegando — argumentou Clerc.

— Então é preciso providenciar para que isso seja possível! — explodiu Saint-Cyr.

A providência seria simples e de altas consequências. O prefeito podia assumir grande soma de poderes caso surgisse um estado de emergência.

Neste momento, invocou-os.

Providenciaria para que todos aqueles que tivessem acomodações de sobra as colocassem à disposição dos refugiados vindos do interior. Os suprimentos de alimentos seriam trazidos por mar de Fort-de-France, com emprego de todos os barcos disponíveis, e por tropas de mulas das aldeias situadas na metade sul da ilha.

A pilhagem seria punida com execução sumária. Ninguém ficaria isento de tal pena.

— Estamos em tempos extremos, cavalheiros, e eles exigem medidas extremas — concluiu o Prefeito Fouché, utilizando o clichê a que o homem, sempre recorre quando assume poderes especiais sobre seus concidadãos.

CAPÍTULO OITO

UMA MASSA NEGRA

Enquanto o “Comitê de Ação” deliberava, a população da cidade dirigia-se para as seções eleitorais, onde votaria nas eleições primárias. As seções haviam sido abertas às oito horas em todos os quarteirões da cidade; fechariam às duas da tarde e o resultado seria anunciado pelo Prefeito Fouché, na prefeitura, no começo da noite.

Radicais e progressistas haviam feito árduos esforços nos últimos minutos para atrair o eleitorado. No ar, ressoavam slogans conflitantes.

Os aspectos mais sutis do conflito foram esquecidos nas últimas horas. Ambos os partidos apelavam ao homem da rua. Conheciam os eleitores muito bem o ponto principal em discussão: ou triunfariam os brancos ou os negros. A eleição transformara-se em uma luta cruenta entre um candidato ineficiente e dois agressivos negros.

Os três candidatos votaram cedo. Cumprido o dever, passariam o dia de várias maneiras. Clerc iria à Catedral de Saint-Pierre assistir à missa e depois cuidaria de negócios; os dois radicais continuariam a cabalar votos até que se fechassem as seções. Explorariam sem cessar o comportamento do Pelée; o vulcão, como se lhes quisesse apoiar a causa, não os abandonou nessa hora.



Em seu gabinete, Louis Mouttet traçava planos para enfrentar o Pelée. Nomearia uma Comissão de Inquérito.

Em silêncio, Andréus Hurard escutava enquanto Mouttet dava detalhes da nova Comissão de Inquérito. Seria presidida pelo Tenente-Coronel Jules Gerbault, Vice-Governador e “comandante da artilharia da ilha”. Os membros eram Paul Alphonse Mirville, “farmacêutico-chefe das tropas coloniais”; William Léonce, “engenheiro civil assistente” e Eugène Jean Doze e Gaston Jean-Marie Théodore Landes, ambos professores de Ciências Naturais do Liceu de Saint-Pierre. Landes, de quarenta e dois anos de idade, era um cientista cuja reputação extravasara os limites da Martinica. Ele daria, refletiu Hurard, o status de que a comissão necessitava com tanta urgência.

Ainda assim, o status não seria suficiente para salvar a comissão das acusações que lhe seriam mais tarde assacadas. Comissões de alto nível haviam precisado de meses para ponderar a evidência recolhida; seus membros haviam sido escolhidos devido a uma reconhecida imparcialidade, e suas nomeações, mais tarde ratificadas pelo governo, em Paris, Mouttet, porém, precisando “implantar tranquilidade interna e acabar com o cepticismo entre os estrangeiros”, resolvera pôr de lado tradicionais e experimentados métodos de seleção de comissões e seus termos de referência.

A Comissão Mouttet exibia todos os sinais de um absurdo oficial. Afora Landes, nenhum dos membros tinha competência para fazer qualquer estimativa científica sobre o modo como o Pelée continuaria a comportar-se. Em vez de meses, a Comissão teria apenas dois dias para avaliar a ameaça que porventura pesasse sobre Saint-Pierre. Na quarta-feira, suas conclusões deveriam ser publicadas no *Les Colonies*.

A finalidade da comissão era clara para Hurard: devia servir como tranquilizante, como meio de endossar a maneira como Mouttet encarava a situação.

O governador, porém, possuía outra carta para lançar no jogo político. Suspenderia a pena a que fora sentenciado Auguste Ciparis, o negro que aguardava no *bagne* militar de Saint-Pierre. Anunciaria a comutação da pena no jantar oficial que o prefeito de Saint-Pierre oferecia todos os anos ao governador, nas vésperas do Dia da Ascensão. A oportunidade lhe daria o máximo de vantagem política, ocorrendo logo depois da entrega do relatório da Comissão, e garantiria a vitória dos progressistas na eleição definitiva, marcada para a semana seguinte.

Para Andréus Hurard, a improvisada combinação de providências consistia em mais uma prova de que Mouttet controlava a situação.

A falta de controle identificada por Sequin, mestre do Topaz na noite anterior fora ocultada com especial cuidado. Para Hurard, o governador parecia apenas “cansado demais. Tinha a face exausta e contraída como por efeito de uma noite quase insone e levava com frequência a mão ao rosto para esconder um tremor sob o olho esquerdo”. Havia desaparecido a aspereza e rouquidão notadas por Sequin, substituídas por uma voz “que mal passava de um sussurro”.

Mouttet explicou a Hurard que varara a maior parte da noite a sós, reestudando a situação. Chegara à mesma conclusão de antes: o Pelée não constituía uma ameaça. Essa opinião fora fortalecida por relatórios sobre as atividades do vulcão durante a noite: um enterro fora perturbado; um maremoto arruinara o sistema de abastecimento de água de Saint-Pierre; certo número de mulatos morrera no cais; pedra-pomes chovera sobre a cidade. Mas nenhum desses incidentes, isoladamente

ou em conjunto, argumentou, poderiam justificar as medidas de pânico que estavam sendo solicitadas. Alimentos e acomodações podiam ser escassos. Mas isso não era motivo para que se disseminasse o medo.

A oito quilômetros de distância, sacudido pelo suave movimento de uma carruagem, o vigário-geral da Martinica, Monseigneur Gabriel Parel, escolhia o texto do sermão que pregaria na Catedral de Saint-Pierre no fim daquela manhã. Tomaria como base do sermão o Salmo 46: “Portanto, não temeremos, ainda que a Terra se transtorne, e os montes se abalem no seio dos mares; ainda que as águas tumultuem e espumejem, e na sua fúria os montes se estremeçam...”

As palavras emocionaram-no. Ajustavam-se como uma luva aos seus sentimentos. O que quer que a natureza despejasse através de seu agente, o Pelée, nenhum dano ocorreria ao rebanho do chefe interino da Igreja Católica Romana na ilha, enquanto os fiéis confiassem no Senhor.

Passara-se um mês desde que o Bispo da Diocese, Monseigneur de Cormont, deixara Fort-de-France para três meses de meditação na França. Em sua ausência, o vigário-geral assumira a tutela das necessidades espirituais da ilha, ou pelo menos tantas quanto a Igreja Católica podia abarcar.

O último mês fora difícil e ele alimentava a esperança de que não houvesse ficado aquém de seus deveres. A erupção do vulcão provocara grandes alterações na rotina de sua vida. Viajara por todos os recantos da ilha, tranquilizando, orando nos locais atingidos pela calamidade, animando os padres, prometendo a salvação aos fiéis. Fizera inumeráveis sondagens sobre o perigo inerente ao Pelée. No fim, chegara a uma conclusão própria: ninguém sabia, na realidade, o que iria acontecer, mas se o povo conservasse a fé no Senhor e no poder da Igreja, tudo acabaria bem.

Aos cinquenta e cinco anos de idade, o vigário-geral possuía dois atributos notáveis. Um deles era a espantosa capacidade, uma vez escolhido um tema, de fazer um longo sermão sem precisar consultar notas; numa religião que não se notabiliza pela espontaneidade, falava com uma fluência muito mais comum nos evangelistas. O segundo atributo era a capacidade de escrever. Embora a prosa pudesse, às vezes, ser empolada, ele possuía um olho vivo para detalhes.

Naquela manhã de domingo, somente os capítulos iniciais do drama haviam sido registrados no grande caderno de notas do qual jamais se separava. Naquele momento, a caminho de Saint-Pierre na carruagem, leu mais uma vez as notas — não, como escreveu mais tarde, “por vaidade pessoal, mas para certificar-me de que eu não havia, nesse assunto, de qualquer maneira negligenciado a Igreja”.

Não precisava ter temido isso. Página após página de “iminente catástrofe sem paralelo na História” transbordava de histórias sobre pessoas que procuravam

refúgio na igreja, rezando, sendo objeto de orações, sendo benzidas e, mais uma vez, objeto de orações. Os padres da ilha, do que exercia seu ministério em Le Prêcheur aos que trabalhavam na Catedral de Saint-Pierre, haviam-se comportado de modo magnífico, sustentando a coragem do povo.

Aqueles eram, escreveu, “tempos penosos; não sabemos quando um novo desastre se abaterá sobre nós”. Mas quando ocorresse, a Igreja estaria preparada, pois “os padres não figuram entre os últimos a se darem conta dos perigos representados pelo Pelée”.

Na semana anterior, percorrera a mesma estrada “em meio a uma chuvarada de cinzas e um forte cheiro de enxofre. Visitei localidades nas proximidades do vulcão e, durante a viagem, observei estradas cheias de pessoas que fugiam das colinas para a segurança de Saint-Pierre, onde, de mãos estendidas, o povo pedia aos padres absolvição de seus pecados”.

Agora a estrada encontrava-se vazia. No momento em que a carruagem começou a subir a última ladeira antes de descer para Saint-Pierre, o vigário-geral chegou ao fim de sua crônica, convencido de que a Igreja não fora negligenciada.

Nos campos em volta da usina Guérin, viu trabalhadores abrindo caminho em filas irregulares por entre os canaviais. Não poderia haver razão, salvo cobiça, para trabalhar no domingo. Chamaria a atenção para esse fato no sermão. O domingo era dia de descanso.

De muitas maneiras, o vigário-geral era um homem fora do comum. Dez anos haviam passado desde sua chegada à Martinica, mas ainda conseguia manter uma altaneira distância das intrigas, escândalos e lutas políticas que constituíam o prato principal de grande parte de seu rebanho. Conhecia ligeiramente Mouttet; Clerc nada mais era do que um de seus fiéis; o corpo diplomático constituía apenas certo número de bancos na catedral. Acreditava na Igreja militante, mas não julgava que a militância devia estender-se às intrigas seculares da ilha.

Fizera amigos nas aldeias e povoados, entre os “autênticos martinicanos. São de espírito bondoso, em especial as mulheres, de comportamento gracioso e sério, e ambos os sexos são suficientemente inteligentes para reconhecer o próprio valor. Os homens não diferem muito dos tipos negros encontrados pelo Caribe, exceto no sentido de serem de caráter mais ameno e de mais suaves maneiras. Entretanto, isso já não ocorre em relação às mulheres, que, logo à primeira vista, parecem constituir uma raça à parte. De altura fora do comum, flexíveis e espigadas como suas palmeiras reais, esses orgulhosos produtos da Martinica chamam logo a atenção; e, conquanto pudéssemos com facilidade contestar a alegação de que são as mais belas entre as belas, é preciso admitir que algumas delas são extremamente

atraentes ou que uma voz mais bela do que a delas ou mais bem qualificada para encantar não pode ser encontrada como característica de qualquer outra raça”.

Em parte alguma, julgava esse bondoso e manso homem, havia mais encantadoras e belas vozes do que durante o canto na missa matutina que rezava em domingos alternados na Catedral de Saint-Pierre. E, a despeito de sua reputação de pecado, a própria cidade despertava um cáldo sentimento no vigário-geral. Naquele momento, na altura em que se encontrava, os prédios pareceram-lhe que se aconchegavam uns aos outros à procura de consolo sob um dossel de cinzas e escórias.

Obedecendo a um impulso, fechou os olhos e murmurou uma oração pela segurança da cidade.

Saint-Pierre, porém, precisaria muito mais do que orações para salvá-la. Precisaria de um sacerdote dotado de senso de missão, que empenhasse seu imenso poder para obrigar a que se tomassem decisões nos dias que viriam. Em lugar disso, no vigário-geral da Martinica a cidade possuía um ideólogo romântico que implicitamente acreditava que a oração constituía numa panacéia para todos os problemas.

A cinco quilômetros de distância, o Dr. Guérin, o homem que o vigário-geral pensava em profligar no sermão por ter desrespeitado a santidade do domingo, preparava-se para inspecionar seus trabalhadores. Firme na sela de seu garanhão cinzento, trotando na direção dos campos, ouviu à frente o bater contínuo de um tambor e um baixo e lamentoso canto. Através de uma fresta no canavial, viu uma longa fileira dupla de homens trabalhando sem cessar, cortando os altos pés de cana à medida que andavam e cantando ao acompanhamento do pequeno tamborileiro que os precedia. Trabalhavam em pares, cada par a cinco metros um do outro. Levavam todos uma arma de aparência letal: uma espada de lâmina larga, o machete da América do Sul, de quase um metro e vinte de comprimento, curvo como um cutelo de bucaneiro. Usavam-na com ambas as mãos, lançando as pesadas lâminas num movimento circular bem rente ao chão, derrubando os altos pés de cana, que tombavam sem resistência ao serem atingidos pelo aço.

Cada par de homens era seguido a alguns metros por uma mulher, cuja tarefa consistia em reunir as longas hastes da cana e amarrá-las em feixes. Eram as ammareuses, uma corruptela créole da palavra francesa amoureuses, ou amantes, um apelido dado pelos favores que elas com tanta facilidade dispensavam durante as pausas para alimentação.

O Dr. Guérin observou feixes sendo lançados em uma carroça de rodas de madeira, puxada por bois. O trabalho desenvolvia-se bem; seu filho, Eugène, dissera-lhe que

as carroças faziam a terceira viagem até a usina. Estava prestes a voltar para a usina quando ouviu um grito súbito na extremidade mais distante da fileira. A fileira tremeu e desfez-se, enquanto centenas de trabalhadores correram para a cena da comoção.

Ao chegar ao local, viu o Dr. Guérin que coisa alguma havia, que se pudesse fazer. A terra abriu-se de súbito, engolindo vinte homens e mulheres; em seguida, de modo muito estranho, a rachadura se fechara, esmagando os cortadores de cana e suas ammareuses.

Do meio dos sobreviventes, subiu um murmúrio de medo. Sem esperar para retirar os cadáveres da fenda, dispersaram-se a caminho de casa, gritando que o Peleé atacara novamente.



Na Rue du Collage, em Saint-Pierre, outra multidão encontrava-se em movimento, perseguindo um jovem negro que a fome obrigara a roubar um pouco de alimento em um café. O proprietário do estabelecimento iniciara a caçada. Outros, possivelmente de puro tédio, procurando aliviar o sofrimento da própria fome, ou simplesmente porque a presa era um negro, haviam-se juntado aos perseguidores. O negro encontrava-se a meio caminho da Rue du Collage quando o alcançaram. Lançou contra a multidão o peixe roubado ao cair sob golpes de punhos cerrados. Surgira em Saint-Pierre o primeiro sinal do governo da plebe.

No Jardin des Plantes, o jardim botânico da cidade, o Professor Gaston Landes observava os últimos danos. Nunca mais o jardim abastecerá Paris, Berlim ou os Kew Gardens com plantas tropicais. As palmeiras, seringueiras, cactos gigantes e hibiscos vermelhos jaziam mortos sob uma mortalha de uns trinta centímetros de espessura em alguns locais. Por toda parte, viam-se no chão aves asfixiadas pelos vapores e gases lançados na atmosfera pelo Pelée.

A destruição constituía uma infelicidade pessoal para o Professor Landes. Mais tarde, naquele ano, durante as longas férias de verão do Liceu, deveria viajar para a França com uma seleção de bulbos para jardins botânicos das proximidades de Paris. Os bulbos, porém, como tudo mais no Jardin des Plantes, estavam mortos. A viagem, financiada pelo Liceu, teria que ser cancelada. Em uma explosão de desapontamento, o Professor Landes começou a arrancar selvagememente hibiscos de um canteiro.



O cônsul-geral britânico James Japp comportava-se também naquela manhã de domingo de um modo que não lhe era habitual. Informara ao atônito empregado, Boverat, que, pela primeira vez desde sua chegada à ilha, faria seu próprio almoço.

Em seu quarto no Liceu de Saint-Pierre, o Professor Roger Bordier escrevia uma carta à esposa, convalescente em Paris após uma longa enfermidade. Escrevia devagar, com repetidas pausas para contemplar o monte Pelée, cujas vertentes subiam imediatamente dos fundos da escola, situada nos subúrbios da cidade. Escrevera-lhe todos os dias desde que ela partira, sete meses antes. As cartas constituíam um potpourri de idéias, observações e banalidades. Enviava-as em pilhas no navio postal que semanalmente partia com destino à França.

Lente de História no Liceu, chegara a uma curiosa conclusão nos últimos dias. Descobrira uma marcante semelhança entre a provação de Saint-Pierre e a destruição de Pompéia pelo Vesúvio no ano 79. Até aquele momento a ninguém comunicara sua teoria, temeroso, com toda probabilidade, de ser transformado em objeto de ridículo por colegas e alunos. Mas, à esposa, confidenciou o elo entre as duas cidades. Ambas se situavam à sombra de seus vulcões e eram portos do mesmo tamanho. Havia ambas sofrido longas precipitações de cinzas, escórias e gases. Havia ambas experimentado tremores de terra. No caso de Pompéia a destruição fora rápida e inesperada.

“Não digo que isso possa ocorrer aqui. Ainda assim, nestes dias, tudo pode acontecer”, escreveu o Professor Bordier, demonstrando uma excepcional acuidade.

Somente em um único importante fato Pompéia diferia de Saint-Pierre. Na primeira, quase todos seus habitantes haviam deixado a cidade antes de sua destruição, fato este confirmado pelo pequeno número de cadáveres encontrados nas ruínas. Em Pompéia morreram apenas umas mil pessoas e a maioria dos cadáveres escavados sugeria uma total indiferença ante o desastre iminente.

E fora a indiferença das vítimas que fascinara o Professor Bordier, que, no íntimo, achava haver uma situação idêntica em Saint-Pierre naquele momento.

Deixava-o atônito a atitude da população: “O povo acredita cegamente que a cidade será salva.” Mas o escudo protetor fora já perfurado numerosas vezes: “A cidade inteira, dentro e fora das casas, está coberta de cinzas, pelo chão, pelos móveis, e elas até mesmo penetram nas gavetas. Quando saio para a rua, meu chapéu fica coberto por uma camada de cinzas de vários milímetros de espessura; meu colete de alpaca está cinzento, e as calças e sapatos têm a mesma cor. Nos jardins do Liceu, as avezinhas quase nem sabem mais em que ramos pousar; os pombos permanecem amedrontados em seus pombais; nos quintais, galinhas e patos, sufocados, jamais deixam os galinheiros. É desolador o aspecto do campo, mais cinzento do que quando chove. Na verdade, está chovendo. Apenas, chove cinza.” ’

Enquanto escrevia, teve a visão atraída por um movimento em volta do cume do Pelée. Um dedo de fumaça subira centenas de metros no ar sobre a cratera. Durante algum tempo permaneceu ali, parado, preto e reto. Em seguida, sob a pressão que se avolumava no fundo da cratera, a fita de fumaça começou a enroscar-se sobre si mesma, nivelando-se no alto e formando uma pequena nuvem. A nuvem tremeu e foi dispersada depois pelas correntes de ar que sopravam furiosas em tomo do pico do monte.

O fenômeno durou apenas alguns segundos, mas pareceu-lhe agourento. Calculou que a coluna devia ter contido uma alta proporção de matéria sólida para permanecer suspensa durante todo aquele tempo nas violentas correntes de ar. Ainda assim, as pressões que se acumulavam no interior da cratera haviam sido suficientemente fortes para que a coluna se houvesse enroscado de súbito, se elevado às alturas e se transformado na nuvem que se dispersara em seguida. Depois de descrever o que vira para a esposa ausente, o Professor Bordier acrescentou um último pensamento: “Quem sabe qual será o próximo fenômeno e de que maneira o enfrentaremos?”

Fechou a carta. Faria ela parte do último lote de correspondência a deixar Saint-Pierre, nos porões do navio italiano Orsolina naquele momento ancorado na enseada em frente à cidade.



Na ponte de comando do navio francês lançador de cabo Pouyer-Quertier, o Capitão Jules Thirion observava com grande atenção o vulcão e a paisagem a seus pés. De acordo com ordens do Almirante Pierre Gourdon, Comandante da Força Naval Francesa do Atlântico, deixara Sainte-Lucia na noite anterior. Tinha instruções para cartografar o leito do mar na área onde se pensava que fora cortado o cabo telegráfico entre a Martinica e Dominica. Isso implicava o levantamento de uma área imediatamente ao sul da ilha até um ponto a quatro quilômetros e meio de Saint-Pierre. O trabalho começara ao amanhecer. Naquele momento, o navio aproximava-se de Saint-Pierre, a quilômetro e meio a estibordo.

Embaixo, no tombadilho, um oficial supervisionava o trabalho basicamente monótono de medição e registro das sondagens. Mais tarde, elas seriam transferidas para o gráfico que formaria a base da carta a ser usada na operação de recuperação do cabo rompido no leito do oceano.

Da ponte de comando, o Capitão Thirion observou a desintegração da nuvem formada sobre o Pelée. Era mais uma indicação de atividade incomum na ilha desde sua chegada. Fez uma notação no diário de bordo.

Vista do mar, a ilha subia em uma série de penhascos ousados e acidentados, com as encostas cobertas de florestas e canaviais. Os pontos mais baixos assemelhavam-se a enormes corcovas de camelos até se confundirem com as vertentes da montanha, mais para o interior.

A ilha não se parecia com qualquer outra conhecida pelo Capitão Thirion: a sua silhueta em suave elevação não lhe lembrava os penedos e escarpas de Capri, Ischia, ou qualquer outra das ilhas do Mediterrâneo por onde passara; nem sua altura recordava-lhe as montanhas mais próximas de Cuba, Jamaica ou Porto Rico. A paisagem era típica do sul das Antilhas, criando uma atmosfera própria, presidida pelo altaneiro Pelée.

Através de um telescópio examinou com cuidado a cidade. As torres geminadas da catedral subiam majestosas acima do cais. Contou nove navios ancorados na enseada. À luz da manhã, a cidade parecia calma e tranquila.

Durante certo tempo, enquanto o Pouyer-Quertier subia a costa dá Martinica, o mar transformara-se, de azul escuro em leite alvíssimo. Naquele momento, ao largo de Saint-Pierre, estava cinzento-esbranquiçado, e nele flutuava grande variedade de detritos, animais mortos e cadáveres humanos.

Um oficial perguntou-lhe se iriam recolher os corpos. O Capitão Thirion respondeu negativamente, temeroso de contaminação. Instruira o vigia para que avisasse com grande antecedência ao timoneiro para que ele evitasse esbarrar em alguma carcaça ou cadáver.

O Capitão Thirion estava prestes a deixar a ponte quando notou uma nova coluna de fumaça lançada pela cratera. Dessa vez ela subiu várias centenas de metros no ar. Momentos depois, outra baforada, maior do que a primeira, ergueu-se, veloz, a seu encontro. Mais alguns segundos e uma torrente ininterrupta de fuligem preta era expelida, formando uma nuvem sempre maior sobre o Pelée.

Logo depois, devagar, a nuvem começou a mover-se, crescendo ainda, alimentada pelo cordão umbilical que a prendia ao vulcão.

Cessou toda a faina no Pouyer-Quertier, enquanto a tripulação observava o desenvolvimento do fenômeno. Não precisou esperar muito. Ganhando velocidade a cada segundo, a nuvem começou a estender-se pelo céu como se fosse um gigantesco leque preto. Momentos depois, corria sobre Saint-Pierre. Não se ouvia o menor som.

Para o Capitão Thirion, o fenômeno pareceu “a penumbra de um eclipse descendo sobre terra e mar. O espetáculo da nuvem de cinzas em movimento, como um imenso polvo cobrindo tudo, atraiu nossos olhares. Parecia que chegara o fim do mundo. Exceto nas partes iluminadas pelo sol, que dava um brilho ofuscante às

suas bordas, as cores eram de um frio e apavorante preto-acinzentado. Calculei que a altura de seu curso era de nada menos de dez mil metros acima de nós, e é bem possível que tenha sido mais do que isso.”

No momento em que a nuvem passou sobre o navio, rompeu-se o cordão de fumaça que a ligava à garganta do Pelée, deixando uma massa de muitos quilômetros quadrados a correr pelos céus.

Mas, naquele momento, cortados seus laços com o vulcão, pareceu que a massa diminuía a marcha, como se estivesse perdendo velocidade. E deu a impressão de que também perdia altura.

Enquanto o fazia, inesperadamente vomitou uma chuva de pedras e lama. Os primeiros fragmentos de pedra-pomes quebraram-se ao bater no tombadilho do Pouyer-Quertier, lançando fragmentos quentes em todas as direções. Vários tripulantes foram feridos pelos estilhaços. Outros foram queimados e escaldados pela lama quente.

“Atuando na base do instinto, ordenei que nos afastássemos a toda a velocidade daquela área”, escreveu mais tarde o Capitão Thirion no diário de bordo.

Da segurança da ponte, observou o esgotamento das últimas fases do fenômeno. A uns poucos quilômetros a bombordo, a gigantesca nuvem visivelmente perdia velocidade. Permaneceu pendurada no céu como uma preta e maligna massa. Em seguida, caiu, mergulhando em um vasto arco na direção da superfície do mar.

“Dirigi o telescópio para a área, incapaz de acreditar naquilo que via. A massa desprendia grandes nuvens de água, muito depois de ter desaparecido. Cheguei à conclusão de que aquilo era vapor produzido pelo calor da nuvem”, anotou o Capitão Thirion.

A grande nuvem nada mais fora do que um prelúdio do que estava para acontecer.

CAPÍTULO NOVE

LEVANTE NA PRISÃO

Notou o vigário-geral que a nuvem semeara o pânico em Saint-Pierre e o pânico era algo com que sabia lidar. Deu ordens ao cocheiro para que se dirigisse à Place Bertin. A apavorada população recuou ao reconhecer a carruagem do chefe interino da igreja na ilha.

— Reúnam-se no centro da praça — gritou o vigário-geral, debruçando-se sobre a janela da carruagem.

À sua presença produziu um notável efeito. Aos poucos, morreram os berros e gritos até que, finalmente, fez-se silêncio total na Place; Bertin.

Somente nesse momento o vigário-geral desceu da carruagem. Puxando sobre os ombros a pelerine, subiu para o assento do cocheiro e olhou para o mar de faces expectantes.

Sobre esse momento, escreveria mais tarde a seu superior, o ausente Bispo Alfred De Cormont: “A multidão queria de mim uma única coisa, que a tranquilizasse. Ocorreu-me apenas que, se ela conservasse a fé, o Senhor a protegeria.”

Na qualidade de representante imediato do Senhor, o vigário-geral lançou-se naquele momento à tarefa de tranquilizá-los e reforçar a fé que a nuvem quase abalara durante a passagem sobre a cidade.

— Nada há para temer! — Sua voz, firme e forte, ecoou por toda à Place Bertin. — Olhem em volta. É muito pouca a fumaça e a que há está sendo levada pelo vento para longe da cidade.

Mil faces viraram-se para a direção indicada pelos dedos estilados do sacerdote. Era verdade. O vento mudara de súbito pela primeira vez em vinte e três dias. Soprava nesse momento na direção norte, levando uma fina esteira de fumaça para os lados de Dominica.

— Oremos — ordenou o vigário-geral. — Oremos para que Deus nos proteja de novos males.

Durante um momento, pessoa alguma moveu-se na praça. Depois, um homem que se encontrava perto da carruagem caiu de joelhos. Seu gesto foi um sinal para que todos os que se apinhavam ali adotassem a postura tradicional da oração.

“Gloria in excelsis Deo. Et in terra pax hominibus bonae voluntatis...” — A recitação do Glória a Deus nas Alturas ressoou pela praça:

“A ti rezamos, a ti abençoamos, a ti adoramos, a ti glorificamos ...”

Lentamente a multidão começou a entoar o canto:

“Gratias agimus tibi propter magnam gloriam tuam; Dominus Deus, Rex caelestis, Deus Pater omnipotens...”

Para Clara Prentiss, dirigindo-se à catedral para a missa matutina, o canto “foi o som mais glorioso que jamais ouvi”. Atraída, encaminhou-se para a Place Bertin. Chegando à praça, ajoelhou-se também no chão, esquecendo pelo menos momentaneamente as cinzas, e começou a orar.

“Domini Fili unigenite, Jesu Chríste. Domine Deus, Agnus Dei, Filius Patria. Qui tollis peccata mundi, miserere nobis”

Andréus Hurard ouviu o canto a uma distância de várias ruas. Viera a toda pressa de Fort-de-France, ansioso para chegar à redação. Ali, todas as manhãs de domingo, redigia o artigo de fundo da edição do dia de Les Colonies. Era sempre uma peça refletida, recordando os eventos da semana transcorrida e alvitando sobre o que poderia ocorrer na semana que se aproximava. De modo geral, reservava o espaço a um problema político. Naquele momento, porém, resolveu que melhor seria usá-lo pondo em perspectiva a ameaça do Pelée.

À vista do espetáculo que tinha a Place Bertin como palco, teve certeza de que “todo o problema fora exagerado. Não poderia haver justificação alguma para essas orações”.

Desmontando, começou a puxar o cavalo em volta da multidão, que, nesse momento, chegava ao fim da Gloria in Excelsis:

“Tu solus Dominus, tu solus Altissimus: Jesu Chríste, cum Sancto Spiritu: in gloria Dei Patris. ”

O “Amém” perdeu-se em um grito súbito:

— O vulcão! Olhem para o vulcão!

Imensas nuvens amarelas em forma de couve-flor haviam começado a rolar da cratera. A multidão ergueu-se, ainda silenciosa, apavorada com o espetáculo. Em seu caderno de notas, Andréus Hurard registrou para a posteridade:

“Voltamos os olhos na direção do Pelée, e o que vimos foi realmente aterrorizador. A cratera, sossegada até um momento antes, lançava lençóis de nuvens amarelas. Elas saíam rolando e espumando furiosas e, um instante depois, o céu, ao norte, encheu-se de fumaça que corria e subia, contorcendo-se em altas colunas,

pirâmides ou cabeças de cogumelos — rolando pretas e amarelas com as turbilhonantes cinzas que transportavam. O cume do Pelée estava sendo açoitado com violência pela fumaça e logo depois desapareceu nas sombras provocadas por essa nova manifestação de atividade da cratera. A cena era extraordinária e tornada duplamente impressionante pela rapidez com que surgira.”

O aspecto sobrenatural do fenômeno foi realçado pela ausência total de ruído. No seu caderno de notas, o dono do jornal acrescentou: “Logo depois, tornou-se óbvio, mesmo para os mais tímidos, que as nuvens não encerravam ameaça.” Mais tarde, na redação ampliou esse tema em um editorial.

Na sentença inicial sumariou o comportamento do Pelée no fim-de-semana: “A população de Saint-Pierre teve, mais uma vez, a oportunidade de presenciar um espetáculo grandioso na majestade do vulcão espumejante.” Passou a analisar o conteúdo exato das precipitações de cinzas, consolando-se com o fato de que elas não continham “nem cal, nem sal marinho, nem qualquer substância química que possa ser prejudicial à vegetação”. Comentando os danos produzidos, pôs a culpa no peso das cinzas, não em seu conteúdo, aduzindo: “Conquanto os ramos de numerosas árvores tenham quebrado, é preciso lembrar como é fraca a madeira de um pé de fruta-pão.”

Por último, abordou a questão final: “Teremos ainda outros tremores de terra? Não é provável.” Isto porque “homens competentes para julgar” haviam assim informado ao jornal.

Esses homens, se por acaso existiram fora da mente do jornalista, jamais foram identificados.



Ao largo, na enseada, o Capitão Marino Leboffe do Orsolina, chegara a uma conclusão. Se necessário, levantaria ferros com os porões vazios, de preferência a correr o risco de ser varrido pelo vulcão.

Caiu silêncio em seu camarote no momento em que anunciou a decisão.

O Orsolina era um dos quatro navios italianos ancorados ao largo de Saint-Pierre. Havia ainda o Teresa Lo Vico, um navio de madeira de 585 toneladas, à espera de um carregamento de açúcar da usina Guérin. Outro, o Sacro Cuore, de 580 toneladas, acabara de chegar de Marselha com uma carga mista. O Nord America, de 583 toneladas, esperava também uma carga variada dos armazéns de Clerc.

Em meados da manhã, os comandantes desses navios reuniram-se a bordo do Orsolina para discutir as erupções.

Relutaram em aceitar a decisão do Capitão Leboffe. Argumentaram que partir sem instruções de seus armadores seria uma violação de compromissos.

— Além disso — falou um dos comandantes — o Pelée não é o Vesúvio.

— De fato, não é. Eu sei o que o Vesúvio é. E acho que o Pelée é muito mais que o Vesúvio — replicou o Capitão Leboffe. — Se a situação piorar, darei as costas ao Pelée, quaisquer que sejam as consequências!



Em Saint-Pierre, a despeito dos esforços do vigário-geral, era ainda grande o medo. No quarteirão mestiço, o Padre Alte Roche não conseguiu impedir que um grupo de famílias abandonasse suas casas, tomasse barcos de pesca e seguisse costa abaixo para Fort-de-France. Outros grupos preparavam-se para fazer a viagem a pé. Nas proximidades da Residência britânica — onde James Japp preparara o próprio almoço — encontraram eles os sobreviventes de Ajoupa-Bouillon. Aumentaram a confusão e o pânico, acompanhados de boatos apavorantes, em todos os bairros da cidade.

Com os boatos, aumentou a pilhagem. No fim do dia, 37 incidentes envolvendo saque de mantimentos seriam noticiados. A polícia e a guarnição militar local se sentiriam quase incapazes de controlar a insurreição, apesar de receberem instruções do Prefeito Fouché, sob “poderes a mim conferidos em caso de emergência”, no sentido de como enfrentar a situação. Pilhadores, seriam presos e julgados na hora, e, se considerados culpados, confinados na prisão militar “até segunda ordem”. A justiça sumária havia chegado a Saint-Pierre. Porém, pouco adiantaria para reduzir o saque de comida e frutas; nada fazendo, também, para impedir o medo que começava a desgastar o até então organizado comércio da cidade.

Comboios organizados pelo “Comitê de Ação” deveriam viajar para todas as partes da ilha e trazer abastecimentos a Saint-Pierre. Mas mesmo antes de deixarem a cidade, foram imobilizados por bandos de refugiados que chegavam e saíam de Saint-Pierre.

Para Thomas Prentiss, o cônsul americano, observando a cena do terraço de casa, “a impressão geral é de total e completo caos. As pessoas parecem andar sem destino. A lei e a ordem, como as conhecemos, estão se deteriorando. Se a ajuda externa não chegar logo, temo pelas consequências”.

O mundo externo, porém, não ouvira ainda uma única palavra sobre os acontecimentos da ilha.



O repique dos sinos nas torres geminadas da Catedral de Saint-Pierre acordou Auguste Ciparis de um inquieto sono. Quando parassem os sinos, seria meio-dia. Como em todos os domingos alternados, começaria a Missa Solene na catedral. Escutou com toda a atenção o som dos sinos, sabedor de que, a menos que acontecesse o milagre pelo qual rezara, seria o último domingo em que os ouviria. Os sinos não mais tocariam até depois do desjejum na quarta-feira, Dia da Ascensão. Até então, achava que já teria morrido, suspenso pelo pescoço na forca que seria levantada das ruínas da plataforma situada num dos cantos do pátio da prisão.

O *bagne* de Saint-Pierre era um dos poucos que ainda conservava o patíbulo para execuções. Na França metropolitana, o instrumento inventado pelo Dr. Guillotin tinha uso geral, substituindo o pelotão de fuzilamento, que, no espírito marcial do Primeiro Império, fora o método tradicional de execução. O pelotão jamais fora popular na Martinica simplesmente porque havia carência de atiradores peritos entre os guardas. A guilhotina, embora fosse teoricamente método rápido e preciso de execução, fora rejeitada porquê a administração da prisão acreditava que a lâmina e a estrutura onde ela se encaixava empenariam no clima tropical, produzindo o que um relatório sobre o assunto chamou de “terríveis consequências. Mesmo que a guilhotina estivesse em perfeitas condições, se os seus postes não fossem conferidos com um fio de prumo para se verificar se estavam absolutamente verticais, a lâmina não desceria facilmente e se prenderia durante a descida, cortando o pescoço do condenado sem terminar a tarefa. Isso seria penoso” — e não menos, presumivelmente, para o condenado.

Muito embora princípios humanitários houvessem feito progresso a cada ano, especialmente após o Império, a disciplina no *bagne* de Saint-Pierre continuava rigorosa. Nos domingos em especial, era rígida. Oficialmente declarado dia de descanso, na realidade, no domingo, os prisioneiros permaneciam confinados às suas celas, exceto durante as refeições.

Após o estrondo de portas que se fechavam após o desjejum, o silêncio desceu sobre o *bagne*. Fora interrompido apenas por um coro de medo dos prisioneiros quando a nuvem de cinzas lançara uma sombra escura sobre a cidade; outro tumulto se seguira ao aparecimento das altas nuvens em forma de couve-flor, ejetadas pelo Peleé. O berreiro havia sido reprimido pelos guardas de serviço, que bateram, violentos, nas portas das celas com as coronhas dos mosquetes. Durante algum tempo, voltara o silêncio.

Naquele momento, porém, ao se calarem os sinos da catedral, Ciparis ouviu novos sons emergindo da prisão. No início, pouco mais do que um sussurro, morrendo e voltando mais forte do que antes. Em certo momento, parecia vir de alguma parte

no bloco de celas em cima; e, no seguinte, de um bloco situado na extremidade mais distante da prisão. Em seguida, o hiato foi fechado, e o som, baixo e gutural, emergiu de todos os recantos do bagne.

Os prisioneiros exigiam transferência para o bagne de Fort-de-France até que o Pelée cessasse suas ameaçadoras atividades.

Pela primeira vez na história do sistema penal francês na Martinica, estava em andamento um levante. Estimulado pelas duras condições, o medo e a suspeita, ele crescería rapidamente a menos que fosse logo reprimido.



Coisa alguma perturbava a pompa da Missa Solene na Catedral de Saint-Pierre. Com uma única exceção, a catedral estava apinhada para o grande sacrifício da Igreja Católica. A exceção eram os bancos vazios habitualmente ocupados pela família Guérin. Sua ausência causara especulações entre os fiéis. Os Guérins jamais haviam perdido a missa de domingo. Pouco antes do começo do serviço, começaram a correr entre a multidão notícias da tragédia que se abatera sobre Ajoupa-Bouillon.

Em outros recantos da catedral, porém, havia pessoas alimentando pensamentos mais felizes. René Cottrell, de vinte e três anos de idade, esperava ansioso o término da missa, quando teria oportunidade de acompanhar a bonita e jovem moça a seu lado de volta à casa do tio para o almoço e uma preguiçosa tarde de palestras e leituras.

René Cottrell, chegado a Saint-Pierre há apenas uma semana, já se apaixonara por Colette de Jaunville.

Os Cottrells, uma das Dez Famílias, possuíam propriedades em volta de Saint-Pierre e Fort-de-France. Os Jaunvilles eram igualmente donos de vastas plantações e podiam remontar sua aristocracia a Josephine Beautharnais, esposa de Napoleão.

Numa ilha onde era difícil arranjar casamentos convenientes, este seria recebido com satisfação. René Cottrell era considerado um dos melhores partidos entre os jovens da Martinica. Colette de Jaunville — como sua distante ancestral, a Imperatriz Josephine — era, por sua vez, uma moça afetuosa, loquaz, de cabelos castanhos abundantes e encaracolados e olhos escuros, sombreados por longos cílios. Tinha quinze anos, um pouco mais que a idade em que se esperava que as moças da ilha se casassem. Mas, naquele momento, podia já sonhar com a vida de esposa de um rico plantador, dispensando encanto e hospitalidade na pequena sociedade da Martinica.

Agora, juntos ajoelharam-se para ouvir as palavras da Consagração.

O Professor Bordier, sentado nos bancos dos fundos da catedral, por tradição ocupados pelos professores do Liceu, acompanhava com especial interesse as palavras da Consagração. Antes da missa, confidenciara ao Professor Landes o receio de que, se as condições se agravassem, talvez fossem impossíveis outras missas. O povo, dissera, não poderia orar em um ar saturado de enxofre. O Professor Landes considerara a idéia como “além de minha compreensão”. Contara ao Professor Bordier que fora convidado a fazer parte da Comissão de Inquérito do Governador sobre o Pelée, acrescentando, como anotou Bordier mais tarde, as significativas palavras: “É claro que circula por aí um número grande demais de boa-, tos absurdos.” Decerto, a menor sugestão de que os serviços na catedral deveriam ser suspensos era, naquela manhã de domingo, inteiramente incoerente com a situação: o ar na catedral estava relativamente livre de enxofre ou partículas de cinzas, em comparação com a maioria dos edifícios públicos da cidade, embora Clara Prentiss houvesse notado “uma fina película cinzenta por toda parte, dando à catedral um aspecto funéreo”.

Naquele momento, enquanto o ritual intercedia pelos mortos, não pôde ela deixar de sentir que, antes de muito tempo, haveria muitos outros novos mortos para lembrar.

O Dr. Guérin, com a ajuda dos filhos, Eugène e Joseph, e operários da usina, retirara os corpos dos vinte trabalhadores esmagados. Havia sido colocados em uma carroça e transportados para o cemitério atrás da usina. Os empregados da propriedade choravam em pequenos grupos. Ao ser lançada a última pá de terra, o Dr. Guérin orou pelos mortos.



Em sua igreja no quarteirão mestiço, o Padre Alte Roche chegava ao fim da missa matutina. Ao contrário da catedral, onde a missa fora cantada, a rezada pelo jesuíta fora simples, ajudada por um garoto mulato. A igreja carecia das ricas tapeçarias, do ouro e dos candelabros da catedral. Os seus trezentos assentos haviam sido ocupados muito antes do começo da missa.

O Padre Roche abençoava a multidão, quando um crepitar de fogo de mosquete cortou-lhe as palavras.

Olhos viraram-se, inquietos, para o local de onde viera o som. Durante um breve momento, o Padre Roche hesitou, mas recomeçou em seguida: “.. .et habitavit in nobis; et vidimus gloriam ejus, gloriam quasi Unigeniti a Patre, plenum gratiae et veritatis. ”

Da multidão ajoelhada subiu um murmurado “Deo gratias”

Terminara a missa. Enquanto os fiéis se levantavam, outra rajada de tiros de mosquete ecoou no ar.

Desta vez, não havia dúvida sobre a origem do som... vinha da direção do bagne.



Ao ouvir a segunda saraivada ecoar pelo pátio da prisão, Auguste Ciparis sentiu um calafrio de medo. Os guardas, uma dúzia deles, encontravam-se dispostos em uma linha irregular de um lado a outro do pátio, disparando perigosamente perto de sua cela.

Do bloco sobre ela veio o som de madeira quebrando-se contra metal. Os prisioneiros haviam começado a destruir a mobília das celas. Por duas vezes, os prisioneiros de outros blocos haviam sido reprimidos pelo fogo dos mosquetes. Naquele momento, uma terceira salva foi disparada através das janelas gradeadas em cima. Pela primeira vez em 143 anos, ouvia-se em Saint-Pierre o estrugir concentrado de armas de fogo.

Do bloco de celas subiram gritos de dor. Cessou o quebra-quebra e, no pátio, ouviu-se a voz do diretor da prisão.

Através de uma fresta na janela, Auguste Ciparis mal conseguiu vê-lo, um gordo homem de meia-idade.

O diretor falou pouco e foi direto ao assunto. A menos que cessasse imediatamente o motim, haveria maciças represálias. A partir daquele momento, suspendia todos os privilégios concedidos aos éprouves — os presos de confiança; todos os prisioneiros seriam mantidos em grand fatigue e os cabeças, uma vez identificados, receberiam cinquenta golpes de bastonnade, seguidos por prisão em solitária.

Citava ele um dos castigos mais severos previstos no Código Penal. A bastonnade era um açoite de seis caudas, irmão mais novo do gato-de-nove-caudas inglês. Cada “rabo” tinha oito milímetros de grossura e 45 centímetros de comprimento e era preso a um grosso cabo de madeira. O castigo da bastonnade era aplicado em uma plataforma chamada “banco de justiça”, descarregando-se os golpes sobre os ombros, da esquerda para a direita. A prisão em solitária constituía um castigo quase tão cruel. O prisioneiro era amarrado a uma prancha de madeira, com liberdade suficiente apenas para se virar um pouco e urinar!

Ninguém se moveu no bagne. Em seguida, de um bloco distante, ouviu Ciparis o som de portas de celas que se abriam. Pouco depois, arrastando os pés, uma fila de presos, escoltados por guardas armados, entrava no pátio. Surgiu outra fila. Em seguida, em cima, ouviu ferrolhos sendo corridos.

Terminara o levante na prisão.

CAPÍTULO DEZ

DE VOLTA AOS VIVOS

A quatro quilômetros e meio de distância, nas encostas do Pelée, a má sorte caíra sobre o grupo que partira de Morne Rouge à procura de alimentos. Durante três semanas a aldeia fora alvo de um incessante bombardeio de cinzas. A precipitação contaminara as culturas e o abastecimento de água e, naquele domingo, Morne Rouge enfrentava uma difícil situação. Numerosos aldeões haviam fugido para Saint-Pierre, situada a três quilômetros a oeste. Os que permaneceram viam-se a braços com uma crescente carência de alimentos e água de beber. Após a missa matutina, o pároco da aldeia, Curé Mary, pedira voluntários para ir até o outro lado do Pelée, a La Lorraine, para obter provisões. Naquele momento, horas depois, a pequena carroça coberta de lama, puxada sobre terreno acidentado por uma dúzia de voluntários, quebrara um eixo.

Continuaram sem ela, escolhendo com cuidado o caminho em torno de maciços calhaus de basalto. Acima deles, o vulcão expelia grande volume de nuvens e cinzas que lhes confundiam praticamente os sentidos.

Em começos da tarde, o grupo chegara à encosta mais baixa do vulcão e começara a atravessar uma longa crista rochosa a uns setecentos metros acima do nível do mar. A sua cinzenta e desolada superfície, que até um mês antes fora coberta de grama e floresta, estava desfigurada por escórias, pequenos calhaus e pedaços pontudos de rocha, todos eles expelidos pela cratera. Durante um momento, o grupo parou para se orientar. A crista, larga nessa altura, contraía-se até tornar-se uma passagem muito estreita ao subir para o cume. Abaixo do grupo, a paisagem estendia-se para longe. Mais além, o oceano azul lançava espuma branca contra os penhascos verticais da costa. A meia distância, o rio Blanche começava seu curso: uma corrente enlameada da cor de chocolate que raspava um dos lados da usina Guérin no seu caminho para o mar. Morne Rouge e, a distância, Saint-Pierre pareciam, daquela altura, uma coleção de casinhas de brinquedo. À frente e imediatamente acima da crista, abria-se uma profunda ravina, cujos paredões, parecendo cicatrizes de queimaduras, haviam sido cortados por uma torrente de lama em alguma era há muito passada. A. menos que o grupo voltasse sobre os próprios passos e tentasse cruzar de outra direção o flanco do Pelée, não tinha

alternativa senão subir e esperar que a uma maior altura a ravina se estreitasse o suficiente para que a pudessem transpor de um salto.

Foi fácil a primeira fase da escalada e a crista oferecia um número suficiente de apoio aos pés. Enquanto o grupo subia, o tempo, que permanecera claro durante todo o dia, começou a enfarruscar-se. A garganta do Pelée foi envolvida por um denso nevoeiro que obliterou a linha divisória entre terra e céu. Pouco depois, começou a garoar; a atmosfera sobrenatural foi tornada ainda mais apavorante por aberturas no nevoeiro, através das quais vislumbravam fantasmagóricos mornes e pitonsi ou altos espigões de rochas que se projetavam da espinha do vulcão.

Quanto mais alto subiam, maiores se tornavam os sinais da devastação. Não se via mais o menor traço de vegetação. Nesse momento, do alto desceu um ribombo surdo. Petrificado, o grupo permaneceu imóvel: naquele momento, o som vinha aparentemente de algum lugar muito abaixo de seus pés; um momento depois, dava a impressão de descer do mar de nuvens no alto.

Inesperadamente, o ribombo de um trovão, que pareceu rasgar de alto a baixo o coração da montanha, abafou todos os sons. Um momento depois, a segunda descarga, desta vez acompanhada por raios que retalhavam furiosos as nuvens. Logo em seguida, um terceiro e quarto estrondos ecoaram, como fogo de artilharia.

O grupo foi colhido no fogo cruzado de uma dessas ensurdecedoras trovoadas que, de tempos em tempos, abalavam o cume do Pelée. Um momento depois, a chuva despencava torrencial enquanto os raios acendiam relâmpagos cegantes, iluminando durante curtos instantes trechos da montanha.

Atordado pela força da tempestade e encharcado até os ossos, o grupo começou a serpentear e recuar pelo caminho por onde viera. Difícil e perigosa jornada. A tempestade corroera os apoios para os pés, substituindo-os por buracos e fissuras. Dos buracos desciam correntes de lama e água, transformando em perigoso atoleiro a dura encosta de uma hora antes.

Encontrava-se o grupo a meio caminho encosta abaixo quando a torrente de lava os alcançou. Gritando de horror, desceram aos trambolhões a crista enquanto a massa quente ao vermelho lhes lambia os tornozelos. De súbito, um dos homens escorregou, lançando ao mesmo tempo dois companheiros na lama. Impotentes, despencaram pela borda da ravina, de cujas profundezas subiam baforadas, de vapor.

O resto do grupo alcançou o fim da crista e a relativa segurança de um afloramento rochoso. Abaixo deles a lava correu célere, fumacenta, reluzindo, coleando pelo chão, gotejando de tempos em tempos o seu flanco mais distante no interior da ravina.

Quase enlouquecidos de medo, os sobreviventes desceram pela trilha da montanha, escorregando e deslizando ao longo da maior parte do caminho.

Não se sentiram seguros senão depois de chegar à acidentada carroça. Por essa altura, a tempestade começara a amainar. Quando isso aconteceu, levou para longe as nuvens, deixando exposto o crânio calvo do Pelée.

Abaixo, a luz do sol banhava a paisagem.



No seu gabinete, Louis Mouttet e os cinco membros da Comissão de Inquérito observaram a tempestade morrer em volta do cume da montanha. Naquela tarde, a comissão seguiria para Saint-Pierre e daria início às investigações.

— Teremos de subir a montanha? — perguntou Paul Mirville, farmacêutico da guarnição da ilha.

Pouca vantagem haveria nisso, respondeu o Professor Gaston Landes. "Ele, pelo menos, conhecia bem a geografia do Pelée. Possuía em seu gabinete no Liceu certo número de relatórios topográficos sobre o vulcão, que teria prazer em emprestar aos colegas, caso quisessem familiarizar-se com o Pelée.

O governador tinha uma observação a fazer: queria deixar claro que o papel da comissão era principalmente o de “verificar as condições de segurança em Saint-Pierre”, e não discutir a montanha. Informara-lhe o Professor Landes que qualquer grande corrida de lava desceria pela estéril encosta norte do vulcão.

— A preocupação dos senhores deve ser descobrir por quanto tempo Saint-Pierre pode, cientificamente, suportar a tensão produzida pelas cinzas e o enxofre — explicou o governador. Teriam ainda por função verificar se o terreno em volta de Saint-Pierre protegeria o suficiente a cidade contra o perigo de uma corrida de lavas.

Era, como outras pessoas observariam mais tarde, uma curiosa missão. A comissão devia virtualmente ignorar as forças que se debatiam nas entranhas do Pelée e, ainda assim, fazer “uma avaliação científica” da segurança de uma cidade tão visivelmente ameaçada que, para dizer o mínimo, era algo de espantoso. Para o Professor Landes, homem de conhecida integridade científica, concordar em fazer parte de tal missão constituía fato ainda mais perturbador. Ele apenas entre os membros da comissão, escreveu mais tarde o Professor Heilprin, devia “ter compreendido plenamente as relações geológicas então existentes”.

Se, de fato, compreendeu-as, conservou para si esse conhecimento.



Passara a hora do almoço em Saint-Pierre. James Japp, o cônsul britânico, apreciara a refeição por ele mesmo preparada: carne cozida e batatas. O empregado, Boverat, ficara surpreso com a habilidade culinária do patrão. Naquele momento, dormiam em seus quartos na Residência. Thomas Prentiss adormecera também. Anos de residência nos trópicos haviam-no levado a aceitar a siesta como um período essencial a um estilo de vida bem organizado.

A esposa, Clara, incapaz de conciliar o sono, ocupava-se com outro passatempo da ilha nas tardes de domingo: a correspondência. Sentada à escrivaninha na sala de visitas, escrevia à irmã, Amy, residente em Melrose, Massachusetts: “Escrevo-lhe sob a mais sombria das impressões, embora alimente a esperança de ter exagerado a situação. Thomas ri, mas sinto que ele está muito preocupado. Deixou de pedir que eu parta, sabendo que eu não iria sozinha. Hoje, o calor está sufocante. Quando saímos da missa, observei que muitas pessoas eram obrigadas a usar lenços sobre o nariz para evitar os vapores sulfurosos. Mesmo que não tenha havido outras quedas de cinzas nas últimas horas, o ar está opressivo. O nariz queima. Pergunto-me se todos nós não iremos morrer sufocados. Gostaria de saber o que acontecerá amanhã.

“Por toda parte circulam boatos de desastre iminente. O povo fala de corridas de lava, chuva de pedras ou mesmo de um cataclismo vindo do mar. Quem poderá saber? Embora eu não acredite em tudo o que ouço, o vulcão continua a exceder-se. Depois de lançar aos ares uma grande nuvem preta, maligna e impressionante, vomitou outras, imensas, que foram levadas pela tempestade. Nesta última hora, porém, retornou a calma. Meus pensamentos voltam-se agora para outras coisas. Os alimentos são escassos. No almoço, a cozinheira somente serviu galinha, feijão e batatas, uma medíocre refeição para um domingo, mas provavelmente melhor do que a maioria poderia esperar. Fala-se que alimentos vão chegar à cidade procedentes de outras partes da ilha e, esta manhã, a caminho da missa, observei a partida das carroças. Trata-se da primeira medida prática tomada pelo ‘Comitê de Ação’.

“É tensa a atmosfera na cidade. Estão ocorrendo numerosos roubos; e brigas. As tropas saíram à rua para manter a ordem e Thomas diz que elas conseguiram êxito. Ainda assim, a maior parte da população, a despeito de tudo o que está acontecendo, quer permanecer na cidade. Esta manhã ocorreu aqui um pequeno êxodo, mas já cessou. As pessoas dormem onde podem, nas ruas, mesmo encostadas à parede de nossa casa. Esperam, como todos nós, pela chegada da comissão nomeada pelo governador. É curioso, mas não consigo compartilhar do alívio do povo com a chegada da comissão. De que modo poderá ela acabar com a poeira que penetra em toda, parte, queimando-nos o rosto e os olhos?”

Ela fazia uma pergunta que outros somente fariam quando fosse, tarde demais.



Em outras partes da cidade, outras cartas estavam sendo escritas. Emilie le Cure, gerente-geral do Banco Colonial Inglês, escrevia a um primo em Marselha: “Os negócios, na última semana, foram medíocres, mas, ainda assim, a minha calma deixa-me espantado. Já houve certo número de mortes causadas pelo Pelée, e se devo morrer às suas mãos, espero o fato com tranquilidade. Se a morte me espera aqui, deixarei o mundo em numerosa companhia. Poucas pessoas falam publicamente no fim. Decerto não encorajo essas conversas entre meus empregados. Seria muito fácil espalhar o pânico. Ainda assim, comigo mesmo, pergunto-me quanto tempo passará antes do momento final. Será o que Deus quiser. Diga a Robert que ainda estamos vivos. Isto, talvez, não seja mais verdade quando esta carta lhe chegar às mãos.”

O fatalismo que começava a infiltrar-se em Saint-Pierre é revelado por outra carta escrita naquela mesma tarde de domingo. A sua autora, Véronique Clerc, numa carta a uma irmã residente em Lyon, terminava com as seguintes palavras: “Se houver tempo, eu lhe escreverei contando meus últimos pensamentos, se tiver que morrer. Mas é possível que a morte seja súbita e inesperada. Estamos iodos preparados e colocamo-nos nas mãos de Deus.”



Em começos da noite, por terra e mar, os primeiros suprimentos de alimentos já estavam a caminho de Saint-Pierre. A bordo do Topaz, seu mestre, Jules Sequin, levaria um carregamento de frangos, patos, uma ninhada de porcos, e sacos de frutas e verduras. Em volta dele, uma flotilha de pequenos botes, navios de cabotagem da Companhia Girard, barcos de pesca e veleiros convergiram para o porto de Fort-de-France. Da ponte de comando, o Capitão Sequin observou a febril atividade de carregamento em volta do navio lançador de cabos, o Pouyer-Quertier. Mais ao largo, dois navios de guerra franceses permaneciam ancorados, com as velas arriadas dos mastros, como uma corda de roupas a secar em um beco napolitano. Cardumes de peixe-agulha e cações nadavam em volta de seus cascos.

Sequin ficara espantado com a rapidez com que fora montada a operação.

Mal terminara o almoço a bordo, quando o capitão do porto subira ao tombadilho com a notícia de que o Topaz — por ordem do governador — deveria partir com suprimentos para aliviar a situação de Saint-Pierre.

— Por que não trazer a população para aqui? — perguntou Sequin.

Isso, disse o oficial, era “impossível”. Acrescentou que se dizia que o governador dera ordens para que “a todo custo, a população de Saint-Pierre permanecesse na

cidade”. Para Jules Sequin, isso constituía mais uma prova de que Mouttet estava perdendo o juízo.

No meio da tarde, pilhas de mantimentos, frutas e verduras coalhavam o cais de Fort-de-France. Foram postas em botes menores, atracados ao molhe, e levadas para o Topaz e o Pouyer-Quertier, que se encontravam ao largo. Explodiram numerosas e acaloradas discussões sobre quem ia pagar pelas mercadorias. No fim, a questão fora resolvida com a permissão dada a cada comerciante para viajar com os carregamentos e se responsabilizar por sua venda em Saint-Pierre.

Naquele momento, carregado até a amurada, o Topaz partiu.

De aldeias na metade sul da ilha, as carroças de alimentos, carregadas até as bordas, voltavam também à cidade. Em conjunto, navios e carroças haviam virtualmente esgotado todos os armazéns. Ao anoitecer, haveria em Saint-Pierre alimentos suficientes para uma semana.

— Depois disso, teremos que traçar outros planos. Se houver necessidade, traremos suprimentos de outras ilhas do Caribe — disse Robert de Saint-Cyr ao “Comitê de Ação” ao passar em revista a conjuntura, naquela noite, na sala de estar do Clube Esportivo de Saint-Pierre.

Na savane de Fort-de-France — a grande e verde praça pública arborizada com pés de tamarindo e sabliers — Louis Mouttet olhava para a estátua de mármore erigida em memória da Imperatriz Josephine.

Ao longo dos anos, ventos marítimos haviam-na desgastado e as chuvas tropicais lhe tinham estriado a superfície, enquanto a sujeira lhe escurecera a bela concavidade da garganta. Ainda assim, a figura conservara um curioso encanto humano. Os escultores haviam-na vestido segundo a moda do Primeiro Império, deixando nus os graciosos braços e os ombros, enquanto uma das mãos repousava sobre um medalhão com o perfil de Napoleão. Os olhos da estátua fitavam o local de seu nascimento, a sonhadora aldeia de Trois-Islets.

Engastada em um círculo de sete palmeiras, nos últimos tempos a estátua fascinava o governador. Durante períodos de aguda tensão, procurava a paz reinante no círculo de palmeiras. Olhando para o largo queixo da Imperatriz, o governador permanecia ali, um Napoleão preso à terra, cuja mente preferia a fantasia aos fatos.

O vigário-geral, voltando de Saint-Pierre, achou que havia algo de pateticamente triste e solitário no mais alto executivo da ilha, ali, em profunda comunhão com a estátua.

Naquela noite, escreveu em seu diário: “Debati comigo mesmo se deveria mandar mudar a rota da carruagem, esperar o governador quando ele deixasse a savane e

lhe transmitir as últimas notícias de Saint-Pierre. Mas resolvi deixá-lo entregue a seus próprios pensamentos.”

Pode-se desculpar o vigário-geral. Os vinte e três quilômetros de viagem pela péssima estrada haviam sido cansativos. Além disso, pouca possibilidade existiria de que Louis Mouttet tivesse recebido com agrado mais uma testemunha de vista, por mais importante que fosse, que apenas lhe traria ainda outras más notícias.



Em Saint-Pierre, caía a noite. Muito alto sobre a cidade erguia-se o Pelée, coroado por uma nuvem fortemente matizada de lilás e púrpura: uma magnífica faixa colorida pelo sol que mergulhava até o horizonte.

No alto da colina, onde parara antes o vigário-geral, o Professor Landes e os demais membros da Comissão de Inquérito detiveram-se também e olharam para o campo em volta.

Enquanto a luz noturna fazia as vertentes da montanha aparentemente ondular contra o céu do norte, o grupo começou a descer para Saint-Pierre, voltando-se com frequência, na carruagem, para olhar La Pelée.

Os mornes encontravam-se naquele momento à sombra. Suas curiosas formas cônicas falavam de erupções ocorridas há milhões de anos, enquanto os pitons, soerguimentos vulcânicos de estratos estilhaçados, pareciam uma fileira de torres de igreja. A massa da Pelée, porém, com uma imensa base de oitenta quilômetros quadrados, subia clara à luz noturna: era uma sucessão de estranhas cristas denteadas, terraços desmoronando em outros, que se abriam em ravinas, ligadas aqui e ali por enormes projeções de basalto e extravagantes formas de lava, cascadeando e escorrendo para o mar e a planície.

Cinquenta e um anos antes daquele domingo, o Pelée entrará em erupção. Le Prêcheur, naquela ocasião como naquele instante, fora a primeira aldeia a sofrer. Os aldeões haviam-se sentido asfixiados com o mau cheiro de enxofre. Naquela ocasião, em 4 de agosto de 1851, “houvera grande medo causado por um longo é apavorante ruído produzido pela montanha” — um ruído comparado pelos que o ouviram com o “ronco oco de um navio soltando vapor, embora infinitamente mais alto”.

O Professor Landes, ao lado do cocheiro, conhecia de cor a sequência dos fatos que se seguiram. O oco ronco continuara durante a noite, aprofundando-se, às vezes, num ribombo de trovão. No dia seguinte, ouviam-se por toda Saint-Pierre gritos de “A montanha está fervendo!” Ela não fervia, na verdade, mas o pânico tomara conta da população. Na manhã de 6 de agosto de 1851, a cidade apresentava um estranho aspecto. Telhados, árvores, terraços, beirais e calçadas estavam sepultados

por uma branca camada de cinzas. As mesmas precipitações descoravam os telhados de Morne Rouge, todas as aldeias em volta e o campo vizinho. A montanha lançava ao alto colunas de fumaça e vapor, e notou-se que o rio Blanche, geralmente de cor leitosa, corria para o mar como se fosse um derrame de tinta, pintando-o de preto durante quilômetro e meio.

Uma comissão nomeada pelo prefeito de Saint-Pierre fora solicitada a preparar um relatório sobre o comportamento da montanha. Descobriu ela que certo número de fendas haviam surgido, ou se tornado subitamente ativas, no flanco da montanha, todas elas longe da cidade. Mas, para tranquilizar ainda mais a população, os membros da comissão desceram a uma dessas aberturas — “e vale assinalar que suas pesquisas foram conduzidas a despeito do pânico momentâneo criado por outra explosão”.

Entrando em Saint-Pierre, o Professor Landes estava resolvido a evitar que os membros da Comissão de 1902 cometessem tais loucuras.

No fim, a despeito de “esforços extremamente árduos”, a investigação de 1851 descobrira que não havia motivo para receio. Não houvera mudanças estruturais na montanha: o ronco fora apenas produto do violento escapamento de vapores e cinzas pelas rachaduras.

O Professor Landes estava de sobreaviso para surpresas, mas duvidava que a comissão encontrasse uma situação diferente.

“Omitam-se as cinzas e o enxofre no ar, e os danos reais ocasionados pelo Pelée até agora parecem bem pequenos”, disse ele a Paul Mirville, enquanto a carruagem percorria as ruas cobertas de poeira.

É surpreendente que um cientista com uma reputação reconhecida na América e França, homem treinado para analisar fatos e julgar apenas depois das mais rigorosas indagações, tenha feito tal análise preliminar. Indubitavelmente, ela contribuiu para o que o Professor Heilprin mais tarde classificou como um completo “erro de julgamento” de Gaston Landes.

Durante a erupção de 1851, o Pelée expelira apenas vapor branco e cinzas. Naquele momento, porém, já expectorara um muco de aparência muito mais sinistra.

Em 1851, na esperança de dissipar os temores gerais, um padre creole subira até o cume do vulcão e plantara uma cruz em sua crista. O gesto teatral funcionara. Mas, naquele momento, seria necessário um ato muito maior de fé para eliminar o pavor de tantas pessoas.

Um grupo havia, certamente, que não estava mais disposto a confiar na segurança da cidade. Era formado pelos quinze caçadores que, em princípios da manhã de

sábado, fugiram da lava que engolira o perseguido javali. Após a primeira fuga e passado o pânico, haviam recolhido os pacotes de carne deixados na vertente mais distante do Pelée e se dirigido para Saint-Pierre, descrevendo uma grande volta. Venderam a carne muito antes de chegar ao bairro mestiço e descobriram que o dinheiro recebido pouco poderia comprar de alimentos.

Haviam passado uma famélica noite de medo e vigília. O comportamento do vulcão naquela manhã de domingo aumentou-lhes ainda mais os receios. Famintos e cansados, confusos ao presenciarem esporádicas brigas por alimentos que irrompiam como úlceras por toda a cidade, resolveram voltar às encostas do Pelée. Pelo menos no grand-bois, a floresta primitiva que de Saint-Pierre parecia uma faixa de líquens envolvendo o vulcão, pisariam terreno conhecido.

Em fila indiana saíram devagar de Saint-Pierre, cruzando no caminho com a carruagem onde viajava a comissão nomeada pelo governador.



Do lado de fora da Prefeitura de Saint-Pierre, reunira-se uma grande multidão, ansiosa pelos resultados das urnas. Pouco depois das oito horas, o Prefeito Fouché, o três candidatos, o Senador Knight e um grupo de funcionários dos Partidos Progressista e Radical surgiram à entrada do prédio. A multidão caiu em silêncio, enquanto o prefeito dava um passo à frente e anunciava o resultado: Fernand Clerc recebera 2.367 votos; Alfred Percin, 1.910 e Pierre Lagrosillère, 1.260.

A diferença entre Clerc e Percin não era bastante: teriam que disputar uma segunda eleição dentro de uma semana. Mas, como previra Amédee Knight, o resultado fora já virtualmente decidido. Entre si, os dois radicais haviam recebido 3.170 votos. Ora, essa vantagem lhes daria uma segura maioria de 800 votos nas eleições finais. E a maioria poderia ser ainda aumentada se alguns dos 747 que se abstiveram pudessem ser convencidos a votar.



Durante todo o dia, Suzette Lavenière escutara rumores de agitação do lado de fora de seu quarto. Ao meio-dia, ao ser trazida a refeição, soube da causa: o pessoal tratava dos feridos de Ajoupa-Bouillon. No fim da tarde, um cansado médico entrou em seu quarto, acompanhado do Padre Alte Roche, um velho amigo de anos da família Lavenière.

O jesuíta soltou as correias, explicando-lhe que as autoridades do hospital reconheciam haver cometido um erro de diagnóstico e que ela não estava mais louca do que ele, ou o médico.

Mesmo para o persuasivo Padre Roche, a libertação de Suzette Lavenière constituiu um dos mais notáveis episódios daquele domingo. Após a missa, fora

procurado por um empregado da propriedade Lavenière, dizendo-lhe que viera a Saint-Pierre preocupado com a segurança de Mademoiselle Lavenière. Tomando conhecimento do ocorrido, o Padre Roche fora até o hospital, procurara o médico-chefe e convencera-o a tirar Suzette da ala dos loucos.

Se o médico teria concordado em circunstâncias normais, nunca se saberá, mas aquelas circunstâncias tampouco eram normais. Todos os leitos estavam ocupados e os casos de emergência de Ajoupa-Bouillon encontravam-se espalhados em palaises pelos corredores.

O médico, como o quadro do hospital, trabalhara muito durante grande número de horas. Frente a frente com o padre, que sabia ter influência junto à administração do hospital e que, naquele momento, exigia que uma paciente aparentemente em bom estado físico — o choque era um diagnóstico desconhecido pelo serviço médico da ilha — fosse entregue aos seus cuidados, escolheu a solução mais simples: concordou em dar alta a Suzette Lavenière, paciente feminina número 273. A cama ocupada por ela poderia ser usada por um dos graves casos pós-operatórios de Ajoupa-Bouillon.

Mas a própria Suzette criou um novo problema. Fora trazida ao hospital como caso que requeria padiola; não trouxera roupas e dificilmente poderia voltar de camisola à propriedade. O médico resolveu a dificuldade emprestando-lhe um dos uniformes oficiais das enfermeiras — uma comprida e justa bata branca.

Vestida como enfermeira, deixou ela o hospital ao anoitecer em companhia do Padre Roche.



Louis Mouttet passou as últimas horas daquele domingo redigindo um telegrama para o Ministro das Colônias, em Paris:

OCORREU UMA ERUPÇÃO DO MONTE PELÉE. GRANDE QUANTIDADE DE CINZAS FOI LANÇADA SOBRE O CAMPO EM VOLTA. HABITANTES FORAM OBRIGADOS A ABANDONAR ÀS PRESSAS SUAS RESIDÊNCIAS E PROCURAR REFÚGIO EM SAINT-PIERRE. A ERUPÇÃO APARENTEMENTE ESTÁ EM DECLÍNIO.

O telegrama, enviado vinte e seis dias após o despertar do vulcão, constituiu a primeira notícia oficial ao mundo de que o Pelée entrara em atividade.

O despacho em si não fazia sentido. Fora redigido em uma hora em que governadores coloniais geralmente não trabalham, a menos que haja ameaça de séria crise; e evidentemente, desde que dizia que “a erupção aparentemente está em declínio”, Louis Mouttet não parecia acreditar em ameaça alguma.

Não houve menção à constituição da Comissão de Inquérito, um lapso que agravou a duvidosa providência de Mouttet de nomeá-la sem consulta prévia ao Ministério, formalidade essa requerida pelas suas atribuições. Demais disso, tampouco havia referência à formação de um “Comitê de Ação” de cidadãos em Saint-Pierre, uma grave ampliação dos poderes locais que, em si mesma, sugeria a gravidade da situação.

Mais importante ainda, o despacho de Mouttet de maneira alguma referia-se à devastação geral e às perdas de vidas resultantes das atividades do Pelée. Naquele domingo à noite, já houvera a destruição quase completa das aldeias de Le Prêcheur e Ajoupa-Bouillon, o desastre nos canaviais de Guérin, e várias avalanches e aberturas de fendas, desorganizando a vida no campo e transformando Saint-Pierre em centro de refugiados. O Pelée sacrificara mais de duzentas vidas, número esse não insignificante em uma pequena colônia, enquanto Mouttet contentava-se simplesmente em dizer que “ocorreu uma erupção no monte Pelée”!

Conquanto um carreirista político como Mouttet tivesse habilidade para manipular suas atribuições de modo a ajustá-las às próprias conveniências pessoais, ele era um veterano sabido demais para tomar providências óbvias que pudessem dar ensejo a acusações de desídia no cumprimento do dever. Ainda assim, um dos principais deveres de um governador colonial era manter plenamente informado o Ministério das Colônias. Mouttet estava sob a obrigação de enviar relatórios exatos e detalhados de numerosas facetas da vida colonial. Sendo assim, o que o teria levado a sentar-se a sós naquela noite e virtualmente inventar um relatório sobre a situação?

Podemos apenas concluir que Louis Mouttet perdera de tal modo contato com a realidade que, na verdade, acreditava que o Pelée não constituía ameaça. Estava suficientemente transtornado para crer que pelo menos duzentos óbitos, numerosos feridos e medo e destruição gerais, de todos os quais tinha conhecimento pessoal, podiam realmente indicar que “a erupção aparentemente está em declínio”.

CAPÍTULO ONZE

MATADOURO NA CALÇADA

Ao longo do cais, um pequeno exército de mulheres reunira-se à luz da manhã. A seminudez de seus corpos, a generosa forma de seus torsos, o apanhado, as pregas e a queda de tecidos oscilantes sobre quadris em movimento, a escultural simetria de pés descalços arrastando-se na areia — tudo aquilo constituía les porteuses. Descendentes de escravos africanos, suas características etnológicas haviam-se tornado indistintas em duzentos anos sob os efeitos de todas aquelas forças indefinidas que fundem o molde das raças — miscigenação, hábitos, terra e sol. Naquela ocasião, constituíam uma raça à parte: de pele clara, puros-sangues humanos robustamente conformados, epitomavam graça, força e economia de movimentos.

Nenhuma delas era gorda ou velha. O mundo delas era de membros flexíveis e de juventude; aos quarenta, passadas a juventude e a saúde, procurariam outro trabalho, incapazes já de concorrer com uma nova geração de moças prontas para exigir do corpo o máximo de força, resistência e gestos rápidos. Para conseguir isso, treinavam com a dedicação de verdadeiras profissionais. Muito jovens, à idade de cinco anos, praticavam carregando na cabeça um dobanne cheio de água; horas após horas andavam pelas ruas equilibrando no alto os jarros de barro. Aos dez anos de idade, começavam a carregar uma trait, ou pesada bandeja de madeira de altas bordas projetadas para fora, cheia até em cima com uns vinte e cinco quilos de frutas e verduras. Finalmente, em torno dos dezesseis anos — ágeis, vigorosas, apenas tendões e carne rija — tornavam-se porteuses plenamente desenvolvidas. Ao salário de quatro dólares mensais, trabalhavam doze horas por dia, seis dias por semana, carregando cargas de até 75 quilos em cestas na cabeça.

As quatrocentas moças à espera no cais de Saint-Pierre eram porteuses, carvoeiras da Compagnie Générale Transatlantique.

Durante o dia, com o suor enchendo-lhes os olhos, cantando enquanto trabalhavam, normalmente esvaziavam os armazéns de Fernand Clerc, carregavam barris de rum e açúcar para lanchas de fundo chato e levavam-nos até os navios ancorados na enseada.

Esperavam naquele momento a chegada de Julie Gabou. Reinava ela como soberana sobre as mil porteuses de Saint-Pierre. De vinte anos de idade, com a aparência de uma estátua de ébano, podia carregar noventa quilos na cabeça e levá-los sem uma pausa até Fort-de-France, situada a vinte e quatro quilômetros de distância. Tinha um metro e oitenta e seis de altura e de força e graça da cabeça aos pés.

Naquele momento, fumando um bout — o longo e fino charuto da Martinica — ela descia o cais.

Não haveria, disse ela, trabalho naquele dia como desforra ao Dr. Guérin por ter obrigado sua gente a quebrar a santidade do domingo. Um dos homens esmagados na greta aberta na terra fora seu marido consuetudinário. Misturando mágoa com represália trabalhista, Julie Gabou demonstrava que la filie de couleur era uma força que se precisava levar em consideração.

Duzentos e sessenta e sete anos haviam transcorrido desde a chegada à ilha das primeiras escravas negras — as primeiras porteuses. Em 1665, o Code Noir, lhes concedera a cidadania, embora não a liberdade completa. Mas, aumentando a miscigenação, o Código Negro de 1724 proibiu o concubinato e o casamento entre as raças. Aparentemente, o diploma legal não surtiu mais efeito do que a lei anterior. Por volta do século XVIII, escravas negras haviam começado a exercer seu reconhecido atrativo sexual como instrumento para obter o que queriam.

Na opinião de Lafcadio Hearn, o historiador da ilha, a subida das escravas ao poder era quase inacreditável: “Pouco mais de um século passou desde a colonização da ilha, mas, nesse tempo, o clima e a civilização transfiguraram as negras. Após uma ou duas gerações, a Africacaine, reformada, refinada, embelezada em suas descendentes, transformada na negra creole, começara a exercer um fascínio a que nada resistia. Viajantes do século XVIII ficaram espantados com o luxo dos vestidos e das jóias exibidos pelas morenas belezas de Saint-Pierre. As negras creoles, ou mulatas, porém, começando a compreender o poder de que dispunham, queriam favores e privilégios muito mais altos do que vestidos de seda e colares de contas de ouro: queriam obter não meramente liberdade para si mesmas, mas para seus pais, irmãos, irmãs, mesmo amigos.”

E obtiveram-na da única maneira que conheciam: como Lisistrata, estabeleceram um preço pelos seus favores. Escreve Hearn: “Tão onipotente era o encanto da beleza mestiça que os senhores começavam a tornar-se escravos de suas escravas. Mas não foram apenas as negras creoles que aparentemente desempenharam um papel nesse estranho drama, no qual a natureza triunfou sobre os interesses e o bom julgamento; suas filhas, muito mais belas, haviam crescido e ajudavam-nas a formar uma nova classe. Aquilo que somente a escravidão poderia ter tornado

possível, começou a pôr em perigo a integridade da própria escravidão.” Progrediu, assim, a marcha para a emancipação. A Natureza, sob o disfarce de escravas jovens, zombava dos códigos.

Nessa ocasião, já nascidas livres, suas descendentes, reunidas no cais, exerciam o direito de exigir acordos coletivos de trabalho.

Pela primeira vez, as mulheres da Martinica entraram em greve. Tipicamente, anunciaram o fato cantando. Tendo Julie Gabou à frente, deixaram o cais entoando a letra de uma canção popular creole que falava da luta pela liberdade.

Ao largo do porto, o Pouyer-Quertier levantava âncora para reiniciar a busca do rompido cabo telegráfico. Na ponte de comando, o Capitão Jules Thirion deixou por instantes de observar os preparativos para a partida, quando o som do canto das carvoeiras deslizou pelas águas, acompanhado pelos odores tropicais da cidade que despertava. Para ele, o canto pareceu “uma celebração”. Erguendo os olhos para a massa do Pelée — alteando-se sobre a cidade em frio silêncio — perguntou-se se a celebração tinha algo a ver com o vulcão. Desde o momentâneo pânico no navio ao passar a nuvem negra no dia anterior, o Pelée nenhuma indicação dera mais de atividade anormal. As nuvens em forma de couve-flor haviam sido substituídas por nada mais do que chumaços de algodão em volta do cume.

Convenceu-se de que qualquer ameaça que Saint-Pierre pudesse ter sofrido do vulcão havia, pelo menos naquele momento, desaparecido. A quilômetro e meio do cais, não podia ver as cinzas, as paredes rachadas do bairro mestiço, os restos da desmoronada Pont Basin, os cabos telefônicos rompidos, as águas ainda em cheia do rio Roxelane, os refugiados de Le Prêcheur, os sobreviventes de Ajoupa-Bouillon, ou centenas de outras coisas que lhe teriam dito que continuava crítica a situação na cidade.

A ameaça de contaminação por carcaças animais ou por um ou outro cadáver, que o inquietara no dia anterior, fora levada para longe, para o mar. As próprias cinzas na superfície das águas haviam visivelmente diminuído; mal eram visíveis em volta da corrente da âncora que subia estrondosa pelo escovém como uma torrente de ferro.

Embaixo o tombadilho começou a vibrar e na popa surgiu um movimento giratório e murmurante de líquido transformado em espuma quando as hélices morderam a água.

Rápida e incessantemente a terra girou para longe da ponte: Saint-Pierre, os pitons e mornes por trás da cidade guinaram para o lado, mudaram de lugar e começaram a flutuar para longe. Somente a massa imponente do Pelée permaneceu a mesma enquanto o navio-lançador tomava o rumo do mar.

Pouco depois, Saint-Pierre tornou-se indistinta no horizonte e sua face confundiu-se com a terra. Em seguida, a própria ilha transformou-se em uma silhueta — semelhante à forma que mostrara a Cristóvão Colombo no tombadilho de sua caravela em outra manhã de domingo, quatrocentos anos antes.

Verificando que a plotação do leito do oceano fora devidamente reiniciada, o Capitão Thirion deixou a ponte e foi tomar seu desjejum.



O Dr. Eugène Guérin tomava o café da manhã sozinho na sala de jantar da vila. Do lado de fora, chegaram-lhe os conhecidos sons da usina, despertando: o ruje-ruje de feixes de cana sendo lançados nas correias transportadoras que os levavam para a usina e o zumbido ininterrupto do dínamo da maquinaria que cortava, picava e transformava a cana em caldo.

Terminava o desjejum quando ouviu gritos na cozinha. Um instante depois, Mary Goodchild, a babá e governanta inglesa, entrou correndo na sala de jantar, dando palmadas no corpo e gritando:

— Fourmi-fou! Fourmi-fou!

O grito foi repetido em outras partes da vila e na usina. O Dr. Guérin correu para fora da casa e viu o capataz, Joseph du Quesne, organizando os trabalhadores para combaterem a peste de formigas e centopéias que coalhavam o local, vindas das margens do rio Blanche.

Haviam sido empurradas cada vez mais para baixo das vertentes do Pelée pelas quedas de cinzas: fourmi-fou, mosqueadas e amareladas criaturas, cujas picadas queimam como uma agulha em brasa, e as bête-à-mitte-pattes, muitas delas de trinta centímetros de comprimento, pretas e com bocarras capazes de cortar couro de sola.

Milhares e milhares delas invadiam o pátio da usina, produzindo um quase pânico entre os trabalhadores e apavorando os cavalos quando subiam até seus topetes.

Às suas costas, o Dr. Guérin ouviu o estrondo de janelas que se fechavam enquanto a vila mobilizava-se para resistir aos invasores. Destemidas, formigas e centopéias começaram a subir as paredes da vila. Os trabalhadores atacavam-nas com bastões, ensopando as paredes de sangue. No interior da vila, estrugiram gritos e berros enquanto as empregadas combatiam os insetos.

As centopéias já subiam as escadas, escondendo-se em quartos e salas, aninhando-se entre as roupas de cama e camisolás. Mary Goodchild caçava um grupo delas quando sentiu um formigamento na nuca: uma centopéia subira pelas costas de seu

vestido. Soltando um novo grito, correu em busca de socorro sem notar que, no pânico, a desalojara.

Do lado de fora, prosseguia, cruenta, a batalha. Barris de óleo, usados na lubrificação da maquinaria, foram esvaziados no pátio. Fileiras após fileiras de formigas e centopéias ficaram atoladas no grosso e preto óleo. Uma fila de caçambas, dirigida por Eugène Guérin, esvaziava baldes de água em cima dos apavorados cavalos, tentando afogar os insetos. Outro grupo, aparentemente inconsciente das picadas, batia sistematicamente a usina, esmagando os insetos com sacos molhados.

Nas paredes, por onde subiam novas e numerosas hostes, o Dr. Guérin e Joseph du Quesne haviam posto fogo em pedaços de madeira embebidos em óleo e os atirado no caminho dos insetos. Outros trabalhadores revestiam sem cessar as paredes com óleo para repelir os enxames.

Não era rara a praga que invadira a usina Guérin. Em 1851, quando o vulcão despejara também cinzas, as mesmas criaturas haviam invadido a área costeira, provocando uma enorme confusão. Em certos locais, destruíram plantações inteiras. Bebês em seus berços haviam sido comidos vivos. Imensas bolas de formigas vivas rolaram para o mar ao norte da ilha, desceram flutuando pela costa e arribaram em Saint-Pierre e Fort-de-France. Foram precisos meses para eliminar os insetos e empurrá-los de volta para as encostas mais altas. Atrás, eles haviam deixado uma esteira de animais domésticos mortos e um conjunto inteiro de novas superstições que encheriam a mente dos mulatos. Quando encurralada, dizia uma lenda, a centopéia saltava sobre a face do atacante e não podia ser desalojada senão depois de reduzida a pedaços; os seus pés deixavam marcas vivas e indeléveis na pele, um estado conhecido como *ca ka ba* ou *lota*.

Ninguém vira realmente tais marcas, mas histórias sobre elas haviam sido transmitidas de geração a geração. Outra lenda dizia que matar uma centopéia anunciava um próximo presente em dinheiro; mesmo sonhar que se matava uma delas trazia boa sorte.

Ao longo dos anos a lenda se tornara tão geral que pessoas normalmente inteligentes nela acreditavam. No decorrer do processo, as centopéias haviam adquirido atributos de inimigas do homem.

Assim, nessa manhã, o habitualmente reservado e autocrático Dr. Guérin tomou a frente dos trabalhadores numa ladainha de insultos contra os invasores. A cada golpe, gritava:

— Fora de minha casa. Vá para o inferno! Saiam de minha casa, suas assassinas!

No interior da vila o grito foi repetido enquanto centopéia após centopéia caía sob golpes de frigideiras e ferros de passar. Recuando sob o ataque, elas e as formigas demonstraram grande astúcia, lutando até a última picada.

Na casa de Eugène Guérin, seu irmão Joseph e as empregadas, empenhavam-se em batalha incessante com um grupo de centopéias, todas elas de trinta centímetros de comprimento, ventres rosados e cabeças de cor violeta. As criaturas, cujas pernas em pânico faziam-lhes o corpo contrair-se e alargar-se, passavam de um cômodo a outro com espantosa rapidez.

Segurando um caldeirão de água fervente, as empregadas despejaram-no sobre as criaturas.

Ouviu-se um som crepitante quando a água cascadeou sobre elas. Para se protegerem, as centopéias enroscaram-se em forma de casulo. Uma ou duas delas fizeram uma última e desesperada sortida. Centopéias em ataque frontal constituem um espetáculo apavorante, mas as empregadas conservaram a coragem. Lançaram o próprio caldeirão contra a cabeça das criaturas, esmagando-as.

Louis Labatut, foguista da usina, extensamente picado por formigas e centopéias, chegara a uma conclusão: quaisquer que fossem os induzimentos, ameaças ou receio de desemprego futuro, não ficaria um momento mais ali. Sem esperar sequer para apanhar sua garrafa de tafla, a bebida habitual dos trabalhadores de cana de toda a ilha, correu pelo pátio na direção de Saint-Pierre.

No lado de fora, a invasão fora contida. Mas, pouco depois desceria pelo rio Blanche uma nova e muito mais apavorante ameaça.



No presbitério em Morne Rouge, o Curé Mary pensava no milagre que acabara de acontecer. Em meados da manhã, um grupo de carvoeiras de Saint-Pierre chegara trazendo os alimentos tão necessários. Havia sido enviadas pelo “Comitê de Ação”. Mais tarde, Les Colonies exploraria politicamente o gesto, observando que o governador intervieria para aliviar os sofrimentos da aldeia na montanha. Naquele momento, porém, enquanto as carvoeiras distribuía peixe seco, verduras e feijão branco entre os paroquianos, o Curé Mary pôde pensar apenas que Deus intervieria em resposta à vigília de orações de uma noite inteira que fizera ante o altar da igreja, onde, no passado, outros milagres haviam sido pedidos e atendidos.

Para esse católico devoto, a única maneira de agradecer à intervenção era rezar mais uma vez.

Deixou o presbitério. No lado de fora, na única e torta rua, os aldeões já levavam os alimentos para seus chalés de madeira, aninhados na encosta. Normalmente, as casas eram ocultas por bananeiras, caniços e rosas silvestres. As cinzas, porém

havam matado a vegetação. Somente as quatro palmeiras em volta da porta da igreja pareciam ter resistido à precipitação.

Ganhando a rua, o Curé Mary lançou um olhar, como sempre fazia naqueles dias, na direção do Pelée. A cabeça da montanha, indistinta à luz do sol, erguia-se dos ombros dos mornes intermédios. Parecia inteiramente morta. O Curé Mary, para lhe repetir as próprias palavras, “sempre esperançoso de novas bênçãos”, perguntou-se se Deus lhe respondera também às preces sobre o vulcão.

De muitas maneiras, a ilha era aparentemente mais católica do que o próprio Vaticano. Todas as estradas, todas as trilhas, eram margeadas por santuários, estatuetas de santos, ou imensos crucifixos. Todas as casas em cidades e aldeias — fosse uma imponente residência de pedra, um chalé de madeira ou uma ajoupa com telhado de folhas de palmeira — possuíam uma chapelle, um rebuscado recanto na parede, onde eram conservados cruzeiros, vasos, candeeiros e velas de cera. Estatuetas eram colocadas em janelas, sobre portais e em águas-furtadas.

O próprio quarto do Curé Mary no presbitério lembrava um museu de arte sacra. Sua chapelle abrigava oito Virgens, um São José, um São João, um crucifixo, grande número de pequenos corações e cruzeiros, todos eles tendo alguma significação religiosa especial para o sacerdote. Como tantos dos emblemas religiosos que coalhavam a ilha, a coleção de cruzeiros e estatuetas de Curé Mary pouco tinha a recomendá-la como obra de arte; algumas delas chegavam ao grotesco, abalando o senso estético dos que as viam.

Para o mundo externo essa população silenciosa de gesso, madeira e pedra constituía evidência de que a Igreja continuava rica e próspera na Martinica. O catolicismo romano era um dos elementos de uma cultura comum que, teoricamente, unia a sociedade creole da ilha. Em Saint-Pierre e Fort-de-France, a Igreja conservava ainda, de fato, um lugar nas afeições do povo. No interior, porém, onde era poderosa a influência do vodu, o cristianismo lutava, implacável, com crenças pagas vindas da África. Em muitos locais, o quimboiseur, ou feiticeiro, já exercia mais autoridade do que o sacerdote, impunha mais pavor do que o magistrado, e despertava mais confiança do que o médico. As imagens e crucifixos ainda eram considerados com respeito, mas havia muitos, entre eles o Curé Mary, que achavam que esse respeito era inspirado por um sentimento puramente fetichista.

O padre encontrava-se na ilha há quarenta anos. Nesse período vira o governo francês, através de providências tomadas na distante Paris, expulsar numerosas ordens religiosas e construir escolas leigas, onde os ensinamentos se notabilizavam pelo agressivo antagonismo às idéias católicas. Mas, apesar de tudo, a Igreja

sobrevivera, embora o outrora total domínio na manutenção da ordem social se houvesse debilitado.

Naquele momento, no começo de uma semana em que a Martinica enfrentaria sua mais grave crise, a Igreja era dirigida por um prelado de pouquíssima influência junto ao governador ou à administração leiga. As orações, como o vigário-geral e o Curé Mary logo depois descobririam, não seriam suficientes quando ocorresse a crise.



Na ponta sul do cais de Saint-Pierre, próxima a Savane du Fort, tópico de candente interesse ocupava as mulheres ali sentadas. Eram notícias sobre o romance sempre mais terno entre René Cottrell e Colette de Jaunville. Foram trazidas por Marguerite, a velha blanchisseuse da vila dos tios onde se hospedava René. Durante sessenta anos, Marguerite trouxera roupa da casa para lavar naquele tranquilo afluente do rio Roxelane, deixando-a depois para corar nos imensos calhaus de porfírio e basalto prismático ao longo de suas margens. Em companhia de outras lavadeiras, com os rostos sombreados por imensos chapéus de palha, ela se encontrava mergulhada até os joelhos na água, batendo a roupa.

As quedas de cinzas, porém, haviam transformado a água em uma grossa pasta cinzenta. Nos últimos cinco dias, as lavadeiras chegavam e encontravam a água ainda mais acinzentada e suja. Impossível o trabalho, sentavam-se sobre as rochas ao sol quente, trocando animadas bisbilhotices. Era excitante a notícia trazida por Marguerite. Na noite de quinta-feira, Dia da Ascensão, três dias depois, os Jaunvilles dariam uma grande festa e corriam insistentes boatos de que o grande acontecimento da noite seria o anúncio do noivado entre o Sr. René e a Srta. Colette.

A notícia foi recebida com exclamações excitadas; no mundo de les blanchisseuses eram raros os casamentos legais.

Ainda assim, a despeito de toda sua frouxidão moral — um mundo em que mulheres trabalhadeiras e afetuosas sentiam-se felizes em estabelecer ligações casuais com homens que, não raro, se mostravam brutais com elas — esse mundo, dizíamos, era governado por rígidas normas. As autênticas profissionais ocupavam a parte superior da corrente; as empregadas domésticas casuais, que, duas vezes por mês, como parte do serviço, lavavam roupa, eram relegadas para a parte baixa. Na opinião de Lafcadio Hearn, as lavadeiras pertenciam a “alguma civilização mais antiga. A maioria é negra, pois ser blanchisseuse exige uma pele insensível ao sol, bem como a mais forte das constituições. Ela é a grande esforçada de toda a população, e durante a maior parte do tempo trabalha ao sol, mergulhada até os joelhos numa água que desce muito fria dos picos das montanhas. O trabalho faz

com que transpirem muito e elas jamais podem arriscar-se a uma imersão maior, sem correr sério risco de apanhar uma pleurisia. Diz-se que a profissão mata muitas que fazem esse trabalho por tempo longo demais.” As profissionais, além de ocuparem a parte superior da corrente, exibem uma rapidez e estilo próprios, caracterizados por baterem a roupa lavada nas pedras com um som especial. Para Hearn, “não é um seco som de pancada, como o nome poderia dar a entender, mas um som pesado e oco, exatamente igual ao de um machado fendendo madeira seca”. Produzir esse efeito pode consumir anos de prática. Levavam uma vida monótona e exaustiva, e os últimos dias haviam constituído uma bem recebida folga.

A notícia da festa do noivado significava uma coisa, acima de tudo, para as lavadeiras. Teriam que encontrar um lugar para lavar as pantalonas e douillettes de patrões e patroas antes de quinta-feira.

No bairro mestiço, a notícia da greve das carvoeiras produziu grande excitação. As ruas, já cheias de refugiados, foram inteiramente bloqueadas por grupos parados discutindo a greve. Diversas pessoas perguntaram ao Padre Alte Roche se a Igreja fecharia os olhos ante tal represália trabalhista. Ele ignorou a pergunta com um encolher de ombros. Estava com pressa, a caminho do monte Verte, onde passaria algumas horas observando o Pelée.

Encontrava-se no centro da Place Croquet, quando escutou gritos à frente. Viu descendo a rua uma multidão às carreiras e, atrás dela, a causa do pavor: um touro enfurecido.

O animal, juntamente com outras cabeças de gado, havia sido tangido para a cidade por fazendeiros refugiados e postos em baias de madeira no bairro mestiço. Enlouquecido pela falta de alimento e água, o touro arrombara a baia e corra pelas ruas em um acesso de fúria. Mas sua liberdade teve pouca duração. O Padre Roche ouviu “uma saraivada de tiros”, seguida de urros de dor e aplausos da multidão. Um grupo de soldados, em patrulha nas ruas para evitar as pilhagens, abatera o touro. Naquele momento, passado o perigo, ocorreu uma mudança na multidão. Ela parou, voltou-se e “praticamente saltou sobre a carcaça, trinchando com suas facas as peças mais saborosas”.

A calçada transformou-se em um matadouro, homens e mulheres carneando o animal em um tempo espantosamente curto. A despeito da chegada das carroças de alimentos, Saint-Pierre era ainda uma cidade faminta.

Para Clara e Thomas Prentiss, a caminho da agência do cabo telegráfico, o espetáculo foi “o mais horrível que jamais havíamos visto. Foi quase desumana a

maneira como esquartejaram o animal”. Enojados, voltaram apressados para casa, esquecendo o motivo por que haviam saído à rua.

CAPÍTULO DOZE

UMA MONTANHA EM MARCHA

Em sua cela, o mundo de Auguste Ciparis estreitara-se súbitamente e era naquele momento uma prancha de madeira, de um metro e oitenta e seis de comprimento por trinta centímetros de largura, repousando sobre blocos a sessenta centímetros do chão. A prancha elevada, como uma peça mortuária, ocupava o centro do pátio da prisão. Durante toda a manhã, os cabeças do levante da véspera haviam sido trazidos, despidos e postos de bruços sobre a prancha, com as mãos fortemente amarradas sob ela e os pés imobilizados por algemas presas à madeira. Em seguida, um dos guardas, um indivíduo corpulento, usara a bastonnade, aplicando os golpes. Depois de ter recebido o castigo, o prisioneiro era desamarrado, solto do torniquete e empurrado, rolando, para fora do “banco de justiça”. Dois presos de confiança aproximavam-se e lhe carregavam o corpo sangrento, em carne viva dos ombros às nádegas, para o confinamento na solitária.

Por duas vezes haviam levado um prisioneiro a um pequeno prédio situado na extremidade mais distante do pátio. Auguste Ciparis achava que conhecia aquele edifício tão bem como sua própria cela. Era o necrotério. Na manhã de quinta-feira seria transportado para lá depois de cortada a corda da forca. Mais tarde, seria colocado em um caixão, coberto de cal viva e sepultado.

Ainda assim, naquela manhã algo acontecera para lhe reacender a esperança de uma comutação da pena. Dois presos de confiança, sob o pretexto de limpar a cela, haviam entrado e o espancado com cassetetes curtos, escondidos debaixo das camisas. Ao partirem, um guarda explicara que o espancamento fora “para compensar o trabalho que você deu com a forca”. Mais tarde, ouviu algumas palavras isoladas de dois guardas de serviço no “banco de justiça”. Falaram alguma coisa sobre desmontar a forca. Essas palavras despertaram-lhe o otimismo.



Em seu gabinete no Palácio do Governo em Fort-de-France, Louis Mouttet sentia-se também otimista. É difícil compreender como, de fato, poderia justificar o otimismo. Conquanto os relatórios chegados de Saint-Pierre indicassem alguma melhoria e a eliminação do perigo imediato de fome, a situação permanecia crítica. O Pelée continuava em atividade; os rios, em especial o Roxelane, estavam ainda

em cheia; o fornecimento de eletricidade não fora ainda inteiramente restabelecido e os temores da população em hipótese alguma haviam sido dissipados.

É impossível compreender como Louis Mouttet, se tinha de fato pleno conhecimento da situação, poderia justificar a anotação que fez naquela manhã no seu diário oficial. Escreveu que a diminuição do brilho em volta da garganta do Pelée poderia ser interpretada “como evidência de que a cratera está-se comportando como em 1851”, uma vez que o vulcão não dera sinais de vida durante quase um dia.

Naquele momento, esperava por nova prova, o relatório da Comissão de Inquérito.



A Comissão trabalhava sem pressa. Na verde penumbra do Jardin des Plantes, seus membros examinavam e tabulavam com cuidado a evidência da destruição, colhida pelo Professor Landes.

Entrando no Jardim Botânico, caíram numa penumbra verde produzida pela folhagem que se entremeava acima de suas cabeças. De palmeiras e samambaias pendiam guirlandas de gigantescas lianas e finas cordas de trepadeiras. Videiras parasíticas, com ramos da grossura de cabos, enroscavam-se em numerosas árvores a um ponto que se tornava impossível ver-lhes os caules. As árvores pareciam-lhe pilares de folhas.

Os pilares, como tudo mais no Jardin des Plantes, estavam mortos, destruídos pelas cinzas, espalhadas por toda parte — nas obras de cantaria, nas cavernas, pontes, bacias, terraços, degraus — escondendo o musgo e as manchas escuras do tempo. Naquele momento, o Jardin des Plantes parecia-se mais com uma paisagem lunar do que com qualquer outra coisa.

Mas, mesmo antes da queda das cinzas, o local pouco mais era do que uma ruína do que fora. Desde o colapso do Império Francês, fora vergonhosamente negligenciado e pilhado. Mas, a despeito do descaso, Lafcadio Hearn descreveu-o como sugestivo de um espírito artístico tão velho como Versalhes. Pareciam pertencer ambos a um outro século.

O Professor Landes podia ser desculpado por acreditar que a natureza, através do Pelée, resolvera completar a destruição iniciada pelo homem. Seria, contudo, difícil justificar a importância que atribuiria à destruição do Jardin des Plantes, ignorando os danos causados pelo Pelée no resto da cidade. Um terço das dezoito páginas do relatório da Comissão de Inquérito sobre a segurança de Saint-Pierre seria dedicado ao Jardim Botânico.



No bairro mestiço, a natureza desfechava novo ataque sobre a cidade: grande número de ferdelances, as mais letais de todas as serpentes nativas da ilha, chegara coleando do interior, como as formigas e centopéias que haviam atacado a usina Guérin em busca de alimento. Dentro de minutos, haviam semeado o pavor entre centenas de pessoas.

Medindo dois metros ou mais, com o corpo marrom-amarelado na parte superior e rosado no ventre, a ferdelance ataca com inacreditável velocidade. Dentro de um período de algumas pulsações, a carne perfurada da vítima esfria, amolece e intumescce. Manchas aparecem na pele e a morte chega como um gelado frio, insinuando-se pela corrente sanguínea. Mais tarde, ocorre uma horrenda necrose dos tecidos, a carne como que parece pender dos ossos, e surgem cores de putrefação que lembram as tonalidades do apodrecimento vegetal: horripilantes cinzentos, rosas e amarelos.

Espalhando-se em leque, as serpentes penetraram profundamente no bairro mestiço, atacando a tudo e a todos, enroscando-se, estirando-se, erguendo-se, dando o bote — tudo em um único cegante movimento. Dentro de trinta minutos, haviam feito grande número de vítimas, entre elas algumas crianças. Cavalos, cães, galinhas e outros animais caíram também sob suas presas. Uma porca, procurando defender a ninhada, foi atacada por três serpentes gigantes, que mais tarde destruíram os filhotes numa série de lambidelas das línguas.

A fuga do bairro mestiço se teria transformado em um estouro de boiada completo não fossem as tropas chamadas por Roger Fouché, Prefeito de Saint-Pierre. Atravessando a multidão de mulatos, os soldados avançaram pelas casas, matando as serpentes que avistavam.

O matraquear dos mosquetes produziu um efeito singularmente calmante sobre a multidão, que se voltou para apreciar a batalha.

Pouco depois, os mosquetes era ajudados por outra arma — os imensos gatos que vagueavam pelas ruas de Saint-Pierre. Atraídos pela excitação, os animais haviam descido sobre o bairro mestiço.

O Prefeito Fouché, observando a cena do terraço de seu gabinete, viu o que descreveu mais tarde naquele dia para o Padre Alte Roche como “uma das mais notáveis batalhas que jamais presenciei. Os gatos, fosse por fome ou bravura, avançaram ousadamente contra as serpentes até se colocarem imediatamente fora do alcance dos botes. Faziam fintas, provocavam, saltavam, tentando fazer com que as serpentes os atacassem primeiro. E quando atacavam, com as cabeças silvando no alto de corpos enroscados, os gatos desviavam-nas com as patas, mutilando-as. Mais uma vez, as serpentes atacavam... e mais uma vez os gatos lhes

desviavam as cabeças, infligindo-lhes novos ferimentos. Cegas, com a pele escamada cortada fundo, com as cavidades oculares rasgadas, as ferdelances ficaram atordoadas. Os gatos saltaram então sobre elas, prendendo-lhes as cabeças ao chão, enquanto afiados dentes brancos seccionavam-lhes as vértebras.”

Dentro de uma hora, mais de cem serpentes haviam sido mortas a bala ou mordidas até a morte. Mas, por essa altura, cinquenta pessoas e cinco vezes esse número de animais haviam morrido sob os efeitos do veneno.



O grupo de caçadores de porcos selvagens que saíra de Saint-Pierre na noite anterior pisava de novo terreno conhecido, movendo-se na periferia da cintura florestal, que, vista da cidade, parecia uma faixa de musgo envolvendo o vulcão.

Durante toda a manhã, haviam cruzado a borda da floresta à procura de caça, mas sem sucesso. Coisa alguma se movia entre os altaneiros troncos de árvores, lianas e trepadeiras. Resolveram penetrar mais fundo no grand-bois.

Subiam cada vez mais alto; acima deles sempre a mesma tênue luz verde e, abaixo, um caminho de raízes escorregadias.

As árvores tropicais não fincam muito fundo suas raízes; em vez disso, lançam uma distante malha que se entrelaça com outras, que por seu lado se ligam com ainda outras. Entre as raízes, crescem trepadeiras e grande número de anônimos e resistentes arbustos, bem como musgo, grama e fetos. O resultado são quilômetros após quilômetros de floresta fechada e entrelaçada em uma massa suficientemente forte para resistir à força de um furacão.

Há uma única maneira de atravessar essa massa: usar o machete. Revezando-se, os caçadores, todos eles afeitos ao trabalho, abriram uma picada na floresta, cortando com um único golpe raízes e trepadeiras da grossura do braço de um homem. Trabalhavam sem dificuldade aparente, golpeando no sentido horizontal para evitar que as raízes cortadas se tornassem agudas e perigosas.

Abriam caminho pela floresta havia já algum tempo, quando ouviram um surdo bramido vindo de cima e do norte.

Observaram que as árvores já rareavam à medida que o grand-bois sumia aos poucos em volta do colar de pedra no pescoço do Pelée. Acima, também, distinguiram trechos do céu. O corte da vegetação e a caminhada cuidadosa foram esquecidos ao aumentar o bramido. Correndo, os caçadores chegaram à borda da floresta em questão de minutos e lá pararam.

Abaixo deles, ao sul e a oeste, viram as praias em torno de Saint-Pierre e a própria cidade aninhada em uma curva da costa. Por sobre a crista da floresta que

acabavam de atravessar, entreviram a usina Guérin. A algumas centenas de metros ao norte do local onde se encontravam, ocultas por algumas das fantásticas massas rochosas que desfiguravam o pescoço do Pelée, situavam-se as nascentes do rio Blanche. O bramido vinha dessa direção.

Nesse momento, enquanto os caçadores ainda permaneciam no local, pareceu que o solo se erguia à frente e uma gigantesca parede de lama, de quase quarenta metros de altura, que subiu no ar, permaneceu ali durante um curto momento, caiu sobre a floresta e começou a descer a encosta com velocidade crescente em direção à costa embaixo. Somente a usina Guérin interpunha-se entre a onda e o mar.

Louis Labatut, o foguista, fugitivo da usina, chegara a um ponto a meio caminho de Saint-Pierre quando ouviu o bramido. Olhou para trás. Durante um momento, não conseguiu distinguir coisa alguma. Então, saindo do grand-bois a uns setecentos metros acima na encosta do Pelée, viu uma “grande massa parda” descendo em alta velocidade na direção da usina. Encontrava-se ela a uns seis quilômetros de distância.

Mais tarde, disse Labatut que a massa parecia “uma montanha em movimento”, descendo pelo leito do rio Blanche. Na verdade, extravasara as margens do rio e, ao chegar à borda da floresta, tinha mais de duzentos metros de largura e uns trinta metros de altura: uma parede de milhões de toneladas de lama, lava, gases ferventes, calhaus e detritos da floresta, correndo com a velocidade de um trem expresso. E continuava a descer diretamente para a usina.

No pátio do estabelecimento, após a expulsão das formigas e centopeias, o Dr. Guérin enfrentava novo problema: os empregados mais uma vez recusavam-se a reiniciar o trabalho. Durante uma hora argumentara com eles. Estava a ponto de obter êxito quando chegou Julie Gabou, a rainha das porteuses, que acabara de enviivar.

Para Joseph du Quesne, o capataz, “ela pareceu um demônio quando surgiu. Disse aos trabalhadores que eles já haviam sido castigados por terem quebrado a santidade do domingo e que sofreriam ainda mais se trabalhassem para um homem que parecia dar tão pouca importância às suas vidas.”

O Dr. Guérin, profundamente ofendido com esse desafio à sua autoridade, ameaçou-a, o que despertou a raiva de seus empregados. Vários deles voltaram para suas choupanas a fim de iniciar uma greve de braços cruzados.

Nesse momento, entrou no pátio Louis Clemencin, superintendente da plantação Isnard, situada rio acima. Disse que, por questão de segurança, enviara os trabalhadores para Saint-Pierre e que, a alguma distância costa abaixo, seu patrão, Mark Saint-Maris Moregut, esperava no iate da família para evacuar os Guérins.

“Clemencin dirigiu-se apressado ao Dr. Guérin, dizendo que seu patrão achava que ele devia sair dali imediatamente. Soubemos que formigas e centopéias haviam atacado também a sua plantação e que Monsieur Moregut temia que outras coisas pudessem acontecer”, recordou, depois, Joseph du Quesne.

De início, o Dr. Guérin recusou-se a abandonar a propriedade. Nesse momento, interveio sua esposa, Josephine.

“A influência dela era muito grande... e naquela ocasião usou-a com todo efeito”, lembra-se Joseph du Quesne. “Convenceu o marido a evacuar a propriedade e aproveitar a vantagem do oferecimento da condução até Saint-Pierre.”

Mal havia sido tomada essa decisão, quando os circunstantes viram a parede de lama descendo, célere, as encostas do Pelée.

Incrivelmente, no princípio ninguém se moveu. Nesse momento, Louis Clemencin gritou, segundo uma reportagem publicada depois no Les Colonies:

— Depressa! Depressa! Fugam logo, ou estão perdidos! Uma avalanche está descendo para aqui. Corram!

Joseph du Quesne, ao lado de Clemencin, deu também seu testemunho na notícia publicada em Les Colonies: “Ninguém disse coisa alguma até que eu gritei que corressem. Por essa altura, Clemencin já saía às carreiras do pátio. Gritei novamente para os trabalhadores que corressem e, não sem trabalho, consegui que alguns o fizessem. Depois, fugi dali.”

No pátio, às suas costas, a família Guérin permanecia paralisada: o Dr. Guérin, Josephine, sua esposa, o filho Eugène e esposa, a filha Sarah e o filho caçula, Joseph, Mary Goodchild, as empregadas e o cozinheiro.

Joseph du Quesne correu várias centenas de metros para longe da usina antes de olhar para trás:

“Os Guérins corriam também e acima da usina vi a parede de lama aproximando-se. Era bastante alta para ocultar tudo por trás dela e muito larga.”

Mais tarde, calculou-se que a parede de lama tivera, na verdade, quarenta metros de altura nesse ponto e quatrocentos metros de largura.

Durante uma fração de segundo pairou sobre a usina e depois caiu sobre ela com um som esmagador.

Para Joseph du Quesne, “o espetáculo não pode ser descrito em simples palavras”. Na encosta de uma colina, observou a torrente de lama obliterar para sempre a usina onde trabalhara durante quarenta anos.

“Foi como se ela nunca houvesse estado ali. Foi como se as pessoas que eu havia visto no pátio, que eu conhecia e amava, jamais tivessem estado ali.”

A parede de lama, com a velocidade reduzida pelo impacto de absorção da usina, continuou a rolar para o mar, alargando-se ainda mais enquanto se movia.

Joseph du Quesne não viu os danos ulteriores infligidos pela inundação. Com o rosto entre as mãos, chorava incontrolavelmente.

Louis Labatut teve tempo de sobra para contemplar a calamidade que ocorria sob seus olhos. Mais tarde, contaria aos leitores de *Les Colonies*: “Nas bordas da corrente de lama vi pessoas lutando para se salvarem. Uma delas era Julie Gabou, a carvoeira. Momentos depois de ter sido a usina engolida, o que aconteceu mais ou menos ao meio-dia, uma tromba-d’água despencou-se com estrondo da montanha, transpondo todos os obstáculos em gigantescos saltos, correndo sobre a usina já submersa e matando todos aqueles que ainda lutavam em meio à lama. Vi, então, que a lama e a tromba-d’água não eram mais do que um terrível prelúdio. Atrás delas, uma torrente de água carregada de rochas e terra descia da encosta do Pelée para aplastrar toda a região e formar uma planície de lama que se estendeu do mar até o grand-bois. A lama destruiu o iate da família Moregut, ancorado ao largo, à espera em vão do aparecimento dos familiares do Dr. Guérin. Onde antes havia mar, nada mais havia senão lama.”

Enquanto ali se encontrava, viu três pessoas aproximando-se. Reconheceu Joseph du Quesne, Louis Clemencin e, incrivelmente, o Dr. Guérin. Ele não correra com o resto da família e, por um milagre, a lama não alcançara o local onde ficara, atrás da casa do filho.

Foram os únicos sobreviventes da catástrofe. De tão atordoado pelo acontecido, o Dr. Guérin encontrava-se quase inconsciente. Em silêncio, os outros levaram-no estrada abaixo até Saint-Pierre.

Atrás, sob a lama, jaziam 159 cadáveres. A maioria permaneceria para sempre nos locais onde havia sido asfixiada até a morte. Somente a ponta da chaminé erguia-se acima da lama, marcando-lhes as sepulturas.

CAPÍTULO TREZE

O VAGALHÃO

De um ponto nas proximidades do cume do monte Verte, o Padre Alte Roche observou a avalanche de lama sepultar sua teoria de que o Pelée não constituía ameaça alguma. Em questão de momentos, uma larga faixa parda cobrira a colcha de retalhos de pântanos, correntes e floresta embaixo. Obliterara o rio Blanche, os canaviais às suas margens, as defesas construídas corrente acima para evitar inundações, e a própria usina. De visível, no prédio, ficara somente a ponta de sua chaminé de trinta metros, sustentada por dois dos originais oito cabos. E ainda desprendia fumaça.

Os momentos da devastação ficaram indelevelmente gravados na mente do jesuíta: “Mal tinha dado meio-dia nessa segunda-feira, quando os portões do vulcão se abriram e uma torrente de lama fervente desceu, impetuosa, a encosta da montanha, a caminho do mar. Em três minutos cobriu os últimos quatro quilômetros e meio que a separavam do oceano e nesse espaço de tempo nada deixou em pé da usina Guérin, com exceção da chaminé — um poste que se projetava de um deserto de lama preta, fervente e borbulhante. A usina fora um símbolo que representava longos anos de árduo trabalho e conquista. Desapareceu naquele instante como se houvesse sido coberta pela mão do Demônio.”

Daquela altura, olhando sobre o grand-bois na direção do rio Blanche, o Padre Roche observou com clareza o local de onde a lama iniciara sua obra de destruição: continuava ela a escorrer — “como pus de uma ferida infeccionada” — de um imenso buraco no flanco do vulcão. Blocos de rocha, calculados pelo Padre Roche como “pesando até cinquenta toneladas”, haviam sido lançados para longe.

Olhando para a área devastada, o padre calculou que “a profundidade da lama em algumas partes de seu fluxo não tinha, com toda probabilidade, menos de cinquenta metros. Ao chegar à costa, a corrente se espalham numa largura de quase mil e seiscentos metros. Coisa alguma se movia naquela área.”

Mas, naquele momento, um novo terror ganhava forças. A lama empurrava mais e mais o mar para longe da costa. A água, lutando para resistir às enormes pressões, subia cada vez mais alto no ar.

Na ponte de comando do Pouyer-Quertier, naquele momento a três milhas ao largo, o Capitão Jules Thirion não acreditou no que viu ao telescópio. A costa desaparecia por trás de uma parede de água.

Marinheiros começaram a gritar:

— Maremoto! Maremoto!

Mas, em toda sua experiência, o Capitão Thirion jamais ouvira falar de um maremoto elevando-se da arrebentação junto à costa. Embora a diferença pouco importasse para suas vítimas, era, de fato, uma onda de choque, e sem relação com as marés.



Nesse momento, fumaça grossa e cinzenta começou a escapar da garganta do Pelée. Permaneceu no ar parado durante um instante e, em seguida, desceu vagarosa sobre o campo. Da janela de seu quarto, Suzette Lavenière observou a fumaça encapelada rolar pelo terreno. Após ter deixado o hospital em companhia do Padre Roche, fora levada para casa por um grupo de empregados da propriedade. Em segurança no interior da vila, tirara o uniforme de enfermeira, tomara um banho e fora para a cama. Dormira durante quase vinte horas. Naquele momento, reanimada pelo descanso, começara a tomar as rédeas da plantação. Aos vinte e quatro anos, iniciava um papel, que, uma semana antes, não teria julgado possível — senhora de tudo aquilo que conseguia ver da janela do quarto. Mas, mesmo nesse momento o Pelée parecia determinado a jogar-lhe no rosto o domínio que exercia sobre ela; a fumaça rapidamente ocultava-lhe as terras sob um nevoeiro acinzentado.

No terraço de casa, Véronique Clerc pensou que o mar, “de pé”, imediatamente ao norte de Saint-Pierre, era uma ilusão de ótica. Perguntava-se ainda o que a havia provocado quando a poeira do Pelée passou pelo seu campo de visão, ocultando a cidade e o mar mais além.



A Comissão de Inquérito nomeada pelo governador concluíra os trabalhos. Após deixar o Jardin des Plantes, uma hora fora suficiente para que seus membros realizassem o que chamariam “o mais detalhado exame da questão da segurança de Saint-Pierre”. Naquele momento, convencidos de que tinham visto tudo que precisavam ver, voltavam a Fort-de-France. Estavam com pressa. Louis Mouttet enviara-lhes um convite para o almoço, e seus almoços eram famosos em toda a ilha. Haviam alcançado o alto da colina acima de Saint-Pierre, quando fumaça começou a surgir, vomitada pelo Pelée. O Professor Landes, tendo com toda firmeza se nomeado especialista da Comissão sobre o comportamento da

montanha, foi de opinião, segundo o Tenente-Coronel Jules Gerbault, seu presidente, que as nuvens, “conquanto impressionantes, não representam maior ameaça do que as emissões anteriores”.

Mais uma vez, o Professor Landes julgou perigosamente mal a situação. Se ele e os demais membros da Comissão houvessem olhado para Saint-Pierre e a enseada mais além, teriam visto prova convincente contra qualquer otimismo.



Ao largo na enseada, o Capitão Marino Leboffe, do Orsolina, estivera durante algum tempo observando a agitação do mar a chocar-se com o costado de seu navio, cujas vagas se dirigiam depois para os outros barcos ancorados nas proximidades. Foram esses movimentos que o deixaram inquieto. O mar, como a terra, está em perpétua mutação. O italiano conhecia muitas dessas mudanças, mas já por algum tempo uma onda mal observável dirigia-se, em movimento incessante, para a praia.

Logo que a fumaça do Pelée começou a rolar sobre a cidade, o Capitão Leboffe resolveu levantar ferros. Em uma justificação, disse mais tarde: “Eu sou um marinheiro. Sabia que havia algo de errado. Não podia identificar o que era, mas eu simplesmente sabia.” Pouco depois, o Capitão Sequin, do Topaz, levantou ferros também por motivos que ele, igualmente, teria dificuldade mais tarde em identificar com precisão.

Na ponte de comando do Pouyer-Quertier, o Capitão Jules Thirion nenhuma dúvida alimentava mais sobre a gravidade da situação. Não despregara os olhos da onda enquanto ela viajava, quase transversal à costa, uma parede de água pesando bilhões de toneladas, a mover-se, majestosa, na direção de Saint-Pierre.

Ordenou ao timoneiro que mantivesse a mesma velocidade que ela. Dentro de minutos, porém, a fumaça que descia do Pelée obstruiu-lhe a visão. No seu último vislumbre, o Capitão Thirion viu a onda monstruosa penetrar na enseada de Saint-Pierre.

Fernand Clerc foi, com toda a probabilidade, a primeira pessoa em Saint-Pierre a ver a onda. Fora até o cais à procura de alguém que lhe desse notícias de Julie Gabou, que nesse momento jazia sepultada na lama, não muito longe do local onde seu marido consuetudinário fora enterrado na usina Guérin. Encontrou o cais quase deserto, tendo as grevistas se dispersado pelo bairro mestiço,, ao passo que os demais trabalhadores, impossibilitados de trabalhar pela greve, haviam-se afastado. De habitual um cenário de fervilhante atividade, pairava naquele momento no cais um ar de abandono.

Surpreso, notou que o Topaz, o Orsolina e vários outros navios haviam levantado ferros e se afastado para bem longe da enseada. Sem mais do que um interesse passageiro, observou uma pequena onda chocar-se contra o paredão do cais, seguida de outra, ligeiramente mais alta do que a primeira. Logo depois, outra quebrou-se contra o madeirame do molhe. Nessa ocasião, percebeu a mudança. A terceira onda apresentara um claro aspecto de continuação de movimento, adentrando bem na enseada.

A distância, viu nesse instante o paredão de água penetrando. Em seu progresso ao longo da costa, ela perdera grande parte do peso e velocidade. Mas para Fernand Clerc pareceu ainda imensa: “quase quinze metros de altura, silvando como um milhão de serpentes”.

Nesse momento, as cinzas do Pelée obliteraram a paisagem.

Mas Fernand Clerc vira o suficiente. Virando-se, correu para a cidade, gritando um aviso.



O Capitão Leboffe, ancorado em segurança longe da grande onda, observou-lhe a marcha. Jamais vira uma força natural mais ameaçadora e inexorável. Seu navio foi varrido “pelo começo de uma espécie de medo geral — o medo do homem quando vê a natureza tirar a máscara”.

À frente da onda rolavam rochas arrancadas das encostas do Pelée e lançadas pelas vertentes na crista do fluxo de lama; naquele momento, eram levadas ao longo do leito marinho pelo vagalhão. De onde se encontrava, o Capitão Leboffe viu quando a onda chocou-se com os dois navios italianos ancorados na enseada. Foram arrancados da amarragem, erguidos altos na parede espumante e levados em sua crista na direção da praia.



Em Saint-Pierre, a aproximação da onda provocou pânico geral. Do terraço da redação, Andréus Hurard, proprietário do Les Colonies, viu “através de uma grossa cortina de fumaça, multidões correndo para o lado de cá e dando mostras de extraordinária agitação. As mulheres, em especial, pareciam ter fugido de um asilo de alienados. Uma inundação humana espalhou-se vindo dos fundos do cais. Era uma corrida para a segurança, mas sem que ninguém soubesse para onde ir. Balconistas corriam carregando embrulhos; uma moça em corpinho e outra calçada com um par de sapatos que não combinavam; pessoas em burlescos trajes que teriam provocado riso, se o pânico não houvesse irrompido em momento tão trágico. A cidade inteira estava de pé. Portas de lojas e de residências eram fechadas. Todos se preparavam para procurar refúgio nas alturas.”

Todos, menos Andréus Hurard. Era velho demais para correr. “Se tenho que morrer, quero que isso aconteça em meu local de trabalho”, escreveu.



Nas ruas, era ainda maior o pânico. Homens, fugindo do cais, pisoteavam mulheres e crianças.

Quando Emile le Cure, gerente-geral do Banco Colonial Inglês, tentou repreender alguns homens, foi empurrado pelas portas para os fundos do estabelecimento. Dois empregados levantaram-no do chão e os três retiraram-se para o interior do prédio, barricando a porta em uma patética tentativa de manter ao largo a caudal que logo depois inundaria a cidade.

Alfred Descailles, o principal fornecedor de víveres aos navios, estivera almoçando com Pierre Theroset, outro membro do “Comitê de Ação”, quando ouviu os sons do pânico. Deixaram, apressados, o Esporte Clube de Saint-Pierre em tempo de ver um quase exausto Fernand Clerc passar aos tropeções. Atrás dele, ao longo da Rue Victor Hugo, corria uma multidão uivante de homens, mulheres e crianças. No meio da multidão, os membros do Comitê viram Robert de Saint-Cyr, o augusto proprietário do Banco da Martinica, abrindo caminho a cotoveladas como todas as demais pessoas.



No alto, as nuvens de poeira esgarçaram-se quando uma forte brisa soprou vinda do mar, levando as cinzas de volta para o interior. O Pelée emitiu um profundo ronco. Na opinião do Professor Bordier, que se encontrava nos terrenos do Liceu, “o som lembrava o estrondo de carroças cruzando uma ponte e, às vezes, um trovão distante”.

Enquanto olhava para a enseada embaixo, a resposta à pergunta que fizera na última carta à esposa veio, espumando, em direção à cidade; este seria o fenômeno seguinte, e ele o enfrentaria como fizera com os primeiros — isto é, nada fazendo.

A onda que se avizinhava da praia era observada em silêncio por uma pequena multidão que conseguira chegar, a duras penas, ao alto do Morne d’Orange. Dela, faziam parte René Cottrell e Colette de Jaunville, Clara e Thomas Prentiss. Do alto do morne, ouviam claramente o silvo da onda a caminho do cais. Durante um momento, a alta frente de água permaneceu em crítico equilíbrio. Depois, em uma vigorosa arremetida, quebrou-se sobre o cais.

Recorda René Cottrell: “Os barcos foram erguidos muito acima dos telhados da primeira fileira de prédios e lançados com estrondo mais além. A grande massa de água como que deslizou para a frente, e uma fila de armazéns foi arrancada de seus alicerces e reduzida a escombros; a água lançou os escombros sobre outras

estruturas e, em questão de momentos, a orla marítima de Saint-Pierre submergiu sob a onda”.

Carroças, barris, animais, mesmo edifícios inteiros foram varridos e erguidos no ar como se fossem brinquedos de uma banheira e empilhados, esmagados e submersos ou jogados contra os prédios ao fim das ruas inundadas. A água, alcançando quase os terraços superiores, entrou rugindo pela Rue Victor Hugo. Observadores viram-na arrombar as portas do Banco Colonial.



No centro da cidade, Fernand Clerc desmaiou aos poucos no canto mais distante da Place Bertin. Minutos antes, o local estivera ocupado por uma multidão de fugitivos. Naquele momento, estava vazio.

Clerc não tinha forças para ir mais adiante, debilitado como estava pela idade e o peso. Virou-se e esperou que a morte o tragasse.

Mas, quando a onda finalmente penetrou na Place Bertin, era uma força gasta; a apenas a altura de um joelho, lambeu tão-só a praça inclinada.

“Permanecí ali, fascinado. A água, por mais que tentasse, não podia resistir a atração que a puxava de volta para o mar. Começou a recuar com grandes suspiros e silvos”.

Os observadores no alto do Morne d’Orange e outros morros fora de Saint-Pierre haviam visto também a água voltar ao mar, levando consigo tantos detritos quantos podia carregar.

Ao desaparecer a onda, apenas vinte minutos depois de ter entrado destruidoramente em Saint-Pierre, o bairro do centro parecia, de acordo com Les Colonies, “um local que acabara de ser visitado por esculcas do exército inimigo, e cujos habitantes haviam-no desertado antes do bombardeio e da invasão”.

Trechos inteiros do cais, incluindo os armazéns de Fernand Clerc, haviam sido reduzidos a escombros. Os dois navios italianos, levantados pela água que recuava, transformaram-se em aríetes e nivelaram edifícios. Seus cascos encontravam-se naquele momento no cais, desmastreados, com os conveses arrebitados, e seus marinheiros mortos ou gravemente feridos.



O Padre Alte Roche achou que dificilmente Saint-Pierre poderia suportar mais outro castigo. A cena apavorou-o. O ronco do vulcão continuou durante todo o penoso transe. No cais tão conhecido, havia de pé, apenas, uns poucos prédios entre os restos deixados pelo vagalhão. Uma incessante queda de cinzas mergulhava a cidade nas trevas, e seus habitantes eram obrigados a tentar o

caminho pelas ruas apinhadas de gente. Com a ajuda dos relâmpagos produzidos pelos raios, de uma intensidade quase cegante, procuravam e, às vezes achavam, seus mortos e desaparecidos.

Em princípios da tarde, tropas ajudadas pela gendarmerie iniciaram a tarefa de recolher os corpos e avaliar a extensão dos danos.

Os cadáveres de Emile le Cure, gerente-geral do Banco Colonial Inglês, e seus dois empregados foram encontrados sob o balcão principal, para onde os havia varrido a força da água.

A morte por afogamento fora também o destino de todas as vinte e oito crianças recolhidas ao Orfanato de Sainte-Anne. A onda, de sete metros de altura nesse ponto, cobrira inteiramente o prédio térreo, empurrando para o interior portas e janelas.

Ao longo da metade mais baixa da Rue Victor Hugo, a destruição fora virtualmente total. Lojas de ambos os lados da rua haviam sido esmagadas pela parede de água. Alimentos, verduras e utensílios de cozinha espalhavam-se por toda parte. Entre eles, jaziam cadáveres — pretos, morenos, amarelos — as mulheres ainda com seus turbantes de fazenda quadriculada e os homens com chapéus em forma de cogumelo, do tamanho de guarda-chuvas. Na morte, muitos deles exibiam uma expressão de espanto, a mesma expressão que as turmas de socorro encontraram no rosto de certo número de blanchisseuses no tributário do rio Roxelane. As lavadeiras não haviam tido oportunidade de fugir antes que a onda passasse sobre elas a caminho da cidade.

No bairro mestiço, as turmas recolheram sessenta e oito cadáveres de propriets vivriers, pequenos proprietários que morreram afogados em suas casas de telhado de zinco. O vagalhão arrancara árvores pela raiz e matara cabritos, vacas e pequenos cavalos creoles, ainda amarrados a seus postes.

Com os calhaus, exemplares de vida marinha e lama que a água trouxera ao subir, vieram também cadáveres que, no dia anterior, haviam sido varridos para o mar. Entre eles, foi encontrado o corpo de Eli Victor. Fora depositado não muito longe da desmoronada Pont Basin, onde, menos de quarenta e oito horas antes, suas carpideiras haviam sido lançadas na água e levadas para longe e para a morte.

CAPÍTULO QUATORZE

PRECISA-SE DE CAIXÕES

À beira do lamaçal que sepultara a usina Guérin e o campo em volta, centenas de impotentes membros das turmas de socorro olhavam fixamente para o atoleiro que ainda borbulhava e se mexia como uma coisa viva. Entre os observadores encontrava-se Andréus Hurard, proprietário de Les Colonies, um “homem abalado”, segundo René Cottrell, “mostrando visível apreensão por ter escrito que o Pelée não constituía ameaça alguma”.

No momento em que a onda aproximara-se, impetuosa, do prédio do jornal, Andréus Hurard convenceu-se de que morreria afogado. A onda, porém, embora tivesse ocasionado sérios danos à maquinaria impressora, passara a uns poucos metros abaixo de seu terraço. Ao recuar, emitindo um grande som de arroto, desceu apressado para a Rue Victor Hugo e foi engolido por uma “multidão de homens, mulheres e crianças em lágrimas, chorando alto e implorando a piedade dos céus”. Fora levado pela turba para o centro, até o ponto onde claramente se via a marca bem visível da altura máxima alcançada pela água. Do outro lado dessa linha, “atividade febril” era vista em numerosas casas cujos moradores preparavam-se para evacuá-las. Hurard observou enquanto em “carrinhos de mão, transportavam mobília e alguns pertences, empilhados até o alto na confusão da pressa e do pânico. Colchões eram levados em todas as direções e parecia que a população inteira estava deixando a pé a cidade”.

Mas não foi muito longe, limitando-se a procurar um pouso nas encostas dos morros que se erguiam um pouco atrás da cidade.

Nos subúrbios de Saint-Pierre, encontrou Alfred Descailles e Pierre Theroset, que lhe deram notícia da catástrofe ocorrida na usina Guérin.

Arranjando um cavalo, correu para a cena do desastre. Na edição seguinte de Les Colonies, descreveu assim a situação: “Tornados de cinzas rodopiavam em volta de nós, e sufocavam até os mais resistentes, quando paramos abruptamente ante uma grande planície, um mar de lama imóvel, absolutamente plano, quebrado a intervalos por pequenas nuvens de vapor, como baforadas de fumo, que se partiam com um som de bolhas. E os trabalhadores da usina? Onde se encontravam eles? O olhar gira para a esquerda, para a direção do mar, e até onde alcança nada vê senão

a mesma planície de lama — nada. Nada sobrou. Sim, lá à frente está a chaminé da usina, ligeiramente inclinada, como a torre de Pisa. A usina e todos os prédios auxiliares jazem no leito de lava. Nada resta senão aquela chaminé de chapas de ferro. Isto é tudo. E aqui, momentos antes, havia um centro de prosperidade e atividade para um mundo de trabalhadores, agora submersos e mortos ou lançados no desespero e na ruína. Sobre a cena, paira o silêncio da aniquilação, interrompido apenas pelo som abafado de bolhas de vapor que se quebram sobre a lama. Os espectadores não conseguem lançar de si a indescritível sensação de angústias. Quantas vidas humanas foram tragadas por aquele mar de lama? Quantos pais, de família desapareceram para sempre com a descida da avalanche? Será o número exato jamais conhecido? Os que conseguiram atravessar a linha de gendarmes: e chegar a este ponto estão mudos. Nada há para dizer. A realidade é muito mais terrível do que qualquer coisa que se poderia imaginar.”

Louis Mouttet recebera finalmente algumas boas notícias. Durante o almoço, a Comissão de Inquérito entregara o relatório. Continha dezoito páginas. Naquela tarde, no Palácio do Governo,, secretárias atarefavam-se, extraindo cópias do mesmo. Naquele momento, no frescor da tarde, Louis Mouttet lia uma delas. A Comissão asseverava, unânime, que “coisa alguma há na atividade do Pelée que aconselhe a evacuação de Saint-Pierre”. A “posição das crateras e dos vales que se abrem para o mar é de tal natureza”, concluía a Comissão, “que a segurança de Saint-Pierre está inteiramente garantida.”

Nenhuma menção era feita da corrida de lama, da onda gigantesca, do estado de terror reinante na cidade. Referia-se apenas de passagem aos serviços interrompidos de telefone e do cabo transatlântico e à cheia do rio Roxelane; reservando seis minuciosas páginas para descrever os danos infligidos ao Jardin des Plantes.

Um ano mais tarde, um outro professor, Ângelo Heilprin, censurou Landes por colocar seu nome em um relatório tão desqualificado.

Tendo o relatório como um de seus assinantes o cientista mais respeitado da Martinica, Louis Mouttet sentiu-se tranquilo, uma tranquilidade que se torna incompreensível à luz de um despacho do comandante da guarnição de Saint-Pierre, enviado pelo telégrafo no princípio da noite. Dizia: “Últimas notícias. 12:55 — O rio Blanche transformou-se em uma furiosa caudal de lama barrenta. 1:22 — Há um momento, ocorreu um forte tremor eruptivo. O mar está subindo. Lojas foram submersas, navios lançados à praia. É um maremoto. As docas foram esmagadas. Situação extremamente grave. Pânico apavorante. 1:27 — O mar recua uns trinta metros e volta à praia, ultrapassando de muito o nível normal. Formação de numerosas fendas e fumarolas no vale do rio Blanche. Situação muito grave.

Pânico apavorante. 1:35 — Uma corrente de lava desceu para o mar em menos de três minutos. Há provavelmente vítimas. 3:00 — A usina Guérin desmoronou parcialmente. Todo o pessoal da usina foi sepultado sob as ruínas. Parece que são numerosas as vítimas. A lava, chegando à praia, deu origem a um movimento de recuo que agravou a maré, que voltou na direção da praia sob a forma de uma onda gigantesca. Pânico apavorante. Os habitantes de Saint-Pierre correm à procura de refúgio nos lugares altos. 3:29 — Passou o maremoto. Não durou mais que um quarto de hora. A usina de açúcar Guérin não mais existe. Por uma distância de mais de setecentos metros todo o terreno está coberto por uma espessura de uns dez metros de lava barrenta. Uma grande ravina foi aberta pela passagem da lava. O rio Blanche deixou de existir, inteiramente sepultado por uma camada de lama de uns trinta metros de altura.”

Em três passagens, a mensagem referia-se ao grave estado de pânico na cidade e arredores. E fora enviada pelo comandante da guarnição, um homem de habitual fleumático. Descrevia claramente a situação como um desastre total.

Ainda assim, Louis Mouttet, escudado nas tranquilizadores palavras da Comissão de Inquérito, ignorou o despacho.

Mais tarde, sugeriu-se em sua defesa que o despacho jamais lhe chegara às mãos em virtude de uma falha na ligação telegráfica entre Saint-Pierre e Fort-de-France. Nenhuma falha de tal natureza foi comunicada pelo telegrafista de serviço no telégrafo de Fort-de-France. Além disso, como era costume, o comandante da guarnição enviara por terra uma cópia da mensagem, que chegou a Fort-de-France em fins da noite de segunda-feira. Sugestões de que algum membro do quadro de auxiliares do governador interceptara o despacho não resistem a um exame sério. Nenhum auxiliar teria ousado assumir a responsabilidade de suprimir, ou mesmo retardar, um telegrama de tal importância. Por conseguinte, pouca dúvida pode haver de que o despacho chegou realmente às mãos de Louis Mouttet mais ou menos na ocasião em que ele estudava o veredicto da Comissão de Inquérito.

Tal veredicto era o falso colorido em que Louis Mouttet queria acreditar. Confirmava sua própria ilusão de que nada havia a temer e lhe reforçava a posição contra homens como Fernand Clerc, Thomas Prentiss, o cônsul americano, e os demais que faziam agitação, alegando que o Pelée constituía uma ameaça. O relatório da Comissão apagaria também grande parte do fogo dos canhões da propaganda radical, cujas descargas, dizendo que o vulcão entraria em repouso logo que os progressistas fossem expulsos dos cargos, estavam produzindo visível efeito. O relatório era o calmante por que ansiava Louis Mouttet. Por trás dele podia esconder-se e, se necessário fosse, defender-se de outros ataques.

A chegada do telegrama do comandante da guarnição deveria ter provocado uma sobressaltada compreensão da real situação. Com Louis Mouttet, porém, depositando uma fé infantil no relatório da Confissão, o despacho poderia ter sido demais para uma mente já tensa e que rejeitava totalmente a informação que era solicitada a digerir.

Um telegrama dessa natureza exigia imediata resposta. Nenhuma foi enviada. Justificava igualmente medidas urgentes. No mínimo, os dados contidos na informação deviam ter sido verificados. Impunha consultas do governador com seus auxiliares. Nenhuma reunião foi convocada. O Ministro das Colônias precisaria de informações urgentes sobre o desenvolvimento da situação. Nenhum telegrama foi sequer rascunhado, quanto mais enviado, por Louis Mouttet a seus superiores em Paris naquela noite de segunda-feira. Em vez disso, ignorou o despacho como se jamais o houvesse lido.

Lia o relatório da Comissão pela segunda vez, quando um assistente trouxe-lhe notícias ainda mais inquietantes. As turmas de socorro no bairro mestiço enfrentavam um novo horror: la Verette. Três casos já haviam sido comunicados.

Em surtos anteriores, áreas inteiras da população negra da ilha foram dizimadas pela varíola. Aproximando-se a eleição final dentro de uma semana a epidemia acabaria de vez com os sonhos dos radicais. Mas era improvável que mesmo Louis Mouttet, indivíduo tortuoso e politicamente ambicioso como possa ter sido, tivesse tido parte no que, na verdade, seria pouco menos do que assassinato em massa por egoístas vantagens políticas. Por outro lado, há os que perguntam que medidas poderia ter ele tomado. Dos vários cursos de ação de que dispunha — informar Paris, enviar todos os recursos médicos da ilha para Saint-Pierre, para mencionar apenas dois — a mais importante medida que poderia ter tomado seria pedir ajuda às ilhas vizinhas. Tanto Sainte-Lucia como Dominica possuíam amplos recursos médicos que poderiam ter sido rapidamente trazidos à Martinica para ajudar a combater a epidemia.

Em vez disso, o governador ignorou inteiramente la Verette e contribuiu para levar a população de Saint-Pierre um pouco mais perto da destruição.

O Professor Bordier, lente de História no Liceu de Saint-Pierre, ao ouvir a notícia de que la Verette fora diagnosticada em algumas das vítimas exumadas dos escombros do bairro mestiço, sentiu-se tomado por uma sensação de impotência total. A varíola encontrara um viveiro natural nos esgotos e canos d'água entupidos pelas cinzas. “É como se algo preguiçoso e cego, latente e mortal, tenha sido despertado pelos fatos dos últimos dias”, observou.

Caindo rapidamente a noite, a população voltou em pequenos grupos a Saint-Pierre. Nessa ocasião, soube-se que a epidemia ganhava força. Saint-Pierre, exausta, alquebrada, em alguns casos à beira do colapso, teve mais uma vez de reunir forças para enfrentar a nova ameaça.

Grandes caldeirões de alcatrão foram acesos a cada trinta metros um do outro ao longo do cais, aos cuidados de um mulato. Foram acesos, de acordo com um antigo ritual em épocas de peste, para purificar o ar. Para o Orsolina, o Pouyer-Quertier e outros navios que haviam escapado do vagalhão e se encontravam nesse momento ancorados na enseada, as fogueiras eram claros indícios de que a peste reinava em Saint-Pierre.

Em princípios da noite, a lista das vítimas dos desastres do dia continha os nomes de 112 homens, mulheres e crianças “positivamente identificados”. Noventa e sete outros, incluindo tripulantes dos destroçados barcos *Sacro Cuore* e *Nord America*, foram sepultados sem que ninguém soubesse quem eram. Esses óbitos elevaram o número de vítimas do Pelée, em quatro dias, para 617.

Na cidade, as pessoas permaneciam a boa distância dos corpos, cobertos de cal virgem, que eram levados para uma sepultura comum fora da cidade. Ao terminar o estoque de caixões, os cadáveres passaram a ser enrolados em folhas de bananeira e levados em padiolas de lona para a cova. Continuava o transporte de corpos para enterro ao terminar a segunda-feira. Para os que haviam orado na Catedral de Saint-Pierre e em outros templos, pedindo uma trégua na terça-feira, o Pelée reservava uma cruel decepção. Ao primeiro minuto da terça-feira, o Professor Bordier observou “longas línguas de chamas saindo da garganta da cratera, de um tamanho que nenhum de nós vira antes”.

Terça-feira, 6 de maio de 1902

CAPÍTULO QUINZE

A SIMPATIA DO GOVERNO

Nas primeiras horas de terça-feira uma atmosfera de medo e depressão caíra sobre Saint-Pierre. Uma série de procissões ondulava pelas ruas, entoando preces pelos mortos, pelo fim da peste e pela intervenção divina. Os mais devotos usavam a vestimenta tradicional de penitência da ilha: um robe preto com lenço preto no pescoço e turbante. Percorriam e voltavam a cruzar a Rue Victor Hugo, entremisturando-se umas com as outras, parando ante cada santuário e crucifixo por onde passavam para oferecer orações, implorando a ajuda divina. Nos santuários mais milagrosos, muitos dos acompanhantes ajoelhavam-se nas cinzas ou curvavam-se para beijar uma cruz ou os pés da Virgem. Aproximando-se o amanhecer, a primeira das procissões tomou o caminho da necrópole, o Cimetière du Mouillage. Outras as acompanharam até que pareceu haver uma única e imensa fila de pessoas à espera de vez de desfilar, em lentos passos, pelas sepulturas e santuários e voltar em seguida à cidade.

Em Saint-Pierre, trabalhando durante toda a noite, as turmas de socorro haviam recolhido os últimos cadáveres. Os que apresentavam sinais de la Veretle eram levados para uma sepultura coletiva fora da cidade; os demais, separados para enterro no fim daquele dia.

As condições sanitárias na cidade tornavam-se a cada minuto mais graves, em especial no bairro mestiço. Aí, uma pequena casa não raro abrigava até trinta pessoas. A febre varria uma área onde, segundo observou Lafcadio Hearn, “as classes mais pobres foram acostumadas desde o nascimento a viver com a simplicidade dos brutos — sem usar praticamente roupa alguma, dormir no chão nu, expor-se a todas as mudanças do tempo, e comer os alimentos mais baratos e simples”. Mesmo vivendo em condições tão adversas, gente mais sadia não podia ser habitualmente encontrada; todos os quintais possuíam cisternas e quase todo mundo banhava-se diariamente no Roxelane ou na baía. As cinzas, porém, haviam contaminado as cacimbas, e o rio em cheia e o mar estavam infectados por restos. La Verette encontrava condições ideais para semear a destruição.

Durante toda a noite, o Padre Roche e outros padres de Saint-Pierre administraram os últimos sacramentos àqueles para os quais já não havia esperança.

Naquele momento, aproximando-se o amanhecer — indicado por nada mais do que uma tênue claridade no céu coberto pelas cinzas do Pelée — o jesuíta derreou-se, exausto, na cama, à procura de um breve repouso. Fechara justamente os olhos quando “o ar foi invadido por mais uma violenta chuva de cinzas e, um momento depois, minha cama era coberta por poeira quente que chamuscou as cobertas e os travesseiros até que eles começaram a queimar em fogo lento”.

Em toda a cidade, a população combatia as pequenas fogueiras ateadas pela queda de cinzas. Saint-Pierre, após cinco dias de bombardeio pelo Pelée, transformara-se em imenso braseiro.

Na residência do cônsul americano, Thomas e Clara Prentiss, exaustos pela falta de sono e os efeitos dos vapores de enxofre — ambos sofriam habitualmente de problemas respiratórios — discutiam o agravamento da situação com René Cottrell. Alimentava o diplomata a esperança de que, como membro de uma das Dez Famílias, Cottrell pudesse exercer alguma influência sobre o governador e convencê-lo a mandar evacuar a cidade.

— Receio que eu, ou minha família, tenhamos ainda menos sucesso do que o senhor parece ter tido — replicou René Cottrell. — Tudo que podemos fazer é rezar, pedindo uma intervenção externa que obrigue a mandar evacuar a cidade.

— Por esta altura, a poeira do vulcão deve ter sido levada a centenas de quilômetros, alertando sobre o que está acontecendo aqui — abservou Clara Prentiss. — Decerto, o mundo inteiro deve conhecer agora a provação por que estamos passando.



As cinzas haviam sido transportadas para muito longe e foram, de fato, notadas pelo mundo. Mas, tragicamente, os observadores cometeriam um erro na identificação de sua origem.

A 760 milhas de distância, o navio Júpiter, saído de Cidade tio Cabo e em um curso a leste-sudeste da Martinica, navegava ao amanhecer através de uma densa nuvem de pó de lava. A presença da nuvem foi notada sem comentário no diário de bordo. A 600 milhas a leste do Pelée, o navio Beechwaod, a caminho de Nova York procedente de Salaverry, registrou a caída de pó como “pesada, assim tão longe da terra”. Outras observações foram feitas pelo navio a vapor Goya, num curso de Montevidéu a Nova York; a 350 milhas da Martinica, no diário de bordo, lia-se que a poeira era “muito desagradável”. Desagradável também foi a resumida anotação feita no diário de bordo do Eleanor M. William, um navio que navegava de Conetable Island para Nova York: “A 14° de latitude norte e 57° de longitude oeste, a 250 milhas a leste da Martinica, passamos a navegar durante oito horas

através de uma nuvem de pó”. Os passageiros a bordo do paquete La Plata, da Royal Mail, a caminho de Londres procedentes de Barbados — a 200 milhas da ilha — queixaram-se de que a poeira impedia-os de dar o habitual passeio matutino pelo tombadilho.

Aos que perguntavam de onde vinham as cinzas, os oficiais do transatlântico davam uma pronta resposta. Estavam sendo carregadas pelo ar, diziam, da grande cratera Soufrière, na ilha britânica de St. Vincent, que dera sinais de atividade desde o ano anterior

St. Vincent situava-se a oitenta quilômetros ao sul da Martinica e, nas horas que se seguiriam, a erupção do Soufrière tornaria muito confusa a situação. O interesse mundial, quando finalmente despertado, centralizar-se-ia em St. Vincent, enquanto ao norte, a ilha irmã do arquipélago do Caribe sofreria sozinha.

O Soufrière parecia-se de modo notável com o Pelée. Medindo treze quilômetros de diâmetro na base, erguia-se na clássica forma vulcânica a uma altura de mil e quatrocentos metros. No cume, escancarava-se uma cratera de quase mil e seiscentos metros de largura.

Quase a seus pés estendia-se a cidade de Georgetown. A ilha em si, como a Martinica, era densamente arborizada e montanhosa, e seus mornes e pitons ostentavam os nomes de uma longa ocupação britânica: Mount St. Andrew, Richmond Peak, e Dark Head; havia um Cumberland Valley e um Richmond Valley; as mais largas praias, amplas e planas na costa a barlavento da ilha, eram chamadas de Mount Pleasant e Brighton. De todos esses locais, como também de toda parte nos 240 quilômetros quadrados de rochas vulcânicas que formavam St. Vincent, era visível o Soufrière. Durante noventa anos o vulcão dormitara. Em fevereiro de 1901, porém, provocara uma série de tremores de terra na extremidade norte da ilha. O pânico varrera os povoados da área e os nativos haviam procurado refúgio em Georgetown ou viajado ainda mais para o sul, até o principal porto da ilha, Kingston.

Nos dez meses seguintes chegaram à Real Sociedade, em Londres, comunicações de que “continuam os tremores de terra e os ruídos. Não são nem violentos nem altos, mas são mais numerosos do que o habitual nessa parte da ilha; os moradores brancos encaram-nos com indiferença ou curiosidade, pois, desde que os tremores de terra não são em absoluto raros em St. Vincent, os repetidos e pequenos choques em 1901 não são considerados necessariamente como precursores de uma catástrofe”. As reações dos governos da Martinica e St. Vincent foram notavelmente semelhantes nos primeiros estágios, quando ambos nada mais fizeram do que ignorar o perigo próximo. Mas conquanto St. Vincent não possuísse um Fernand Clerc, dispunha de certo número de indivíduos solidamente britânicos

— com nomes como Dunbar-Hughes, McDonald, Robertson, e Kelly — para manter sob vigilância o comportamento do Soufrière.

Em fins da segunda quinzena de abril de 1902, a cratera entrara em novo estágio de atividade: oito tremores sacudiram a noite de 14 de abril. Deslocaram pedras dos penhascos de lava e lançaram-nas aos trambolhões pelas encostas numa série de avalanches. Na segunda-feira, dia 29 de abril, mais ou menos na ocasião em que o Pelée emergia de seu profundo sono, o , Soufrière provocou “três grandes choques”, que abalaram as casas em torno da Windsor Forest. Sem uma pausa, as pressões aumentaram, como faziam nas entranhas do Pelée, até que o Soufrière entrou em erupção na segunda-feira, 5 de maio, lançando muito alto na atmosfera grandes nuvens de vapor e poeira. As povoações em suas vertentes haviam sido evacuadas e nem Georgetown nem Kingston corriam perigo algum.

O primeiro magistrado da ilha, o Capitão John Calder, porém, enviou ao Foreign Office em Londres uma série de despachos sobre a erupção. Outras mensagens foram transmitidas a Sir Robert Baxter Llewelyn, K. C. M. G., Comandante-Chefe das ilhas Barlavento, e a Sir Frederic Mitchell Hodgson, K. C. M. G., Governador de Barbados. Os cabogramas diziam todos a mesma coisa: a situação estava sob cuidadosa observação e, caso alguma ajuda fosse necessária, seria imediatamente solicitada.

Em meados da manhã dessa terça-feira, navios procedentes de todas as colônias britânicas no Caribe haviam sido avisados da erupção e aconselhados, se possível, a manter-se ao largo de St. Vincent.



Para o Capitão Edward William Freeman, comandante do navio a vapor Roddam, a notícia da erupção do Soufrière resolveu a questão da sua rota: se tivesse a sorte de não haver passageiros ou carga para embarcar, passaria ao largo da ilha após sua próxima escala em Saint-Pierre.

O Capitão Freeman, um homem alto e bonito, comandava o Roddam há quatro anos e viera a amar cada centímetro do barco. Construído no Withey Shipyard, em West Hartlepool em 1887, o cargueiro de ferro era o orgulho da British Scrutton Line, que fazia o serviço de carga e passageiros entre Londres e as Índias Ocidentais. Nessa viagem, deixara Londres no dia 1.º de abril e chegara a Barbados no domingo, 4 de maio. Naquele momento, deixando o porto com notícias da erupção em St. Vincent, o Capitão Freeman aguardava “com grande prazer” o tempo extra que poderia passar em Saint-Pierre. Devia lá chegar em dois dias, na quinta-feira, 8 de maio, Dia da Ascensão do Senhor.



A 400 milhas ao norte, o navio a vapor Roraima, da Quebec Line, deixara Nova York onze dias antes. A caminho de Demerara, passando pelas ilhas Barlavento, estava bem adiantado. À sua velocidade atual, sete nós, a escuna de 2.712 toneladas chegaria a sua próxima escala, Dominica, nas primeiras horas da manhã de quinta-feira.

Para o Capitão George Muggah, de pé na ponte de comando, em companhia do imediato, Ellery Scott, aquilo era uma boa notícia. Significava que o Roraima poderia chegar a Saint-Pierre a tempo do desjejum na quinta-feira, dia 8 de maio. Segundo observou Ellery Scott, “isso era uma oportunidade para que os passageiros e a carga para Martinica fossem desembarcados antes que se tornasse intolerável o calor do dia”.

Ao meio-dia, observou ele uma “nuvem de poeira” levada pelo vento, bem a boreste. Era, com toda probabilidade, pensou, cinza expelida pelo Soufrière, em St. Vincent.



Os cálculos errôneos feitos pelos observadores localizados na área sobre a origem da poeira foram repetidos em Paris.

O telegrama redigido por Louis Mouttet em fins da noite de sábado fora finalmente enviado pela agência de Fort-de-France na manhã de domingo. Uma vez que o telegrama não recebera classificação de prioridade — provavelmente um lapso cometido por algum funcionário do gabinete do governador e que não fora corrigido pela agência do telégrafo — somente chegou a Paris: em fins da noite de segunda-feira. Mas, nessa ocasião, terminara o expediente no Ministério das Colônias. Um mensageiro entregou o cabograma no Ministério, recebeu um recibo do funcionário de serviço, que aparentemente julgou a mensagem como sendo de pouca importância, atitude essa compreensível em vista da inexplicável opinião de Louis Mouttet de que “a erupção parece estar em declínio”. Aí ficou durante a noite; pela manhã, outro funcionário de serviço examinou-a antes de passá-la à seção do Ministério encarregada dos assuntos da Martinica.

Até então era talvez compreensível que pouca atenção tivesse sido dada ao cabograma do governador. Centenas de telegramas chegavam e saíam todos os dias do Ministério; e um despacho vindo de uma obscura colônia não causava grande excitação. Mas com sua chegada à seção responsável pelas Índias Ocidentais, na manhã de terça-feira, a reação ao despacho precisa ser vista a uma luz diferente. Os que trabalhavam na seção deviam, pelo menos teoricamente, ter bom conhecimento das ilhas. Por isso mesmo, o despacho de um dos governadores da área, declarando

que um vulcão há muito tempo inativo voltara à vida, deveria ter provocado pelo menos alguma reação.

A própria imprecisão do telegrama de Mouttet aconselhava a busca de mais informações. Se “os habitantes foram obrigados a abandonar precipitadamente suas residências”, o governo da ilha deveria estar enfrentando um problema de refugiados. Como o estaria enfrentando e de que modo sabia o governador, com certeza, que “a erupção parece estar em declínio”? Havia outras perguntas que a seção poderia ter feito: que efeito estaria tendo a erupção sobre a vida econômica e política da ilha?

Ao buscar respostas para essas perguntas, a seção não estaria mais do que cumprindo o dever normal. Essa ação mínima teria incluído outra providência obrigatória: a preparação, para o ministro, de um relatório sobre a situação. A erupção de um vulcão em uma ilha colonial, às vésperas de uma eleição crucial para o governo francês, era uma situação que exigia a mais cuidadosa investigação.

Ainda assim, o cabograma de Louis Mouttet foi simplesmente juntar-se a outros em um arquivo cheio de despachos do governo da ilha, contendo detalhes censitários, cifras sobre a população de animais domésticos, exportações e importações.

O despacho de Mouttet permaneceria intocado no arquivo durante seis vitais horas antes que outro cabograma, com a anotação “prioridade urgente”, chegasse ao Ministério. O despacho causaria excitação, não devido a sua classificação, mas porque grafava errado o nome do ministro.

O Senador Amédee Knight redigira em Saint-Pierre esse cabograma. Era uma grande jogada na luta que travava pela supremacia política radical. Além disso, reforçaria sua posição pessoal onde ela importava mais, no governo francês. Percebeu ele que, como senador da ilha, obteria consideráveis vantagens pessoais ao adotar a atitude de “um político responsável, apelando por assistência urgente, em nome do eleitorado”.

Em algum momento na noite de segunda-feira, uma cópia do telegrama do Governador Mouttet chegou às mãos do senador. A explicação mais provável é que tenha sido copiado por um empregado negro do telégrafo, o que não era coisa rara, como o governo francês há muito reconheceria. O Senador Knight percebeu logo o capital político que poderia ser tirado do telegrama de Mouttet tanto para a causa radical quanto para ele mesmo.

“O telegrama do governador não continha uma descrição real da situação como ela se apresentava, ou era provável que se apresentasse. Exibia todos os sinais de inépcia pela qual era famoso o governo da ilha”, diria ele mais tarde, justificando o

despacho que enviara como “prioridade urgente” a Pierre Louis Albert Decrais, Ministro das Colônias.

Dizia o telegrama do Senador Knight:

ERUPÇÃO VULCÂNICA DESTRUIU MEIOS DE SUBSISTÊNCIA
POPULAÇÃO PRÊCHEUR EXCLUSIVAMENTE COMPOSTA PEQUENOS
PROPRIETÁRIOS. CULTURAS E CRIAÇÕES DESTRUÍDAS JUNTAMENTE
COM FÁBRICA. LEI DE AJUDA HUMANITÁRIA AO EXTERIOR
PRODUZIRIA RESULTADOS DESEJÁVEIS PARA TODA POPULAÇÃO.
SOLICITO MENCIONAR MINHA INTERVENÇÃO TELEGRAMA
RESPOSTA. KNIGHT

O telegrama foi entregue à agência de telégrafo de Saint-Pierre, às nove e trinta da manhã de terça-feira. Aí se tornou centro de algumas manobras que deram uma nova animação ao dia. Um empregado branco da companhia, presumivelmente, eleitor do Partido Progressista, tirou cópias do despacho de Knight, que mais tarde circularam na sede do partido e na redação de Les Colonies. Em seguida, em vez de transmitir o telegrama em uma das duas linhas ainda abertas, enviou-o a Fort-de-France, com a solicitação de que o governador lhe examinasse o conteúdo.

Em Fort-de-France, um escriturário, presumivelmente radical, recebeu a mensagem. Compreendeu que não fora transmitida e que era improvável que o fosse logo que o Governador Mouttet a visse. Imediatamente, devolveu a mensagem a Saint-Pierre com o aviso “recebido e liberado”. O telegrafista branco, supondo que o despacho do Senador Knight fora liberado pelo governador, enviou-o a St. Vincent, a primeira etapa na sua jornada de seis mil e quatrocentos quilômetros até Paris. Tendo-o transmitido, o operador telegrafou ao colega em Fort-de-France: “Informe Governador cabograma enviado conforme autorização.”

O notável sobre o despacho não era apenas seu conteúdo, perfeitamente calculado para produzir uma reação mesmo no mais indolente funcionário do Ministério, mas a espantosa duplicidade política ao fim da mensagem: “Solicito mencionar minha intervenção telegrama resposta.”

Com sua longa experiência da cena política parisiense, Amédée Knight deve ter sabido que essas palavras irritariam o autocrático Ministro das Colônias. Mesmo que Albert Decrais não fosse o tipo de ministro que ficaria ofendido com a deslavada tentativa de lhe usar o nome para a finalidade política implícita na solicitação, seria inconcebível para ele agir fora do protocolo apropriado à situação. E o protocolo exigia que todas as comunicações envolvendo um estado de emergência, como o indicado por Knight, deviam ser trocadas diretamente com o governador.

Deve ter havido apenas uma única razão para a arrogância de Amédee Knight: estava tão confiante na vitória radical dentro de cinco dias que já envergara o manto do poder negro. Isto para Amédee Knight, um homem habitualmente cauteloso, era um comportamento extraordinário.

Pouco depois do meio-dia, o cabograma de Knight chegou ao Ministério das Colônias, sendo levado em tempo notavelmente curto ao gabinete de Decrais.

O ministro não conseguiu decifrar-lhe o significado, mas, pelas últimas palavras e pela assinatura, desconfiou que havia encencas. Conhecia Knight e não confiava nele. Fez um rápido exame no arquivo da Martinica e algumas evidentes perguntas confirmaram-lhe os receios.

“Estando iminente uma eleição, a situação era delicada”, disse ele mais tarde. “Intervir por solicitação de um líder partidário teria apoucado a autoridade do governador e poderia ser interpretado como uma medida com finalidade política.”

Em vez disso, o ministro escreveu rapidamente, em elegante caligrafia, uma resposta ao telegrama de Louis Mouttet, enviado quase trinta e seis horas antes. Ao mesmo tempo, reconheceu a armadilha política em que cairia se ignorasse inteiramente o telegrama de Amédee Knight. Tendo por trás a experiência de uma vida inteira na corda bamba da política, escreveu:

GENTILEZA INFORMAR-ME ERUPÇÃO E EM ESPECIAL NOMES VÍTIMAS COM PARENTES NA FRANÇA. TELEGRAFAREMOS ORDENANDO AJUDA LOGO QUE RESOLUÇÃO FOR APROVADA. AINDA SOBRE ASSUNTO SOLICITO VOSSA EXCELÊNCIA E SENADOR KNIGHT TRANSMITIR POPULAÇÃO SIMPATIA DO GOVERNO. NÃO DISPONDO VERBAS PARA FINALIDADES AJUDA NO MOMENTO TENDO EM VISTA FÉRIAS PARLAMENTARES SOLICITAREI INTERVENÇÃO MINISTÉRIOS INTERIOR E AGRICULTURA PARA OS REFUGIADOS ERUPÇÃO PELÉE E JÁ PRESSIONEI MEUS COLEGAS PARA DESTINAÇÃO DE FUNDOS. TELEGRAFAREI LOGO FOR TOMADA UMA DECISÃO.

Como evasiva ministerial, o telegrama era um clássico. Estavam nele todas as frases certas: a solicitude por parentes, mesmo que fosse basicamente por brancos nascidos na França; e a simpatia do governo, que como a simpatia real era sempre uma manifestação segura. A impressão geral deixada era que a grande senhora, a França Metropolitana, arrepanhava as saias antes de correr em ajuda do ameaçado filho no outro lado do mundo. Mas isso levaria tempo.

Conquanto fosse exato que o Parlamento francês estava de férias, o Gabinete reunia-se regularmente em Paris. Alguns telefonemas teriam sido suficientes para obter todas as autorizações e verbas necessárias para o envio de ajuda imediata a

Saint-Pierre. Diante da descrição de catástrofe iminente contida no telegrama do Senador Knight, o Gabinete não poderia ter recusado de forma alguma a ajuda. Mas, ao enviar a resposta a Louis Mouttet, o ministro não havia informado ainda a nenhum dos seus colegas do Gabinete sobre a situação na Martinica.

Decrais tinha uma falha como Ministro das Colônias: uma antipatia que beirava o patológico no tocante aos negros. Tudo aquilo que cheirava a descolonização produzia-lhe uma violenta repulsa. Para ele, o mundo dividia-se em compartimentos: zonas brancas, zonas nativas; escolas brancas, escolas negras; governantes e governados. Ilhas como a Martinica, onde a liberdade negra estava firmemente estabelecida, constituíam uma mácula no bom nome da França. Por trás do telegrama de Amédee Knight reconhecia mais uma ameaça. O senador, aparentemente, fazia mais um de seus tortuosos jogos políticos e seu telegrama serviria como um eficaz xeque-mate.

Ajuda fora prometida, mas nenhuma data fixada para ela. Prometendo ajuda, o governo francês, através de seu Ministro das Colônias, reconhecia sua responsabilidade no assunto. E o que quer que fosse dito mais tarde, ninguém poderia pôr em dúvida a atitude de correta preocupação expressada em seu telegrama. A população, afinal de contas, tinha a simpatia do governo.

CAPÍTULO DEZESSEIS

UM PUNHADO DE FRANCOS

Em Saint-Pierre, o Padre Alte Roche, quase exausto mas resolvido a desempenhar até o fim o papel de observador extraordinário do comportamento do vulcão, voltara, após breve descanso, à antiga posição na janela do presbitério. Registrou então que “desde às oito horas desta manhã, o rugido do vulcão continua quase sem pausa. A intervalos, o ar é abalado por choques de concussão que nos dizem que algo de terrível está em andamento. Saint-Pierre foi deixada numa escuridão quase noturna. Durante muitos dias as condições alteradas da atmosfera interferiram na iluminação elétrica e é principalmente com a ajuda dos brilhantes relâmpagos que acompanham os raios, que despencam com um fulgor quase cegante, que os apavorados habitantes conseguem tentar o caminho pelas ruas. As cinzas e detritos caem agora sobre uma grande área e nela a vegetação curva-se para a mãe-terra sob a carga de poeira e lama.”

Nas condições em que fazia as observações, é espantoso que o jesuíta ainda pudesse parecer tão desligado de uma tragédia que se aproximava inexorável do seu clímax. Não obstante, essa calma quase desconcertante espelhava a atitude da Igreja Católica na ilha. Corria o vigésimo oitavo dia desde o despertar do Pelée e, muito embora todas as pessoas e grupos — os progressistas, os radicais, e o governador — houvessem dado interpretações sobre o comportamento do vulcão, a Igreja permanecia oficialmente silenciosa.

O Padre Roche e os demais sacerdotes da paróquia haviam feito todo o possível para aliviar o sofrimento dos fiéis; o mesmo fizera o Curé Mary, escorando a coragem dos que haviam permanecido em Morne Rouge. O silêncio, porém, fora a atitude oficial do chefe interino da Igreja na Martinica, Gabriel Parel; um silêncio que provocaria comentários mesmo de padres que, geralmente, não costumavam pôr em dúvida as atitudes de seus superiores. Esses sentimentos aparecem cristalizados em um comentário contido no diário do Padre Roche: “Há a impressão geral de que chegou o momento de a Igreja tomar a palavra, oferecer uma orientação definitiva.”

O vigário-geral, porém, não ficara indolente. O seu diário demonstra isso, muito embora a série de orações e visitas bem intencionadas às áreas atingidas não

fossem suficientes. E à evidência colhida por seus próprios olhos deveria ter-lhe dito que a conclusão a que chegara no domingo, de que ninguém realmente sabia o que iria acontecer, não era mais válida naquela terça-feira: passara um dia após o desastre na usina Guérin e o horror produzido pela onda de choque em Saint-Pierre. Ele poderia ser perdoado por não ter desejado intervir junto ao governador ao voltar a Saint-Pierre na noite de domingo; o perdão seria mais difícil naquele momento por não intervir em favor da cidade no curto tempo de vida que ainda lhe restava.



Em sua sede de emergência no Esporte Clube de Saint-Pierre, o “Comitê de Ação” baixou instruções determinando que todos os telhados e paredes fossem lavados para remover as cinzas. Os habitantes obedeceram, a despeito das objeções do Prefeita Fouché, que argumentara, corretamente como se viu mais tarde, que Saint-Pierre seria inundada pela lama e teria danificados ainda mais os serviços de água e esgotos. Suas objeções, porém, foram rejeitadas pelo presidente do Comitê, Robert de Saint-Cyr. Houvera, segundo Fernand Clerc, “uma explosão de mau humor”, que terminara com a saída tempestuosa do prefeito, jurando que daí em diante coisa alguma mais teria com o “Comitê de Ação”, e que ele, e apenas ele, controlaria o destino da cidade mediante exercício dos poderes de emergência investidos em seu cargo.

Mas antes que pudesse assumir o controle da situação, os cidadãos de Saint-Pierre executaram obedientes as instruções do Comitê. Pouco depois, a lama escorria pelos esgotos; em alguns pontos do cais, chegava a trinta centímetros de altura.



René Cottrell, deixando a Residência do cônsul americano, onde passara a manhã discutindo com os Prentisses a possibilidade de um apelo direto ao Prefeito Roger Fouché para evacuar a cidade, descobriu que as condições eram tais que mal podia andar. As pessoas escorregavam, chocavam-se umas com as outras, caíam mesmo enquanto procuravam abrir caminho pelo lamaçal.

Cair era, com frequência, uma experiência repugnante. A lama tinha um gosto desagradável, agravado por excrementos e, possivelmente, matéria morta: aves, gatos, cães e mesmo animais maiores haviam morrido na lama e no calor entravam rapidamente em decomposição. Era comum ver um homem vomitar enquanto procurava livrar-se da sujeira.

A lama, com o auxílio das cinzas que caíam sem cessar, havia, nas suas palavras, “transformado as pessoas em criaturas que não pertenciam à civilização. Da cabeça aos pés, estávamos todos cobertos de sujeira. Numerosas faces pareciam lívidas

como de cadáveres. Passei por pessoas que davam a impressão de terem sido enterradas vivas e exumadas depois.”

Aproximando-se do Esporte Clube, notou que o busto de Napoleão à entrada do terraço estava irreconhecível, coberto por uma grossa camada de lama. E fora Napoleão quem dissera que “Deus, além da água, ar, terra e fogo, criara também um quinto elemento — a lama!”

No interior do clube, perguntou pelo Prefeito Fouché. Foi informado por Robert de Saint-Cyr, Presidente do “Comitê de Ação”, que o prefeito saíra.

Cottrell voltou às ruas enlameadas a caminho da casa da noiva, Colette de Jaunville. A festa de noivado fora confirmada. Teria lugar na noite do Dia da Ascensão. Nessa ocasião, na atmosfera formal da sala de visitas dos Jaunvilles, o noivado seria formalizado e anunciada a data do casamento.

Seria o acontecimento social da ilha naquele ano. O governador e a esposa haviam concordado em permanecer na cidade para a comemoração, após os serviços religiosos do Dia da Ascensão do Senhor. O corpo diplomático compareceria em peso — à exceção do cônsul britânico, James Japp, que continuava ilhado em sua Residência. Estariam presentes membros das Dez Famílias. Fernand Clerc e o Senador Knight haviam sido convidados e aceito o convite, embora, com a aceitação, Fernand Clerc houvesse escrito uma nota: “Minha esposa e eu teremos a honra de aceitar o convite, contanto que a montanha o permita.”

Abrindo caminho pelo lamaçal, René Cottrell não pôde deixar de perguntar-se se acaso o velho plantador não era dotado de capacidade de premonição. As condições estavam visivelmente agravando-se e, se a lama aumentasse, seria duvidoso que muitas pessoas conseguissem chegar à propriedade dos Jaunvilles na noite de quinta-feira.



Em seu gabinete na Prefeitura, o Prefeito Fouché redigia uma “Proclamação Extraordinária aos Meus Concidadãos de Saint-Pierre.” Dizia ela:

A ocorrência da erupção do monte Pelée provocou consternação em toda a ilha. Mas, auxiliado pela alta intervenção do governador e das autoridades superiores, o Governo Municipal providenciou, na medida em que lhe foi possível, a distribuição dos essenciais alimentos e abastecimentos. A calma e prudência, de que a população se revelou tão capaz nestes recentes e angustiosos dias, permite-nos esperar que ela não se mostre surda aos nossos apelos. De acordo com o governador, cuja dedicação vem-se mostrando à altura das circunstâncias, acreditamos estar em condições de assegurar ao povo desta cidade que, tendo em vista a existência de imensos vales que nos separam da cratera, não há perigo

imediatamente a temer. A lava não chegará até a cidade. Todas as posteriores atividades do vulcão ficarão restritas aos locais já afetados. Não se entreguem, por conseguinte, a um pânico injustificado. Permitam-nos aconselhá-los a voltar às suas ocupações habituais, dando o necessário exemplo de coragem e solidez nesta hora de calamidade pública.

O Prefeito R. Fouché

Ordenou ao secretário que tirasse cem exemplares da proclamação na impressora existente no porão da Prefeitura e a afixasse em todos os locais públicos. Em seguida, foi para casa almoçar.



A última edição do Les Colonies não chegou para quem queria. Duas terças partes do jornal continham o testemunho de vistas de Andréus Hurard sobre o desastre na usina Guérin e entrevistas com os poucos sobreviventes.

O próprio Dr. Guérin recusara-se a falar ao jornal, após ter sido trazido em estado de choque a Saint-Pierre.

Para ele, o jornal era um pasquinzinho político escandaloso, fazendo campanha eleitoral a despeito da ameaça incontestável do vulcão. Três horas após ter sido minha usina destruída, numa ocasião em que todo o distrito de Mouillage continuava em pânico com o maremoto, pregavam-se cartazes eleitorais nas paredes”, diria mais tarde.

Por seu lado, Hurard havia-o compreensivelmente descrito como uma pessoa “deprimida e cheia de apreensões acerca do futuro”.

Essas apreensões, aliás, aumentaram com a leitura da “Proclamação Extraordinária” do Prefeito Fouché. Para um ancião que perdera a família, os auxiliares, o negócio e grande parte da fortuna, as palavras da proclamação pareciam referir-se a um outro mundo. Era “uma grosseira peça de fraude, destinada a convencer a população de que nada havia a temer, a levá-la a pensar que o Pelée não era, afinal de contas, um Deus pagão que procurava vingar-se dos brancos. Certamente não era nada disso. Mas, de igual forma, não podia haver dúvida de que constituía um verdadeiro perigo. Para mim, era claro que a cidade tornara-se inabitável. E era claro, também, que Saint-Pierre encontrava-se à beira de um desastre.”

O Dr. Guérin resolveu que não seria testemunha de tal calamidade. Em meados da tarde, fazendo uso da considerável influência pessoal de que dispunha na ilha, fretou um pequeno barco de pesca, o Medina, para levá-lo em segurança a Sainte-Lucia, a vinte milhas ao sul da Martinica.

No momento em que o barco tomava a direção da enseada, a última coisa que o Dr. Guérin viu em Saint-Pierre foram homens com os braços carregados de cartazes, pregando nas paredes a proclamação do Prefeito Fouché. Pouco depois, eles desapareciam sob a cortina das cinzas que caíam.



Para Thomas Prentiss, o cônsul americano, a proclamação constituía mais outra prova da loucura que, aparentemente, empolgara todos aqueles que exerciam autoridade na Martinica. Naquela tarde, em seu gabinete, pôs no papel sua análise de tal loucura.

“Vista de qualquer ângulo, a proclamação constitui algo espantoso. Para começar, se a população está num clima de ‘calma’ e ‘prudência’ pouco propósito há em publicá-la. Ainda assim, é uma asserção contraditória em si mesma, referindo-se, corretamente, a ‘angustiosos dias’, mas, ainda assim, dizendo que o pânico é ‘injustificado’. As garantias oferecidas quanto ao futuro comportamento do Pelée não se apoiam em fatos. Mas tudo isso, como tudo mais na proclamação, visa a razões políticas. As referências ao governador foram inseridas pela mesma razão. Até agora, ele nada fez. Nem acredito que faça até depois das eleições no próximo domingo. A ordem de evacuar a cidade seria explorada pelos radicais como prova da interferência da França Metropolitana no futuro político da ilha. Adiar as eleições seria inconcebível. A situação é um pesadelo no qual ninguém parece capaz ou disposto a enfrentar a verdade.”

Colocou a nota em um envelope e tomou a medida sem precedentes de endereçá-la a Theodore Roosevelt, Presidente dos Estados Unidos da América.



Thomas Prentiss enganava-se a respeito de uma coisa. Havia pessoas dispostas a enfrentar a realidade da situação. Após o almoço, os professores do Liceu reuniram-se em uma das salas de aula sob a presidência do diretor, Emile Ricci. Tomou ele a cabeceira da mesa, ladeado por Brisedeaux, o tesoureiro, e por Mehous, o vice-diretor. O restante dos professores ocupou as carteiras. Eram trinta e cinco homens e mulheres, na maior parte de meia-idade, muito apreensivos.

Sobre a reunião, recordou o Professor Roger Bordier que “nem mesmo a notícia de que dois de nossos colegas, Landes e Doze, encontravam-se ainda fora, a serviço da Comissão de Inquérito, constituiu motivo para tranquilizar-nos. Muito ao contrário, a ausência dos dois professores foi interpretada pelo corpo docente como significando que havia mais nos fatos do que fôramos levados a acreditar por Les Colonies e outras fontes.

“O diretor deixou bem claro que, embora o Liceu estivesse vazio, continuávamos ainda responsáveis pelos nossos alunos. Pediu nos que fôssemos à cidade, procurássemos localizar tantos deles quanto pudéssemos, e os persuadísemos e as suas famílias a deixar imediatamente Saint-Pierre.”

O pedido provocou reações contraditórias na sala. Diversos professores argumentaram que, ao fazê-lo, iriam de encontro à solicitação do prefeito para que fosse mantido o status quo.

“Tomou-se claro que, por medo ou cega estupidez, os professores não iam seguir uma mesma orientação. Como a maioria das pessoas na cidade, procuravam em outro nível a liderança e a capacidade de decisão. Um professor assistente disse que partir implicaria virtualmente admitir que o Pelée dispunha de poderes mágicos.”

No momento em que a reunião foi suspensa, sem medida alguma tomada de acordo com a solicitação do diretor, o Professor Bordier já reconhecia a inutilidade de tudo aquilo. Saiu do Liceu e tomou a direção de Le Trace, a estrada que conduzia a Fort-de-France.

Atrás, deixou amigos e colegas que nunca mais veria. Em menos de trinta e seis horas, estariam todos mortos e a calamidade eliminaria os mais ilustres professores da ilha.

Durante todo o dia, um fio de gente percorria Le Trace em busca de refúgio. Boverat, o criado negro do Cônsul Britânico, James Japp, contou pelo menos cem homens, mulheres e crianças arrastando-se com dificuldade nas cinzas à frente. Evitou-os para que não vissem as lágrimas que lhe corriam pelo rosto.

Chorava desde o momento em que o patrão lhe dera ordens de cruzar o rio Roxelane e tomar a direção sul. Fora doloroso obedecer. Estivera “a serviço” do diplomata por onze anos. “Ir embora, sabendo que ele poderia ter uma morte horrível, foi uma coisa que em nenhum momento desejei fazer. Implorei para que fosse comigo. Mas ele não sabia nadar e temia que nos afogássemos juntos tentando cruzar o Roxelane. No fim, ordenou-me que fosse embora, explicando que não havia necessidade que eu fizesse um sacrifício sem sentido. Não pude deixar de lhe cumprir a ordem. Enquanto eu me preparava para atravessar o rio, ele me deu alguns documentos. Era um relato dos últimos dias na Residência. Disse-me que não devia abri-lo senão depois de terminado aquele drama. Pela maneira como falou, era claro que acreditava que somente poderia haver um resultado: uma calamidade.”

Inteiramente nu, com as roupas embrulhadas em um pedaço de oleado, Boverat atravessou a nado o Roxelane. Da outra margem olhou para a Residência britânica.

Viu o cônsul no jardim ao lado do alto mastro da bandeira. Enquanto observava, James Japp desenrolou a Union Jack e hasteou-a. Virou-se e viu o empregado. Durante um momento entreolharam-se. Em seguida, fizeram ambos uma saudação à Bandeira

Naquele momento, em fins da tarde, já a uns três quilômetros em Le Trace, Boverat viu uma coluna de soldados montados descendo a estrada em marcha batida. Passaram por ele e dirigiram-se para a encruzilhada onde Le Trace começava a descer em direção á Saint-Pierre. Aí, desmontaram, bloqueando a estrada. Perplexo, perguntou-se o que pretendiam eles. Não precisou de muito tempo para descobrir. Saindo de Saint-Pierre, viu um bando de refugiados aproximar-se dos soldados. Conversaram com eles durante um minuto e, em seguida, voltaram à cidade.

A única rota de fuga de Saint-Pierre fora bloqueada.



Do terraço de sua casa, a cavaleiro da Le Trace, Véronique Clerc observava os soldados com crescente apreensão. Por diversas vezes, refugiados haviam tentado passar por ele e todas as vezes foram mandados de volta. A si mesma perguntou-se como se sairía o marido quando chegasse sua vez de abandonar a cidade e voltar à casa na encosta da colina.

O Professor Roger Bordier encontrara uma maneira de iludir os soldados. Cruzara um trecho de terreno acidentado por trás da cidade, onde finalmente encontrou uma trilha de carroças. Às suas costas, a trilha fora cortada pela corrida de lama que destruíra a usina Guérin. Desembocava em Le Trace a cem metros ao sul do local onde montavam guarda os soldados. Com toda a displicência que conseguiu reunir, o professor desceu a trilha e tomou a estrada principal. Os soldados conservaram-se indiferentes.

Andara apenas um pouco quando duas carruagens apareceram galopando em sua direção. Passaram numa nuvem de poeira, mas em meio às cinzas rodopiantes conseguiu vislumbrar Louis Mouttet na primeira delas.

Vinte e seis horas após a catástrofe que se abatera sobre a Usina Guérin, o governador e a Comissão chegaram à borda do lamaçal, que no momento endurecia sob novas precipitações da cinzas, e examinaram a cena. Coisa alguma se movia no pântano ou sobre ele. A distância, a chaminé da fábrica submersa apontava acusadora para o Pelée. O vulcão escondia-se nesse momento por trás de densas nuvens de fumaça. Ocasionalmente, ouviam-se estrondos abafados dentro da nuvem cortada por relâmpagos, mas a queda de cinzas parara, deixando o ar opressivamente quente.

Os cinco membros da Comissão de Inquérito reuniram-se a uma pequena distância de Mouttet e de seu principal secretário, Edouard L'Heurre. De férias, na última semana no sul da ilha, L'Heurre voltara, apressado, ao saber a notícia do desastre na usina Guérin. Chegara ao Palácio do Governo à hora do almoço. Era um homem de trinta anos, ambicioso e agudo observador. Como principal secretário do Governo colonial, virtualmente organizava a administração diária da ilha para o Governo francês. Conseguiram manter a confiança de radicais e progressistas e o respeito do governador. Nos dias que se seguiriam, desempenharia um papel vital na situação.

Chocado com as mudanças que notava em Louis Mouttet, mais tarde as sumariaria nas seguintes palavras: “Ele claramente demonstrava sintomas de malaise. Não manifestou surpresa com meu regresso, ou interesse, por falar nisso. Quando lhe contei que a notícia do desastre na usina circulava por toda a ilha, respondeu que isso era parte da política radical para disseminar o pânico. Mais tarde, ao descobrir que o Senador Knight enviara um cabograma ao ministro, ficou muito agitado. Repetidamente, afirmou que a intervenção do senador visava a criar-lhe embaraços políticos. Eu jamais o vira em tal estado.

“Nessa ocasião, chegou um telegrama de Fouché, o Prefeito de Saint-Pierre, dando detalhes da proclamação que acabara de publicar. Ele (Mouttet) acalmou-se mais uma vez e mostrou-se quase jubiloso, dizendo que a proclamação era uma prova clara de que nada havia a temer. Insistiu em que a população seguiria os conselhos do prefeito e que permaneceria calma. Em seguida, outro despacho do prefeito, pedindo maior autoridade para enfrentar a situação. A solicitação tornou-o (Mouttet) novamente agitado e ele disse que era claro, à vista do telegrama, que o prefeito desconfiava de que os radicais tentariam criar problemas. Arrebatadamente, disse que enviaria tropas à cidade para reforçar a guarnição local e reprimir, desde o início, qualquer perturbação da ordem. Argumentei que tal medida provocaria ainda mais encrencas; o Governo colonial seria acusado de ingerência nos negócios políticos, como indubitavelmente fariam os radicais se soldados interferissem em sua campanha eleitoral.

“Ouvindo isso, tornou-se mais uma vez deprimido e derreou-se numa cadeira, parecendo muito cansado e recolhido dentro de si mesmo. No fim, concordou que seria imprudente enviar soldados à cidade, mas disse que eles poderiam ser estacionados na estrada, com ordens de impedir a saída de refugiados, que poderiam disseminar receios injustificados por toda a ilha. Expliquei-lhe que, pelo que eu mesmo sabia, toda a ilha já conhecia os danos ocasionados pelo Pelée e que não havia motivo para enviar tropas com essa finalidade. Ele, porém, mostrou-se inflexível e insistiu em que cumprissem suas ordens sem discussão.”

A eleição, a depressão, a sugestão de que os radicais conspi-fivam contra ele, juntamente com a indecisão e a retirada para tfintrio de si mesmo — tudo isso constituía significativas indicações de que o governador perdia cada vez mais o contato com a realidade da situação. A tragédia era que, enquanto L’Heurre reconhecia que havia algo de errado, não estava em condições de diagnosticar até que ponto era grave o estado de perturbação em que se encontrava o governador. O seu relato dos fatos ocorridos naquela tarde constitui uma penosa descrição de um homem a descer a escada da sanidade mental:

“Tendo com relutância despachado os soldados, embora com instruções minhas para que demonstrassem simpatia pelos refugiados, recebi ordens do governador para convocar os membros da Comissão de Inquérito. Ao chegarem, disse-lhes ele que todos nós íamos fazer uma inspeção da área onde a lama sepultara a Usina Guérin. Deixou bastante claro que, por mais horrível houvesse sido o desastre na usina, nada havia para sugerir que se tivesse modificado o grande panorama da situação. Fiquei algo surpreso ao descobrir que o Professor Landes também pensava assim. Era claro que os demais membros aceitariam o que ele dissesse. Ao chegarmos à beira do lamaçal, M. Mouttet disse que, na verdade, muito pouco havia para ver e quase sugeriu que fora uma perda de tempo ir até ali. Mesmo do Professor Landes reagiu a essas palavras, observando que quase 160 pessoas haviam morrido. Mas, quando foi interrogado pelo governador, concordou que a lama poderia ter desafogado pressões que se acumulavam no interior da cratera e, dessa forma, reduzido a ameaçada de futuras erupções.”

A base científica do reiterado otimismo de Landes era, para dizer o mínimo, dúbia. O vulcão continuava em atividade e qualquer coisa poderia acontecer. A atitude do Professor Landes é inexplicável para um homem de sua reputação. Muito longe de tranquilizar, a lama devia, decerto, ter constituído um aviso para ele: se podia descer do Pelée por uma nova rota, o mesmo poderia acontecer com a lava. E uma corrida de lava por cima da lama seria uma grave ameaça a Saint-Pierre. Por que teria o Professor Landes se conservado em silêncio? Teria estado tão próximo à situação que perdera a faculdade crítica? Cometera simplesmente um erro honesto? Ou seria fadiga e uma sensação de impotência porque, não importava o que dissesse, coisa alguma mudaria? Todas essas explicações foram sugeridas como possibilidades. Mas há outra, mais provável: um homem que podia insistir como ele em pleitear no relatório tanto espaço aos danos ocasionados ao Jardim Botânico, dificilmente teria sido a melhor pessoa para analisar a situação em termos humanos.

“O governador estava visivelmente ansioso para voltar a Fort-de-France e, naquele momento, seu estado de espírito era de uma agitação quase febril. Telegrafaria a

Paris um relatório da calamidade que caíra sobre a usina Guérin, mas explicaria que a mesma importara também numa bênção por ter dado vazão às pressões no interior da cratera. Estávamos prestes a partir, quando um membro da Comissão perguntou se não seria aconselhável irmos até Saint-Pierre, acrescentando que o telegrama poderia ser enviado de lá. O governador irritou-se muito com essas palavras, e respondeu que não havia necessidade de ele ir a Saint-Pierre até o momento em que era esperado, na noite seguinte. Ir agora, disse, indicaria que considerava perigosa a situação, quando ela visivelmente não se mostrava assim. Insistiu em que o acompanhássemos de volta a Fort-de-France, de onde enviaria por telegrama o relatório e pediria verbas. Perguntei-lhe quanto solicitaria. Respondeu, como se não houvesse pensado claramente no caso, que pediria cinco mil francos. Não pude dar crédito aos meus próprios ouvidos.”

Um homem bem a par da situação se teria dado conta da dispensabilidade de solicitar ajuda financeira. O Governo colonial poderia sacar somas substanciais e, num estado de emergência, requisitar recursos dos maiores bancos da Martinica. De volta ao Palácio do Governo naquela noite, porém, Louis Mouttet redigiu um longo e esparramado telegrama ao ministro em Paris, aduzindo detalhes sobre o desastre na usina e dizendo que seu parecer sobre a situação “continuava o mesmo”, e terminando com as seguintes palavras: “É IMPERATIVA A REMESSA DE CINCO MIL FRANCOS PARA OPERAÇÕES DE SOCORRO.”

Cinco mil francos equivaliam a aproximadamente 500 dólares. Esse dinheiro não seria suficiente para comprar alimentos para uma única refeição dos refugiados de Saint-Pierre.

CAPÍTULO DEZESSETE

APROFUNDA-SE A CRISE

O cabograma do governador foi transmitido pela agência do telégrafo de Fort-de-France, às 6:23 da noite. Vinte e dois minutos depois, o telegrafista de dia recebeu uma mensagem urgente de seu colega de Saint-Pierre. Dizia: “INTERROMPIDA LIGAÇÃO POR CABO COM SAINTE-LUCIA, ACREDITO ATIVIDADE SÍSMICA PELÉE RESPONSÁVEL FATO. DESVIANDO TODO TRÁFEGO EXTERNO PARA ESSA AGÊNCIA.”

Naquele momento, somente um único esguio cabo ligava a ilha ao mundo externo, o de Fort-de-France a Dominica.

Naquela noite, foi grande o movimento. Entre os telegramas chegados havia um de Albert Decrais, Ministro das Colônias. Os enviados incluíam outro, urgente, de Louis Mouttet ao Ministro das Colônias. Pedia apenas: “SOLICITO COLOCAR O SUCHET IMEDIATAMENTE À MINHA DISPOSIÇÃO.”

O telegrama provocou grandes especulações na agência. Que razão poderia haver para o governador requisitar o Suchet, um navio de guerra francês que acabara de ancorar ao largo de Fort-de-France?

— Talvez ele queira bombardear o vulcão — sugeriu um telegrafista.

— Será que ele está louco? — perguntou outro.



A bordo do Suchet, o Capitão Pierre de Bries sentia-se atordoado com os acontecimentos das duas últimas horas. Ancorara ao largo de Fort-de-France, dando início a uma rotineira visita de boa vontade, e mal descera a âncora quando o navio fora abordado por Edouard L’Heurre. O secretário trazia uma ordem do governador para que o vaso de guerra se aprontasse para seguir “sem demora” para Saint-Pierre, “caso a situação piorasse”.

Fosse devido ao tom da ordem ou ao fato de ter sido dada de maneira tão arrogante, Bries irritou-se. Mais tarde, recordou: “Repliquei que queria saber que assuntos poderiam justificar tal ordem. O secretário respondeu que o vulcão Pelée estava em erupção. Perguntei de que modo poderia ajudar, um navio de guerra. Explicou ele que estava tão confuso como eu a respeito da solicitação. Respondi

que, mesmo que quisesse, não poderia cumpri-la. Seria uma questão a ser resolvida pelo Ministério da Marinha, em Paris.”

L’Heurre regressou ao porto, mas voltou logo depois ao Suchet. Dessa vez, trazia uma solicitação por escrito do governador para que o navio fosse posto sob suas ordens, juntamente com uma cópia do cabograma enviado ao Ministro das Colônias.

“Respondi que não me moveria até receber, pessoalmente, autorização de Paris. Mas, para evitar outras visitas do secretário do governador, disse que descobrira problemas nos motores que necessitariam de uns dois dias para reparos.”

Essa mentira salvou a vida dos quarenta e três tripulantes e do próprio comandante do navio.



No mar, naquela noite ao largo de Saint-Pierre, outros comandantes traçavam também, os planos com que salvariam a vida de suas tripulações.

A bordo do Topaz, o Capitão Jules Sequin preparava-se para tomar o rumo de Dominica. Após a grande onda, lançara ferros bem longe, ao lado do Orsolina e do Pouyer-Quertier. Outros navios chegados após o vagalhão incluíam o navio inglês de manutenção de cabos, o Grappler; uma escuna francesa de três mastros, o Biscaye; o Tamaya,, brigue francês; o Quora Maria di Pompeii, brigue italiano de madeira; o Diamant, navio a vapor francês; Fusée, canhoneira francesa, e a escuna americana J. R. Morse.

As tripulações dessa minúscula frota observaram as fogueiras ao longo do cais de Saint-Pierre, anunciando que La Verette grassava na cidade. Logo que cessara a queda de cinzas, haviam vislumbrado o que corretamente interpretaram como cortejos fúnebres levando os mortos para a sepultura coletiva fora da cidade. Horas depois, naquela tarde, o barco de pesca Medina, transportando o Dr. Guérin para Sainte-Lucia, passara pela pequena esquadra, deixando em sua esteira notícias sobre o desastre ocorrido na usina.

"As especulações eram infundáveis. Capitães trocavam visitas, procurando adotar um curso comum de ação. Mas chegou-se à conclusão geral de que, daquela distância, estávamos ao abrigo de qualquer ameaça”, recordou mais tarde o Capitão Sequin.

Ele não tinha mais razão para permanecer ali. Concluira seu papel de moço de recados do governador. Escurecendo ainda mais a noite, deu ordens para que o navio tomasse rumo norte. Navegava paralelo à cidade quando viu aproximar-se um pequenino barco de pesca, trazendo Louis Labatut, o foguista, e Joseph du Quesne, o superintendente, ambos sobreviventes da usina Guérin.

Contaram os dois ao Capitão Sequin que haviam roubado o barco numa última e desesperada tentativa de fugir de uma cidade que, para eles, estava condenada à morte. Disseram que reinava “anarquia quase completa” no cais de Saint-Pierre.

Ninguém trabalhava mais. Algumas lojas haviam sido destruídas. Mais para o interior da cidade, a situação era irreal. Comícios eleitorais, a maior parte convocados pelos radicais, estavam sendo realizados enquanto pessoas lutavam para permanecer de pé na lama que enchia as ruas.

“A cidade era um asilo de loucos e, tendo-lhes ouvido as histórias, convenci-me de que agira bem deixando aquela área”, disse mais tarde o Capitão Sequin.



A bordo do Pouyer-Quertier, o Capitão Jules Thirion conferenciava com o comandante do Grappler. Estudavam uma carta da área da costa ocidental da ilha. Através dela fora traçada a plotação da busca feita pelo Pouyer-Quertier dos cabos telegráficos rompidos. A chegada do navio inglês constituíra uma boa notícia para o Capitão Thirion. O Grappler tinha uma grande reputação de localizar enguiços ou rompimento dos cabos que cruzavam os mares do mundo. Durante o dia viajara para o norte, procedente de St. Vincent, trazendo a notícia da erupção do Soufrière.

“A notícia da erupção provocou ainda mais especulações. Alguns marinheiros acreditavam que, antes de muito tempo, todas as ilhas do arquipélago entrariam em erupção, produzindo o efeito de anel de fogo pelo qual são famosas as ilhas de Barlavento e Sotavento. Certamente, pareceu um mau presságio que o Soufrière houvesse entrado em erupção tão próximo assim do Pelée. A essa taxa, precisaríamos de todos os navios lançadores de Cabos do Caribe para conservar as ligações telegráficas, que seriam indubitavelmente rompidas pelas pressões de todas essas atividades sísmicas”, registrou o Capitão Thirion no diário de bordo.

Naquele momento, na carta desenrolada ao lado do diário, traçou uma linha de Saint-Pierre para o mar. Vasculharia a área maior ao sul, enquanto o Grappler se concentraria na área menor ao norte da cidade.

— Não deve ser tedioso para o senhor ter o Pelée a bombordo — disse, em tom jocoso, levando os convidados para a sala de jantar. — Do mar, o vulcão oferece um espetáculo sempre diferente.



Para Fernand Clerc, o monte Pelée assumia um único aspecto, o de crescente ameaça a Saint-Pierre. Que pudesse ainda pensar nos aspectos mais vastos da ameaça dá-nos uma idéia das qualidades de que era possuidor. O plantador tentara por todos os meios a seu alcance obter apoio à sua crença de que a única medida sensata continuava a ser a evacuação da cidade.

“Deixei bem claro a todos os que procurei que a evacuação era viável. Consistiria simplesmente em transportar por terra e mar a população para Fort-de-France. Ela acamparia fora da cidade, ou mesmo mais ao sul, onde não haveria perigo algum. Já acontecera o suficiente em Saint-Pierre para que todos compreendessem que essa medida seria uma precaução sensata.”

Procurara o Padre Alte Roche, pedindo-lhe apoio. O jesuíta, porém, “explicara mansamente que, conquanto ele pessoalmente desejasse tal providência, o apoio oficial da Igreja seria dado apenas se aprovado por M. Parel”. Muito embora o Padre Roche confidenciasse a seu diário que chegara a ocasião de a Igreja manifestar-se, tornou-se claro para Fernand Clerc que o jesuíta não queria formar na vanguarda dos porta-vozes. Nem, ao que parecia, o vigário-geral. Fernand Clerc enviara uma mensagem a Gabriel Parel pedindo-lhe que intercedesse nesta “undécima hora” junto ao Governo colonial. Mas não recebera ainda resposta.

Visitou Andréus Hurard, o editor de Les Colonies, “que encontrei visivelmente abalado com o desastre ocorrido na usina Guérin”. Ainda assim, quando Fernand Clerc lhe pediu que usasse sua influência editorial numa campanha para evacuação da cidade, Hurard recusou redondamente, argumentando que a medida apenas serviria para aumentar o pânico e que certamente custaria a eleição do Partido Progressista.

“Não consegui entender-lhe a atitude”, recordou-se, depois, Clerc. “Ele mesmo vira os danos de que o Pelée era capaz, mas, ainda assim, só pensava na eleição! Disse-lhe que a eleição era, naquele momento, de importância secundária e que de muitas maneiras seria bom se a votação fosse adiada até que o vulcão voltasse à calma. Hurard ficou chocado com minha atitude. Respondeu que coisa alguma deveria intervir nas eleições e que, se eu pensava assim, poderia, já naquele momento, reconhecer a derrota para os radicais! Como quer que eu argumentasse, não consegui que ele visse outra coisa a não ser seu interesse político. Continuava a dizer que tinha um dever a cumprir, que eu também tinha o meu, e que ele consistia em assegurar a vitória progressista na eleição final.”

Fernand Clerc tampouco teve êxito quando apelou ao Prefeito Fouché. A tinta da proclamação mal secara ainda e um recurso ao tipo de medida proposto por Clerc chocava-se de frente com o que dissera no seu cuidadosamente fraseado apelo à calma.

“O prefeito deixou bem claro que, em hipótese alguma, apoiaria a evacuação, e insisti comigo para que esquecesse essa idéia. Pediu-me que usasse minha influência para acalmar a população. Respondi que o problema era que todos pareciam calmos demais!”

Da mesma forma que com Hurard, as relações de Fernand Clerc com o prefeito, na melhor das hipóteses politicamente distantes, agravaram-se a partir desse momento. Um indivíduo mais jeitoso poderia, ao que tudo indica, ter vasado seu apelo em termos mais diplomáticos. A diplomacia, porém, jamais fora um dos pontos fortes de Fernand Clerc. Na esfera política, descobrira que só conseguia falar com a maioria das pessoas nos termos francos com que se dirigia a seus empregados.

Em seguida ao choque com o prefeito, apelara ao comandante da guarnição de Saint-Pierre para que emprestasse seu nome a um apelo ao governo, pedindo que mandasse evacuar a cidade. O militar, porém, como o Padre Roche, conquanto sentisse uma simpatia particular pela idéia, achava que nada poderia fazer. Sua atitude é um pouco mais fácil de compreender: aguardava ainda resposta do relatório que enviara por telegrama ao governador sobre o desastre na usina Guérin. Estava, evidentemente, temeroso de ter passado das medidas, em especial depois de ter sabido que o governador e um grupo fora visto voltando de carruagem por Le Trace no começo da tarde.

“O episódio claramente preocupara o comandante. Continuou dizendo que aquela era a primeira vez em que não fora notificado de uma visita do governador ao distrito e que não podia deixar de temer haver caído em desagrado. Estava mais preocupado com seus problemas do que com a ameaça representada pelo Pelée”, informou Fernand Clerc.

Visitara em seguida, Thomas Prentiss, o cônsul americano. Encontrou apoio ... embora de uma natureza totalmente inesperada

“O cônsul sugeriu que a única coisa a fazer era enviar um cabograma ao Presidente dos Estados Unidos, instando para que ele solicitasse ao Governo francês que ordenasse ao governador que evacuasse Saint-Pierre. Enviar um telegrama por volta de meio mundo para insistir com um homem que se encontrava a apenas vinte e quatro quilômetros de distância, pareceu-me uma maneira extraordinária de agir. Mas, também, o Sr. Prentiss estava num estranho estado de espírito naquela noite. Não tinha dúvida de que havia perigo real, mas, ao mesmo tempo, julgava seu dever permanecer ali como representante de seu governo. A esposa, a despeito de meus próprios apelos, recusou-se igualmente a partir, sustentando que tinha o dever, como também minha própria esposa, de permanecer ao lado do marido. A questão do envio de um cabograma foi resolvida quando chegou a notícia de que o telegrafista de Saint-Pierre não estava mais em comunicação com o mundo exterior.”

O telegrama poderia ter sido retransmitido a Washington via agência de Fort-de-France, mas, à vista de suas próprias palavras, era claro que Fernand Clerc não

nutria muitas esperanças de que funcionasse o plano de Prentiss.

Finalmente, com o tipo de obstinada determinação com que geria seus negócios, procurou certo número de comerciantes locais e homens de negócio, sugerindo um “abaixo-assinado” pedindo a evacuação da cidade. Mais uma vez, porém, a resposta foi pouco entusiástica: “Todos eles achavam que tal medida lhes prejudicaria os negócios. Não podiam compreender a possibilidade de que, se a montanha continuasse a comportar-se como antes, não teriam mais negócios a fazer.”

Em princípios da noite, finalmente, reconheceu a derrota da esperança de convencer os principais cidadãos de Saint-Pierre a evacuarem a cidade. Deprimido pelo fatalismo e apatia gerais, fechou o escritório pela última vez e voltou para casa. Na encruzilhada de Le Trace, foi detido por breves instantes pelos soldados que, quando o reconheceram, afastaram-se respeitosamente.

Ao chegar em casa, tomou um banho, vestiu roupas limpas; e jantou com a esposa no costumeiro silêncio. Mais tarde, foram ambos para o terraço e olharam para Saint-Pierre embaixo.

Por suas observações, tudo fizera para alertar a cidade sobre o perigo iminente. Fora repellido. Pode-se perdoá-lo por acreditar, como acreditou naquela noite de terça-feira, que lhe restava um único dever a cumprir: pensar na segurança da esposa e dos filhos.

O ponteiro do barômetro, que pendurara em um dos corrimãos, do terraço, havia começado mais uma vez a tremer.

CAPÍTULO DEZOITO

UMA TRÉGUA FATAL

Em meados da noite, chegou de carruagem o vigário-geral, Gabriel Parel. A decisão de ir às pressas a Saint-Pierre não fora inteiramente ditada por motivos altruísticos. Combinada com a sincera compaixão que sentia pelo povo da cidade, havia também o que se poderia chamar de avareza profissional.

Ao ouvir a notícia de que o governador e a Comissão haviam seguido para a área devastada da usina Gérin, Gabriel Parel supusera, o que era muito razoável nas circunstâncias, que o grupo iria também a Saint-Pierre. A seu capelão, Emile Tanoux, confidenciara uma atraente possibilidade: após inspecionar a cidade, o governador forçosamente ofereceria alguma assistência financeira prática e, segundo disse mais tarde o Padre Tanoux, o vigário-geral deixou claro que, se verbas fossem concedidas, ele estava resolvido a que a Igreja recebesse sua parte.

A Igreja Católica da Martinica, não obstante seus imponentes prédios, não era rica pelos padrões de dioceses semelhantes. Qualquer soma de auxílio que o vigário-geral resolvesse que não precisava ser ainda gasta, faria uma substancial diferença para os cofres da Igreja.

Ele não sabia, contudo, que a estimativa feita pelo governador do auxílio necessário, cinco mil francos, era mais ou menos igual aos óbulos recolhidos todos os domingos nas igrejas da ilha.

Estava a meio caminho de Saint-Pierre, quando as duas carruagens, transportando o governador e a Comissão, passaram por ele a galope a caminho de Fort-de-France.

Como tantas outras figuras de importância decisiva nos fatos ocorridos nos últimos dias, o vigário-geral acreditava às vezes naquilo em que queria acreditar. Mais uma vez confidenciou ao Padre Tanoux, sentado a seu lado na carruagem oficial da diocese, uma teoria sem base alguma.

— Acho que o governador já resolveu a questão da distribuição de auxílio e que volta a Fort-de-France para implementar essa decisão — disse.

Sem esperar resposta, enfiou a cabeça pela janela da carruagem e gritou para o cocheiro:

— Vá até onde puder. Talvez ainda não seja tarde demais!

A preocupação de Gabriel Parel em obter parte do inexistente dinheiro de auxílio lhe turvaria os pensamentos sobre o problema real que a Igreja Católica enfrentava no tocante à crise que, sem cessar, se avizinhava da população de Saint-Pierre. Um ano depois, admitiria o erro... mas por essa época o erro teria apenas interesse acadêmico.

Na encruzilhada fora da cidade, a carruagem foi detida pelos soldados, que caíram em silêncio ao reconhecerem os passageiros. O sargento-comandante insistiu em que dois de seus homens os escoltassem até a cidade.

Para Gabriel Parel “a companhia foi bem-vinda, porque Saint-Pierre não era mais aquilo que eu conhecia”.

Continuava interrompido o fornecimento de eletricidade e parecia haver falta de velas. Nas ruas, tochas lançavam funéreas sombras. Segundo o vigário-geral “havia, naquele instante, alguma coisa quase ímpia naquela cidade, onde eu passara tantos felizes momentos”.

Antes de partir, perguntou ao sargento quanto tempo o governador e o grupo permaneceram na cidade.

“Imaginem minha surpresa quando ele respondeu que o grupo não fora em absoluto à cidade, mas que voltara diretamente da zona arrasada para Fort-de-France. Interroguei-o com todo cuidado, mas ele não podia oferecer explicação alguma da pressa, ou por que motivo o grupo não fora à cidade. Não sabia coisa alguma sobre planos para distribuir ajuda financeira.”

A carruagem mal entrou na cidade quando se atolou no lamaçal.

Mas o que irritou quase tanto como o contratempo foi a atitude do povo. Ninguém fez o menor esforço para ajudar a desatolar a carruagem, mesmo quando ele fez um apelo direto, pedindo ajuda: “Uma estranha apatia parecia ter-se infiltrado em todos aqueles por ali”, comentou mais tarde.

É bem provável que o que encontrou fosse algo parecido com uma espécie de choque em massa. Durante cinco dias a população fora massacrada e brutalizada pelo Pelée. Jorrando da base do vulcão viera a onda que, por seu turno, trouxera a peste e uma lista cada vez maior de mortos. Poucas pessoas conseguiam dormir no ar quente e saturado de cinzas. Os dias e as noites haviam-se transformado numa insana confusão de bramidos, nuvens de cinza e loucura. O último vestígio de liderança positiva desaparecera no momento em que Fernand Clerc deixara Saint-Pierre; naquele momento, pregoeiros de slogans políticos vagueavam pelas ruas, embora poucas pessoas lhes prestassem atenção aos gritos. O resultado geral era de

trauma: as pessoas moviam-se, sem saber realmente por que e pronunciavam palavras sem nexos.

Em silêncio, Gabriel Parel saltou da carruagem em companhia do capelão. Entraram na cidade com as batinas arrastando pela lama. Poucos passos mais além, o Padre Tanoux escorregou. Ninguém se moveu para ajudá-lo. O vigário-geral correu para erguê-lo do chão. Escorregando e deslizando, os dois dirigiram-se através da opressiva escuridão para a Catedral de Saint-Pierre.

A catedral, como a própria cidade, sofrera uma mudança desde a sua prédica ali, dois dias antes. Em alguns locais a lama se acumulara em mais de sessenta centímetros ao longo dos muros externos; as ruas em volta estavam atravancadas de carroças e pequenos carros.

Dentro do recinto da catedral reuniam-se centenas de pessoas. Como as que vagueavam pelas ruas, aquelas estavam também em silêncio. Para elas, o terreno em volta da catedral era um refúgio. Entre a multidão iluminada pelo brilho das tochas, o vigário-geral reconheceu faces conhecidas de Le Prêcheur e Ajoupa-Bouillon. Os refugiados despertaram-lhe uma reação característica: disse-lhes que, se confiassem no Senhor, seriam salvos. Como fizera na anterior manhã de domingo, na Place Bertin, iniciou as orações. Abençoou-os e em seguida entrou na catedral por uma porta lateral. Do lado de dentro viu um espetáculo que, anos depois, ainda lhe encheria os olhos de lágrimas.

O ar estava enevoadado pela poeira. Em certos locais, apagara as gordas velas e lhes manchara os candelabros. Colava-se aos tubos do órgão, ao altar-mor e às santas estátuas. Mas, segundo lembrou mais tarde, pessoa alguma parecia importar-se com aquilo. A “estranha letargia” que vira do lado de fora penetrara também no próprio coração da catedral. Era como se “a vontade de viver tivesse abandonado essas pessoas”.

A multidão ocupava todos os assentos, todos os centímetros de espaço pelos corredores, agachando-se mesmo nos degraus do altar-mor. Sentada ou de pé, a maior congregação que a catedral jamais vira permanecia silenciosa, salvo pelos estalidos suaves de rosários. Muitas pessoas haviam fechado os olhos em silenciosas preces.

O vigário-geral ficou animado ao notar que “os padres não falharam no cumprimento do dever, mas andavam por toda parte, oferecendo consolo, tranquilizando. Logo que os fiéis me viram, um grito subiu e pouco depois foi repetido nos quatro cantos da catedral. Durante um momento, não consegui compreender aquelas palavras. O Padre Tanoux sussurrou-me então que os paroquianos me pediam que tomasse a frente nas orações, rogando a intervenção

divina. Comovi-me quase até às lágrimas ao ver-lhes a fé no Senhor e na sua Santa Igreja. Dirigi-me para o altar-mor, onde, depois de puxar as orações, abençoei-os. Depois, tomado pela emoção, dirigi-me para o presbitério, assegurando a todos, enquanto andava, que podiam passar a noite na catedral.”

No refeitório, haviam-se reunido padres de todas as paróquias de Saint-Pierre, entre eles o Padre Alte Roche. Ele, como os demais, correrá para o presbitério ao ser divulgada a notícia de que o vigário-geral encontrava-se na cidade.

Levantaram-se em respeitoso silêncio quando Gabriel Parel entrou na sala. Durante um longo momento, ele permaneceu imóvel, olhando para cada um deles, para as batinas cobertas de pó, para as faces tensas. Em seguida, baixando a cabeça, mandou-os sentar com um cansado gesto e dirigiu-se para seu lugar à cabeceira da longa mesa de madeira no centro da sala.

Para o Padre Roche “dava pena olhar para o seu superior. Ele estava visivelmente chocado com o que vira e, durante algum tempo, permaneceu sentado sem poder articular palavra”.

Embaraçados diante de tal situação, passaram os padres por alguns minutos desconfortáveis, enquanto o vigário-geral lutava por se recompor.

Depois, ouviu sem interromper, enquanto um padre após outro fazia-lhe um relatório sobre a situação. Os relatos referiam com depressiva similaridade histórias de casos e de colapso cada vez maior das estruturas sociais e econômicas da cidade. À medida que cada sacerdote terminava seu relatório, o vigário-geral baixava a cabeça, indicando que outro padre podia falar. Os intervalos entre o fim de um monólogo e o começo de outro tornaram-se cada vez maiores.

Finalmente, recordar-se-ia o Padre Roche, o vigário-geral voltou-se e perguntou-lhe:

— De que maneira é provável que o Pelée se comporte?

— É impossível termos certeza. Mas seria imprudente ignorar-lhe a ameaça à cidade — respondeu o jesuíta.

— Por quê? — perguntou o vigário-geral.

— Porque já se comportou de uma maneira que eu, ou qualquer outra pessoa, não teríamos julgado possível há mesmo alguns dias!

— O governador sabe disso? O Governo?

— Se sabe, pouco sinal dá disso. Perdoe-me, mas há muitos de nós que acham que constitui dever da Igreja liderar neste assunto! — disse o jesuíta.

— De que modo?

— Ordenando a evacuação de Saint-Pierre!

— Meu querido padre, a Igreja não tem autoridade para fazer tal coisa. Nem poderia apoiar tal medida.

Mais uma vez, caiu silêncio na sala.

— Meus amigos, reconheço que a situação é grave. — O vigário-geral interrompeu-se para escolher bem as palavras. — Mas não constitui papel da Igreja substituir a vontade do Estado nesses assuntos. A questão da evacuação é da alçada do governador. Posso recomendar que ele a considere. Mas não posso ordená-la em nome da Igreja. E mesmo que pudesse, acho que esta não é a ocasião apropriada para a Igreja intervir. As autoridades leigas não tomaram nenhuma medida oficial. Ao contrário, o prefeito lançou uma proclamação pedindo calma. Essa é a opinião oficial. Ir de encontro a essa opinião, nestas circunstâncias, não teria efeito positivo. Acho que a ocasião propícia para que eu fale em nome da Igreja será depois das celebrações do Dia da Ascensão do Senhor, da catedral. Os que comparecerem verão por si mesmos a seriedade da situação e mostrar-se-ão mais receptivos a sugestão de que seria mais prudente evacuar a cidade.



Essas palavras refletem a fatal indecisão do vigário-geral. Coisa alguma devia ser feita, ou parecer que era feita, que levasse a Igreja a entrar em choque com o Estado.

Pouco depois, morreriam milhares de homens, mulheres e crianças que poderiam ter sobrevivido se uma firme decisão houvesse sido tomada de pôr a autoridade da igreja por trás de uma ordem para evacuar a cidade.

O Prefeito Fouché, sozinho em seu gabinete na Prefeitura, trabalhava tarde da noite, preparando os “planos de batalha” para as celebrações do Dia da Ascensão. Haveria na noite do dia seguinte um banquete oficial e um baile em homenagem ao governador e esposa. Quatrocentos convidados jantariam e dançariam até o final da noite de quarta-feira. Ao amanhecer da quinta-feira, a elite da Martinica iria para casa dormir antes de comparecer à missa de meio-dia na Catedral de Saint-Pierre.

Naquele ano, uma significação adicional fora atribuída ao fato. As celebrações seriam também as boas-vindas oficiais de Saint-Pierre a Louis Mouttet e esposa, sete meses depois da chegada de ambos à ilha.

Se o Prefeito Fouché pudesse evitá-lo, nem mesmo o Pelée perturbaria as boas-vindas. Sabia que “a cinza seria a inimiga. Ela está emporcalhando tudo”. Seriam usados muitos metros de linho branco e cobertas as baixelas e louças com o tecido até o último momento. As cadeiras, igualmente, seriam forradas até a chegada dos convidados ao grande salão de jantar do Hotel de l'Indépendance.

“Pessoal extra deve ser designado para dar o último polimento do assoalho. As janelas devem permanecer fechadas. Um número suficiente de auxiliares deve estar por perto para manter frio o ar com o emprego de abanos.”

Fouché passou a estudar o cardápio. Rubricou sua aprovação a oito pratos, ticou aceitação à lista de vinhos que acompanhavam cada prato, e concordou com a seleção de licores a serem servidos com o café.

Junto da palavra “música”, escreveu: “A habitual”. Significava isso que a orquestra de cordas, recrutada entre os membros da banda da cidade de Saint-Pierre, e reforçada por dois violinistas de Fort-de-France, deveria ater-se a seu conhecido repertório de valsas e quadrilhas.

Finalmente, estendeu uma grande folha de papel sobre a escrivaninha. Era o plano-mestre dos assentos para o banquete. Estavam em branco os quatrocentos lugares. Com o ar de um homem a proferir uma sentença social, o prefeito começou a preencher os pequenos quadrados: a posição do homem na comunidade dependeria do quadrado onde aparecesse seu nome.

Os membros do “Comitê de Ação” e respectivas esposas foram rebaixados de seus assentos habituais à mesa principal e transferidos para o meio de conselheiros e advogados. Não saberiam que haviam sido deliberadamente degradados socialmente até que consultassem o plano dos assentos na noite seguinte. Nessa ocasião, poderiam tomar uma de duas decisões: abandonar a sala ou arriscar-se a uma humilhação pública. De qualquer modo, o Prefeito Fouché teria ganho outro assalto na luta contra o “Comitê de Ação”.



Na sala de visitas da residência da família, situada fora de Saint-Pierre, Colette de Jaunville tinha o seu primeiro arrufo amoroso. Como tantas dessas brigas, escalara de um pequeno desacordo para um ponto perigosamente próximo do rompimento.

A primeira manifestação de desarmonia ocorrera quando o noivo, René Cottrell, chegara à casa na hora do almoço coberto de lama e muito preocupado com o choque entre o prefeito e o “Comitê de Ação”. Enquanto os pais ouviam-no com toda atenção, Colette julgara todo o episódio “muito chato”. Não podia compreender como o noivo se preocupava com essas coisas quando havia tantos planos a completar para a próxima festa do noivado. Quando sugerira que ele fosse tomar um banho e a acompanhasse no almoço, René respondera que pensava em voltar a Saint-Pierre para ver como se desenvolvia a crise. Colette ficara visivelmente agastada. Durante toda a tarde matutara no caso, como é habitual com mocinhas mimadas, com o descaso de René. Ele voltara em começo da noite, coberto de lama. A empregada particular de Colette o havia levado até o banheiro.

Nesse momento, usando calça e camisa pertencentes a M. de Jaunville, viera fazer-lhe companhia na sala de visitas.

Mais uma vez, tentou interessá-la no que vira em Saint-Pierre até que, recordou mais tarde, Colette explodiu:

— Por que você não fica lá o tempo todo?

— Já passei lá tempo suficiente para saber que não é lugar para nenhum de nós dois — respondeu.

— Mas nós vamos amanhã à noite ao baile do prefeito.

— Talvez seja perigoso demais.

— Você não vai levar-me? — perguntou Colette, parecendo naquele momento fria e distante.

— A cidade parece um campo de batalha. Há lama por toda parte. Até que a veja, você não pode imaginar como está a situação — replicou ele.

— Você vai ou não vai levar-me ao baile?

— Eu a levarei apenas se não houver perigo.

— E quem vai decidir isso? — perguntou, fria, Colette.

— Eu resolverei!

Estavam sentados num divã. Nesse momento, Colette levantou-se e dirigiu-se, impaciente, para a janela. Durante algum tempo, ficou olhando para a escuridão. A distância, o céu sobre o monte Pelée começava, devagar mas perceptivelmente, a tomar uma cor vermelha, quase como se lhe acompanhasse a zanga cada vez maior. Finalmente, ela voltou-se e olhou para René.

— Se você não me levar, arranjarei quem me leve!

Sem esperar resposta ao ultimato, deu-lhe as costas e saiu correndo da sala com o rosto banhado em lágrimas.

Marguerite, a velha lavadeira da vila do tio de René, tinha motivos mais prosaicos para não querer que ele fosse ao banquete e ao baile. René trouxera uma única muda de roupa de Fort-de-France, que nesse momento ela passava na rouparia da vila. Acabara justamente o trabalho quando uma película de cinza entrou pela janela e pôs a perder todo seu esforço. Com o estoicismo de uma vida inteira de duras experiências, puxou a cortina de aniagem sobre a janela e começou a umedecer e tirar com o ferro as manchas da roupa.

Mas duvidava que pudesse prepará-la na quinta-feira, após o baile do prefeito, com tempo suficiente para a festa do noivado, se o Pelée continuasse a manchar tudo

com cinzas.

Pouco depois, aquele traje seria o fator a decidir se René Cottrell sobreviveria ou morreria.



Durante toda a noite, Suzette Lavenière observara o avermelhamento do céu, as bifurcações dos raios e ouvira os bramidos incessantes num estado de espírito que — reconheceria mais tarde — aproximava-se da histeria.

Estava sentada nos degraus da vila, localizada a seis quilômetros de Saint-Pierre. A seus pés, na escuridão, agachavam-se os trabalhadores da propriedade e suas respectivas famílias. Olhavam todos para a moça de vinte e quatro anos, à espera de uma palavra tranquilizadora. E, por isso, pouco tempo teve ela para pensar na tragédia da perda do pai; dedicara todo seu tempo a encorajá-los.

Ao anoitecer, reuniram-se no quintal, e ela ficou a escutá-los enquanto eles cantavam velhas canções creoles.

Ao começarem os bramidos, os cantos morreram aos poucos eles se aproximaram mais dos degraus como em busca de proteção. Naquele momento, centenas de olhos observavam o Pelée.

A algumas centenas de metros abaixo do cume aparecia uma área brilhante, aproximadamente circular. No início, não foi mais do que um ligeiro rosado, mas, à medida que as rochas eram aquecidas por alguma imensa força interna, o brilho tornou-se mais vivo. Inesperadamente, a mancha subiu aos céus numa esteira de fogo. As rochas expelidas descreveram cursos de cometa na escuridão antes de caírem nos vales em torno da base do Pelée. Pelo buraco deixado pelas rochas no alto do pescoço da cratera, esguichou um jato de pó branco e quente, vapor e lava fundida. Imediatamente, o bramido mudou e transformou-se em um som que, para Suzette Lavenière, “pareceu como se todas as sirenas de navio do mundo houvessem sido acionadas”.

O silvo agudo chegou com total clareza a Fort-de-France, situada a vinte e quatro quilômetros de distância e levou Louis Mouttet às pressas até à janela do gabinete. Edouard L’Heurre observava-o com crescente preocupação; durante toda a noite o governador demonstrara sinais sempre mais graves de malaise. Sua conversação fora uma mistura de júbilo, depressão e desconfiança, entremeada de longos períodos de silêncio. Estreitara ele suas perspectivas e um único canal focalizava toda sua tensão nervosa: a recusa do Capitão Pierre de Bries, do Suchet, de pôr o navio à sua disposição.

Ao chegar pelo ar noturno o agudo som, Louis Mouttet não teve dúvida sobre o que ele significava. Voltando-se para o secretário, berrou:

— É o Suchet, preparando-se para levantar ferros!

Mais tarde, recordou Edouard L'Heurre: “Precisei de algum tempo para convencer M. Mouttet de que, se ele olhasse para o porto, veria o Suchet silenciosamente ancorado. Além disso, o seu comandante jamais partiria sem antes receber resposta do cabograma enviado a Paris.”

O governador voltou à sala exigindo saber a causa daquele ruído.

— O Pelée — disse categoricamente Edouard L'Heurre.

— O Pelée? — ecoou Louis Mouttet. — Quem é que já ouviu um vulcão assoviar?

Dirigiu-se, devagar, para a escrivaninha, apanhou uma folha de papel e entregou-a a Edouard L'Heurre.

— Paris terá que aprovar isto — disse o secretário.

— Aprovará! Aprovará qualquer coisa que garanta a vitória dos progressistas na eleição — respondeu Louis Mouttet retomando o papel. — Comunique amanhã por cabograma minha decisão a M. Decrais e informe o diretor da prisão.

— E o prisioneiro? — perguntou Edouard L'Heurre. — Sei que no bagné há grande má vontade contra ele de parte dos outros presos. Há sério perigo de que o matem, se ele for retirado da cela.

— Diga ao diretor da prisão que o prisioneiro deve permanecer na cela dos condenados e recomende que nenhum mal lhe pode acontecer, pelo menos até o fim da eleição. Depois, mandá-lo-ei para fora da ilha.

O direito de comutação de pena a que se referira Les Colonies em seu editorial do sábado anterior fora exercido por Louis Mouttet. Auguste Ciparis poderia viver, dada a esperança do governador de que aquela medida produziria um efeito decisivo sobre o eleitorado.

O governador, porém, tinha outro trunfo a jogar na tentativa de influenciar os eleitores e desacreditar os radicais, que usavam o Pelée como um símbolo que, pensavam, os levaria à vitória. Lançou um exemplar do relatório da Comissão de Inquérita na direção do secretário.

— Eu já o li.

— E o que achou?

— É um relatório notável — respondeu, polidamente, Edouard L'Heurre.

— É mais do que isso! É a confirmação de que o Pelée não constitui uma ameaça.

— Mas a onda e os danos já ocorridos... — protestou Edouard L'Heurre.

— Foram graves, concordo. Mas pressões foram libertadas do interior do Pelée. — Voltou-se e dirigiu-se mais uma vez para a janela. — Até mesmo esse silvo pode ser outra redução de pressão.

— Mas pode ser, também, um sinal de acumulação dela!

— Edouard, você é um pessimista. Procura encrencas onde não as há. Deixe isso com os peritos. Leia o relatório. Nele encontrará a opinião abalizada do Professor Landes.

— Mas este relatório poderia já estar, mesmo agora, desatualizado! — argumentou o secretário.

— Não está! E, além disso, resolvi que somente poderá fazer bem, se a população de Saint-Pierre conhecer-lhe o conteúdo. Enviei uma cópia por mensageiro a Hurard com instruções para publicar um sumário do mesmo sob a forma de uma entrevista com o Professor Landes — disse Louis Mouttet.

— Landes sabe disso?

— Não. Mas você pode contar-lhe pela manhã. Não há motivos para temores. Tudo o que Hurard fará será dar à opinião de Landes a forma de entrevista.

Não pode haver dúvida de que Edouard L’Heurre ficou abalado com tal estratagema. Um ano depois diria um depoimento que fora “totalmente contra” à “chamada entrevista Landes”. Ainda assim, o que poderia ter feito esse homem jovem e ambicioso contra um governador desequilibrado que dispunha de poder de vida e morte sobre sua carreira? Cabe apenas uma resposta: se, naquela noite de terça-feira, houvesse reconhecido o perigo potencial para Saint-Pierre sugerido pela atitude de Louis Mouttet, teria constituído seu dever tomar todas as providências para evitá-lo. Ele, obviamente, acreditava que Mouttet estava mentalmente doente, embora não soubesse até que ponto era grave seu estado. Além disso, Mouttet usara de astúcia e duplicidade na maneira como se aproveitara de Auguste Ciparis e do Professor Landes para obter um mesmo resultado final — garantir a vitória do Partido Progressista, o que seria seu passaporte para a continuação de uma fácil governança.



Durante já algum tempo Léon Compère-Léandre estava deitado nos fundos de sua tenda de sapateiro na Place Bertin, escutando os baixos sons cavos produzidos por pancadas na grossa porta de seu esconderijo. O tempo perdera a significação, e ele igualmente, não mais sentia o odor do ar viciado e do suor em volta,

Mas o som cavo era fascinante. Rastejando pelo chão, olhou por uma fresta entre a porta e o umbral. Através dela viu um solitário garoto metodicamente jogando

bolas de barro contra a porta.

Léon estivera agachado ali durante alguns minutos, quando um inesperado e vivo raio bifurcou-se e cruzou a praça de ponta a ponta. Pareceu-lhe que o raio atravessava a criança de um lado a outro antes de raspar a parede de tijolos ao lado de sua oficina. A criança desmoronou, horrivelmente queimada e morta. Uma fração de segundos depois, outra língua de chamas saltou pela praça e perdeu-se no mar. Foi seguida de um único ronco que abalou tudo em volta.

Apavorado, Léon correu, apressado, para o fundo da oficina e enterrou-se embaixo de uma pilha de sacos.

Pelo próprio inesperado, o bramido lançara Auguste Ciparis ao chão. Levantando-se com esforço, viu a cela iluminar-se, quando um novo raio apunhalou a cidade vindo do céu.

Observou que o céu sobre o Pelée tinha, naquele momento, uma tonalidade vermelha viva, que lançava uma fantasmagórica luz sobre vários quilômetros quadrados em volta. O bramido provinha do fundo do próprio cone. Ao contrário dos sons anteriores emitidos pelo vulcão, esse era constante, como um vento produzido por um fole gigantesco a atijar carvões quentes ao rubro.

Ignorando o terrível ruído, Auguste Ciparis reiniciou o baixo e monótono cântico que vinha entoando há várias horas. Começara quando um grupo de presos de confiança havia removido os últimos vestígios da forca, em meados da manhã. Durante o resto do dia, permanecera nas pontas dos pés, procurando ver se voltariam com madeira nova para construir outra forca, onde seria pendurado na manhã de quinta-feira. Ao terminar o dia de trabalho na prisão sem que voltassem, aumentaram suas esperanças. No início da noite, três presos colans de confiança entraram na cela e fecharam a porta.

Então, de debaixo das camisas, tiraram os já familiares cabos encurtados de picaretas e começaram sistematicamente a surra-lo: O negro adotou um experimentado método de defesa: “A experiência me ensinara que tentar resistir era inútil. Dava lugar apenas à maior violência. Depois dos primeiros golpes, tombei no chão, procurando proteger a cabeça e a virilha com os braços e pernas, enroscando-me em forma de bola para oferecer a menor área possível. Apesar disso, era pequena a proteção e eu não podia resistir por muito tempo às pancadas. Desmaiei e, quando recuperei os sentidos, os homens saíram, fechando a porta da cela. Mesmo sentindo grandes dores, ouvi um deles dizer que, mesmo que o governador fosse comutar minha pena, ele (o preso de confiança) faria com que eu sofresse as penas do inferno no bagne durante todos os dias em que ali ainda permanecesse.”

Ciparis deixou que o sangue secasse no rosto e no corpo e recomeçou o canto. Era quase impossível identificar aquelas palavras como as do Vigésimo Terceiro Salmo. Naquele momento, porém, Auguste Ciparis acrescentou umas poucas palavras ao fecho. Diziam: “Deus abençoe o governador!”

CAPÍTULO DEZENOVE

ESTRELAS E LISTRAS

No seu gabinete, Andréus Hurard ouvia os conhecidos e agradáveis sons do jornal sendo preparado para rodar. Constituíam eles um contraste tranquilizador com o agudo e incessante silvo do Pelée. Cada um deles — o estalar dos tipos, as marteladas no chumbo, o clangor da impressora plana — era um som individual que somente terminaria quando a última página houvesse sido composta e o número de 7 de maio de 1902 de Les Colonies estivesse pronto para circular. Seria uma pequena edição, de quatro páginas apenas e, no linguajar jornalístico, “uma edição especial”. Seu conteúdo seria dedicado quase inteiramente ao Pelée. A eleição, que ocupara a maior parte do jornal durante quase um mês, seria reduzida a uma curta menção na primeira página e a uma única coluna na última, reservada a um novo ataque aos radicais. Mas, mesmo o ataque teria ligações com o Pelée. O Senador Knight seria acusado, com alguma justificação, de usar o vulcão como “uma arma barata para cabalar votos”. O restante de Les Colonies publicaria uma série de reportagens sobre os vários aspectos da erupção.

Em fins da tarde, haviam sido escritas três das quatro páginas; foram corrigidas, compostas e revistas as provas por Andréus Hurard e devolvidas à sala de composição. Naquele momento, restava sobre sua escrivaninha apenas uma pequena pilha de provas. Era a matéria da primeira página. Lendo as provas, rabiscava o título e fazia a diagramação no espelho da página ao lado. Não reivindicava altos conhecimentos tipográficos ou brilhantismo editorial na escolha das manchetes. Notícias menores foram inseridas entre as duas colunas à direita da primeira página; as mais longas foram reservadas para as duas colunas à esquerda. Por tradição, a principal notícia do dia ocuparia o centro da página. Nesse espaço, ele já havia rabiscado uma manchete: “Une Interview De M. Landes.” A entrevista seria apoiada por um artigo informativo intitulado “Les Volcans.” Ambos os itens deviam sua substância ao relatório da Comissão de Inquérito nomeada pelo governador, e que fora entregue ao editor no começo da noite,

Uma lista de mortos ou desaparecidos era publicada em sete linhas sob o título “Os Mortos”. A cheia do Roxelane era comentada sob “A Inundação do Roxelane”, e continha um exemplo de duvidosa dedução: “A elevação das águas foi causada exclusivamente pelas pesadas chuvas caídas nas zonas altas. A água contém, em

suspensão, as cinzas que reuniu ao longo de seu curso, e está, por conseguinte, com uma coloração muito escura. Na foz do rio foram vistos numerosos peixes mortos.” Nenhuma menção havia dos cadáveres que continuavam a descer pela mesma foz. Outros parágrafos reduziam a importância da tragédia de Le Prêcheur, que, de qualquer modo, acontecera quatro dias antes. Outra notícia, escondida no fundo da primeira página, intitulava-se: “Pânico em Saint-Pierre.” A nota de vinte e quatro linhas começava historiando o pânico e o êxodo e terminava com as seguintes palavras: “Confessamos que não podemos entender esse pânico. Em que lugar poderia uma pessoa estar em maior segurança do que em Saint-Pierre? Os que estão invadindo Fort-de-France imaginam por acaso que ficariam mais seguros lá no caso de um terremoto? Isto é um erro tolo, e é preciso que o povo se ponha em guarda contra ele. Temos a esperança de que as opiniões manifestadas por M. Landes na entrevista que publicamos acima, convençam os mais timoratos.”

Era algo de extraordinário escrever tal coisa, ignorando o Pelée e apresentando um terremoto como a verdadeira ameaça. Se houvesse um tremor de terra, era muito provável que as pessoas não ficassem mais seguras em Fort-de-France do que em Saint-Pierre, mas, em face da ameaça de erupção, não havia dúvida de que Fort-de-France, a vinte e quatro quilômetros da cratera, era um local muito mais seguro.

Essas histórias todas tinham apenas a finalidade de preparar o caminho para a “entrevista” de Landes:

“M. Landes, o ilustre professor do Liceu, teve a bondade de conceder-nos ontem uma entrevista sobre a erupção vulcânica do monte Pelée e os fenômenos que precederam a catástrofe da usina Guérin. Eis o que colhemos em nossa conversação: As cinco horas da manhã, observou M. Landes, colunas de fumaça escaparam da seção superior da montanha, do local conhecido como Terre Fendue. Notou-se que o rio Blanche engrossava e atingia um volume cinco vezes maior do que na sua maior cheia conhecida, e que arrastava grandes blocos de rocha, alguns dos quais pesando cerca de cinquenta toneladas. M. Landes, que no momento se encontrava no povoado de Perrinelle, dirigiu-se para Étang Sec às dez para as nove. Lá, viu uma massa esbranquiçada descer a vertente da montanha com a rapidez de um trem expresso e penetrar no vale do rio, assinalando sua passagem com uma espessa nuvem de fumaça branca. Não foi lava, mas um grande volume de lama que submergiu a usina Guérin. Mais tarde, pareceu a M. Landes que uma nova abertura surgira ao pé do Morne Lenard, e que podia estar expelindo lava.

“M. Landes considera os fenômenos ocorridos no domingo, como incomuns na história dos vulcões. É bem verdade, diz ele, que lavas enlameadas formam-se com grande rapidez, mas a catástrofe da usina Guérin foi devida a uma avalanche, e não a uma corrida de lava. O vale embaixo recebeu a massa do Étang Sec, que

arrombou as margens e lançou suas águas engrossadas pela lama de uma altura de setecentos e cinquenta metros. Se não houve um tremor de terra sob o choque dessa imensa avalanche, isso se deveu ao fato de o mar ter atuado como obstáculo, rolha, ou tampão.

“De acordo com as observações de M. Landes na manhã de ontem, pareceu que a abertura central do vulcão, situada nas fendas mais altas, estava emitindo grande volume de uma substância preta e amarela em maiores quantidades do que nunca, embora a intervalos. Seria mais seguro abandonar os vales mais baixos e ocupar as mais altas elevações, se os habitantes queriam ter certeza de que escapariam do destino de Pompéia e Herculano, e que não seriam soterrados pela lava e a lama. ‘Mas’, acrescentou M. Landes, ‘o Vesúvio jamais fez muitas vítimas. Pompéia foi evacuada a tempo e apenas alguns corpos foram encontrados nas soterradas cidades.’ Conclusão: Saint-Pierre não deve ter mais medo do Pelée do que Nápoles tem do Vesúvio.”

Andréus Hurard tinha motivos para se sentir satisfeito com o trabalho. Seriam poucos os que contestariam a detalhada explicação ou a sugestão de que Saint-Pierre não corria perigo. Dera grande importância aos detalhes: “às cinco da manhã”, “dez minutos antes das nove”, “cinquenta toneladas”, para emprestar verossimilhança à entrevista.

Mas são precisamente os detalhes que a desmascaram. Às cinco horas da manhã de segunda-feira o Pelée não emitia fumaça, hora, aliás, em que o Professor Landes foi ao encontro da Comissão de Inquérito, reunida no Jardin des Plantes. Jamais se aproximou do rio Blanche senão algum tempo depois do desastre na usina Guérin, e assim não podia, em hipótese alguma, ter visto rochas, pesassem elas cinquenta toneladas ou não, sendo carregadas pelo rio. A povoação de Perrinelle situa-se no sopé sul do Pelée e foi evacuada na tarde de sexta-feira, dia 2 de maio. O Étang Sec é um pequeno lago na cratera do Pelée. Dizer que o professor, que por todos os relatos podia ser tudo menos um atleta, escalou o monte até o Étang Sec em condições intoleráveis implicaria atribuir-lhe o tipo de poderes que somente os deuses possuem. Mas mesmo que ele houvesse conseguido subir quase mil e duzentos metros, enfrentando erupção vulcânica, corridas de lava e grandes nuvens de fumaça e gás quente, simplesmente para estar à mão quando a avalanche soterrasse a usina Guérin, há ainda a questão de saber se tal jornada teria sido realmente necessária. Ele teria uma visão muito melhor do alto do monte Verte, em companhia do Padre Alte Roche.

Mas, segundo a “entrevista”, tendo ido até o cume do monte e descido em seguida — uma façanha que, em tempos normais, custaria a maior parte de um dia — o incrível professor percorreu ainda oito quilômetros de terreno acidentado até

chegar ao sopé de monte Lenard, ao sul da cratera, onde viu sinais de erupção (algo que ninguém, em ocasião alguma, afirmou ter visto).

A história toda, naturalmente, é mera fantasia. O Professor Landes passou a segunda-feira em reunião com a Comissão de Inquérito, inicialmente em Saint-Pierre e mais tarde em Fort-de-France. Teria sido impossível para ele, mesmo que bastante louco para tentar, dirigir-se ao abandonado povoado de Perrinelle. E certamente, de maneira alguma poderia ter subido dali até o Étang Sec.

A finalidade de toda essa ficção emerge apenas nas últimas linhas da entrevista. “Seria mais seguro abandonar os vales mais baixos e ocupar as mais altas elevações, se os habitantes queriam ter certeza de que escapariam do destino de Pompéia e Herculano, e que não seriam soterrados pela lava e lama... Conclusão: Saint-Pierre não deve ter mais medo do Pelée do que Nápoles tem do Vesúvio.”

Era a grande mentira. Andréus Hurard, porém, não tinha dúvidas de que mereceria fé. Sabia que os leitores conservavam uma confiança comovente no que liam no jornal. Colocada ao lado de novos itens de conhecimento comum, a “entrevista” ganharia foros de verdade. Para Hurard, era um jogo justificável. Era na verdade improvável que alguém perguntasse ao professor se fizera a perigosa jornada até o Étang Sec; mesmo que o fizesse, o editor tinha motivos para supor que o professor agiria de acordo com os interesses do governador, e que não negaria a história.

Em fins da noite, o Pelée cessou os chiados. Na escuridão, o povo de Saint-Pierre aguardou o sinal seguinte. Os que não possuíam local onde se abrigar, permaneciam em pé ou deitados nas ruas, silenciosos e atordoados, sem saber o que fazer ou para onde ir.

Na Residência do cônsul americano, Thomas Prentiss obtivera uma vitória que jamais julgara possível. Conseguira convencer a esposa, Clara, a embarcar no Orsolina. Levaria consigo a carta dirigida ao Presidente dos Estados Unidos. A lista de saída de navios do Les Colonies dizia que o barco italiano partiria na manhã de quinta-feira.

Na anotação que fez em seu diário naquela noite, Thomas Prentiss revela que o que “finalmente convenceu Clara foi meu argumento de que, se o Presidente americano soubesse da aflição da cidade, ajuda seria enviada. Convenci-a de que era seu dever fazer com que meu relatório chegasse às mãos do Presidente com toda rapidez possível.”



No presbitério, o Padre Alte Roche debatia consigo mesmo se devia procurar o governador e fazer-lhe um apelo pessoal, “fundamentado em toda evidência disponível”, para que mandasse evacuar a cidade.

Saíra da Catedral de Saint-Pierre profundamente deprimido pela atitude do vigário-geral. Gabriel Parel deixara “absolutamente claro” que gostaria de conservar a Igreja afastada de qualquer curso de ação que a levasse a um choque com o Estado — enquanto isso fosse possível. Após a saída dos demais padres do refeitório, o jesuíta procurara convencer Gabriel Parel a mudar de idéia, mas ele se “mostrara inflexível”, dizendo que “nada faria até o Dia da Ascensão”.

Como tantas vezes nos últimos dias, o sacerdote dirigiu-se à janela do quarto. Encontrava-se ali havia alguns minutos quando se deu conta exatamente do que havia de diferente naquela noite. Brilhavam no céu pontos que ele quase esquecera. Aqui e ali a escuridão estava constelada de estrelas.



Confuso com a evolução dos fatos, René Cottrell, sentado nesse momento, tenso, na sala de visita dos Jaunvilles, tinha à frente, de pé, os pais de Colette.

— Não é possível falar com ela tão tarde assim — repetia Mme. de Jaunville. — Além disso, ela está nervosa demais.

Após a saída tempestuosa de Colette daquela mesma sala durante o começo da noite, René lhe esperara em vão a volta. Quarenta anos depois, recordaria o que sentira sentado ali no divã: “Eu estava apaixonado e, embora não lhe pudesse compreender a atitude, estava disposto a assumir toda a culpa pela briga. Esperei durante uma hora inteira que ela voltasse. Ao fim dessa hora, porém, sua empregada pessoal apareceu e disse-me que a patroa estava repousando.”

Frustrado, René voltou à vila do tio, onde recebeu sensatos conselhos: “Coma alguma coisa, tome um cálice de vinho, volte em seguida e resolva o caso antes que ele se agrave.” Sem esperar pela refeição, René voltou, apressado, à propriedade dos Jaunvilles. Uma empregada levou-o à sala de visitas, onde ficou aguardando durante algum tempo até entrarem M. e Mme. de Jaunville. M. de Jaunville era um homem frio e preciso. Quando René lhe agradeceu pelo empréstimo da calça e camisa, encerrou o assunto com um seco: “Espero que isso não aconteça novamente.” Mme. de Jaunville era elegante àquela maneira ligeiramente afetada assumida com tanta frequência pelas colonas francesas. Logo que o romance entre René e Colette fora oficialmente confirmado pelo pedido de casamento, Mme. de Jaunville começara a planejar o enxoval de Colette e o início de negociações com os pais de René sobre os termos do contrato nupcial. Queria que o contrato fosse assinado com a brevidade possível, logo após o anúncio oficial do noivado na festa do Dia da Ascensão. Não tinha a menor intenção, de permitir que um arrufo dificultasse as claras vantagens do casamento para ambas as famílias. Mas, conquanto demonstrasse considerável elegância e encanto, possuía

também um temperamento estabranado, “e, por algum motivo, devo ter-me apresentado de uma maneira que a irritou”, lembrar-se-ia, depois, René.

Com toda probabilidade, foi o compreensível pedido para ver Colette que despertou a ira de Mme. de Jaunville.

— Além disso, já é tarde — acrescentou M. de Jaunville.

— Realmente, senhor. Mas estou ansioso para que a questão seja logo resolvida.

— Só há uma coisa a resolver, e se refere à questão se o senhor levará ou não nossa filha ao baile — replicou Mme. de Jaunville.

Mais uma vez, René tentou explicar-lhes, como tentara explicar a Colette, que julgava a situação em Saint-Pierre perigosa demais para que pensassem sequer em ir ao baile. Além disso “argumentei que, se tivesse a menor dose de bom senso, o prefeito cancelaria o baile”. Mais uma vez, porém, não teve êxito. Os Jaunvilles, levando vidas isoladas fora de Saint-Pierre, não tinham uma idéia real do que acontecia na cidade. Quando os boatos e relatos lhes chegavam, haviam sido antes filtrados por grande número de empregados e, de modo geral, pouca semelhança guardavam com a verdade. Os Jaunvilles haviam muito tempo antes recusado crédito a essas histórias, de modo que era improvável que dessem muita atenção a outras versões sobre a situação. Como tantos outros grandes latifundiários residentes fora da cidade, levavam vidas quase inteiramente restritas aos limites da plantação, excetuada a visita semanal à Catedral de Saint-Pierre. Quando Colette fora à missa matutina no domingo anterior, a situação, embora grave, não alcançara ainda o estágio crítico que chocara René, que reconheceu “ser difícil para eles-compreender a situação. Mas o que eu não podia compreender era que, depois de a ter descrito, eles não parecessem ainda capazes de compreender o perigo”.

Mais uma vez, M. de Jaunville interrompeu-o:

— Já é tarde.

— Realmente; e ainda mais se o senhor se refere a Saint-Pierre — replicou René.

— O senhor quer também que cancelemos a festa no Dia da Ascensão? — perguntou Mme. de Jaunville, irritada.

Com o ardor de um jovem consciente do perigo, mas sem saber muito bem como evitá-lo, René respondeu:

— Isso, madame, é uma questão para a senhora e seu marido resolverem. Minha opinião é que talvez fosse melhor adiar as celebrações até tempos mais seguros.

“Achei que cometera um erro social enquanto ele explicava os preparativos já feitos. Viriam o governador e esposa, o cônsul americano e a Sra. Prentiss. Todas

as pessoas importantes haviam sido convidadas. Mesmo a simples sugestão de adiar a festa fez com que eu lhes parecesse um pária. Não achariam isso de mais bom gosto do que permitir que os empregados se sentassem à mesa com eles”, lembrou-se René Cottrell. “Tudo que pude fazer foi explicar que o Pelée demonstrava que não respeitava nem planos nem convenções.”

A atmosfera na sala de visitas tornara-se gelada durante essa troca de palavras, e René nunca mais a esqueceu. Durante um momento, os Jaunvilles ficaram atônitos com suas observações. Em seguida, Mme. de Jaunville tomou a palavra:

— M. Cottrell, sou obrigada a lhe pedir que deixe assuntos; como o comportamento do Pelée a pessoas mais bem qualificadas para julgar. No momento, deve o senhor preocupar-se apenas com o problema de ser um bom marido para minha filha!

Para René, a situação adquirira “o aspecto de uma farsa. Tudo o que eu queria era fazer as pazes com Colette, mas, em vez disso, conseguira, de alguma maneira, lançar também os pais; contra mim! Resolvi concentrar-me sobre M. de Jaunville, na esperança de que ele percebesse o bom senso do que eu dizia e convencesse a esposa. Sugerí-lhe que seria prudente deixar o distrito até que o Pelée voltasse à calma. Disse-lhe que certo número de pessoas, como M. Clerc, achavam que esse era o curso sensato a seguir”.

A sugestão foi recebida com gélido silêncio.

— Partir? Partir para onde? — perguntou Mme. de Jaunville.

— Para Fort-de-France. M. Clerc diz que lá é seguro.

— E ele mesmo foi para lá? Deixou sua plantação, seus armazéns, seu escritório para se esconder em Fort-de-France? — perguntou M. de Jaunville.

— Não sei.

— Exatamente! — replicou M. de Jaunville.

Era claro, recordou-se René, de que coisa alguma que dissesse os convenceria do perigo iminente. O Pelée situava-se a dez quilômetros de distância e, para eles, a queda de cinzas era simplesmente “desagradável”.

— Nada mais há a dizer sobre o assunto — finalizou M. de Jaunville. — Esperamos que leve nossa filha ao baile. Se deixar de honrar sua obrigação neste assunto, não vejo como poderá querer levar avante outros planos.

Sem esperar resposta, saiu da sala acompanhado da esposa. Pela segunda vez naquela noite, René Cottrell recebera um ultimato.

Uma empregada apareceu nesse momento e levou-o até à porta. Do lado de fora, as estrelas começavam a desaparecer por detrás de novas ondas de fumaça que subiam em formas de coluna do Pelée, antes de se espalhar pelos céus. Passavam alguns minutos da meia-noite.



Em Saint-Pierre, o dia 7 de maio de 1902, uma quarta-feira, começou tranquilo. Para a população aconchegada em suas casas ou deitadas nas ruas, nada havia para sugerir que aquele seria o último dia completo que viveriam.

Quarta-feira, 7 de maio de 1902

CAPÍTULO VINTE

O ANJO DE GABRIEL

Yvette de Voissous não conseguia dormir, excitada como estava com o pensamento da próxima viagem à Europa. Havia comprado passagem no Orsolina e, dentro de alguns dias, estaria a caminho de Bordeaux, onde entraria como noviça na Ordem de Notre Dame — cumprindo a promessa que fizera junto ao leito da mãe agonizante. Desde então, visitara-lhe todos os dias o túmulo no Cemitério de Mouillage, aproveitando ao máximo o tempo que lhe restava antes da partida. Na última visita, tirara com todo o cuidado um pequeno vaso da baixa sepultura onde se encontrava o corpo da genitora. No dia seguinte, levá-lo-ia na bagagem, como recordação, para o convento de Bordeaux.

Estava quase conciliando o sono, pouco depois de meia-noite,, quando foi perturbada por sons de tambores no bairro mestiço. No início, não pôde ouvir mais do que a confusa monotonia de tambores batidos por mãos nuas; em seguida, firmando-se o ruído e adquirindo ritmo, reconheceu o trabalho dos racklers e shuckers, e sentiu grande medo. Em outras ocasiões, o tamborilar pressagiara acontecimentos desagradáveis.

Da janela de seu quarto na Rue du Collage, avistara o bairro mestiço. Enquanto observava, uma tocha foi acesa e o som dos tambores adquiriu uma inesperada ferocidade. Mais tarde, descreveria assim os acontecimentos que se seguiram: “Sabia que a coisa havia começado e aquele não era um lugar para cristãos; especialmente para bons católicos. Outra tocha foi acesa e pareceu que enlouqueciam os homens dos tambores. Nesse momento, da borda do bairro mestiço, a não mais de cem metros de onde me encontrava, veio o grito, primeiro de um quimboiseur e, depois, de outro. Os feiticeiros incitavam seus seguidores. Por essas altura, o bairro parecia iluminado por centenas de tochas quê convergiam para as ruínas da derrubada Pont Basin. Era pavoroso ver todas essas alucinadas criaturas correndo para cima e para baixo ao longo dos escombros. Estavam fazendo o que o pessoal do vodu chama de ‘casa para os duppys’: pranteando, à maneira do culto, os adeptos do credo que haviam morrido nos últimos dias. À frente dos tamborileiros, seguiam os dançarinos: homens e mulheres. Enquanto eu olhava, uma mulher atravessou, alucinada, as fileiras e, como um animal, exatamente assim, começou a cantar e a dançar ao mesmo tempo.”

O cântico do vodu, como uma bebida embriagadora, excitou a multidão. Os tambores e o movimento da mulher estavam tão próximos que, para a amedrontada Yvette de Voissous, pareceu como se “o som dos tambores viesse do corpo dela”. Desceram a rua, tendo à frente a dançarina, que, à luz trêmula das tochas, parecia “um demônio saído do inferno”. Outros lhe seguiam o exemplo, homens e mulheres, sacudindo-se em volta; quando caíam, levantavam-se imediatamente, transportados pelo ritmo sempre mais rápido da música. Intoxicados por ela, muitos deles lançaram longe as roupas. Mulheres eram erguidas altas no ar ou seus corpos arqueavam-se até que suas cabeças e tornozelos arrastavam-se pelo chão. Ao passarem, notou Yvette que muitos deles bebiam e que alguns já estavam bêbados. No meio da multidão, seguiam os quimboiseurs, um deles carregando um bode amarrado e outro, duas galinhas. O medo de Yvette aumentou, “pois eram claramente animais sacrificais”.

O reflexo das tochas iluminou a parede norte da Catedral de Saint-Pierre ao chegar a multidão ao fim da Rue du Collage. A única entrada para a catedral pelo lado norte era uma grossa porta de madeira. Geralmente, era usada por fiéis que chegavam atrasados e não queriam entrar pela porta principal. Nesse momento, os adoradores do vodu reuniram-se em volta dela, tendo ao centro os quimboiseurs, que elevaram alto no ar os animais. A multidão caiu em silêncio. Um faiscar de facas de caça e o sangue escorreu da goela dos animais e foi recolhido pelos quimboiseurs em pequenas latas. A multidão soltou um suspiro quando os feiticeiros beberam das latas e, em seguida, “com um salto e um grito”, lançaram os animais mortos e as latas contra a porta da catedral. A multidão voltou-se e mergulhou correndo na noite, cantando estranhas palavras que provocaram novos receios em Yvette de Voissous: “Que todos os cadáveres que ainda estão inteiros levantem-se de seus túmulos. Ordenamos aos mortos que ainda não apodreceram que deixem o Cemitério de Mouillage.”

As palavras fizeram-na temer pela paz do túmulo de sua mãe.



Clara e Thomas Prentiss haviam terminado o café brulot na sala de visitas, quando, ao som dos tambores, levantaram-se precipitadamente. Na rua embaixo, uma procissão fantástica cabriolava e dançava, entoando outro cântico vodu ao som de tambores. Na última anotação que faria em seu diário, observou Clara Prentiss: Ao passarem correndo, mal pareciam seres humanos, e moviam-se como porcos, bodes ou cães. Alguns imitavam mesmo galinhas e os poucos que ocupavam o centro constituíam o espetáculo mais horrível, pois se moviam como demônios.”

Tão absorvidos ficaram os Prentisses com o espetáculo que não notaram que o céu sobre o Pelée começava novamente a acender-se.



Terminada a correção dos originais, Andréus Hurard saiu para um passeio. Gostava, dissera certa vez, da paz das ruas nas primeiras horas do dia. Naquela manhã, contudo, elas apresentavam um diferente aspecto. Despertados pelo som dos tambores, centenas de refugiados moviam-se em círculos por toda parte, espalhando o pânico com novos boatos. Na atravancada Place Bertin, numerosas pessoas diziam ter presenciado o sacrifício cometido em frente à porta norte da Catedral de Saint-Pierre. A todos os que queriam ouvir, davam apavorantes descrições do que haviam visto (mais tarde essas descrições formariam a base das notícias que circularam em todo o mundo sobre um comportamento orgiástico que teria rivalizado com o de Sodoma. Como tantas outras meias-verdades, essa safra especial foi oferecida como evidência de que Saint-Pierre merecera seu destino), Embora o bode e as galinhas sacrificados houvessem sido removidos, a maioria das pessoas ainda evitava passar pela porta, manchada pelo sangue ainda fresco. No fim, um padre apagou o sangue com um punhado de cinzas.



Dois homens, porém, dormiram durante toda a algazarra. O primeiro, o Padre Alte Roche; o segundo, Gabriel Parel, no quarto dos hóspedes do presbitério. Três horas passariam ainda antes que o sono de ambos fosse perturbado e, nessa ocasião, por algo muito mais portentoso do que o acesso de fúria dos cultos do vodu.



René Cottrell, confuso e perplexo com a maneira como azedara seu caso amoroso com Colette, voltava em passos lentos para a vila do tio. Percorrera já dois terços do caminho, quando notou duas coisas. O Pelée lançava muito alto no ar uma incandescente coluna de cinzas, que era levada pelos ventos na direção norte, para longe de Saint-Pierre. Mais perto, a algumas centenas de metros à frente, surgira uma luz no cemitério, momentos antes em total escuridão.

Enquanto observava, surgiu outra luz e, com ela, o baixo e insistente som de um tambor e, em seguida, outro ponto luminoso, e mais outro, formando um círculo que começou a girar, incessante, enquanto o amedrontado René Cottrell observava. As batidas do tambor jamais variavam; baixas e insistentes pareciam sustentar as luzes com seu ritmo.

René Cottrell, uma vida inteira depois, lembrava-se ainda do medo que sentira: “Apavorado, quase desmaiei. Eu sabia quem eram eles e por que se encontravam no cemitério. Cheguei à conclusão de que eles provavelmente teriam preferido uma vítima viva, e desde que eu era o mais próximo candidato, escondi-me atrás de uma moita. Estava tão perto deles que teria sido perigoso dar-lhes as costas e fugir. Em vista das cerimônias que estavam realizando, era provável que tivessem fechado a

estrada atrás de mim. Se tentasse escapar, as possibilidades eram de que não fosse muito longe. O pessoal do vodu é famoso pela maneira como pode mover-se sobre o terreno; ouvi dizer que, em distâncias curtas, eles podem correr mais do que muitos animais. Fiquei, então, observando e esperando que fossem embora.

“Após algum tempo, pararam as batidas do tambor e caiu o silêncio. Mas eu os via ainda ali. Luzes de vela moviam-se por toda parte entre os túmulos. Provavelmente, procuravam uma vítima apropriada para o loa, um dos deuses do vodu, aquele que os levara ao cemitério. Eles têm grande número de deuses, que só são apaziguados com oferendas. Aquele loa queria um cadáver.

“As velas foram colocadas sobre uma sepultura, onde ficaram queimando durante algum tempo. Ouvi o som de pedras sendo retiradas e, logo depois, as velas foram erguidas e eles começaram a atravessar o cemitério em fila indiana, vindo diretamente em direção a meu esconderijo. Acho que nunca tive tanto medo em minha vida. As velas vinham correndo em minha direção, eu estava apavorado demais para observar muita coisa, mas consegui ver que elas estavam presas à cabeças, mãos e mesmo pés dos cultores do vodu. No meio deles, um grupo de homens carregava nos ombros o caixão que haviam retirado do cemitério. Era um espetáculo horrendo.”

O grupo mergulhou na noite carregando o caixão, o símbolo de seus apetites e crenças.



Às três e dez da manhã, o oficial de quarto no Pouyer-Quertier anotou no diário de bordo que o Pelée “está em fogo ao longo da vertente norte”.

Em Saint-Pierre, a inquieta população observou que num ponto mais fraco das camadas de rocha da vertente norte da cratera a lava borbulhava até à superfície e escorria pela encosta.

Cinquenta minutos depois, ocorreu uma única e trovejante explosão na cratera, e milhares de toneladas de lava foram lançadas ao ar. Pedacos de rochas incandescentes caíram a apenas algumas centenas de metros dos limites da cidade. O Pelée iniciara outra fase de suas atividades.



Ouvindo a explosão, Gabriel Parel sentou-se, espigado, na cama. Agarrando as fraldas do camisolão, correu para a janela do pequeno quarto de hóspedes do presbitério. Nesse momento, outra tremenda explosão abalou a atmosfera. Enquanto permanecia ali, “atordoados com a nova e inesperada fúria, observei a mais extraordinária de todas as exibições pirotécnicas. Num momento, um ígneo crescente deslizando sobre a superfície da cratera; no outro, longas e

perpendiculares línguas de fogo perfurando a coluna de fumaça e, em seguida, uma franja de fogo aureolando as densas nuvens que rolavam sobre a fornalha. Duas incandescentes crateras, por onde saía o fogo, como se fossem altos-fornos, permaneceram visíveis durante meia hora, uma um pouco acima de outras.

“Distingui com toda clareza quatro tipos diferentes de ruídos. Em primeiro lugar, o estrondo dos trovões, que se seguiam aos raios a intervalos de vinte segundos; em segundo, poderosas e abafadas detonações, como o troar de muitos canhões simultaneamente disparados; em terceiro, o ronco contínuo da cratera e, finalmente, como fornecendo o baixo a essa tétrica música, o ruído profundo das águas, em súbita ascensão, de todos os cursos que tinham suas nascentes na montanha, produzindo um transborda-mento como jamais fora visto antes. Essa imensa elevação simultânea de trinta cursos d’água, sem que uma única gota de chuva houvesse caído na costa, dá uma idéia das cataratas que teriam despencado sobre o cume da cratera, oriundas das nuvens de tempestade reunidas em volta da cratera.”

Enquanto observava, uma terceira e ensurdecadora explosão sacudiu o Pelée e mais uma vez milhares de toneladas de lava quente e branco foram expelidas pela tempestade que rugia furiosa em torno do cume. Desta vez, a trajetória foi mais curta. Com um rugido, os detritos foram lançados sobre a já arruinada aldeia de Le Prêcheur e, mais abaixo, sobre a lama que soterrava a usina Guérin. Em seguida, como uma barragem de artilharia que avançava aos poucos, bombardeou o limite norte do bairro mestiço.



Da janela de seu quarto no presbitério, o Padre Alte Roche observou incêndios irromperem no bairro mestiço. Uma casa, seca como um pavio, explodiu em chamas sob o impacto de rochas incandescentes. Em minutos, meia dúzia de outras formavam um mar de chamas.

“Os gritos apavorados daquela pobre gente enchia o ar, enquanto eles corriam para longe do distrito”, recordar-se-ia, depois, o Padre Roche. “Seria preciso uma mente firme caso se quisesse -evitar uma grande tragédia.”

As casas continuaram a queimar violentamente nos arredores da cidade, ameaçando o fogo espalhar-se e engolfar não só todo o bairro mestiço, mas também toda Saint-Pierre. Nessa ocasião, em meio ao pânico, surgiu uma tropa de soldados. A visão de homens correndo para o local de perigo atuou como um freio sobre os naturais receios da população. Levavam eles nas mãos bananas de dinamite, que lançavam nas casas incendiadas, apagando as chamas com explosões.



Na capela do Convento da Ordem de Notre Dame, em Morne Rouge, o Curé Mary, o pároco da aldeia, dirigia uma estranha congregação de fiéis em orações pela moribunda Madre Superiora, a Irmã Anselene. Mais de cinquenta carvoeiras de Saint-Pierre, além das vinte e três freiras da Ordem, ajoelhavam-se em duas fileiras em frente à capela. Essas altas e ágeis mulheres haviam permanecido em Morne Rouge desde que chegaram dois dias antes com alimentos e verduras para os famintos aldeões. Estavam prontas, disseram ao Curé Mary, para dar toda a ajuda que pudessem, tendo abandonado a idéia de voltar a trabalhar no caís. Acompanhando as palavras com atos, haviam trazido novos suprimentos de comida para a aldeia, desde o sul da ilha; no fim, Morne Rouge transformou-se numa imensa despensa, abastecida o suficiente para resistir durante semanas. Em seguida, as carvoeiras, a maioria formada de católicas praticantes, haviam-se reunido, em silêncio, às freiras em oração na capela.

A Irmã Anselene passara já do ponto em que os cuidados médicos conhecidos na ilha podiam fazer algum bem. Inconsciente, não ouviu as súplicas pedindo uma intervenção misericordiosa ou o baixo e insistente som de tambores que, logo depois, parecia vir de todos os locais em volta de Morne Rouge. Quando começou o ruído, as carvoeiras saíram em silêncio da capela. Se o Curé Mary percebeu a ameaça contida no som, não deu sinal algum.



As quatro e quarenta da manhã, o oficial de quarto do Pouyer-Quertier registrou no diário de bordo: “A erupção do Pelée parou agora, embora os céus sobre a cratera continuem incandescentes.” Minutos depois, fez outra anotação: “O navio italiano Orsolina levantou ferros e dirigiu-se deliberadamente para Saint-Pierre, a despeito das fogueiras que ainda queimam no cais, anunciando a existência de peste, La Verette.”

A bordo do Orsolina, o Capitão Marino Leboffe estudava com grande atenção as águas. Pensava em lançar âncora a uns oitocentos metros da praia. Em seguida, à primeira luz da manhã, enviaria à praia o imediato do navio, Luigi Contoni, a fim de embarcar os passageiros e a mala postal e obter licença de partida das autoridades locais. Se nada disso pudesse ser imediatamente conseguido, partiria, deixando-os atrás, e “coisa alguma iria deter-me”.



Coisa alguma tampouco iria impedir que os soldados de serviço na encruzilhada de La Trace cumprissem seu dever. Todos que pareciam ser refugiados eram firmemente mandados de volta a Saint-Pierre. Várias vezes, durante a noite, pessoas isoladas e em pequenos grupos haviam esbarrado no cordão de isolamento. Naquele momento, ao surgirem no céu os primeiros sinais do amanhecer, os

soldados viram a aproximação de outro grupo, vindo da planície de lama onde estava soterrada a usina Guérin: uma direção de onde não esperavam pessoa alguma. O grupo chegou quase a eles antes que os soldados compreendessem que não eram refugiados, mas bourhousses vodus enlouquecidos de fúria. Chegaram como se fossem sombras, correndo tão de leve que nenhum som produziram. Caíram sobre os atônitos soldados, envolvendo-lhes as gargantas com as cordas que traziam nas mãos — cordas feitas de tripas humanas, bem curadas, de vítimas anteriores. Eram leves e possuíam a força tênsil de cordas de violoncelo. Enroladas em volta de uma garganta, podiam matar no mesmo instante por sufocamento.

Dois soldados morreram antes que os companheiros disparassem os mosquetes contra os atacantes, que nesse momento dispersaram-se e desapareceram velozmente na escuridão.



Durante toda a noite, Suzette Lavenière esforçara-se para manter a coragem dos trabalhadores e de suas famílias. Naquele momento, aproximando-se a aurora, levantou-se, vacilante, com os olhos injetados de sangue, por falta de sono e pelos efeitos do enxofre no ar. Então, ouviu o som de tambores no fundo do vale, na área onde o pai e sete empregados haviam morrido em seus cavalos durante a corrida de lama há quase uma semana.

Os trabalhadores começaram a gritar apavorados.

— Eles não nos farão mal — repetia sem cessar Suzette. — Ignorem-os... e eles nos deixarão em paz!

Enquanto manifestava essa infantil esperança, viu um fio de luzes emergir do lado mais distante do vale e dirigir-se para o morne em frente. Suzette precisou de algum tempo para compreender que os cultores do vodu haviam cruzado o lamaçal, façanha essa que julgava impossível.

Enquanto observava, o fio de luzes escalou rapidamente o morne. Ao chegar ao cume, enroscou-se sobre si mesmo e apagou-se. Continuou apenas o som do tambor. E desapareceu também por trás da colina.

Além da colina encontrava-se Morne Rouge e o Curé Mary, o mais desabrido adversário do vodu existente na ilha.



Em Morne Rouge, o líder espiritual da aldeia, o Curé Mary, revelava qualidades que ele provavelmente jamais suspeitara possuir. Pouco depois de terem as carvoeiras se afastado sorratamente da capela, deixara também as freiras entregues à oração. Do lado de fora, encontrara deserta a rua da aldeia. O único som ouvido era o dos tambores, baixo e ameaçador.

De pé, ali, tentando localizar exatamente a origem do som, viu quando surgiu no fim da rua um grupo de homens, cantando enquanto avançavam. No centro deles, identificou os rackers e shuckers, que horas antes haviam iniciado o bater de tambores no bairro mestiço de Saint-Pierre. “Pelos cânticos e estilo dos tambores, eu sabia que, com toda probabilidade, eram bourhousses do vodu. Não senti medo por mim, pois sou um velho. Mas temi o que poderiam fazer com os aldeões que se opusessem a eles e, mais importante, o que poderiam fazer com a igreja e o convento. Durante dias, ouvira dizer que os bourhousses e os quimboiseurs culpavam a Santa Igreja pela erupção, e o aparecimento deles na aldeia somente poderia significar que a igreja e o convento de Morne Rouge haviam sido escolhido como alvos. Soube naquele instante, ou pelo menos pensei que sabia, por que as carvoeiras haviam desaparecido. Bondosas e valentes como eram, sem dúvida, julgaram que não estavam à altura de um confronto com os bourhousses. Eles, quando me viram, pararam como para mobilizar as forças do mal. Em seguida, arremeteram correndo.

“Haviam percorrido apenas alguns metros, porém, quando presenciei um espetáculo impressionante. Vindo não sei de onde, surgiram as carvoeiras. Nas mãos, traziam porretes de todos os tipos e tamanhos. Os bourhousses ficaram, evidentemente, tão atônitos como eu ao verem essas mulheres, correndo para eles, gritando e brandindo os porretes como suas ancestrais deviam ter feito em batalhas de antanho. Os bourhousses, percebendo que estavam em desvantagem numérica, deram a volta para fugir. Mas estavam cercados também pela retaguarda. Aparecera um grupo de caçadores.” Eram os mesmos caçadores que, vagueando pelas vertentes do Pelée, haviam presenciado a avalanche de lama que soterrara a usina Guérin. “Colhidos de ambos os lados na armadilha, os bourhousses dispersaram-se, mas vários deles levaram no entretempo uma tremenda surra; as carvoeiras e os caçadores reunidos expulsaram-nos na direção de Saint-Pierre.”



Fernand Clerc acordou muito antes do amanhecer daquela manhã de quarta-feira. Deitado na cama ao lado da esposa adormecida, ouviu com apreensão crescente o som distante de tambores. Fora mais de uma vez ao terraço e vira em Saint-Pierre o tremeluzir de tochas. Os tambores, e outros fatos acontecidos durante a noite, convenceram-no de que agira bem em dar as costas à cidade.

Amanhecendo, a convicção aumentou com a chegada do seu principal auxiliar, Raoul Isambert, e a família. Haviam eles saído a pé de Saint-Pierre, deixando atrás uma situação que, nas suas palavras, “era de caos completo”.

Isambert, morador do bairro mestiço, fugira de casa com a esposa e os três filhos logo que os dançarinos do vodu começaram a percorrer as ruas ao som de

tambores.

“Ele me disse”, recordou mais tarde Clerc, “que, embora houvesse pânico nas ruas, a população por duas razões recusara-se a deixar a cidade. A primeira, porque seriam atacados pelo pessoal do vodu. A segunda, porque cairiam dentro da linha de fogo do bombardeio do Pelée. Isambert não tinha dúvida, por seu lado, que o maior risco consistia mesmo em permanecer em Saint-Pierre.”

A saída da cidade quase fora prejudicada desde o começo. Na encruzilhada de Le Trace, a família escapara por pouco de ser alvejada pelos soldados. As crianças provavelmente salvaram-nos do ataque. Do sargento-comandante da tropa, Raoul Isambert ouviu o relato do ataque dos feiticeiros. Dizendo como pretexto que era essencial que seu patrão fosse imediatamente informado desse ultraje, passara com a família pelos soldados. Ao chegar à vila, sua gente fora instalada com o resto da criadagem, enquanto Isambert, no terraço com Clerc, fazia-lhe um relato detalhado da situação em Saint-Pierre..

Mais tarde, diria Isambert que “aquele amanhecer marcou o início de um dos mais tristes e apavorantes de vários dias de medo. Isto porque, com a luz da manhã, o Pelée reiniciou seu rouquejar, acompanhando-o de raios e relâmpagos que perfuravam as nuvens. O trovão rolou pelo cume do vulcão, e fantasmagóricas luzes dançaram de um lado para outro da coluna de fumaça, como se a montanha se preparasse para o esforço supremo. Mas foi o espetáculo proporcionado pela enseada que nos deixou aturdidos, a M. Clerc e eu. À luz cada vez mais forte, vimos que as cintilantes águas do mar estavam cheias de escombros de todos, os tipos. Ilhas de detritos do campo e floresta haviam sido levadas para a enseada durante a noite até que, tanto quanto o olhar podia alcançar, nada mais vi do que sinais de destruição. Dificilmente poderia haver um começo mais desanimador de um novo dia.”

Através desse pântano de restos flutuantes, um escaler lançado pelo navio italiano Orsolina dirigia-se em remadas firmes para a terra.

Para Auguste Ciparis, a noite fora a mais longa de toda sua vida. Cansado e alquebrado como estava seu corpo, sua coragem fora reanimada por uma notável ocorrência. Durante a noite, tivera “uma visão na qual dois homens discutiam meu destino. Um deles era mais velho do que o outro, e o primeiro disse que, afinal de contas, eu não iria morrer”. Como exemplo de clarividência a visão teve algo de notável, desde que fora a noite em que Louis Mouttet e Edouard L’Heurre haviam discutido, e resolvido, o destino de Ciparis.



Na sua oficina de sapateiro, Léon Compère-Léandre conseguira também ignorar o vulcão, concentrando-se, em vez disso, em outro som, mais próximo. Na abafante escuridão do esconderijo, precisara de algum tempo para reconhecê-lo como o roer de ratos.

“Ali deitado”, diria mais tarde em depoimento no inquérito oficial sobre a tragédia de Saint-Pierre, “senti-os correndo pela meu corpo. Eles, como eu, estavam esfomeados. Senti uma mordidela no braço e logo depois outra na cabeça e compreendi que eles estavam dispostos a comer-me vivo. Sempre pensara que os ratos não atacam, a menos que encurralados, mas aqueles pequenos animais estavam atacando.”

Ao romper a aurora, Léon Compère-Léandre, o habitualmente calmo amante dos animais, fazia um violento esforço para matar os ratos que, sem medo, corriam pelo chão e subiam pelas paredes da oficina.



Em seu gabinete na sede do Partido Radical, o Senador Amédee Knight leu com sentimentos contraditórios o último número de Les Colonies. Mais tarde, lembrou: “A fantasia alimentada pelo jornal, de que nada havia a temer, e a absurda ‘entrevista’ do Professor Landes constituíam clara evidência de que os progressistas encontravam-se em estado de pânico. Ainda assim, o próprio tom da ‘entrevista’ de Landes poderia produzir um efeito decisivo sobre o eleitorado. O professor era uma figura respeitada e havia numerosas pessoas, entre elas eleitores radicais, que julgariam que, se ele pensasse que não havia motivo para medo, elas tampouco deviam preocupar-se.”

O jornal publicava igualmente numerosas informações acidentais, sem ligação com a política e o vulcão. Na última página, leu um aviso: “Coincidindo a quinta-feira com a festa da Ascensão do Senhor, os cursos de estenografia ficam transferidos para quinta-feira, dia 15 de maio. O curso para adultos, que se deveria realizar na sexta-feira, é igualmente adiado para o dia 15 de maio.” Mais abaixo, na mesma página: “Fechando amanhã nossa redação, este jornal só voltará a circular na sexta-feira.” Para o Senador Knight, os próximos dias não seriam de feriado. Ficaria naquela quarta-feira em Saint-Pierre, convocando o eleitorado às urnas. À noite, viajaria para Fort-de-France, onde faria os preparativos para o Dia da Ascensão, que pensava em passar no sul da ilha, cabalando votos para o Partido Radical. Deveria voltar para Saint-Pierre bem cedo na sexta-feira.

Mas não haveria sexta-feira para Saint-Pierre.



Gabriel Parel acordou tarde após a conturbada noite. Descobriu, nesse instante, que mais uma mudança ocorrera em Saint-Pierre. Da janela, viu que “a enseada, tanto quanto o olhar podia alcançar, estava coberta por ilhotas flutuantes, restos da montanha, da floresta, e dos campos, troncos de árvores gigantescas, pedra-pomes e resíduos de todos os tipos despejados pelas torrentes. Essas águas de cheia, pretas e carregadas de lama, em vez de cobrirem o mar com uma camada escura, como nos dias de tempestade, ao desaguarem em borbotões tingiam-no com um risco amarelo-claro que logo depois desaparecia como se fosse de chumbo fundido”.

Em algum momento entre a celebração da missa matutina na Catedral de Saint-Pierre e o meio-dia, o vigário-geral chegou a uma conclusão. Achou que nada mais havia que pudesse fazer ali. “Considerarei meu dever voltar para casa”, disse, “e resisti a todo o trabalho de persuasão para que eu ficasse.” Embora pressionado mais tarde para se explicar, recusou-se firmemente a esclarecer que “dever” o levara a abandonar uma cidade que se encontrava em tal estado de calamitosa necessidade de liderança espiritual. Estaria atrás do dinheiro de ajuda, que acreditava que logo depois seria distribuído? Ou seria a resposta à última anotação no seu diário naquele dia: “Estaria meu anjo da guarda protegendo-me?”

CAPÍTULO VINTE E UM

O FIM DO CASO

Deixando a terra, o escaler do Orsolina foi perseguido por dois outros botes. Yvette de Voissous, sentada na proa, era a única passageira. Na preocupação de chegar ao Orsolina antes de ser ultrapassada, a tripulação pouca importância dava à navegação. O escaler já havia colidido com vários animais mortos e, uma vez, um remo mergulhara num cadáver e o arrastara, “provocando gritos de pavor das pessoas a bordo e levando o barco a inclinar-se de maneira muito perigosa”. Os perseguidores no encalço do escaler, ansiosos por ganhar terreno, descobriram também que precisavam, sem um momento de descanso, evitar aqueles detritos flutuantes que ameaçavam virar-lhes os botes.

A caçada começara logo depois que o escaler desatracara do cais, transportando o último saco de correspondência e a última passageira a sair de Saint-Pierre.

Depois de terem os quimboiseurs cometido o sacrilégio na porta norte da Catedral de Saint-Pierre, Yvette pusera a bagagem num carrinho de mão. Ao amanhecer, descera com grande dificuldade até o cais. Sua intenção, reconhecerá mais tarde, era, “de alguma maneira, subir a bordo do Orsolina. Chegando à beira-mar, descobriu que o cais era uma zona arruinada e deserta. O único movimento era produzido pelas chamas que anunciavam a presença de La Verette. Clareando o céu, o seu problema foi resolvido com o aparecimento do escaler. “A tripulação ficou surpresa ao ver-me. Perguntou o que eu fazia ali e respondi que estava procurando embarcar no Orsolina. Um deles, M. Contoni (imediato do navio), disse que devia ter sido a divina providência que me trouxera ao cais tão cedo assim, desde que a hora da partida fora mudada por ordens do comandante e o Orsolina levantaria ferros logo que o escaler voltasse. Perguntei pelos demais passageiros. M. Contoni respondeu que não havia tempo para esperar por eles e que, de qualquer maneira, duvidava que chegassem a tempo, desde que ninguém em terra fora avisado da nova hora da partida. Mais tarde, soube que o comandante recusara-se a permanecer um momento mais do que o necessário na enseada, temeroso da erupção. Fiquei satisfeita em partir porque Saint-Pierre não era um lugar para um cristão. Um membro da tripulação apanhou minha bagagem e ajudou-me a embarcar, enquanto M. Contoni, à frente dos demais, entrava na

cidade. Voltaram logo depois com um saco de correspondência, seguidos por dois homens muito irados.”

Os dois eram empregados da agência de navios que tratava dos assuntos do Orsolina. A raiva deles, soube Yvette mais tarde, fora provocada pelo novo horário de partida: “M. Contoni permaneceu inflexível e disse que o novo horário seria cumprido. Ao ouvir isso, um dos homens tentou tomar-lhe o saco, mas conseguiu apenas provocar a ira dos tripulantes, um dos quais lançou a correspondência dentro do bote, não me atingindo por pouco.”

Mesmo assim, o caso teria provavelmente terminado em nada, não fosse a chegada de um auxiliar do Capitão do Porto. Em tudo, ele era um homem pomposo e, ao saber da mudança na hora de partida do Orsolina, começou a citar regulamentos. Continuava ainda a citar disposições alfandegárias e de liberação sanitária, enquanto a tripulação desatracava o escalér e começava a remar. O funcionário tentou impedir a partida, agarrando-se à proa do barco, e quase foi arrastado para a água.

“Começou a gritar e logo depois toda a doca estava cheia de funcionários, ordenando-nos aos gritos que voltássemos. Vendo que não tínhamos a intenção de regressar, atitude essa pela qual me sinto grata, eles tomaram outros botes e iniciaram a perseguição”, contou Yvette, acrescentando com uma espécie de juvenil excitação: “Não pude deixar de pensar que eles teriam que ser mesmo grandes remadores para alcançar o escalér.”

No fim, o escalér manteve a vantagem até chegar à segurança do costado do Orsolina, de onde foi içado para o tombadilho. Ali, encontrou ela o Capitão Leboffe, que, para Yvette, era “uma impressionante figura humana, tomada de grande raiva. Fez-me o mais curto dos cumprimentos e ordenou a um moço de convés que me levasse ao camarote”.

O único registro restante da cena que se seguiu é o relatório do Capitão Leboffe aos armadores do Orsolina. De acordo com ele, o escalér pendia ainda dos turcos quando os agentes do navio e grande número de funcionários subiram atabalhoados a bordo. Segundo o comandante, “exigi saber por que haviam perseguido meus homens, no desempenho de suas lícitas atividades, como se eles fossem criminosos. Os agentes protestaram, dizendo que eu não podia mudar a hora da partida sem permissão de Nápoles. Observei que, como comandante, eu, e somente eu, tinha o direito de decidir quando julgava meu navio em perigo, e que chegara à conclusão de que o Pelée constituía um perigo para o mesmo. Um funcionário da Capitania do Porto disse que eu cometeria- quebra de contrato, se partisse sem levar a carga constante do manifesto. Outro afirmou que eu não poderia partir sem passageiros que já haviam pago o preço da passagem.

“Ignorei todos esses argumentos, insistindo em que minha única preocupação era a segurança do navio e que a cada minuto que eu permanecesse discutindo, o perigo seria maior. O pessoal da Capitania disse que pediria auxílio para me impedir a partida. Considerei isso como uma ameaça ao navio e ao meu posto de comandante. Isso eu não poderia admitir. Respondi que, se permanecesse a bordo para discutir ainda, quando menos esperassem estariam a caminho da Europa. Mais uma vez, os funcionários ordenaram que eu permanecesse ancorado. Eu, de minha parte, ordenei ao meu pessoal que os escoltasse até a escada do tombadilho. Ao mesmo tempo, dei ordens para que o navio partisse. Os oficiais mal haviam chegado aos seus botes quando a nossa âncora foi içada.”

Pouco depois de nove horas daquela manhã de quarta-feira, o Orsolina começou a abrir lentamente caminho por entre os detritos da enseada, a caminho de alto-mar. Em terra, o navio deixou dezoito passageiros, inclusive Clara Prentiss, a esposa do cônsul americano.



Em sua cela, ao meio-dia, Áuguste Ciparis rezava de joelhos. Pouco tempo antes, o diretor da prisão viera procurá-lo e dissera que, após uma “cuidadosa revisão” do caso, fora determinada a comutação da pena. A “visão” de Ciparis transformara-se em realidade. O diretor acrescentara que ele permaneceria na cela até sua transferência para a França, onde cumpriria a sentença até o fim.

A decisão de conservá-lo encarcerado na cela da morte significaria que, dentro de exatamente vinte e quatro horas, ele seria a única pessoa viva na prisão.



Naquela tarde, Fernand Clerc reuniu a família e o pessoal doméstico no quintal da vila. Falou pouco e foi direto ao assunto. Disse que não mais podia garantir-lhes a segurança, de modo que todos, menos o pessoal estreitamente necessário à casa, deveriam partir imediatamente para Fort-de-France: a esposa e os filhos permaneceriam em sua companhia, mas ele ficaria pronto para partir com o menor aviso possível. Uma carruagem deveria permanecer pronta para esse fim.

Em começos da noite, a vila estava deserta, com exceção da família de Fernand Clerc e de um punhado de empregados, que, firmemente, recusaram-se partir até a saída dos patrões. Ele passaria as horas seguintes sentado em frente ao barômetro pendurado no terraço, notando cada oscilação do ponteiro e, ao mesmo tempo, observando as grandes nuvens de poeira que deslizavam preguiçosas no ar parado.

Fernand Clerc, como tantos outros, perguntar-se-ia depois por que a fumaça, que parecia estender-se ininterrupta até o horizonte, não fora considerada como um pedido de socorro. Sabia que, em qualquer ocasião, havia até uma dúzia de navios

navegando dentro de um raio de cinquenta milhas da ilha e a vista da fumaça deveria ter-lhe despertado algum interesse. Ninguém na Martinica sabia, possivelmente devido ao rompimento das ligações telegráficas, que a fumaça fora confundida com a emitida pelo Soufrière, em St. Vincent.

Durante todo o dia, navios haviam seguido a todo vapor para a possessão britânica, onde realizariam operações de socorro, inteiramente inconscientes de que a ilha da Martinica estava à beira de um desastre muito mais grave do que qualquer coisa que aconteceria a St. Vincent. Ainda assim, por um estranho capricho da natureza, os fatos ocorridos naquele dia em St. Vincent lembrariam de muitas maneiras a sina de Saint-Pierre.



Em St. Vincent, o Soufrière entrara em erupção pouco depois do amanhecer. Lançara no ar, a uma estimada altura de doze mil metros, uma coluna de destroços. A hora em que o primeiro navio de socorro ancorava ao largo de Georgetown, o Soufrière já vomitara, cascadeando por suas vertentes, duas grandes torrentes de lama preta. Em princípios da tarde, grande parte da ilha era ocultada por trás de uma imensa cortina vermelho-púrpura que se enfunava a partir do vulcão, permanecia durante algum tempo suspensa sobre o cume e, em seguida, espalhava-se pelo interior e a costa sul da ilha.

O Reverendo John Darrell, que fez cuidadosas anotações dos fatos do dia do alto do campanário de sua igreja em Kingstown, registrou: “Uma intensa fuzilaria de pedras e calhaus, grande

parte deles muito quentes ainda ao caírem, persistiu durante a maior parte do tempo e foi, sem dúvida, responsável por grande número de perdas de vida.”

A estimativa oficial das baixas foi mais tarde fixada em 1.350 pessoas. Muitas delas morreram porque se recusaram a abrigar-se do bombardeio do Soufrière.

Julgava o Reverendo Darrell que “nem uma única vida precisaria ter sido perdida se todas as pessoas se houvessem refugiado em porões ou adegas, ou mesmo por trás das janelas das salas de visitas. A tragédia foi que o Soufrière, a despeito do pavor que despertava em algumas pessoas, constituiu na maior parte um espetáculo a ser assistido em campo aberto. Com uma frequência grande demais, os que o observaram morreram por causa de sua própria curiosidade”.



Porém, não era a curiosidade que se mostraria fatal para Saint-Pierre, mas sim, a letargia. Havia, aliás, uma indicação de tal comportamento de M. Albert Decrais, em Paris. Na tarde de quarta-feira, o Ministro das Colônias ainda tentava levantar os cinco mil francos solicitados no cabograma do Governador Mouttet. Exatamente

por que a economia francesa estava em tão más condições, que não conseguira imediatamente reunir uma soma tão irrisória, foi um assunto jamais explicado. No gabinete do Ministro da Marinha tampouco fora tomada uma decisão sobre se um dos vasos de guerra da República, o Suchet, devia ser posto ou não a disposição de uma das mais obscuras colônias da França. No fim, o ministério só enviaria instruções depois que os fatos houvessem ultrapassado a situação anteriormente descrita.

No próprio Suchet, parecia prevalecer também a mesma atitude letárgica. Durante todo o dia, o Capitão Pierre de Bries observara a fumaça elevar-se do Pelée, a 17 milhas do local onde se encontrava ancorado na enseada de Fort-de-France. Mesmo descontando-lhe a natural irritação diante da tentativa do governador de assumir o controle de seu navio, a atitude do comandante parece ainda um tanto curiosa. Aparentemente, ele conhecia o perigo de uma erupção vulcânica para todos aqueles que se encontrassem em suas proximidades. Embora mais tarde recebesse merecidos elogios pelo trabalho de socorro realizado, jamais lhe foi perguntado por que não subira algumas milhas da costa para investigar mais de perto a situação de Saint-Pierre.

A letargia prevalecia também nos navios fundeados na enseada de Saint-Pierre. Durante todo o dia, haviam permanecido placidamente ancorados, embora a partida do Orsolina tivesse provocado uma curta agitação. Em fins da tarde, o Pouyer-Quertier e o Grappler voltaram da busca dos cabos rompidos. Os dois navios haviam passado pela pequena frota, tomando, o Grappler uma posição para a noite exatamente ao norte de Saint-Pierre, pronto para reiniciar na manhã seguinte o vasculhamento do leito do mar perto do local onde a inundação de lama soterrava a usina Guérin. O Pouyer-Quertier tomou rumo sul, aprontando-se para recomençar a busca ao largo de Fort-de-France. Essas manobras, aparentemente, tiveram o efeito de pôr em movimento os demais navios. Um após outro, deixaram suas seguras posições ao largo, para lançar ferros mais perto de Saint-Pierre.

Ao anoitecer, o Biscaye, o Teresa Lo Vico, o Maria di Pompeii, o Diamant, o Fusée, e o R. J. Morse encontravam-se a poucas centenas de metros do cais de Saint-Pierre. Mais tarde, a eles foram reunir-se o Tamaya, brigue francês, o Clementina, escuna também francesa, o Korona, matriculado em Hamburgo, e o Gabrielle, de Marselha.

Um dos motivos por que desejaram ancorar no que deveriam ter sabido que constituía uma área perigosa foi o desejo dos comandantes de ficarem próximos de terra. Seria mais fácil para eles chegarem ao banquete oficial e baile em honra do Governador Mouttet e esposa. O que não sabiam era que houvera mudança de planos. A celebração, para consternação do Prefeito Roger Fouché, fora cancelada.

O homem responsável pelo cancelamento sentava-se naquele instante no congestionado gabinete de Fouché, na Prefeitura, escutando, calado, a fúria do prefeito quebrar-se sobre as paredes forradas de retratos. Quanto mais ouvia, mais se convencia Edouard L'Heurre de que agira bem em convencer Louis Mouttet a adiar pelo menos as celebrações até depois do pleito. Precisara de uma tarde inteira de argumentos para conseguir o adiamento.

“Relatórios chegados a Fort-de-France durante a manhã tornaram claro que seria um grande erro de cálculo dar prosseguimento às celebrações numa ocasião como aquela. No início, M. Mouttet não quis aceitar essas ponderações. Mas argumentei que, politicamente, seria prejudicial dar prosseguimento às festividades, enquanto a cidade se encontrava em tal estado. Mais uma vez, argumentei que, fazê-lo, permitiria aos radicais alegar, com certa justificação, que o Partido Progressista, cujos membros compareceriam em maior número às festas, julgara muito mal a situação. Em vez de se preocuparem com o banquete, os radicais argumentariam que a preocupação dos progressistas deveria ter sido com todo o povo de Saint-Pierre.

“Uma acusação dessa ordem produziria efeito decisivo sobre o eleitorado. Durante o dia, descobri também que alguns convidados haviam declinado do convite, alegando que, nas circunstâncias reinantes em Saint-Pierre, estariam ocupados com trabalhos mais urgentes. Entre os que haviam desistido figuravam M. Parel, o vigário-geral, M. Clerc, o Senador Knight, e os membros do ‘Comitê de Ação’, que pareciam estar em desacordo com M. Fouché. Pelas informações que me chegaram de Saint-Pierre, eu achava que o verdadeiro motivo por que não estavam tão ansiosos por sair à noite era por temerem outros ataques dos bourhousses do vodu.

“Por todos esses motivos, insisti veementemente com M. Mouttet para ordenar o adiamento das festividades até uma ocasião mais propícia. Finalmente, ele concordou. Comecei então a convencê-lo de que era seu dever visitar Saint-Pierre a fim de restabelecer a confiança da população. Com isso também concordou, dizendo que não apenas iria, mas que levaria consigo a esposa. Reconhecí que constituiria mais um motivo de tranquilização a presença de Madame Mouttet, que não poderia deixar de contribuir para acalmar a população. Sabia-se que ela era uma mulher nervosa e, se fosse vista em Saint-Pierre, evidentemente grande parte do povo ganharia nova coragem para enfrentar os dias futuros.”

Mas não haveria “dias futuros”. Em fins da tarde, porém, usando o uniforme de governador colonial, Louis Mouttet, a esposa, e Edouard L'Heurre partiram de carruagem para Saint-Pierre. Se Madame Mouttet estava nervosa, nenhuma demonstração deu.

Na estrada, o governador encontrou membros da criadagem de Fernand Clerc e observou que ele devia estar muito certo da vitória nas urnas para mandar embora tantos eleitores de confiança.

“Ao chegar a Saint-Pierre, seu estado de espírito tornou-se sombrio e apático quando viu com os próprios olhos toda a extensão da calamidade. Saint-Pierre mostrava já todos os sinais de uma cidade arruinada. Cinzas empilhavam-se por toda parte, às vezes a uma altura de trinta centímetros. Era difícil para a carruagem prosseguir e, certamente, desenvolver a menor velocidade. Quando o povo viu nossa carruagem, limitou-se a observar, aparentemente sem saber quem éramos. Uma ou duas vezes M. Mouttet cumprimentou alguém em voz alta, mas não recebeu resposta. Uma semana antes, a cidade fora um local de fervilhante atividade e todas as mentes se centralizavam na eleição. Os cartazes estavam naquele momento cobertos de cinzas e as ruas, onde até um ou dois dias antes ressoavam os gritos dos pregoeiros de slogans, encontravam-se mergulhadas em silêncio.

“Madame Mouttet ficou visivelmente abalada ante tanta desolação, enquanto M. Mouttet virava-se para mim e perguntava por que não fora informado antes da gravidade da situação. Não adiantava explicar-lhe que ele rejeitara todas as tentativas anteriores de pô-lo a par dos fatos. A verdade é que ninguém que não estivesse em Saint-Pierre naquele dia poderia, de forma alguma, compreender a gravidade da situação. Embora continuasse ainda inteiramente ocupada, a cidade estava morta, as casas fechadas. Os que não tinham abrigo sentavam-se às soleiras das portas, ou mesmo nas ruas, esperando só Deus sabe o quê.

“Vimos grupos de soldados de guarda em certos pontos, mas eles, como a população civil, pouco interesse demonstraram pela nossa chegada. Detivemos um desses grupos e perguntamos o que faziam. Responderam que esperavam por um novo ataque dos bourhousses. Foi nesse momento que soubemos do caso da patrulha destacada para Le Trace. Aqueles soldados, sem ordens, haviam abandonado a estrada e encontravam-se, naquele momento, em algum lugar da cidade. Bastou isso para nos dar uma indicação de como se deteriorara a disciplina. Tudo isso pareceu demais para M. Mouttet, que logo depois ensimesmou-se, como fizera antes em Fort-de-France.”

A carruagem precisou de uma hora para chegar à Prefeitura. “No gabinete de M. Fouché aguardava-nos uma comissão de recepção. Encontravam-se presentes o Professor Landes e a Comissão de Inquérito. O professor explicou que chegara cedo à cidade para verificar pessoalmente as últimas novidades da situação. Era de opinião que ela se agravara muito. Veementemente, refutou o conteúdo da ‘entrevista’ publicada em Les Colonies e disse que exigiria um desmentido

completo. Em vista do que havíamos observado, o desmentido pareceu de somenos importância na ocasião. Somente M. Fouché não parecia compreender a situação. Explicou que durante a maior parte do dia estivera em seu gabinete traçando planos de última hora para o jantar comemorativo. Eu estava prestes a dizer-lhe que o banquete fora cancelado, quando o Professor Landes interveio e disse que, em sua opinião, chegara o momento de evacuar a cidade.”

O governador submeteu a sugestão à discussão geral. Imediatamente, o Prefeito Fouché opôs-se à idéia. A evacuação, insistiu, seria um desastre. O Partido Progressista perderia a eleição porque os eleitores urbanos seriam dispersados, enquanto os radicais poderiam ainda contar com o apoio de suas bases no interior. Saint-Pierre jamais se recuperaria, como centro comercial da ilha, se fosse tomada tal providência. Continua o depoimento de L’Heurre:

“E, finalmente, disse ele, havia o banquete. Evacuar a cidade, ou mesmo pensar nisso após todo seu cuidadoso planejamento, seria inconcebível. Aparentemente, ele não compreendeu quando eu lhe disse que as celebrações haviam sido canceladas. Voltou-se para M. Mouttet, que inclinou a cabeça, confirmando. À vista disso, o prefeito ficou furioso, despejando sua ira sobre o Professor Landes e, depois, sobre mim. Da escrivaninha tirou o que chamou de seu ‘plano’ para garantir que o banquete e o baile podiam ser realizados, não importando o que fizesse o Pelée. Ouvi-lo era ouvir um homem que vivia em um outro mundo. Tudo, insistia ele, fora feito para assegurar que a noite seria um sucesso. Designara pessoal para remover os menores traços de cinzas da louça da mesa e das cortinas! Outros haviam recebido ordens para esfriar o ar com auxílio de abanos! A orquestra estivera ensaiando durante todo o dia! Era um catálogo de banalidades, sem relação alguma com a gravidade da situação de Saint-Pierre.

“Ele voltou ao ‘plano’ da maneira como o faz um mágico, produzindo um número aparentemente infundável de surpresas. Para mim, a única surpresa era que ninguém houvesse desconfiado antes que M. Fouché podia, com tanta facilidade, perder o juízo. O terrível de tudo aquilo era que ele estava aparentemente inconsciente do que ocorria a alguns metros do local onde se encontrava. Quando lhe perguntei se visitara a cidade, berrou que estivera ocupado demais preparando seu ‘plano’, e acrescentou que, se alguma coisa séria houvesse acontecido, ele teria sido informado. Desconfiei que o êxito das celebrações havia-se transformado possivelmente em um problema tão pessoal para M. Fouché que pouco tempo lhe sobrara para pensar em algo mais. Foi apenas quando eu lhe disse que certo número dos convidados mais importantes haviam declinado de comparecer, que ele caiu em brusco silêncio. Em seguida, interrogou-me exaustivamente, querendo conhecer as fontes de minhas informações.

"A impressão mais persistente e clara que ele me produziu foi de deterioração mental. Ele, evidentemente, não conseguira apreender a situação e não raciocinava mais com clareza, como se fosse vítima de alguma forma de demência. Por fim, M. Mouttet interveio e disse que medidas precisavam ser tomadas imediatamente para informar a todos os convidados do adiamento. Entrementes, desde que era tarde demais para Madame Mouttet voltar a Fort-de-France, ele, juntamente com os membros da Comissão de Inquérito, ficariam no Hotel de L'Indépendance à espera da missa na catedral no dia seguinte. De acordo com as ordens de M. Mouttet, eu devia voltar a Fort-de-France e aguardar uma possível mensagem enviada de Paris por M. Decrais. Não me agradou a perspectiva de uma viagem noturna, em face dos relatórios sobre as atividades dos cultores do vodu, mas isso era melhor do que ser obrigado a presenciar o penoso comportamento de M. Fouché."

Dentro de doze horas, Edouard L'Heurre descobriria que a ordem do governador, mandando-o de volta a Fort-de-France, salvara-lhe a vida.



Durante a noite, na enseada, um barco a remo foi de navio em navio levando a notícia do cancelamento do banquete. Dos tombadilhos dos quatorze navios ancorados em forma de um virtual crescente em frente a Saint-Pierre, a cidade parecia fantasmagórica e deserta. Coisa alguma se movia. Até mesmo as fogueiras anunciadoras da peste haviam morrido.

Por volta de dez horas, começou a chover. Dentro de minutos, uma violenta tempestade começou a varrer a cidade e a costa, produzindo inundações e maior caos ainda.



A tempestade em muito pouco arrefeceu a fúria de René Cottrell que, nesse momento, percorria Le Trace a cavalo na direção de Fort-de-France. A raiva crescera sem uma pausa durante toda a tarde, desde a ocasião em que fora acordado. Dos fundos da vila do tio subiam gritos irritados. Marguerite, a velha lavadeira, berrava insultos na direção do Pelée. Nas mãos, tinha o seu traje de rigor, coberto de cinzas e visivelmente arruinado.

"Mesmo que eu quisesse levar Colette ao baile, a questão ficou resolvida naquele instante. Eu não tinha roupa para ir, e usar qualquer outra coisa, salvo o vestuário apropriado, seria inconcebível", disse ele, depois.

Mais uma vez, foi até a propriedade dos Jaunvilles explicar o último infortúnio que lhe acontecera. Na Residência, recebeu a informação de que a família estava ocupada demais, preparando-se para o baile, e que não podia receber visitas.

Para René, tornou-se “claro que eles tencionavam ignorar meu conselho. Sendo jovem, achei que já fizera um papelão grande demais e voltei para a vila de meu tio, fora da cidade, fiz a mala, pondo nela o traje a rigor, e consegui convencê-lo a emprestar-me um cavalo. Ao chegar à nossa casa em Fort-de-France algumas horas depois, retirei-me para o quarto em companhia de uma garrafa de rum e, após um período razoável, fiquei suficientemente bêbado para dormir.”

René Cottrell acordou somente quando o pai lhe trouxe os detalhes da tragédia de Saint-Pierre, ocorrido menos de oito horas antes.

Ele conservaria o traje arruinado, como recordação, até sua morte, em 1948, ainda solteiro.

Quinta-feira, 8 de maio de 1902

CAPÍTULO VINTE E DOIS

“ALLEZ”

Durante horas Léon Compère-Léandre travara uma batalha perdida com os ratos que lhe haviam invadido a oficina. Nesse momento, um novo terror insinuou-se na escuridão. Uma onda de água surgiu através de rachaduras no assoalho. Podia imaginar o que acontecera: o aguaceiro transbordara do sistema de esgotos da cidade, já em parte entupido pelas cinzas e detritos. Não tendo para onde escorrer, a água voltara sobre si mesma e penetrara em porões e adegas em várias partes da cidade. No seu esconderijo, a fedentina era insuportável. Viu ratos mortos flutuando na sujeira. “Enlouquecido de pavor”, demolira a barricada construída com tanto cuidado e que o separava do mundo externo e saíra cambaleante para a Place Bertin. Atrás dele, vieram os ratos em tropelada.

Enfraquecido pela fome, com a visão afetada por seis dias de escuridão, Léon foi tropeçando em direção à sua casa em Mouillage. O ar saturado de enxofre pouco depois encheu-lhe os olhos de lágrimas. Diversas vezes voltou-se e olhou para o Pelée, o buraco, segundo acreditava, usado pelo Demônio para respirar. Naquele momento, nas primeiras horas do novo dia, o vulcão parecia ainda dormitar. Nem um único fraco brilho aparecia em sua garganta. Nas proximidades do Hotel de L'Independance, Léon encontrou um homem fitando atento o vulcão. Era o Professor Landes, que “pareceu inconsciente de minha presença, ficando simplesmente ali, a olhar para o vulcão”.

Ao chegar finalmente à casa, Léon descobriu que ela fora arrombada. Encontrou os cômodos ocupados por refugiados, naquele instante dormindo no chão. O único que não fora usado era uma pequena adega atravancada de madeira. Fechando a robusta porta, sentou-se numa pilha de sacos, resolvido a que, pela manhã, iria à Prefeitura e pediria ajuda para expulsar os estranhos que lhe haviam invadido a casa.

Durante várias horas, coisa alguma perturbou o começo da manhã. Minutos depois das cinco horas, porém, o vulcão acordou com um bramido. Dentro de pouco tempo, o ruído aumentou com espantosa intensidade. Em seguida, o Pelée começou a verter fumaça, vermelha e espessa.

Ao ver a fumaça, o Padre Alte Roche sentiu uma mistura de excitação e medo — excitação porque a fumaça indicava que o Pelée entrava em uma fase totalmente nova; o ruído que a acompanhava era “um claro sinal do tumulto no interior da cratera”. O seu medo, como da maioria da população, tinha origem no fato de não saber como o novo fenômeno se desenvolveria. Ansioso por obter um melhor posto de observação, o Padre Roche deixou o presbitério pela última vez e atravessou a cidade a caminho do monte Verte. A sua descrição é provavelmente a única que sobreviveu sobre o que devem ter sido as últimas horas de Saint-Pierre:

“Às cinco e meia, o sol se elevava em seu curso, a talvez vinte graus acima do horizonte, quando começou a aumentar cada vez mais o bramido da montanha, envolvida pelas sombras. Nas ruas, centenas de pessoas apavoradas haviam-se reunido para fazer suas devoções na Catedral de Saint-Pierre e nas demais igrejas da cidade, mesmo que muitas horas tivessem que esperar ainda antes da primeira missa. Um colega rezaria a missa matutina na minha igreja, enquanto eu oficiaria a comunhão do meio-dia. Calculei que me sobraria tempo para observar o Pelée do cume do monte Verte e voltar a tempo de dirigir os serviços religiosos.

“Nas ruas, o pânico fora minorado pela notícia de que o governador e a esposa encontravam-se na cidade e que naquele instante dormiam no Hotel de L'Indépendance. Do lado de fora do hotel, reunira-se uma multidão, possivelmente esperando pela aparecimento do governador. Enquanto isso, admiravam a bela carruagem e a parelha de cavalos do primeiro executivo da ilha. Os cavalos, como tudo mais, estavam cobertos de cinzas e pisoteavam, nervosos, o chão. Na Place Bertin, uma pequena multidão se formara do lado de fora do esconderijo antes ocupado pelo sapateiro e que durante a noite saíra dali e desaparecera.

“Em volta da catedral, centenas de pessoas acotovelavam-se, na esperança de entrar em um prédio já obviamente apinhado de gente. Na Rue Victor Hugo, passei pela redação de Les Colonies, fechada nesse instante, mas acho que entrevi M. Hurard numa das janelas de cima. Não pude deixar de me perguntar em que pensava ele naquele momento, pois devia ser óbvio, mesma para ele, que com o Pelée mais ativo do que nunca, seria apenas uma questão de tempo antes da deflagração da crise.

“Meu caminho levou-me através do L'Centre e além da Residência do cônsul americano. Vendo-me, o cônsul e a esposa desceram à rua. Disseram que pensavam em ir à missa matutina na catedral e perguntaram-me se o local já estava cheio. Respondi que teriam muita sorte se encontrassem lugar, embora, sem dúvida, a posição de M. Prentiss fosse uma vantagem. Discutimos por alguns instantes a situação, e M. Prentiss disse-me que sabia que o governador resolvera, após uma reunião com o prefeito na noite anterior, mandar evacuar a cidade e que tencionava

anunciar o fato após a celebração da missa solene na catedral. Concordamos ambos que a decisão era mais do que oportuna.

“M. Prentiss pediu-me a opinião sobre o que poderia acontecer. Respondi que seria imprudente adiantar qualquer coisa, desde que o Pelée não se comportava de qualquer maneira conhecida. Os Prentisses pareciam cansados e contaram-me que haviam passado uma noite insone discutindo a situação. O cônsul estava obviamente abatido com a partida do Orsolina sem sua esposa, explicando que tinha informações urgentes a comunicar a seu governo, que poderiam resultar no envio de socorro a Saint-Pierre. Embora eu não ousasse dizê-lo, pareceu-me que o destino da cidade e de seus habitantes já estaria selado muito antes que o governo americano pudesse intervir.”

O Padre Roche supunha corretamente. O vulcão evoluía para o clímax nesse momento, a menos de noventa minutos. O que ele não podia prever, o que ninguém podia antecipar, era a maneira inteiramente nova e arrasadora com que o Pelée entraria em erupção.

Despedindo-se dos Prentisses e continuando seu caminho, o jesuíta notou, nos limites da cidade, que o rio Roxelane atingira um novo nível, perigosamente alto. A força da inundação já derrubara o muro em volta da Residência do cônsul britânico, e a água entrava em borbotões no prédio, aparentemente deserto. James Japp, o cônsul, já era um homem esquecido. Logo depois, morreria em seu gabinete, onde passara a maior parte da semana mais agitada de sua vida, aparentemente continuando a observar o Pelée até o último instante.



Nas últimas quarenta e oito horas, Suzette Lavenière conseguira dormir apenas três horas. Mantivera uma vigilância constante com seus empregados, temendo a aproximação dos bourhousses do vodu ou uma mudança no comportamento do Pelée. Por volta de duas horas da manhã de quinta-feira, finalmente, adormecera sentada no local onde se encontrava. Duas mulheres haviam-na levado para a casa e a colocado num divã. Três horas depois, o bramido do Pelée levou-a de volta ao quintal, onde permaneceu durante algum tempo, observando o vulcão.

“Chegara a hora dele. Disso eu tinha certeza. Nunca vira antes fumaça daquela cor: vermelha, parada no ar, com as bordas pretas. Escurecia sobre Saint-Pierre. Atrás, o sol ainda brilhava. Mas sobre a cidade e o terreno que subia até o Pelée havia escuridão. Lembrei-me de desenhos que vira sobre o Calvário, na Sexta-feira Santa, quando o Senhor fora crucificado. Tive certeza de que começara a agonia final de Saint-Pierre. Reuni-me em orações com os empregados da propriedade, todos nós ajoelhados no pó, sentindo que a escuridão reservava algo de terrível para todos aqueles que envolvia. Depois de termos rezado ao Senhor para que nos

poupasse, ficamos, ali, sentados em silêncio, observando o vulcão. Durante todo aquele tempo, sem cessar, o Pelée vomitava colunas de fumaça que subiam na vertical. Em seguida, elas viravam numa linha muito nítida, claramente contrastada pelo céu de azul muito claro. Subitamente, a fumaça virou para nosso lado. Alguém gritou nesse momento: ‘O vulcão está vindo para cá!’



O grito foi repetido por certo número de pessoas que, na última hora, ocupavam postos de, observações nos mornes ao sul da cratera. Sentados, como atentas aves, aguardavam os acontecimentos. Alguns tinham um ar quase de feriado, vestidos com suas melhores roupas e trazendo nas mãos cestas de alimentos. A maioria havia partido de Fort-de-France para chegar a tempo de assistir à missa da Ascensão do Senhor na catedral. Poucos deles poderiam ter a menor idéia da situação na cidade, mas, quando viram a fumaça jorrando do Pelée e acumulando-se sobre Saint-Pierre, esqueceram os planos e resolveram permanecer a uma distância segura, nas elevações circunvizinhas. Às seis horas, devia ter havido ali uma centena de homens, mulheres e crianças à espera, observando. Dentro de pouco, seriam espectadores de uma calamidade como o mundo jamais conhecera.

Entre os espectadores havia um observador profissional, Roger Arnoux, membro da Real Sociedade da França. Voltava a Saint-Pierre após uma demorada convalescença no sul da ilha. Homem corpulento e rude, era conhecido pela sua cautela. Ao notar a fumaça acumulando-se sobre Saint-Pierre, reconheceu, como escreveria no Bulletin de la Société Astronomique de France, a existência de uma “perigosa situação”. Mais tarde, seu depoimento seria usado como base das conclusões científicas sobre a erupção. Procurou uma posição no alto do monte Parnasse e esperou pela evolução da situação. Não teve que esperar muito.

A fumaça que rodopiava na direção da propriedade Lavenière subitamente virou sobre si mesma, “como a língua de uma serpente depois de picar a presa”, e começou a “enroscar-se cada vez mais em torno do cume do Pelée. Enormes rochas, claramente visíveis, estavam sendo projetadas da cratera a uma grande altura, tão alto, na verdade, que tomavam cerca de um quarto de minuto em sua trajetória. Vi, também, fogos fixos queimando com brilhantes chamas brancas. Pouco depois das seis horas, diversas detonações foram claramente ouvidas, o que confirmou minha opinião de que já havia certo número de crateras submarinas, das quais estavam sendo expelidos gases, que explodiam em contato com o ar. Mesmo onde eu me encontrava, o calor era sufocante e logo depois fiquei coberto de suor. Senti-me nervoso, mas concluí que era o desassossego em volta que me perturbava. E podia somente imaginar como devia ser mais grave a situação na cidade”.



Para Auguste Ciparis, a situação era pior do que viver no inferno. Nas últimas duas horas estivera sepultado em uma sufocante escuridão. A nuvem de fumaça pairava baixa sobre a prisão, com a densidade de um nevoeiro. Queimava a pele e continha bilhões de partículas de areia.

Tentando reduzir o volume de poeira que respirava, o prisioneiro tirou a camisa, urinou nela e cobriu a cabeça. Em seguida, enrodilhou-se em um canto da cela, envolveu os joelhos com os braços e procurou evitar, tanto quanto possível, a poeira que entrava pela pequena janela da cela. O que não podia ver era que a poeira acumulava-se também contra a parede externa da cela até que, momentos depois, bloqueou a pouca luz que a grade deixava passar. Isso significaria logo em seguida, a diferença entre a vida e a morte para ele.

Léon Compère-Léandre tomara uma decisão final. Acordado pelo Pelée, deixara a adega e encontrara os invasores de sua residência em estado de pavor com o comportamento do vulcão. Suplicaram-lhe para ficar ali, oferecendo-lhe mesmo dinheiro. Recusara e mandara-os procurar abrigo em outra parte. Não era, afirmaria depois, que estivesse sendo “irrazoável”. Era, simplesmente, que “a gente não pode permitir que outras pessoas ocupem nossa casa”. Os invasores recusaram-se a sair. O assunto, porém, foi resolvido quando uma mulher abriu caminho até ele, trazendo na mão uma gaiola com uma ave. “Disse que se o pássaro saísse dali, sufocaria no ar da rua. E indagou, no caso de ela ter de sair, se eu poderia tomar conta do pássaro. Fiquei tão comovido com isso que respondi que eles podiam ficar até que a situação melhorasse”.

Ditas essas palavras, voltou para a adega.

Na ponte de comando do Pouyer-Quertier, o Capitão Jules Thirion chegou à conclusão de que a situação se agravara muito desde que seu navio reiniciara, ao amanhecer, a busca do cabo telegráfico. A busca levava cada vez mais o navio de volta para a costa. Às seis e trinta, encontrava-se aproximadamente ao largo da ponta sul da enseada de Saint-Pierre. Através do telescópio, viu o Grappler vasculhando o leito do mar perto da praia, exatamente ao norte da cidade. “De tempos em tempos, o navio desaparecia numa nuvem de fumaça e, todas as vezes em que emergia, estava um pouco mais perto da praia... certamente mais perto do que todos os navios ancorados na enseada.”

Enquanto ele observava, a grande nuvem pareceu subir sobre Saint-Pierre. Um vento inesperado desceu do Pelée e dispersou-a. O Capitão Thirion comparou o vento a uma “cratera esvaziando os pulmões. Foi um vento quente, com um cheiro desagradável de enxofre. Ao passar, o sol brilhou sobre Saint-Pierre.. O Pelée recaiu no silêncio e coisa alguma mostrou, afora uma incandescência nas rochas, a uns mil metros do cume”.

Por essa altura o Grappler refazia o curso em uma curva suave, dando início a uma nova plotação de busca. Pouco depois, disparou um sinal luminoso verde e parou as máquinas. Era o aviso de que um dos cabos fora localizado a algumas centenas de metros da costa.



Para Ellery Scott, imediato do Roraima, o sinal luminoso foi o primeiro indício de normalidade desde sua chegada à enseada. Era confortador saber que “trabalho de rotina” estava sendo efetuado em uma situação como nunca experimentara antes. Para ele, como também para os quarenta e sete tripulantes e vinte e um passageiros, os acontecimentos haviam saído da suave rotina, às cinco horas daquela manhã. Exatamente ao norte da ilha, “o navio foi subitamente, sem o menor aviso, envolvido por uma grossa e pesada nuvem de fumaça e precipitações de cinzas”. Preocupado com a queda de detritos — “eu nunca presenciara uma erupção ativa, mas anos antes vira o Etna em chamas, de modo que conhecia alguma coisa sobre vulcões” — Scott despertou o Capitão George Muggah e perguntou-lhe “o que ele pensava do estado do tempo”. Mas o que quer que o capitão possa' ter pensado, não apenas sobre o tempo mas sobre ser acordado àquela hora, não consta dos registros. O que se sabe é que deu ordens para que ele mantivesse a rota para Saint-Pierre. O Roraima passou perto da ilha, conservando-se a umas duas milhas ao largo e, “devido às correntes que nos empurravam para a praia, tivemos que tomar vários cursos, às vezes aproximando-nos, e às vezes afastando-nos da terra. A corrente jamais permanecia a mesma. Chovia torrencialmente, e achamos, sem maior exame, que aquilo se devia à ação vulcânica. Até certo ponto, o capitão e eu estávamos alarmados. Um pó fino, de uma cor cinza bem viva, continuava a cair”. Às seis e quinze, o Roraima lançou ferros ao largo de Saint-Pierre.

Embora talvez não soubesse muita coisa sobre vulcões, Ellery Scott certamente sabia como dar um eloquente testemunho; como revela seu relato sobre o que aconteceu na hora seguinte: “O capitão do porto e o médico logo depois subiram a bordo e liberaram o navio. Chegaram em seguida nossos agentes, Messrs, Plessoneau e Testarte. O capitão conversou com eles e perguntou-lhes se achavam que o vulcão representava algum perigo. Densas colunas de fumaça desprendiam-se, majestosas, nessa ocasião do pico do Pelée e subiam para o céu. Os agentes deram-nos amplas garantias. Não houvera danos desde a destruição da usina de açúcar, dias antes. Mas, Plessoneau e Testarte disseram, também, que havia certo número de pessoas que queriam partir a toda pressa para Sainte-Lucia. O Capitão Muggah, porém, decidiu que era mais prudente permanecermos onde nos encontrávamos e desembarcar a carga que levávamos para Martinica. O motivo de não começarmos a descarga mais cedo naquela manhã foi devido ao fato de que, sendo Dia da Ascensão, estavam sendo realizadas missas especiais em todas as

igrejas da cidade. Uma missa solene era rezada naquele momento na catedral, e gente rica havia chegado a Saint-Pierre para tomar parte na mesma. Para a época, os trabalhadores e todos os demais habitantes da ilha estavam religiosamente muito inclinados naquele dia.

“Enquanto isso, nossos marinheiros, sob a direção do contra-mestre, varriam a areia e as cinzas, que cobriam com um quarto de polegada tudo em volta — parecendo muito com areia branca. O navio estava coberto por ela, de popa à proa. A areia se intrometera também por todos os lugares. Quando o capitão e eu descemos da ponte, nossos uniformes estavam inteiramente cobertos por ela. Passageiros e tripulantes reuniam um pouco de areia e cinzas para guardar como recordação. Alguns colocavam-nas em envelopes, outros em tabaqueiras. Lembro-me de um negro alto que me deu uma caixa de charutos cheia do material, que aceitei, pouco pensando em que excesso do mesmo eu me veria metido antes de poder voltar para casa. Entrementes, os oficiais reuniam-se no tombadilho da proa, apreciando o grande espetáculo proporcionado pelo Pelée. Nesse momento, o sol brilhava cálido e claro. As coisas pareciam agradáveis e favoráveis.”

O relógio marcava vinte minutos para as oito horas.



Nesse momento, o Capitão Edward Freeman, do Roddam, ancorava a pequena distância do Biscaye. Notou que quase todos os navios estavam embandeirados em arco em honra do dia e disse que, tão logo fossem completadas as formalidades de atracação, o Roddam, deveria hastear também suas bandeiras.

O navio saíra à meia-noite de Sainte-Lucia, situada ao sul da Martinica. Navegando através de uma furiosa tempestade, o Capitão Freeman desejara várias vezes não ter decidido partir para Saint-Pierre mais cedo do que o planejado para descobrir “por nós mesmos, a verdade sobre os boatos que ouvimos em Sainte-Lucia, de que a Martinica fora isolada do mundo”. Aproximando-se de Saint-Pierre, tornou-se mais inquieto. “Não gostei da aparência do Pelée. Perguntei ao imediato Campbell, se ele não achava que devíamos manter-nos ao largo da ilha. Decidimos, porém, aproximar-nos do porto, raciocinando que, se outros navios estavam ali, isso era uma indicação de que havia segurança, desde que seus comandantes conhecessem a situação melhor do que nós.”

Às sete e vinte, o Roddam entrou na enseada e recebeu por bandeiras, instruções da Capitania para ancorar na extremidade sul do porto natural. Levando vagarosamente o navio para a ancoragem, o Capitão Freeman notou “que Saint-Pierre conseguia ainda parecer bela e alegre, a despeito das cinzas. A catedral faiscava ao sol. De seu campanário chegava o som de sinos convocando os fiéis para a missa matutina”.

Mas os fiéis estavam fadados a jamais completar o ato de adoração.



O som dos sinos foi transportado nos ares com grande clareza, como em outras manhãs mais pacíficas, até onde se encontrava Fernand Clerc, sentado numa cadeira em seu terraço, observando, atento, o barômetro. Embaixo, no pátio, um empregado mantinha pronta uma carruagem arreada. Dentro da carruagem, estavam Véronique e os filhos. Encontravam-se ali desde cinco da manhã.

“Subitamente, enquanto eu observava, o ponteiro do barômetro moveu-se como eu jamais o vira fazer, oscilando como se estivesse louco. Olhei para o Pelée. Uma imensa área de rochas brilhava, incandescente, abaixo de sua garganta. Eu sabia que chegara o clímax. Agarrei o barômetro, desci correndo do terraço para a carruagem, e disse ao cocheiro que se afastasse dali a toda velocidade.”

O seu relógio de ouro de algibeira marcava dez para as oito.



Certo número de pessoas havia-se juntado a Roger Arnoux no alto do monte Parnasse nessa última hora. Algumas estavam prestes a descer para Saint-Pierre, quando começou a soprar a ventania provocada pelo Pelée. Nas palavras de Roger Arnoux, “as árvores curvaram-se até o chão; nas partes mais altas da vertente do monte, folhas cobertas de cinzas foram arrancadas dos galhos e alguns dos ramos menores quebraram-se”. Ao passar o vento, notou ele que aumentava a incandescência das camadas rochosas em volta da garganta do vulcão. Em torno do cume, vapores como que se perseguiam mutuamente. Tinham uma cor azul-acinzentada e eram levados para o alto por esporádicas correntes de ar. Alguém disse que eles eram “muito bonitinhos”. Roger Arnoux, porém, tinha outra opinião.

“Eu sabia com certeza que o Pelée estava à beira da erupção total. Apenas eu não podia prever, ninguém podia ter previsto, como seria devastadora.”

Enquanto esperava, viu uma carruagem em disparada pela estrada, a caminho do morne. O veículo parou, e a família Clerc “literalmente desceu às cambalhotas”. Fernand Clerc, empurrando a família pela encosta da colina, “não muito diferente de um cão pastor levando o rebanho para local seguro”, finalmente chegou ao lado de Roger Arnoux e arquejou palavras que, conquanto não pudessem ser imediatamente compreendidas, não deixaram dúvidas sobre seu sentido geral:

— Meu barômetro! Veja!

O barômetro, porém, quebrara-se, quando ele o arrancara do terraço.



No alto do monte Verde, o Padre Alte Roche chorava por uma cidade que não morrera ainda. Da posição onde se encontrava, observou que a camada de rocha

incandescente estava “diretamente alinhada com Saint-Pierre”. Instintivamente, sabia que quando as pressões nas entranhas do Pelée alcançassem o ponto crítico, milhares de toneladas de pedras seriam lançadas sobre a cidade, a seis quilômetros abaixo.



A vinte e quatro quilômetros de distância, na agência do telégrafo em Fort-de-France, M. Garnier Larouche, diretor da Companhia Telegráfica e Telefônica da ilha, fazia simultaneamente duas coisas. Com os olhos, observava o Suchet, tomando pressão, e com os dedos batia uma mensagem rotineira de teste para um dos empregados do telégrafo de Saint-Pierre.

A precisamente dois minutos depois das oito horas, a palavra isolada “allez” foi enviada de Saint-Pierre pelo fio. Chegou como uma solicitação, indagando se M. Larouche terminara sua mensagem. Foi a última palavra que o mundo exterior ouviu de Saint-Pierre.

Enquanto Suzette Lavenière observava, o sol, subitamente, desapareceu. Sua luz foi substituída “por uma bola vermelha incandescente que se soltou da encosta do Pelée com um ruído verdadeiramente apavorante. O céu em cima tornou-se invisível. Aquilo era o fim do mundo!”

Os trabalhadores da propriedade lançaram-se no chão à procura do abrigo mais próximo, enquanto ela permanecia ali, paralisada, observando a bola crescer ante seus olhos. Durante um momento, a bola permaneceu presa por um ígneo cordão umbilical ao Pelée. Em seguida, soltou-se e, devagar, quase preguiçosamente, começou a mover-se.

CAPÍTULO VINTE E TRÊS

RÉQUIEM PARA OS VIVOS

No alto do monte Parnasse, Fernand Clerc observou a grande nuvem de matéria liquefeita ganhar velocidade com “um som de coisa que se rompe e fende, um bramido contínuo que se misturava com crepitações vibrantes, latejantes, como a descarga de uma metralhadora Gatling. Escureceu tanto que somente pude ter certeza da presença de minha mulher e filhos procurando-os nas trevas e apalpando-os”.

A alguns metros, Roger Arnoux chorava “vendo o monstro parecendo tão próximo de nós. Um vento violento, agindo como batedor, mesmo a uma distância de seis quilômetros ameaçava lançar-nos ao chão. Encontrávamos nesse momento em meio a uma completa escuridão, exceto pelo esbraseado tétrico da nuvem que, nesse momento, lambia a extremidade norte de Saint-Pierre”.

Lembra-se Véronique Clerc: “Vimos um grande mar de fogo cortando a fumaça preta encapelada e avançando pelo chão em direção à cidade. O que poderíamos fazer? Abraçamo-nos uns aos outros. Queríamos morrer juntos e esperávamos a morte. Foi um momento de angústia. Medo, falta de ar, eu não sabia o que causava aquela horrível sensação de aperto na garganta. Choviam pedras e lama, pedaços de barro do tamanho de um rolo de corda. Saint-Pierre estava condenada. Nossos amigos estavam condenados. Nosso mundo estava condenado.”



O Padre Alte Rodie observou “uma coluna de fogo, que calculei ter pelo menos quatrocentos metros de altura, descer sobre a cidade. Engolfou a estátua de Cristo e o cemitério. Em seguida, com um grande rugido, engoliu o bairro mestiço, saltou sobre a Pont Basin, e cruzou L'Centre, onde um momento antes, eu conversava com o cônsul americano e sua esposa. Em seguida, curvou-se sobre si mesma, voltando por onde viera, mas desta vez estendendo-se pela enseada, à procura dos navios lá ancorados. Ante meus olhos, o Grappler desapareceu e, em seguida, a cidade inteira submergiu sob a grande parede de fogo”.

Do seu presbitério em Morne Rouge, narra o Curé Mary: “Observei o vapor negro saltar da vertente da montanha. Olhando-o enquanto rolava sobre Saint-Pierre, tive a impressão de que a Martinica inteira deslizava para o mar. Uma grande língua de

fogo como que pareceu soltar-se do vapor e lambe a água em frente ao rio Roxelane. A Residência do cônsul britânico foi devorada, como os demais prédios em volta. Somente as torres da catedral permaneceram intatas, e isso por um curto momento, pois a massa ígnea envolveu-as também ao espalhar-se sobre Saint-Pierre. A massa era constantemente realimentada por uma imensa corrente de fogo que se despejava do lado da cratera para assolar uma cidade já devastada. Os canaviais e as demais plantações em volta da cidade entraram em chamas. Devia haver ali numerosas vítimas, centenas, possivelmente milhares, e dali onde eu me encontrava coisa alguma podia fazer.”



A bordo do Pouyer-Quertier, o operador do telégrafo sem fio batia ininterruptamente uma curta mensagem: “Saint-Pierre destruída por erupção do Pelée. Enviem toda ajuda possível.” O S.O.S. foi enviado às oito horas e três minutos. Nessa ocasião, notou o Capitão Thirion que “a parte fronteira da bola de fogo adquiriu uma intensa luminosidade ao aproximar-se do mar. Em um instante, tudo em volta estava em chamas, e labaredas subiam aparentemente de todos os pontos da cidade, como se ela se houvesse transformado em um único braseiro. Pequenas detonações seguiram-se umas às outras em rápida sucessão, assinalando a passagem da nuvem. Somente um relâmpago foi visto e pareceu que cortava a nuvem de um lado para o outro, partindo do chão. Os demais incidentes do cataclismo não puderam ser observados, uma vez que a terra foi imediatamente encoberta por uma nuvem impenetrável de fumaça ígnea. Com o Pouyer-Quertier também sob ameaça, fui obrigado a fugir para lugar seguro. Na enseada, parecia que todos os navios estavam em chamas e alguns deles, inclusive o Grappler, haviam desaparecido”.

Na enseada de Fort-de-France, o S.O.S. do Pouyer-Quertier fora captado pelo Suchet. Crítica como fosse a situação em Saint-Pierre, o Capitão Pierre de Bries, conquanto ordenasse imediata produção de vapor, reagia de uma maneira estranhamente desligada. Ao receber a mensagem, enviou um oficial à terra para informar ao gabinete do governador do recebimento do pedido de socorro e dizer que o Suchet estava preparado “para seguir a toda velocidade em direção a Saint-Pierre”. Felizmente, economizou-se tempo porque o oficial foi interceptado no cais por Edouard L'Heurre, que acabara de ser informado por M. Larouche que “uma terrível catástrofe acaba de ocorrer em Saint-Pierre. Todas as linhas estão mortas e um desastre deve ter ocorrido na cidade”.

O secretário encontrava-se em um estado de compreensível choque. Precisara de apenas alguns momentos para compreender que, se Saint-Pierre fora destruída,

provavelmente haviam morrido com a cidade os governantes da ilha. Ele era o único homem que sobrara com autoridade para preencher o claro.

De acordo com a lei, agiu de maneira absolutamente correta ao assumir o cargo, embora se argumentasse mais tarde, que teria sido mais diplomático apurar antes que destino haviam tido Louis Mouttet e a Comissão de Inquérito (um dos membros da qual, Gerbault, era vice-governador). Mas, baseando-se no S.O.S captado pelo Suchet e na informação do diretor dos Telefones e Télégrafos, Edouard L'Heurre, no papel de governador-interino da Martinica, tomou as primeiras providências para enfrentar o desastre. Ordenou ao Suchet e aos demais navios fundeados em Fort-de-France que partissem imediatamente para Saint-Pierre e proporcionassem toda ajuda que lhes fosse possível. Ao Ministério das Colônias em Paris, enviou um telegrama urgente:

TODAS AS COMUNICAÇÕES INTERROMPIDAS COM SAINT-PIERRE. ACREDITAMOS SAINT-PIERRE EM CHAMAS EM SEGUIDA ERUPÇÃO ESTA MANHÃ. GOVERNADOR MOUTTET NO LOCAL DESDE TARDE DE ONTEM. ENVIEI TODOS OS NAVIOS DISPONÍVEIS A FIM SALVAR POPULAÇÃO. L'HEURRE.

Mas não haveria ninguém a salvar. Disso, Suzette Lavenère tinha certeza naquele momento. Não se movera desde que a grande bola de fogo soltara-se de seu cordão umbilical e rolara sobre Saint-Pierre. Para ela “o flanco superior da montanha, que dava para o sul, abria-se de cima a baixo. Da fenda, de pelo menos cem metros de largura e possivelmente de igual profundidade, saía um tremendo bramido, forçando uma segunda nuvem negra a rolar em um imenso vórtice. A nuvem elevou-se em forma de cogumelo, formando um pano mortuário ainda mais preto. Desceu com um rugido, desmoronando na direção da cidade. Em um momento, agarrava-se ao chão; no outro, subia talvez trinta metros antes de descer outra vez para a terra. Parecia uma coisa viva, brilhando durante todo o tempo, enquanto, em seu centro, explosões lançavam cintilações, que pareciam raios, bem alto na escuridão. Em menos de um minuto, reuniu-se à bola de fogo que arrasara Saint-Pierre; fundiram-se para nivelar tudo em volta a matar sem apelação todos aqueles em que tocavam. A cidade inteira estava em chamas”.



À enseada de Saint-Pierre fora um inferno desde as 8:03, quando milhares de barris de rum e açúcar explodiram ao cair na água. Dezenas de pessoas, fugindo da bola de fogo, haviam mergulhado no mar, mas apenas para serem colhidas pelo paredão de rum em chamas que varreu a água. O Grappler foi o primeiro navio a receber todo o impacto da “nuvem da morte”. O barco não teve nem tempo de incendiar-se antes de virar e afundar. Nenhum membro de sua tripulação pôde salvar-se. Mas,

como diria depois Ellery Scott em depoimento: “Eles é que tiveram sorte.” Exatamente às oito horas estivera no tombadilho superior em companhia do terceiro oficial. Este, comentando “o espetáculo pacífico de Saint-Pierre, cinzenta, mas banhada pela brilhante luz do sol”, fora buscar sua máquina fotográfica.

Scott jamais voltou a vê-lo, pois, naquele momento, “caiu uma escuridão mais preta do que a noite e, no momento em que aquela coisa horrenda tocou a água, ela simplesmente começou a rolar, ateando fogo à praia e aos navios. O Roraima jogou e inclinou-se profundamente para bombordo e, em seguida, com um arranco, guinou para estibordo, mergulhando bem fundo o costado na água. Os mastros, a chaminé e os aparelhos foram decepados a sessenta centímetros do tombadilho, num corte perfeito, sem uma borda irregular sequer, como se aparados a faca. Havíamos começado a puxar a âncora, mas ela recusou-se a deixar a lama do fundo. Ali estávamos, presos no inferno.

“À escuridão era algo apavorante. Envolvia tudo e era interrompida apenas por nuvens de gás em chamas, que explodiam em relâmpagos. O navio pegou fogo simultaneamente em vários lugares, e homens, mulheres e crianças morreram em questão de segundos. Do salão de festas e da popa do navio, subiram imediatamente labaredas. O Roraima estava profundamente adernado para estibordo, apontando a proa para a terra. Cinzas quentes caíram densas no início da tragédia e foram logo depois seguidas por uma chuva de pedras pequenas e quentes, variando em tamanho de um caroço de chumbo a um ovo de pombo. Caíram na água com um chiado, mas nos locais em que atingiram o navio provocaram poucos danos, pois os tombadilhos estavam protegidos pela grossa camada de cinzas da primeira explosão.

“Após as pedras, desceu uma chuva de lama quente, aparentemente lava misturada com água, com a consistência de cimento ralo. Em toda parte em que caía, formava uma camada, colando-se como goma, cobrindo aqueles que não usavam bonés e como que lhes pondo uma máscara de cimento sobre a cabeça. Quanto a mim, quando notei a aproximação dessa tempestade, arranquei o encerado de um dos ventiladores e enfiei-o pela cabeça e pescoço, deixando apenas lugar para os olhos. A proteção ajudou-me muito, mas, mesmo assim, minha barba, rosto, narinas e olhos ficaram tão cheios do material que a cada poucos segundos eu era obrigado a quebrá-lo dos olhos para poder ver alguma coisa. A lama não queimava realmente, mas desprendia vapor e havia calor suficiente nela para secar na cabeça e formar uma crosta que adquiria a forma de um molde de gesso,

“Lembro-me de que Charles Thompson, o auxiliar de comissário, um negro bonito e corpulento de St. Kitts, que estava a meu lado, sentiu a cabeça tão pesada com aquilo que pareceu ficar tonto e quase caiu. Quando me pediu para quebrar o

molde que lhe envolvia a cabeça, tive medo de escalpelá-lo também quando o fizesse. Como sentia muito forte o calor na minha própria cabeça, atravessando o encerado, achei que o couro cabeludo dele devia ter sido muito chamuscado.

“Nem todo o pessoal a bordo, porém, havia subido para o tombadilho. Alguns dos passageiros se vestiam ainda e outros permaneciam em seus camarotes. Em alguns casos, foram envenenados quase instantaneamente pelo gás mortal. Em outros, afogaram-se na água quente que entrou pelas vigias abertas quando os camarotes de estibordo ficaram sob a água. A escuridão era iluminada apenas pelas chamas que subiam da popa e pelo brilho tétrico da terra, onde ardiam os grandes armazéns. Enormes pipas de rum continuavam a explodir com grande estrondo, lançando, em chamas, seu conteúdo no ar.

“Nesse momento, desci para a ponte, tentando o caminho, à procura do comandante. Ao lá chegar, quase tropecei numa figura agachada, com a face horrendamente queimada e além de quase qualquer possibilidade de reconhecimento. ‘Quem é você’, gritei, pois não o reconheci ali, dobrado na escuridão. O homem levantou o rosto horrível de ver. ‘Sr. Scott’, disse ele, ‘não me reconhece?’ Respondi: ‘Meu Deus, é o comandante!’ Ele levantou-se com grande esforço e, vendo pendente um dos escaleres restantes, embora muito danificado, quis saber se não podíamos abandonar o navio. ‘Bem, capitão’, respondi, ‘o bote teve o costado arrombado e não serve mais para nada. Além disso, está tão preso que nem vinte homens poderiam tirá-lo do lugar. E simplesmente não temos quem nos ajude.’

“Neste instante, Benson, o carpinteiro, subiu à ponte. Aparentemente, suas maiores queimaduras eram nas mãos. O comandante ordenou que o bote fosse solto de qualquer maneira. Com uma faca, cortei o cabo dos turcos da proa, mas o bote não se moveu. Estava preso. Era impossível soltá-lo e, quando descobriu isso, o comandante disse: ‘Sr. Scott, salte pela amurada e salve-se.’ ‘Não, capitão’, respondi, ‘não abandonarei o navio’. ‘Bem’, disse ele, ‘verifique qual é o estado do barco e veja como está nosso pessoal. Veja também como estão as mulheres e crianças.’ Depois de olhar em volta e verificar que a popa estava em chamas, que pessoas queimadas morriam por toda parte e que o fogo irrompia em vários lugares na proa, voltei para comunicar a situação ao comandante. Ao chegar à ponte, não o encontrei mais. Deve ter caído ou saltado sobre a amurada para aliviar os próprios sofrimentos, que devem ter sido horríveis.

“Havia poucos de nós em condições físicas realmente boas. Mas foi algo de maravilhoso ver-lhes o heroísmo. Dois maquinistas, que haviam perdido toda a pele das mãos, estavam ainda removendo coisas em volta, usando a parte superior dos braços e os cotovelos. A primeira coisa a fazer, se não queríamos ser

queimados vivos, era apagar o incêndio na proa, pois o vento soprava do largo e varria o navio. Por sorte, a água estava calma. Parecia que a grande chuva de lama a havia amaciado, mas ela ainda subia e rolava o lado, empurrada pelas correntes criadas pelo vulcão. As bombas, entupidas, não mais funcionavam, mas todos os homens ainda capazes de andar fizeram o que podiam. Dois deles começaram a içar baldes de água pela amurada. Formando uma fileira de combate ao incêndio, passavam os baldes de mão em mão até a proa e os derramavam sobre as chamas. Durante todo esse trabalho, continuava a escuridão.

“Inesperadamente, às oito e meia, a escuridão clareou um pouco e vimos o Roddam dirigindo-se à toda velocidade para nosso lado, como se viesse nos rebocar para longe. Não tínhamos meios de saber naquela ocasião que eles estavam numa situação tão má como a nossa, mas o navio ainda podia navegar e aproximou-se o suficiente para que víssemos que a sua parte dianteira continuava em boas condições. Achamos, sem maior exame, que o navio estivera fora da linha de fogo. Parecia um socorro que nos vinha e agradecemos a Deus por isso. Parte da tripulação reuniu os passageiros — mulheres e crianças — no tombadilho superior da proa, esperando que o Roddam se aproximasse o bastante para levá-las.

“De súbito, a não mais de cem metros de distância, o Roddam parou. Dissemos: ‘Bem, talvez eles não nos tenham visto.’ Corri imediatamente para a casa do leme e apanhei um punhado de foguetes de sinalização, dois deles azuis e, o outro o sinal especial da companhia. Nós acendemos, e eles queimaram vivamente como fogos de artifício, enquanto tentávamos atrair a atenção do Roddam e mostrar-lhe que havia ainda gente viva a bordo do nosso navio. Porém, para nosso horror, o Roddam recuou, devagar, para a escuridão, deixando-nos desolados. Quando as pessoas em volta comentaram o fato, respondi: ‘Ele simplesmente recuou da linha de fumaça. Voltará novamente e nos tirará daqui!’ Mas pouco tempo depois o vento virou para o sul, a fumaça começou a desaparecer e coisa alguma mais vimos do outro navio.”



O Roddam havia, de fato, se transformado em uma sepultura flutuante, com os tombadilhos apinhados de cadáveres e tripulantes e passageiros agonizantes, muitos dos quais com as carnes queimadas até o osso. Um dos poucos que haviam escapado de todo o impacto da explosão foi o Capitão Edward Freeman. No momento em que começara a erupção, correria da ponte para a relativa segurança do depósito de lenha embaixo. Enrolando-se em velhos sacos de farinha de trigo, esperou o desastre:

“Abafando o rugido da explosão, ouvi gritos terríveis de pessoas encurraladas no tombadilho. Eram sons sobrenaturais, desumanos, como guinchos de aflitas aves

marinhas. Sabia que, lá em cima, pessoas estavam sendo reduzidas a cinzas, mas coisa alguma havia que eu pudesse fazer. Em questão de segundos, as cinzas penetraram em todas as partes do navio, e o meu próprio esconderijo transformou-se numa fornalha. Pode-se imaginar o que foi aquilo se pensarmos em entrar na oficina de um ferreiro, apanhar punhados de pó quente ao rubro e esfregá-lo nas mãos e no rosto. Finalmente, não consegui aguentar mais e voltei ao tombadilho. Estava em ruínas. Vi corpos por toda parte, alguns queimando ainda, e pessoas lançando-se ao mar, preferindo morrer afogadas a continuar naquela agonia. Não sabia se poderia reunir ainda tripulantes para a faina do navio.

“Vi o primeiro maquinista e disse-lhe que fosse verificar se a âncora continuava presa ao fundo. Ele respondeu que não podia mover-se devido às horríveis queimaduras. Eu não podia fazer coisa alguma. Virei-me e olhei para a terra, a uns duzentos metros de distância. O navio flutuava ao léu, pois a explosão arrancara a âncora e éramos apenas um casco. De uma ponta a outra, a cidade estava em chamas, com os maiores incêndios na extremidade norte, no bairro mestiço. Na Rue Victor Hugo, vi pessoas correndo como fogueiras vivas. Acima do crepitar das chamas, seus gritos agudos eram ouvidos claramente, fazendo coro com os que subiam do tombadilho à minha volta, até que uma sólida parede de sons dementes formou-se da terra até o Roddam. Enquanto eu observava, centenas de pessoas mergulharam no mar. A carne queimada chiou quando penetraram na água quente.

“Nesse momento, o Roddam foi apanhado por uma nova corrente e levado de volta para a escuridão que cobria a maior parte da enseada. Mas eu já tinha às minhas ordens um contra-mestre e cinco marinheiros. Coloquei dois homens ao leme e disse aos outros que lançassem pela borda tudo o que estivesse queimando. Desci correndo até a praça de máquinas e soube pelos tubos de comunicação que o segundo e terceiro maquinistas haviam sobrevivido. Usando os cotovelos para manobrar o leme, pois a carne queimara até o osso nas mãos e punho, tentei dar partida ao navio.

“Durante todo esse tempo continuou a chuva de poeira, tão quente que queimou totalmente a sola de minhas botas. Mandeí um homem buscar os grossos sapatos de neve que comprara em Hamburgo no último inverno. Eram exatamente o que eu precisava. O navio debatia-se como um monstro ferido. Ouvi gemidos, pragas e gritos pedindo socorro, vindos de todas as partes do barco. Mas não havia coisa alguma que eu pudesse fazer. Nesse momento, um dos meus tripulantes gritou que o Roraima estava a alguns metros de distância. De alguma maneira, consegui desviar-me do obstáculo à frente e comecei a afastar-me para a enseada.”

No monte Verte, o Padre Alte Roche observou, incrédulo, o Roddam emergir do holocausto. Era uma coisa além de sua compreensão que algo pudesse ter

sobrevivido a uma das maiores explosões que o mundo jamais conhecera.

“Em três minutos, Saint-Pierre foi inteiramente devastada. A praia era uma massa de escombros, e mesmo das alturas onde eu me encontrava via corpos por toda parte. Ninguém poderia ter sobrevivido por mais de alguns minutos. Mas, para eles, devem ter sido terríveis minutos. Todas as ruas e prédios estavam em ruínas. Na Rue Victor Hugo, aparentemente, não havia tijolo sobre tijolo. A catedral fora arrasada. Em um único momento, o Pelée fizera com que Saint-Pierre parecesse uma ruína velha de milhares de anos. Coisa alguma restava. Nem a catedral, nem as igrejas, nem os bancos, nem o hospital, nem o teatro, nem o Clube Esportivo, nem a redação de Les Colonies, nem as Residências dos diplomatas estrangeiros. Tudo aquilo fora demolido. Saint-Pierre era uma cidade morta, cheia de mortos.”

Mas, incrivelmente, havia sobreviventes.

Em sua cela, Auguste Ciparis não conseguiu compreender por que também não estava morto. Escombros do desabado pavilhão enchiam-lhe a cela. Através da grade entrava um jato de ar escaldante. Soltou-se da alvenaria que caía, apenas para ser derrubado pela força de um golpe de ar superaquecido, que entrou, uivando, pela grade. Subitamente, o jato parou e foi substituído por um tétrico silêncio. Ciparis verificou que estava todo queimado, como se houvesse sido posto sobre uma grelha em brasa. Sangrava em uma dúzia de lugares. O jato que penetrara pela grade havia indubitavelmente perdido parte da força ao chocar-se contra a grande quantidade de cinzas acumuladas contra as barras. Do outro lado das barras, partiam gritos de socorro.

“Colei o rosto às grades e notei que desaparecera a escuridão. As paredes da prisão não existiam mais. O mesmo acontecia com os edifícios internos. Minha visão estendia-se”, disse ele depois, “até quase o bairro mestiço. Perto da arruinada catedral, vi corpos em grande número. Quando ocorreu a explosão, os fiéis devem ter saído correndo da igreja para a rua. A nuvem da morte havia-lhes arrancado os cabelos e roupas e os lançados nus em estranhas formas contorcidas. Alguns deles gritavam ainda: ‘Estou queimando, estou morrendo.’ Depois, caiu o silêncio mais terrível do que tudo aquilo que acontecera antes. Pensei que toda a cidade de Saint-Pierre devia ter sido esmagada pelo terremoto e pelo fogo. O único cheiro que eu sentia era o do meu próprio corpo queimado. Logo depois, nada mais ouvi também, senão meus próprios gritos pedindo um socorro que não vinha.”

Ele passaria mais três dias na cela antes da chegada de ajuda. Depois de ter sido salvo por uma das turmas de busca, seria levado para Morne Rouge, onde o Curé Mary o trataria até que recuperasse a saúde. Mais tarde, sua sentença seria comutada e ele ganharia a vida no circo Barnum e Bailey, passando seus dias numa cópia da cela na qual, naquele momento, estava sepultado.

Léon Compère-Léandre emergira da adega no momento em que passou o primeiro furioso impacto da explosão e deparara com uma cena de horror indescritível. A maioria dos refugiados havia sido despida pela força da onda de choque; muitos deles tinham os intestinos à mostra; a face de uma criança desaparecera sob queimaduras. A mulher que lhe oferecera a gaiola com o pássaro queimava ainda em um canto da sala. O passarinho e a gaiola haviam sido inteiramente incinerados. Léon descreveu assim o que sentiu naquele instante:

“Eu me encontrava à beira do Inferno. A casa, como casa, não existia mais. Situada no cais, escapara dos efeitos completos da erupção, mas fora nivelada quase até o chão. Enquanto eu olhava, coisas incríveis aconteciam. Vi meu colete, pendurado numa parede, pegar fogo espontaneamente. Aproximei-me para ajudar a mulher que queimava, mas ela soltou um horrendo guincho e saiu correndo de casa com o corpo transformado numa bola de fogo. No quarto da frente, encontrei um homem, ainda vestido, deitado numa cama, morto. Tinha cor púrpura e, enquanto eu observava, seu corpo começou a inflar, como se estivesse cheio de gás. No chão, vi outro corpo, de um homem mais jovem, já aberto de um lado a outro e com os intestinos espalhados por toda parte.

“Num canto, mais dois cadáveres, abraçados, como se o homem houvesse tentado proteger a moça. Eram grotescos em sua nudez. Vi ainda outra mulher, caída de costas, nua, mas muito pouco queimada. Uma das mãos, no seio, penetrava na carne. A outra mão parecia proteger o rosto. Uma atitude de luta contra as chamas. Mas os ferimentos mais horríveis eu os vi na soleira da casa, como se aquelas pessoas tivessem estado procurando fugir quando ocorreu a explosão. Lembro-me, especialmente, de duas delas. A primeira, caída para a frente, com o rosto no chão, e as pernas bem abertas. Entre elas, a outra, ajoelhada, com o peito lançado para a frente e a cabeça erguida. A cabeça fora escalpelada, queimada, não havia mais olhos, os lábios não tinham forma e cercavam alguma coisa que reconheci como uma língua transformada em carvão. Vomitei em cima dos corpos, e fiquei quase louco com aquele espetáculo.

“Somente algum tempo depois, vi que eu, também, estava queimado, com as pernas, braços, peito, em carne viva. Saí correndo da casa, que nesse momento pegou fogo. Em volta de mim, toda a cidade ardia. Parei na Place Bertin para urinar e, quando o fiz, a cinza desprendeu fumaça. Centenas de cadáveres cercavam-me por todos os lados. O Hotel de L’Indépendance era uma ruína e nele devem ter morrido o governador e a esposa. Uma vez, virei-me para trás e nada havia para me bloquear a visão até a enseada. Ali, vi navios em chamas, mas não pude deixar de pensar que seus tripulantes estavam em melhor situação do que eu.”

Léon Compère-Léandre chegou finalmente a Le Trace, a estrada para Fort-de-France, onde foi recolhido por uma turma de socorro e levado para um hospital. Mais tarde, voltaria a Saint-Pierre, na qualidade de policial especial, como parte da força que guardava as ruínas para evitar a ação de saqueadores.



Os tripulantes sobreviventes dos navios, na enseada, teriam contestado a convicção de Léon de que estavam em melhor situação do que ele. Juntamente com o Grappler, o Tamaya, o Clementina, o Diamant, o Fusée, o Biscaye e o R. J. Morse haviam afundado, levando consigo quase duzentas pessoas. O Maria di Pompeii, o Roddam, o Teresa Lo Vico, o Korona e o Gabrielle eram cascos em chamas e haviam perdido entre mortos e moribundos a maior parte de suas tripulações. A bordo do Roraima, Ellery Scott assumirá o comando:

“Isso aconteceu por volta de oito e quarenta e cinco. A questão era quanto tempo poderíamos permanecer flutuando. Mas não havia tempo para pensar nisso. Todos os que ainda podiam correram para os salva-vidas, que estavam distribuídos por várias partes do navio, e os colocamos em volta de todas as pessoas ainda vivas a bordo. Quando uma mãe tinha um filho nos braços, púnhamos o cinto em volta de ambos. A providência seguinte foi descobrir em que estado se encontrava nosso maltratado casco e apagar os pequenos incêndios surgidos aqui e ali. O pior deles lavrava nas acomodações de terceira classe, a bombordo, bem na proa do navio.

“As acomodações das mulheres foram varridas pouco tempo antes e empilhados com cuidado os colchões uns em cima dos outros e fechada a porta para que os tripulantes não os apanhassem. Os dormitórios de bombordo, porém, haviam sido deixados abertos e o fogo do vulcão, entrando, havia ateado fogo aos colchões. Tentamos abrir a porta. Encontrando-a bem fechada, usamos uma grande prancha como aríete e forçamos a entrada. Duas grandes pilhas de colchões estavam em chamas. A perspectiva era grave, pois, se o incêndio aumentasse ali, varreria todo o navio.

“Pior do que isso, tínhamos a bordo três mil caixas de querosene, grandes barris de verniz e pipas de alcatrão armazenados no porão da proa, a menos de quatro metros do local onde lavrava o incêndio. No tombadilho, a pouca distância dos dormitórios de terceira classe, encontravam-se os currais de gado, que estavam sendo usados para armazenar três mil metros de lenha de abeto, o suficiente para queimar uma cidade, e bem perto, certo número de barris de cal temperada, uma substância altamente inflamável usada na fabricação de açúcar. A cal temperada, que pega fogo em contato com a água, já começava a queimar em fogo lento, desprendendo forte fumaça.

“Foi dura a faina na escotilha número dois. Dois homens lançavam baldes sobre a amurada e içavam-nos cheios, enquanto os demais despejavam-nos sobre os colchões. A água apagava as chamas por um momento, um de nós corria para dentro, puxava um colchão e lançava-o ao mar. Mas no momento em que o colchão em brasa entrava em contato com a corrente de ar externo, pegava fogo outra vez e era preciso rápido trabalho para lançá-lo longe sem ficar muito queimado. Tudo isso era trabalho exaustivo, mas havia mais por vir.

“Vimos logo depois que, do alojamento dos foguistas, a bombordo na proa, irrompiam também chamas. Lutamos mais uma vez com grande dificuldade, sem uma pausa, e novamente puxamos os colchões um por um. Mais de uma vez, enquanto fazíamos esse trabalho, com os colchões vinha o cadáver de algum colega que morrera encurralado como um rato. Após algum tempo, os pequenos incêndios foram controlados e fizemos uma pausa para olhar em volta.

“O espetáculo a nossa frente era dantesco. Por toda parte, marinheiros e passageiros, homens, mulheres e crianças, queimavam, morrendo, pedindo água em voz alta. Aos poucos, reunimos os sobreviventes e os colocamos no tombadilho da proa, perto da escotilha número um. Todos eles gritavam pedindo água.

Mas muitos não podiam absolutamente beber. Os gases inflamados haviam queimado de modo tão completo suas bocas e gargantas, e mesmo o revestimento do; estômago, que em muitos casos a passagem pela garganta estava quase inteiramente obstruída. Quando lhes davamos água, ela ficava ali e quase os sufocava, e éramos obrigados a virá-los para a frente para que a água escorresse. Ainda assim, eles imploravam, pedindo mais.

“Por sorte, a escuridão desapareceu nesse momento e a cidade em chamas forneceu toda a iluminação de que precisávamos. Arrombamos a porta da geladeira, tiramos blocos de gelo e os partimos em pequenos pedaços. Esses pedaços os feridos podiam conservar na boca, quando não conseguiam mais beber. A língua de vários deles fora inteiramente destruída pelo fogo. Durante todo esse tempo, eram de cortar o coração os gemidos e os gritos dos que ainda possuíam línguas. A gente lê histórias de homens ricos no inferno, oferecendo tudo por um pouco de água. Bem, isso é a coisa mais parecida que posso imaginar para descrever a situação, e tudo aquilo persiste em minha mente como se fosse um pesadelo.

“Ainda posso ver um dos passageiros, deitado no tombadilho da proa, horivelmente queimado, suplicando por água. Quando lhe demos a água, ele não conseguiu beber. Não descia pela garganta. Rastejou pelo tombadilho sobre as mãos e ps joelhos pedindo água, até que tivemos receio de que ele caísse no mar. Assim, com a ajuda de outro homem, levei-o para o tombadilho principal. Logo que chegou lá, ele se pôs de quatro novamente e começou a rastejar como um

cachorro, à procura de água. A língua dele fora literalmente consumida pelo fogo. Tinha os braços cruelmente queimados dos ombros até a ponta dos dedos. As piores queimaduras, porém, eram internas. O fogo, aparentemente, não penetrara na roupa, mas, em toda parte onde estivera exposta, a carne fora impiedosamente queimada.

“Vi um bebê cor de café, horivelmente chamuscado, nos braços de uma babá branca, por nome Clara, que embarcara em Nova York com uma família chamada Stokes. A criança estava moribunda, com a língua pendente da boca. A pele da língua desaparecera. Havia ainda um pouco de vida no pequerrucho e, quando um dos tripulantes deu-lhe um pouco de água, ele morreu em seus braços. Ele colocou-o em um dos camarotes do tombadilho. Como a porta estava aberta, todos nós vimos a cena, tão triste que entrei e, tirando a fronha de um travesseiro, coloquei dentro dela o pequeno corpo desfigurado e deitei-o na cama, de modo que ele pareceu composto e cristão. É com satisfação que lembro que Clara sobreviveu e foi mais tarde levada para um hospital. Mas, antes disso, ajudou-nos a cuidar da Sra. Stokes e de seus três filhos, dois meninos e uma menina. A pobre mulher não podia abrir a boca, de tal modo estavam cerrados seus dentes. Com uma colher, colocamos um pouco de gelo picado entre seus dentes e ouvimos o seu murmúrio de agradecimento.

“Pobre criatura, não viveu o suficiente para ver a morte de dois de seus filhos. O menino mais velho morreu dez a quinze minutos depois. Mais tarde, colocamos o mais novo, quase um recém-nascido, e a babá em um barco de socorro. Mas o bebê morreu antes de o barco chegar à terra.

“As mulheres comportaram-se muito bem, embora estivessem todas horivelmente queimadas. Uma negra alta, a despeito de todas as queimaduras e ferimentos, não parou um único instante de cantar hinos. Entre os versos, o seu grito era o mesmo de todas as pessoas em volta: ‘Dê-me água, água.’ Logo que bebia, parecia reviver e recomeçava a cantar. O último hino que cantou foi Mais Perto, Meu Deus} de Ti. Morreu sentada, ali onde se encontrava.

“Havia outra mulher, a Sra. McAllister. Sentada no tombadilho, permaneceu imóvel durante algum tempo e depois perguntou a Clara, a babá: ‘Você não quer cantar uns hinos para mim? E rezar uma pequena oração, porque estou morrendo?’ A babá ajoelhou-se ali mesmo e começou a cantar. Ouvimos apenas alguns trechos do hino, pois tínhamos trabalho a fazer, mas a cada intervalo escutávamos sua doce voz. Ela continuou a cantar. Depois, com as mãos postas, levantou a cabeça para o céu e rezou uma pequena oração. A Sra. McAllister agradeceu-lhe e despediu-se dela.

“Por essa altura, o ar estava ficando um pouco mais puro e tornou-se possível respirar. A primeira e feroz explosão fora tão forte e crestante que muitos homens morreram instantaneamente. Enquanto algumas pessoas tentavam aliviar os sofrimentos dos moribundos, fiz uma inspeção nos vários porões do navio. O casco estava bem vedado. A água existente entrara quando o navio guinara inicialmente para um lado e o mar penetrara pelas escotilhas abertas. Fiz uma sondagem externa e verifiquei que havia vinte e cinco braças de água sob a quilha. Em seguida, o segundo maquinista comunicou que os motores e as caldeiras estavam em bom estado e que não corríamos risco de uma explosão. O segundo e quarto maquinistas haviam recebido novas queimaduras, mas continuaram em seus postos para pôr as caldeiras em segurança antes de as deixarem.

“Estava fora de questão produzir vapor, contudo, desde que não havia mais chaminé e, por conseguinte, tiragem de ar, e mesmo que houvesse, não dispúnhamos de gente para alimentar as fornalhas. Além disso, se o navio navegasse a favor do vento, as chamas da popa teriam varrido os tombadilhos, em vez de queimar baixo na parte traseira, enquanto continuávamos ancorados. Havia uma única coisa a fazer e, assim, com a ajuda dos que podiam ainda prestar algum serviço, começamos a construir uma balsa.

“Em primeiro lugar, descemos pela amurada duas defensas de seis metros de comprimento. As defensas são pranchas sólidas, presas com parafusos ao costado do navio, abaixo dos turcos, para impedir atrito quando os escaleres são arriados. Logo depois, dois de nós descemos e amarramos fortemente as defensas uma na outra, enquanto outros nos passavam madeira do estoque no curral; prendemos a madeira, com cavilha, às defensas e tornamos a balsa suficientemente segura para transportar os que ainda viviam. Contamos os sobreviventes e encontramos vinte e quatro almas. Tudo isso consumiu muito tempo e, depois de construída a balsa, o trabalho seguinte consistiu em aprovisioná-la.

“O Roraima transportava quatro barcos salva-vidas. Três haviam sido destruídos, e o quarto estava preso nos turcos. Desse bote tiramos os remos e os toletes. Descemos também uma bússola, lanternas, caixas de provisões, uma lata de óleo e barris de água. Deixamos tudo pronto em vista da eventualidade de que o incêndio na popa nos expulsasse de bordo antes que nos chegasse qualquer outro meio de socorro.”



Tristemente inadequada como fosse, estava em andamento a primeira missão de socorro. Dos mornes circunvizinhos um grupo de homens se reunira para entrar na cidade. Fernand Clerc recusou-se a acompanhá-los, argumentando que havia ainda perigo de novas atividades catastróficas do Pelée e observando que sua primeira

consideração, o que era bem compreensível, dizia respeito à esposa e filhos. Roger Arnoux, um solteirão sem reivindicações idênticas sobre sua lealdade, tomou a frente do grupo na direção de Saint-Pierre.

A zona de devastação cobria treze quilômetros quadrados. Dentro dela a destruição de vidas e moradias fora praticamente total. Nos casos em que a força da explosão percorreria vales de altos paredões, mas estreitos, um “oásis de refúgio” era ocasionalmente encontrado ao abrigo de uma parede, tendo o plano de destruição passado por cima.

Nos subúrbios de Saint-Pierre, encontraram centenas de cadáveres, de bruços, nus na maior parte, sugerindo isso que fugiam da cidade no momento em que foram colhidos pela força da explosão. Entre os corpos, acharam o semimorto Léon Compère-Léandre. Arnoux designou dois homens para conduzi-lo à segurança próxima do monte Parnasse.

A essa altura, o grupo fora engrossado por certo número de outras pessoas, incluindo o Padre Roche e uma dona-de-casa de Saint-Pierre, chamada Yvette Montferrier. Ela estivera num local a quilômetro e meio de Saint-Pierre, regressando de uma visita a parentes em Fort-de-France, quando ocorrera a erupção. Abrigara-se numa vala ao lado de Le Trace e, embora estivesse muito queimada, sobrevivera. Naquele momento, quase louca, corria pela cidade à procura do marido e dos filhos.

Para o Padre Roche, era ela apenas mais uma vítima numa tragédia que o deixara totalmente estupefato. Anos mais tarde, o jesuíta ainda se lembraria dos seus sentimentos, enquanto percorria as ruínas em companhia do grupo:

“Acima de tudo, era o cheiro que nos chocava, uma mistura de carne queimada, madeira, cinzas, um cheiro tostado, pútrido, que se agarrava à garganta e embotava e martirizava o cérebro. O cheiro provocou-nos desnorteamento e estupefação. O efeito sobre mim foi primitivo e destruidor. Eu olhava e não identificava o que via. Tentei observar, para lembrar mais tarde, mas não consegui. Os médicos dizem que, quando há ondas sonoras demais, ondas luminosas demais, os ouvidos não conseguem mais ouvir nem os olhos enxergar. Será que algo semelhante aplica-se, talvez, ao cérebro, quando um número grande e brutal demais de impressões o assaltam? Agora sei o que significa terror. Sei o que é realmente horror.”

Mesmo o habitualmente frio e fleumático Roger Arnoux ficou abalado, como revela um depoimento prestado mais tarde: “Aqueles que quiserem ir e compartilhar desse conhecimento do que é o horror, que vão e meditem sobre as pilhas de coisas pulverizadas, informes, pútridas que são tudo o que resta de Saint-Pierre. Que vão.”

Para o Padre Roche, Saint-Pierre era como “uma dessas cidades de imitação que vemos em museus, feitas de papier-mâché e madeira pintada. Imagine-se que um elefante pisoteia tudo aquilo, que é depois incendiado e finalmente coberto de cinzas e sujeira, e terão uma idéia do que vi em Saint-Pierre. O silêncio envolvia a paisagem de pedra esmigalhada, um silêncio inacreditável, quebrado apenas pelo som baixo das chamas. Em toda parte, um mingau de lama, cinzas e cadáveres”.

Crestado pelo calor, o grupo de socorro entrou devagar na cidade. A Rue Victor Hugo nada mais era do que um monte de blocos de concreto e calhaus. Em volta da Place Bertin erguiam-se fileiras após fileiras de escombros, como se fosse um gigantesco anteparo. Nem um único telhado sobrara. Seus olhos seguiram longas linhas de paredes semi-eretas, parecendo mais arcos de antigos aquedutos do que parte de edifícios. Poucas haviam que subissem a uma altura de mais que uns poucos centímetros. Trechos de mosaico polido apareciam através das cinzas, mostrando onde, antes, haviam-se localizado atraentes jardins. Do Clube Esportivo sobravam apenas alguns de seus imponentes degraus da entrada; o resto era um toco calcinado, em meio a uma área de detritos fumegantes.

Quanto mais penetravam na cidade, mais completa tornava-se a destruição. Voltaram pelo caminho atravancado de cadáveres, pois, como se lembrou mais tarde o Padre Roche: “Teria sido impossível evitar pisar neles. Estavam por toda parte, inchados de gases, calcinados. A morte parece ter sido rápida.”

Pelo superficial exame das ruínas, diz Roger Arnoux, “concluí que o fenômeno que destruiu a cidade foi produzido com tal subitaneidade e intensidade que nenhuma possibilidade houve de fuga”.

Naquele momento, Yvette Montferrier abandonara toda a esperança de encontrar viva a família e caíra em um estado de choque profundo. Dois membros do grupo foram obrigados a segurá-la para que ela não mergulhasse, correndo, nas ruínas em busca do marido e dos filhos. Mesmo assim, ela conseguiu soltar-se perto do Jardin des Plantes e correu para lá, perseguida pelo grupo de socorro.

Imediatamente do lado de dentro do jardim, encontraram um homem, rolando fracamente em uma pequena poça d'água. Estava horivelmente queimado. Sua face era uma única e imensa bolha e os olhos haviam sido totalmente calcinados nas fossas oculares. Mme. Montferrier, ajoelhada ao lado dele, gritava que era seu marido. Suavemente, o grupo levou-a para longe, e Roger Arnoux tirou o homem da poça.

— Eu o conheço — disse o Padre Roche. — É o Professor Landes.

Momentos depois, Gaston Landes morria nos jardins que lhe haviam dado tanto prazer.

Pouco passava das nove horas. A morte de Landes elevou o tributo pago por Saint-Pierre, na última hora, para 29.933 homens, mulheres e crianças. Quase todos morreram naquele momento, às oito e dois, quando o monte Pelée lançara aos ares, de sua encosta, uma área de uns cem metros quadrados, em uma explosão de violência ainda sem precedentes na história das erupções vulcânicas.



A bordo do Roddam, o Capitão Edward Freeman conseguira reaver o controle do navio. Com a bússola quebrada, mal conseguia navegar. Usava os cotovelos para mover a roda do leme. Colhido por uma corrente, porém, o Roddam estava sendo levado para o mar e na direção sul, de volta a Sainte-Lucia, de onde partira nove horas antes. Embaixo, no tombadilho, os mortos haviam sido arrumados em fila, vinte e seis corpos ao todo.

Durante todo o dia, como um navio-fantasma — “uma aparição tétrica, fantasmagórica” — o Roddam navegou à deriva para o sul até que, finalmente, ao anoitecer, o comandante conseguiu entrar no porto de Castries, em Sainte-Lucia. Um barco da alfândega encostou, e um oficial perguntou:

— De onde vêm vocês?

— Dós portões do inferno — respondeu o Capitão Freeman. Ele passaria três semanas em um hospital e, ao voltar à Inglaterra, receberia uma medalha pelo seu heroísmo.



Do lado de dentro dos “portões do inferno”, na enseada, Ellery Scott desistira da luta para salvar o Roraima. Deu ordem para abandonar o navio: “Gradualmente, descemos os passageiros para a balsa. Em seguida, desceram os marinheiros, e os oficiais por último. O segundo maquinista seguiu à minha frente, e eu fechei a retaguarda. Pouco antes de transpor a amurada, vi uma ovelha solitária, a última de trinta, que se soltara. A pobre criatura balia tristemente. Fui até ela e, com um machado, abri-lhe o crânio, o que me pareceu um ato de misericórdia.

“Deixamos a bordo cerca de vinte ou trinta cadáveres. Meu pobre e pequeno filho ficou também em alguma parte do navio. Desde o momento da explosão, não o vi mais. Ele era um garoto simpático e gostava de dizer que algum dia teria um navio seu e que me levaria como imediato.

“Olhando para o navio, vimos uma coisa estranha. Uma cadeira de vime comum, das que se vê com frequência no tombadilho dos transatlânticos, pendia no ar da popa do navio. Fora presa ao mastro da bandeira de ré e amarrada em baixo de modo a situar-se no espaço, imediatamente fora do alcance das chamas. Algum pobre-diabo havia-a colocado ali e nela se sentado, obviamente temeroso de saltar

no mar devido à agitação feroz das correntes vulcânicas embaixo. Devia ter sofrido horivelmente antes de cair de seu poleiro. Caiu, quando corremos em seu auxílio. Mergulhou sob a superfície e nunca mais o vimos.”

Muito longe, no mar, dois navios navegavam a todo vapor na direção sul, passando ao largo da Martinica. Faziam parte da grande força-tarefa de socorro a caminho de St. Vincent. Desde a erupção do Soufrière no dia anterior, as grandes potências marítimas do mundo, lideradas pela Grã-Bretanha, América, Japão e Alemanha, haviam oferecido mais do que o suficiente para ajudar uma ilha que, embora cruelmente atingida, de modo algum sofrera tanto como a Martinica.



A primeira descrição fiel do desastre total que se abatera sobre Saint-Pierre foi dada pelo Capitão Jules Thirion, quando o Pouyer-Quertier arribou em Fort-de-France, três horas após a erupção.

A caminho, o navio lançador de cabos passara pelo Suchet, finalmente navegando a “toda velocidade” em direção a Saint-Pierre. Na esteira do vaso de guerra seguia uma variada flotilha, levando alimentos e material de primeiros socorros, nenhum dos quais teria utilidade alguma.

À espera do Capitão Thirion, no cais, encontrava-se o governador-interino L'Heurre, que estabelecera seu quartel-general de operações na agência do telégrafo. Dera ordens a um telegrafista para que continuasse a chamar Saint-Pierre, “na esperança de que chegasse alguma resposta”. Por via terrestre, despachara tropas, médicos, enfermeiras e provisões. Com esse exército, seguira o vigário-geral.

Durante três horas já, Edouard L'Heurre esperava por notícias fiéis. Minutos antes da chegada do Pouyer-Quertier, recebera do Ministério das Colônias, em Paris, um cabograma urgente, em resposta a seu pedido de socorro:

ENVIE TELÉGRAFO URGENTEMENTE INFORMAÇÕES DETALHADAS SOBRE CATÁSTROFE SAINT-PIERRE E NOMES VÍTIMAS E SOBREVIVENTES COM PARENTES NA FRANÇA.

Parecia que o grosso dos mortos, os mulatos, os negros, e os creoles, que não possuíam parentes na França, não constituíam matéria de interesse imediato do governo francês.

Ouvindo a lúcida descrição do Capitão Thirion sobre a fatal calamidade que caíra sobre Saint-Pierre, Heurre respondeu nos seguintes termos:

TEMPESTADE DE FOGO DESTRUIU SAINT-PIERRE E NAVIOS NA ENSEADA MAIS OU MENOS ÀS OITO HORAS DA MANHA. PRESUMO

TODA A POPULAÇÃO TENHA SIDO ANIQUILADA. NENHUMA NOTÍCIA DO GOVERNADOR MOUTTET E ESPOSA.

Em Saint-Pierre, o Vigário-Geral Gabriel Parel, o Dr. Emile L'Herminier, e Philip Rose, farmacêutico do governo, convenceram-se de que o governador, a esposa e a infeliz Comissão de Inquérito haviam sido incinerados no Hotel de L'Indépendance.

Escoltado por uma coluna de fuzileiros navais, o trio chegara a Saint-Pierre ao meio-dia. Por essa altura, apagara-se a maioria dos incêndios. O Pelée, com o seu cume algumas centenas de metros mais curto, apenas lançava no céu inócuas baforadas de vapor.

Na própria cidade, dezenas de pessoas procuravam sobreviventes e interferiam no trabalho de soldados e outros indivíduos mais afeitos a trabalhos de salvamento.

Quase cinquenta soldados foram postos a escavar as ruínas do Hotel de L'Indépendance. Embora fosse recuperado certo número de cadáveres, nenhum deles foi identificado como o do Governador Mouttet, sua esposa, ou qualquer membro da Comissão de Inquérito. À medida que cada corpo era exumado, o Dr. L'Herminier anotava a condição em que fora encontrado,

No inquérito oficial realizado mais tarde, ele depôs: “Estavam inteiramente queimados. A causa da morte fora asfixia. Sem um detalhado exame da formação craniana, era impossível dizer se haviam sido brancos ou negros. A ação do fogo foi extremamente curiosa. Enquanto partes dos corpos estavam inteiramente destruídas, outras haviam sido apenas enegrecidas. Os órgãos sexuais, por exemplo, foram respeitados. Notamos ereção no caso de alguns cadáveres masculinos. Mas não em todos. Era mais a exceção. Numerosas mulheres, que achamos que deviam ter sido jovens, tinham os seios intatos. Todos os cadáveres estavam nus, escalpelados, depilados. Em muitos deles o abdômen estourara, expelindo os intestinos, que não foram atingidos. Tinham cor púrpura forte, cor de vinho. Os diferentes graus das queimaduras podem ser explicados pela ação da explosão sobre os músculos. Sob esse efeito, os corpos mais fortes contraíram-se espontaneamente. Os membros mostravam sinais de tensão. Os mais fracos foram distendidos, e os mais expostos apresentavam piores queimaduras do que o resto. Isso explica a atitude da maioria esmagadora dos corpos: membros flexionados, peitos distendidos, cabeças lançadas para trás, pescoços espichados.”

Mas nenhum desses corpos era de Louis Mouttet. A despeito de semanas de trabalho contínuo, seu cadáver jamais foi encontrado.

Muito apropriadamente, o epitáfio de Saint-Pierre pode ser encontrado no diário do vigário-geral:

“Tomado de profunda emoção, ergui a mão para abençoar essas trinta mil almas tão subitamente ceifadas, sepultadas nesse horrível túmulo para dormir o sono da eternidade. Vítimas amadas e infelizes! Sacerdotes, velhos e mulheres, irmãs de caridade, crianças, mocinhas, caídas tão tragicamente, choramos por vós, nós os infelizes sobreviventes desta desolação, enquanto vós, purificados pela virtude especial e os méritos excepcionais deste horrível sacrifício, subireis neste dia de triunfo ao encontro de vosso Deus para triunfar com Ele e de Sua própria mão receber a coroa de glória. É nessa esperança que buscamos forças para lhes sobreviver.”

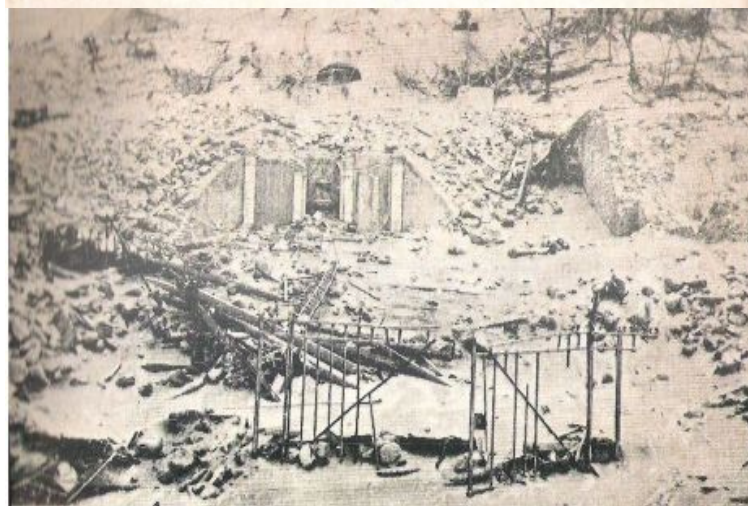
FOTOS



Uma das milhares de vítimas não identificadas, coberta de cinzas, com os intestinos expostos.



O pedregulho de St. Pierre ainda em combustão em 10 de maio.

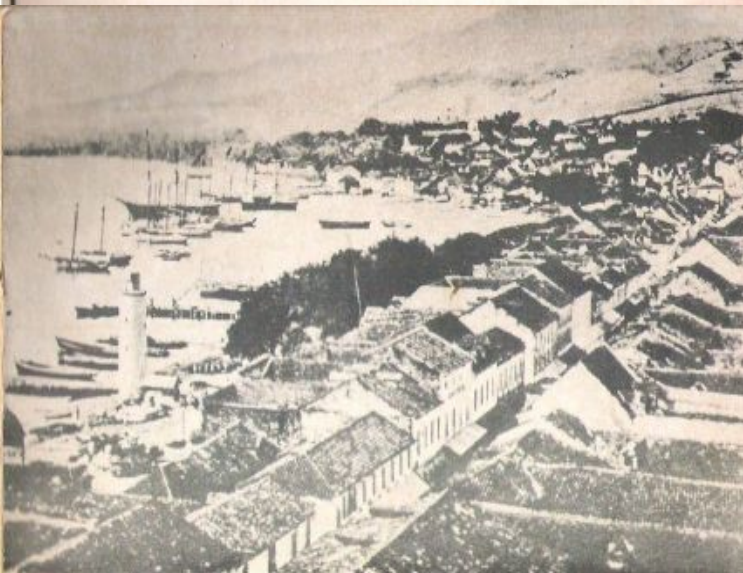


A rua principal de St. Pierre e as ruínas do teatro. Reproduzida com a permissão da Sra. Dolores Corcoran.





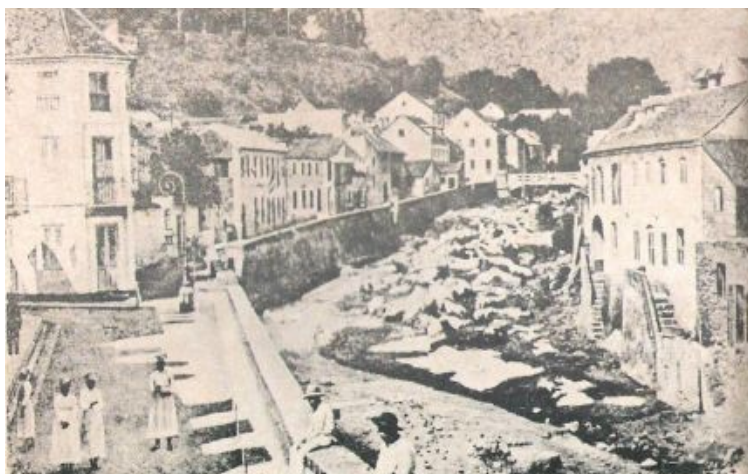
O casco do *Roraima* queimando ao largo.



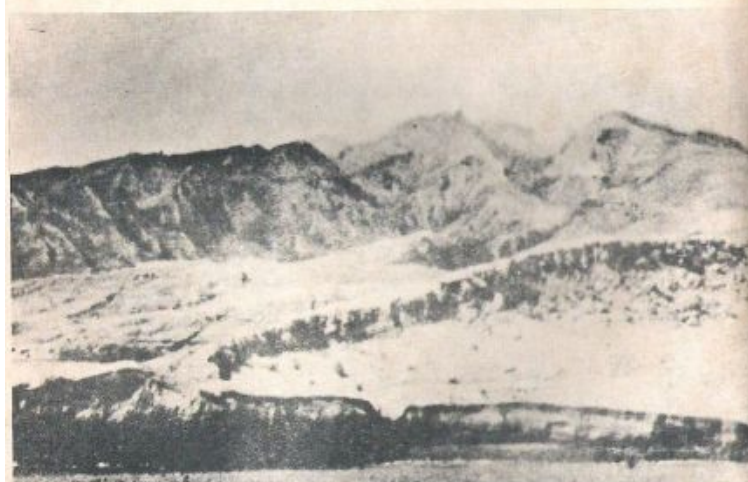
St. Pierre pouco antes da erupção do Pelée. O farol à esquerda fica na Praça Bertin. A Rua Victor Hugo corre diagonalmente na foto em direção ao sopé do Pelée.



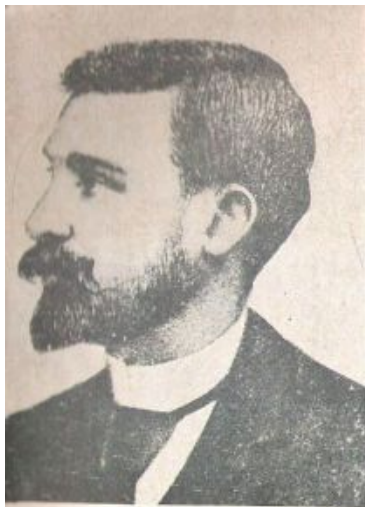
A Praça do Mercado em dia de festa. Ao fundo, a Catedral de St. Pierre.



Roupa deixada a secar, nas margens do Rio Roxelane. Em breve, o rio sairia de seu leito, destroçaria pontes, afogaria animais, carregando, por fim, corpos para o mar.



A refinaria de açúcar Guérin, na boca do Rio Blanche, após a erupção.



Eliery S. Scott, Chief-Officer do
Roraima.



Gaston Landes, Professor no Liceu
St. Pierre.



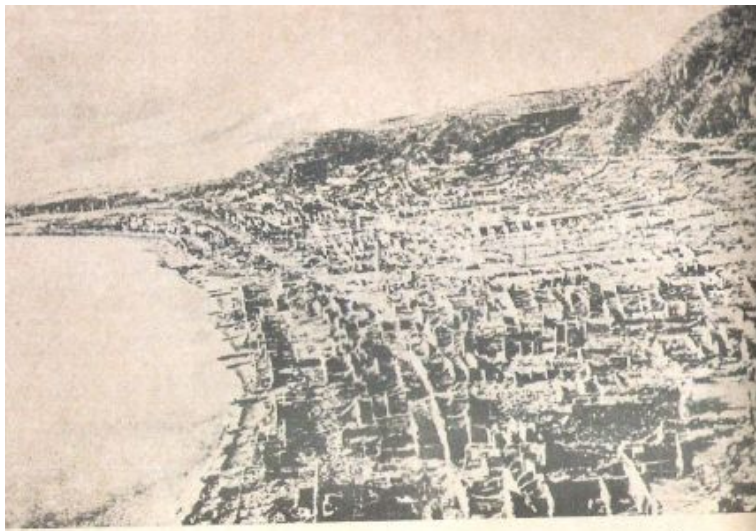
Louis Auguste Ciparis, o prisioneiro.
Reproduzido com permissão da
Sra. Dolores Corcoran.



A esquina da Place Bertin — fotografada antes da erupção principal.



Uma vista diferente da mesma praça — após a erupção.



A bola de fogo vulcânica, o calor e as ondas de lava destruíram St. Pierre tão efetivamente quanto uma explosão atômica.



Uma nuvem de gás superaquecido subindo do Monte Pelée. Embora esta foto tenha sido tirada após a destruição de St. Pierre, mostra grande similaridade com a mortífera nuvem original.

EPÍLOGO

Ninguém foi oficialmente censurado ou julgado responsável, mesmo os parcialmente responsáveis, pela morte de 29.933 pessoas em Saint-Pierre, naquela manhã de quinta-feira, 8 de maio de 1902.

Pierre Louis Albert Decrais, o Ministro das Colônias, Louis Marius Mouttet, Andréus Hurard, o Professor Gaston Théodore Landes, o Senador Amédee Knight, Roger Fouché, Jules Gerbault, Alfred Percin, Osman Duquesnay — todos os quais tiveram certa culpa numa tragédia que poderia ter sido evitada — escapariam sem a menor censura oficial. Mas não tiveram igual sorte com a imprensa da época. Grande número de jornalistas profligou não só os culpados que haviam morrido, como os que haviam sobrevivido. Nenhum dos sobreviventes, porém, foi à justiça pedir uma reparação a seus críticos.

Os principais sobreviventes teriam variado destino:

Fernand Clerc, esposa e filhos mudaram-se para uma nova plantação em Vive, no centro da ilha. Membro da Câmara dos Deputados em 1920, ele faleceu em 1921.

O Senador Amédee Knight voltou a Paris, onde continuou a representar a ilha em outra legislatura.

O Curé Mary, padre de Morne Rouge, morreu em um hospital de Fort-de-France no dia 1º de setembro de 1902, em consequência de queimaduras recebidas dois dias antes, quando O Pelée entrara novamente em erupção, destruindo a maior parte de Mame Rouge.

O Padre Alte Roche permaneceu na ilha, exercendo seu sacerdócio em Fort-de-France.

O Vigário-Geral Gabriel Parel continuou também na Martinica até sua morte no ano seguinte.

A propriedade dos Jaunvilles fora inteiramente destruída, mas Collete de Jaunville sobrevivera por tempo suficiente para ser levada ao hospital de Fort-de-France, onde faleceu na noite do dia 8 de maio. Por essa ocasião, René Cottrell encontrava-se em Saint-Pierre à sua procura.

Léon Compère-Léandre faleceu em 1936, também solteiro.

Auguste Ciparis, conforme mencionado acima, tornou-se uma atração no circo Barnum e Bailey. Faleceu em 1929.

Suzette Lavenière administraria sua propriedade, até falecer em 1939, à idade de sessenta e um anos.

Ellery Scott, imediato do Roraima, aposentou-se em 1923.

O Capitão Edward Freeman, comandante do Roddam, voltou para a Inglaterra no mesmo navio que levou para a França as freiras de Morne Rouge. Aposentou-se em 1928.

Boverat, o empregado de James Japp, o cônsul britânico foi trabalhar para uma família em Fort-de-France. Faleceu em 1919.



Onze dias depois da erupção, os corpos de James Japp e de Thomas Prentiss foram finalmente encontrados em suas destruídas Residências por grupos de socorro das Marinhas britânicas e americana. Foram colocados em caixões. No dia 19 de maio, os restos mortais de Thomas Prentiss, transportados por um navio de guerra americano a Fort-de-France, foram sepultados com todas as honras militares.

Não houve igual cuidado com James Japp. Joseph Durival, de 72 anos de idade, curador do Museu Vulcanológico de Saint-Pierre, contou-nos que “quando o corpo de M. Japp estava sendo transportado nos ombros de oficiais britânicos para fora da cidade, o Pelée ameaçou outra vez. Imediatamente, os marinheiros lançaram ao solo o caixão e fugiram para o navio, deixando os restos de Japp à mercê do Pelée”.

Mas não devemos criticar demais a atitude desses marinheiros. No dia seguinte, 20 de maio, o Pelée voltou a explodir, mais feroz do que nunca. Por sorte, nenhuma pessoa se encontrava na cidade, quando o vulcão nivelou tudo o que sobrara da explosão de 8 de maio e sepultou para sempre o cônsul britânico James Japp... “sem mercê” e sem honras militares.

Mesmo antes da identificação do corpo de Japp, no dia 19 de maio, o Vice-Cônsul Devaux, baseado em Guadalupe, solicitou ao Ministro do Exterior britânico, Marquês de Lansdowne, para substituí-lo. Fosse a pressa de seu pedido, fosse a maneira empolada como o redigiu, o marquês respondeu-lhe com uma curta recusa.

A ajuda, quando chegou, foi mundial. O Presidente Theodore Roosevelt, em nome do Governo americano, doou US\$250.000. Entre os donativos de soberanos e chefes de Estado, Incluíam-se: Imperador da Rússia — US\$25.000; Rei da

Inglaterra — US\$2.500; Imperador da Áustria — US\$2.500; Rei da Itália — US\$2.500; Príncipe Waldemar, da Dinamarca — US\$2.033. O Presidente da República da França contribuiu com US\$2.000, menos do que o Sultão da Turquia, que ofereceu US\$3.000, e um pouco mais do que o Rei do Sião, que mandou US\$1.500. O menor donativo veio do Presidente Krüger, da África do Sul, no valor de US\$ 80.

Em novembro de 1902, o total subscrito elevou-se a US\$ 879.162, mais da metade dessa importância doada pelo Governo francês (US\$500.000). Dessa soma, US\$231.370 foram distribuídos sob a forma de ajuda aos refugiados, pois toda a ilha fora afetada: culturas murcharam e, mesmo na sua extremidade sul, as casas foram cobertas pelas cinzas. Parte considerável da, soma foi empregada na reconstrução de Saint-Pierre. O restante US\$ 647.793, investido em títulos de renda do Tesouro francês.

Entre os maiores serviços religiosos em memória dos mortos figuraram os realizados em Paris, no dia 18 de maio, em Londres, no dia 25 do mesmo mês, e em Roma, em 7 de junho, todos no ano de 1902.



Saint-Pierre foi parcialmente reconstruída ao lado dos restos do desastre de 1902. Mas, tendo uma população de apenas sete mil almas, a cidade é hoje secundária em relação a Fort-de-France.

Desde 1902, o Pelée tem entrado em ocasionais erupções, com sérias explosões em 1929 e 1930, quando a cidade foi novamente ameaçada. M. Raphael Petit, Prefeito de Haute-Loire e antigo Prefeito da Martinica, recorda-se de ter presenciado, em seu tempo de menino, uma fuga da cidade: “Um espetáculo que eu voltaria a viver, em um meio diferente, mas com o mesmo aspecto triste e ilógico, nas estradas da Bélgica e França em 1940...”

Folhetos de turismo dizem que o monte Pelée está atualmente extinto. Talvez esteja, mas a montanha, decerto, não é inofensiva. Uma das mais pungentes histórias sobre a ameaça contínua do vulcão foi-nos contada por Madame Marie Dufrénois, agora com noventa e dois anos de idade.

Madame Dufrénois reside em Morne Rouge, que foi reconstruída desde sua destruição em agosto de 1902. Conservava uma viva recordação daquela aziaga semana em maio de 1902. Após descrever-nos esses fatos, contou-nos a tragédia que aconteceu a seu filho, à idade de trinta e três anos. Em 1937, ele escalou o Pelée para examinar o interior da cratera. Escorregou e caiu 80 metros até o fundo. Ali permaneceu paralisado durante toda a noite. Foi descoberto no dia seguinte. Um médico desceu até onde ele se encontrava e, finalmente, içaram-no para fora

da cratera e levaram-no para um hospital, onde faleceu treze horas depois na mesa de operações.

Talvez o Pelée reclame sempre novas vidas.



Table of Contents

<u>AGRADECIMENTOS</u>	
<u>AGRADECIMENTOS ESPECIAIS</u>	
<u>ANTECEDENTES DO LIVRO</u>	
<u>NOTA DOS AUTORES</u>	
<u>PRÓLOGO</u>	
<u>A PRIMEIRA VÍTIMA</u>	
<u>O PREOCUPADO NOIVO</u>	
<u>PAISAGEM VISTA DE UMA CELA</u>	
<u>DERRUBADO DA CAMA</u>	
<u>LAVA NA GARGANTA</u>	
<u>O MUNDO INUNDADO</u>	
<u>PODERES ESPECIAIS</u>	
<u>UMA MASSA NEGRA</u>	
<u>LEVANTE NA PRISÃO</u>	
<u>DE VOLTA AOS VIVOS</u>	
<u>MATADOURO NA CALÇADA</u>	
<u>UMA MONTANHA EM MARCHA</u>	
<u>O VAGALHÃO</u>	
<u>PRECISA-SE DE CAIXÕES</u>	
<u>A SIMPATIA DO GOVERNO</u>	
<u>UM PUNHADO DE FRANCOS</u>	
<u>APROFUNDA-SE A CRISE</u>	
<u>UMA TRÉGUA FATAL</u>	
<u>ESTRELAS E LISTRAS</u>	
<u>O ANJO DE GABRIEL</u>	
<u>O FIM DO CASO</u>	
<u>“ALLEZ”</u>	
<u>RÉQUIEM PARA OS VIVOS</u>	
<u>FOTOS</u>	
<u>EPÍLOGO</u>	